

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

VAMBERTO MARINHO DE ARRUDA JUNIOR

**A FORÇA DA PALAVRA DO MESTRE E A ADESÃO DO DISCÍPULO: EXEGESE
PRAGMALINGUÍSTICA DE LUCAS 5,1-11**

MESTRADO EM TEOLOGIA

**SÃO PAULO
2022**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

VAMBERTO MARINHO DE ARRUDA JUNIOR

A FORÇA DA PALAVRA DO MESTRE E A ADEÇÃO DO DISCÍPULO: EXEGESE
PRAGMALINGUÍSTICA DE LUCAS 5,1-11

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, com concentração na área bíblica, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa.

SÃO PAULO
2022

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____.

E-mail: prvambertojr@gmail.com

Ficha

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

V216

Arruda Junior, Vamberto Marinho de
A FORÇA DA PALAVRA DO MESTRE E A ADEÇÃO DO
DISCÍPULO: EXEGESE PRAGMALINGUÍSTICA DE LUCAS 5,1
11 / VambertoMarinho de Arruda Junior. -- São
Paulo: [s.n.], 2022.
203p ; 30 cm.

Orientador: Boris Agustín Nef Ulloa.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Teologia.

1. Lucas. 2. Pragmalinguística. 3. Exegese. 4.
Discipulado; Palavra; Cristologia. I. Nef Ulloa,
Boris Agustín. II. Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Teologia. III. Título.

CDD 226.4

VAMBERTO MARINHO DE ARRUDA JUNIOR

**A FORÇA DA PALAVRA DO MESTRE E A ADESÃO DO DISCÍPULO: EXEGESE
PRAGMALINGUÍSTICA DE LUCAS 5,1-11**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, com concentração na área bíblica, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa.

Aprovado em 08 de março de 2022

Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa (Orientador, PUC-SP)

Prof. Dr. Matthias Grenzer (PUC-SP)

Prof.^a Dr.^a. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade (UNICAP)

DEDICATÓRIA

À minha esposa, aos meus pais, minha irmã e família e aos meus amigos.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Previamente ao apoio da bolsa CAPES, este estudo contou com a ajuda de *bolsa parcial* da Adveniat, obra de solidariedade da Igreja Alemã com a América Latina.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar vida e condições de realizar este projeto, por me chamar para segui-lo no caminho e ser pescador de homens.

À minha esposa Tiara, por seu carinho, apoio e compreensão incondicionais.

Aos meus pais, pelo apoio, carinho e amparo em todas as horas.

À minha irmã e família, pelo apoio e incentivo.

Aos amigos pastores: Ivo Júnior, Jair Miranda, Raimundo Nonato, Antônio Kazimiro, José Martins, Adenilton Tavares, Gilson Cunha e Francivaldo Benevides, pelo apoio, pelas instruções e pelas ajudas proporcionadas.

Aos meus amigos: Elinaldo, Luiz, Nildo, Otávio e Ana Ruth, pelo incentivo e ajudas prestadas.

Ao amigo Petterson, por seu incentivo acadêmico e instruções em várias ocasiões.

Ao amigo Sérgio Ricardo, pela parceria e apoio.

Aos amigos que conheci no programa de Mestrado: Pe. Benedito Almeida; Pe. Weliton Angelino, Pe. Nelson Maria, Pe. Mario Roberto, Frei Fábio Luiz; Matheus Bonifácio, Hugo Feitosa, Ir. Izabel Patuzzo, Pr. Júlio César, e Francisco Marques.

Ao Prof. Dr. Pe. Boris Agustín Nef Ulloa, pela valiosa orientação, pelas dicas, sugestões e correções, muito obrigado!

Aos Professores da Banca de Qualificação: Prof. Dr. Matthias Grenzer e Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo, pelas observações e sugestões.

A todos os professores e colaboradores do Departamento de Teologia da PUC-SP, pelo ensino e cortesia dentro e fora da sala de aula.

À Secretária da Pós-Graduação em Teologia: Patrícia, pela presteza e gentileza no atendimento, pelos auxílios e esclarecimentos prestados.

Aos Professores da banca de defesa, por aceitarem fazer parte desta etapa importante em minha vida.

Aos colegas do Grupo Lepralise, pela acolhida e compartilhamento de saberes, a ajuda de vocês foi fundamental.

Aos amigos do grupo papo de boleiro, por trazerem leveza e alegria.

A todos, que direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser viabilizada e concluída

"A mais profunda lição que o milagre ensinou aos discípulos, é também uma lição para nós — que Aquele cuja palavra pôde apanhar os peixes do mar, podia igualmente impressionar corações humanos, atraindo-os com as cordas de Seu amor, de maneira que Seus servos se tornassem 'pescadores de homens'".

Ellen G. White em *O Desejado de todas as nações*.

ARRUDA JUNIOR, Vamberto Marinho de. **A força da palavra do mestre e a adesão do discípulo**: Exegese pragmalinguística de Lucas 5,1-11. 2022. 203f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

RESUMO

A perícope de Lc 5,1-11, localizada no cotexto do ministério de Jesus na Galileia, apresenta um aglomerado de cenas (vv.1-3; vv. 4-7; vv. 8-11) que aparentemente têm pouca interação entre si. Todavia, após investigação, percebe-se que existem elementos que as perpassam, trazendo unidade. Esse texto lucano introduz o tópico do chamado no terceiro Evangelho. Ao se observar essa unidade, abre-se o leque para outros temas que ajudam a construir os personagens que nele estão. Uma vez que poucos estudos são feitos no Brasil, considerando uma perspectiva pragmática e analisando um texto em suas feições literárias, mais destaque pode ser percebido (e fora do país) na área do Antigo Testamento. Poucos trabalhos, em comparação a estes primeiros, são percebidos quando o assunto é Novo Testamento. A metodologia usada é de cunho dedutivo, partindo de uma metodologia estabelecida – a exegese pragmalinguística. Dessa se afere, no texto bíblico, como os elementos distintos encontrados nele contribuem para o todo do Evangelho lucano. Para isso, tais passos se servem de uma documentação indireta, que se baseia em pesquisa documental e bibliográfica. Os objetivos deste estudo são: 1. analisar o texto grego da NA²⁸, a fim de perceber a delimitação, crítica textual, segmentação, cotexto remoto e próximo, estabelecendo assim o texto; 2. realçar a força comunicativa pragmática da história da pesca-chamado, no conjunto da narrativa lucana; 3. realizar uma hermenêutica teológica na perspectiva do discipulado-apostolado fundamentado na força da palavra. Após a análise, concluiu-se que Lc 5,1-11 é uma unidade distinta, que está no cotexto do ministério de Jesus na Galileia (Lc 4,14-9,50). Cotexto este que focaliza a identidade do Nazareno, o discipulado, e atritos com líderes judeus. Após a análise pragmática, observou-se que as 3 cenas estão interligadas pelo tema da palavra, que apresenta os papéis de *ἐπιστάτης* e *κύριος* de Jesus, bem como seu caráter messiânico. Elas mostram que Jesus pesca pessoas com sua mensagem, bem como pesca peixes, por sua palavra poderosa. Além disso, convoca pessoas para serem pescadores de homens, assim como Ele, por sua palavra. Por outro lado, Pedro é apresentado como alguém que reage corretamente diante da palavra e adere à proposta de engajamento feita por Cristo. Por fim, após a análise dos temas que emergem do texto e que influenciam não só a perícope estudada, mas também todo o livro, vê-se que o papel de Cristo, como Mestre, aponta para a importância de seus ensinamentos e o aspecto numinoso de sua pessoa. O destaque na força da palavra mostra a equivalência da palavra de Cristo como palavra de Deus, exercendo o mesmo poder e tendo a mesma importância. O tema do discipulado missionário traz a ênfase cristológica, bem como as características exigidas dos discípulos. Tais nuances podem ser percebidas na vida de Pedro e devem ser reproduzidas nos leitores/ouvintes do Evangelho.

Palavras-chave: Evangelho segundo Lucas; Discipulado; Pragmalinguística; Palavra; Exegese; Cristologia; Pedro.

ARRUDA JUNIOR, Vamberto Marinho de. **The Power of the Master's Word and the Disciple's Adherence**: pragmalinguistics exegesis of Luke 5:1-11. 2022. Thesis (Master of Theology) - Program of Postgraduate Studies in Theology, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2022.

ABSTRACT

The pericope of Luke 5:1-11, located in the context of Jesus' ministry in Galilee, presents a cluster of scenes (vv.1-3; vv. 4-7; vv. 8-11) that apparently have little interaction between them. However, after investigation, it is clear that there are elements that permeate them, bringing unity. This Lucan text introduces the topic of the call in the third Gospel. When observing this unity, the fan is opened to other themes that help to build the characters that are in it. Since few studies are carried out in Brazil, considering a pragmatic perspective and analyzing a text in its literary features in the New Testament, more prominence can be perceived (and outside the country) in the area of the Old Testament. The methodology used is deductive, starting from an established methodology – pragmalinguistic exegesis. From this it can be seen, in the biblical text, how the distinct elements found in it contribute to the whole of the Lucan Gospel. For this, these steps use indirect documentation, which is based on documentary and bibliographic research. The objectives of this study are: 1. to analyze the Greek text of the NA28, in order to understand the delimitation, textual criticism, segmentation, remote and close co-text, thus establishing the text; 2. to highlight the pragmatic communicative force of the fishing-call story, in the Lucan narrative as a whole; 3. to carry out a theological hermeneutics in the perspective of discipleship-apostolate based on the power of the word. After the analysis, it was concluded that Lk 5,1-11 is a distinct unit, which is in the context of Jesus' ministry in Galilee (Lk 4,14-9,50). This co-text focuses on the identity of the Nazarene, discipleship, and friction with Jewish leaders. After the pragmatic analysis, it was observed that the 3 scenes are linked by the theme of the word, which presents the roles of ἐπιστάτης and κύριος of Jesus, as well as his messianic character. They show that Jesus catches people with his message as well as catches fish with his powerful word. Furthermore, he summons people to be fishers of men, as He is, by his word. On the other hand, Peter is presented as someone who reacts correctly to the word and adheres to the proposal of engagement made by Christ. Finally, after analyzing the themes that emerge from the text and that influence not only the studied pericope, but also the entire book, it is seen that the role of Christ, as Master, points to the importance of his teachings and the numinous aspect of his person. The emphasis on the strength of the word shows the equivalence of the word of Christ with the word of God, exercising the same power and having the same importance. The theme of missionary discipleship brings the Christological emphasis as well as the required characteristics of disciples. Such nuances can be perceived in Peter's life and must be reproduced in the readers/hearers of the Gospel.

Key words: Gospel according to Luke; Discipleship; Pragmalinguistics; Word; Exegesis; Christology; Peter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura concêntrica de Lucas-atos.....	27
Figura 2 – Passos da reconstrução do evento de comunicação	36
Figura 3 – Relação hiperônima/co-hipônima	42
Figura 4 – Campos semânticos co-hipônimos.....	44
Figura 5 – Os significados dos milagres de Jesus	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos de início da perícope.....	37
Quadro 2 – Elementos de término da perícope.....	40
Quadro 3 – Substantivos e verbos da área náutica em Lc 5,1-11	43
Quadro 4– Quantidade de variantes e leituras em Lc 5,1-11.....	46
Quadro 5 – Segmentação de Lucas 5,1-11	64
Quadro 6 – Estruturação de Lucas 5,1-11	67
Quadro 7 – Distinção verbal em Lc 5,1-11	74
Quadro 8 – Discriminação das ações em grego.....	74
Quadro 9 – Discriminação das ações em português	76
Quadro 10– Tipologia dos atos ilocutórios de Searle.....	83
Quadro 11 – Formas verbais em Lc 5,1-11	88
Quadro 12 – Mudança singular plural em Lc 5,4-11.....	144
Quadro 13 – Educação judaica e greco-romana na época de Jesus.....	156
Quadro 14 – Palavra de Jesus e seus efeitos na Galileia	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARA	Bíblia Almeida Revista e Atualizada
AT	Antigo Testamento
BJ	Bíblia de Jerusalém
ESV	The English Standard Version
NT	Novo Testamento
NA ²⁸	28ª Edição do NT de Nestle-Aland
NTp	Novo Testamento da Editora Paulinas
NKJV	The New King James Version
NVI	Nova Versão Internacional
LXX	Septuaginta – versão grega da Bíblia Hebraica
RV	Reina Valera

p.	página
v.	versículo
vv.	versículos
inf	infinitivo
imp	imperativo

LIVROS DA BÍBLIA

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Js	Josué
Sl	Salmos
Is	Isaías

NOVO TESTAMENTO

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Cor	1ª carta de Paulo aos Coríntios
2Cor	2ª carta de Paulo aos Coríntios
Tg	Tiago
1Pd	1ª carta de Pedro
Ap	Apocalipse

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	justificativa	18
1.2	Objetivos.....	20
1.2.1	Objetivo Geral	20
1.2.2	Objetivos específicos	20
2	METODOLOGIA.....	21
2.1	Resumo geral dos capítulos.....	22
3	PASSOS INTRODUTÓRIOS.....	25
3.1	O Ministério de Jesus na Galileia.....	25
3.1.1	Cotexto remoto de Lc 5,1-11 (4,14-9,50).....	26
3.1.2	Cotexto imediato de Lc 5,1-11 (5,1-6,16)	29
3.1.3	Gênero literário de Lc 5,1-11	30
3.2	Definição da perícopes	33
3.2.1	Delimitação inicial.....	37
3.2.2	Delimitação final	40
3.2.3	Elemento encontrado ao longo do texto	41
3.2.4	Crítica textual.....	45
3.3	Coesão interna	63
3.3.1	Segmentação e estruturação em Lc 5,-11	64
3.3.2	Árvore da subordinação em Lc 5,1-11	70
3.3.3	Distribuição da comunicação (plano comunicativo – disposição verbal).....	72
3.4	Resumo e prospectiva.....	77
4	A ESTRATÉGIA COMUNICATIVA DE Lc 5,1-11	79
4.1	Pragmalinguística	79
4.1.1	Exegese pragmalinguística.....	84
4.2	Análise morfológica	86
4.3	A pregação (Lc 5,1-3)	89
4.4	A pesca: frustração da noite e a esperança do novo (Lc 5,4-7)	105
4.5	O chamado (vv. 8-11)	129
4.6	Tradução de Lucas 5,1-11	152
4.7	Resumo e prospectiva.....	153

5	ANÁLISE HERMENÊUTICO-TEOLÓGICA.....	154
5.1	Jesus, o Mestre	154
5.2	A força da Palavra.....	163
5.3	O discipulado missionário.....	171
5.4	Resumo	179
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
	REFERÊNCIAS	184
	APÊNDICE A – Análise Morfológica de Lc 5,1-11	198

1 INTRODUÇÃO

No Evangelho segundo Lucas, há duas narrativas unidas em um só relato, as quais ressaltam a força da Palavra (λόγος; ῥῆμα) proferida por Jesus de Nazaré, o Cristo, bem como seu poder sobre a natureza; e o par temático chamado-resposta focado no discipulado/apostolado (Lc 5,1-11). Carmona (2012) cita vários temas estruturantes encontrados em Lucas, entre os quais se destacam os da palavra e do apostolado (conforme supracitado). Neste trabalho, seguindo o arranjo do hagiógrafo, as duas narrativas serão tratadas com um bloco único.

Na parte final de Lc 4 narra-se o início do ministério de Jesus na Galileia. Segundo Carmona (2012, p. 281), Lc 4,14-9,50 é um bloco com unidade geográfica que apresenta as atividades de Jesus na Galileia. Green (1997), Marshall (1978), Bock (1994), Lenski (1961), e Rienecker (2005) também situam a narrativa unificada em questão na mesma localidade. Ainda de acordo com Carmona (2012), essa parte do Evangelho é “eminentemente querigmática e tem por finalidade apresentar Jesus e sua obra”.

Jesus, na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,17-18), afirma que o seu ministério messiânico de cura, evangelização e libertação havia começado. Essa ação libertadora emerge nos relatos presentes no final do capítulo 4, nos quais Jesus é apresentado como aquele profeta que, pela força da palavra, expulsa demônios (Lc 4,31-37), cura enfermidades (Lc 4,38, 39) e evangeliza (Lc 4,44). Na sequência, no capítulo 5, o hagiógrafo retoma o tema da palavra (vv. 1.5) e abre um novo assunto, o da vocação dos primeiros discípulos; tópico que é definido em 6,12-16, com a escolha dos Doze.

A narrativa começa com uma de suas sentenças diletas – ἐγένετο δὲ. Drury (1997, p. 457) informa que “Aconteceu que” é a expressão chamariz favorita de Lucas. O uso de ἐγένετο é um hebraísmo¹ e aponta para o início de uma narrativa (REILING; SWELLENGREBEL, 1993). No v. 12, o autor utiliza-se da mesma expressão para indicar o início de uma nova seção.

Quando se parte para a análise do texto, percebe-se a importância do aporte sincrônico, especialmente os cortes narrativos e pragmáticos, já que, conforme Ryken (1993, p. 367, tradução nossa), “(...) a forma primária nos Evangelhos é narrativa (...) metade do conteúdo dos Evangelhos é narrativa”. Kermode (1997, p. 408) reitera o que Ryken (1993) expressou

¹ Ver RODRÍGUEZ CARMONA, A. A obra de Lucas (Lucas-Atos): dimensão literária. In: AGUIRRE MONASTERIO, R. (org.). **A Obra de Lucas (Lucas-Atos)**. Traduzido por Alceu Luiz Orso. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 293; REILING, J.; SWELLENGREBEL, J. L. **A handbook on the Gospel of Luke**. New York: United Bible Societies, 1993, p. 22-23 MARSHALL, I. H. **The Gospel of Luke: a commentary on the Greek text**. Exeter: Paternoster Press, 1978, p. 53- 54. Esses autores afirmam que esse hebraísmo lucano é proveniente da LXX.

ao sustentar que a “narrativa por certo não é a única preocupação dos Evangelhos, mas é uma preocupação muito importante. É quase impossível imaginar um evangelho sem narrativa”. Aguirre Monasterio (2012) faz uma ressalva qualificativa quanto a isso:

Os evangelhos não são narrações de pura ficção, nem tampouco crônicas históricas do passado. São narrações teológicas, porque descobrem na vida de Jesus a ação de Deus e o cumprimento do Antigo Testamento. Jamais um mero cronista poderia dizer isso. Os evangelhos são textos religiosos, porém da fé no Deus da Bíblia e em Jesus Cristo. (AGUIRRE MONASTERIO, 2012, p. 43).

Nessa história há diálogos, feições retóricas e elementos pragmáticos a serem explorados. Elementos que, juntamente com os dados narrativos-literários, trazem uma maior compreensão sobre a intenção do hagiógrafo em colocar esta perícopa (Lc 5,1-11) onde está; evidenciando com o que ela pode contribuir, no que se refere ao desvelamento dos temas nela contidos, tais como: poder da palavra, milagre, chamamento e resposta adequada a tal convite.

Um enfoque no discipulado-apostolado é percebido nesse relato, uma vez que Jesus chama Simão Pedro e os irmãos Tiago e João para segui-lo. Tal aspecto é destacado em Lc 5,1-11, tanto que Johnson (1991, p. 87-91) enfatiza, nesta narrativa, o chamado dos discípulos e Green (1997, p. 230, tradução nossa) indica que “o propósito inicial deste episódio é garantir à audiência de Lucas a natureza da resposta apropriada ao ministério de Jesus”. Malina e Rohrbaugh (2003, p. 245, tradução nossa), tratando da natureza dessa resposta, em Lc 5,11, afirmam: “esta é a primeira vez que Lucas usa a palavra grega que significa ‘seguir’. [...] Aqui [Lc 5,1-11], no início do ministério de Jesus, esse seguir se refere a ajudar Jesus em sua tarefa profética - proclamar a teocracia”. Por sua vez, Achtemeier (1978, p. 125) é mais restritivo, enfatizando, no relato, apenas o chamado de Pedro. Enfim, o que está em voga é o aspecto vocacional encontrado no relato.

Dito isso, propõe-se, nesta pesquisa, estudar exegeticamente a narrativa em Lc 5,1-11. Tendo em vista as características do texto em questão, a aproximação metodológica ocorrerá a partir de uma leitura sincrônica.²

² Uma ressalva se faz necessária, neste ponto, sobre a necessidade da diacronia e sincronia andarem juntas. Ressalva esta bem expressa pelo documento “**A interpretação da bíblia na igreja**”: “[...] é o texto em seu estado final, e não uma redação anterior, que é expressão da Palavra de Deus. Mas o estudo diacrônico continua indispensável para o discernimento do dinamismo histórico que anima a Santa Escritura e para manifestar sua rica complexidade” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da bíblia na igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994, I.A.4, p. 45; LIMA, M. L. C. *Exegese Bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 69-70): “Certamente, como é o texto em sua forma final que é ‘expressão da palavra de Deus’, o estudo sincrônico tem precedência lógica na exegese. Cumpre, antes de tudo, compreender o texto em sua totalidade material e de mensagem. Isto, porém, não nega a importância do estudo diacrônico. Com efeito, o fato de os textos bíblicos serem distantes, cultural e temporalmente, dos leitores contemporâneos já por si mesmo põe em questão uma metodologia puramente sincrônica” BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. 6.ed. São

1.1 justificativa

O Evangelho segundo Lucas é essencialmente uma narração³, conforme Marguerat (2015) declara:

Enquanto Marcos refere seu texto ao “Evangelho de Jesus Cristo” (Mc 1,1), Lucas anuncia a Teófilo sua intenção de escrever uma “narração” (διήγησις, 1,1) de tudo o que se passou; esse termo enuncia o projeto literário de apresentar uma narração conforme às regras da historiografia antiga. De fato, Lucas se revela um excelente contador; seu talento narrativo não exclui, veremos, uma intenção teológica. (MARGUERAT, 2015, p. 110).

Sabendo disso, é mister que se dê o devido tratamento ao texto bíblico. É verdade que, em relação ao campo do Antigo Testamento, muito avanço tem sido feito no sentido de se analisar as feições literárias, semânticas e linguísticas do texto hebraico.⁴ Reed (1996 apud GUTHRIE, 1999, p. 28, tradução nossa), porém, informa que “o campo dos estudos do Novo Testamento ainda precisa se lançar em preocupações significativas de análise de discurso comparáveis ao que tem sido feito nos estudos do Antigo Testamento.”

Leonel (2011) propõe 2 causas (sem esgotar o assunto) para não tratar a Bíblia em seu aspecto literário: as ênfases nela como texto sagrado e como objeto de investigação crítica. O autor também defende que, no mundo de fala inglesa, tem havido integração entre biblistas e críticos literários para que tal conexão aconteça.⁵

Paulo: Paulinas, 2018, n. 42, p. 83, grifo do autor, também contribui neste pormenor ao atestar a revelação divina como transcorrendo ao longo da história; ele diz: “[...] a revelação bíblica está profundamente radicada na história. Nela se vai *progressivamente* manifestando o desígnio de Deus, atuando-se lentamente ao longo de *etapas sucessivas*, não obstante a resistência dos homens”.

³ “A Lucas referem-se especialmente aqueles que cultivam a ‘teologia narrativa’. Ele ensina que a exposição da fé e a sua profissão se dá não mediante colocações abstratas e matemáticas, mas por meio de histórias. Ele supera os outros evangelistas como hábil narrador. Narrando a história de um período, a vida de Jesus, ele quer nos dizer quem ele é”. MARCONCINI, B. Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia. Tradução Clemente Raphael Mahl. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 156.

⁴ Ver ALTER, R. **A Arte da Narrativa Bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; BAR-EFRAT, S. **Narrative art in the Bible**. T&T Clark International: London, New York, 2004; CARVALHO, T. J. de F. Orientações para a interpretação de narrativas bíblicas. **Fides Reformata** XVI, nº1, p. 107-128; CARVALHO, T. J. de F. A Abordagem lingüística (sic) textual e os estudos do Antigo Testamento. **Fides Reformata** XIII, n. 1, p. 87-107, 2008; NUNES JUNIOR, E. M. **Poesia hebraica bíblica: uma introdução geral**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress; Engenheiro Coelho, SP: Terceira Margem do Rio, 2016. (Estudos em literatura bíblica, 2); SKA, J. L. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio et al (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 131-157. Mesmo com tal avanço, Leonel afirma: “[...] a Bíblia não tem recebido, salvo poucas exceções, o tratamento ‘literário’ a que tem direito. Embora haja um reconhecimento generalizado de que ela pertença ao cânon de obras literárias de nossa civilização... tal status não é acompanhado por uma correspondente abordagem literária”. LEONEL, J. Estudos literários aplicados à bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação. In: ZABATIERO, J. P. T. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 19, grifo do autor.

⁵ Leonel (2011, p. 28, grifo do autor) dá alguns exemplos de autores que fazem essa integração: “Alguns biblistas, principalmente no mundo de fala inglesa, se propuseram a pesquisar as Escrituras a partir da análise literária. Um dos primeiros autores a desenvolver tal abordagem foi Norman R. Petersen, no livro *Literary Criticism for New Testament Critics* (1978). Ele foi seguido, apenas para mencionar estudos sobre os evangelhos, pelos seguintes

Diante dessa necessidade, este estudo propõe uma análise literária e linguística de Lc 5,1-11, a fim de apresentar uma melhor compreensão acerca do texto bíblico e realizar um diálogo com a sociedade moderna. Abaixo, segue uma definição de crítica literária:

A rubrica de crítica literária passou a abranger uma ampla gama de abordagens, mas o ponto de partida para qualquer uso legítimo da designação é o reconhecimento da natureza literária da própria Bíblia. A crítica literária da Bíblia aborda a Bíblia como literatura [...] A crítica literária é a análise dos textos em termos de sua qualidade literária. Embora essa análise seja o domínio acadêmico dos especialistas em literatura, todos os bons expositores da Bíblia praticam uma crítica literária incipiente, definida como olhar atentamente para a forma literária e o conteúdo da Bíblia [...] O fato de a própria Bíblia ser uma antologia literária, associada à maneira pela qual as Escrituras são a fonte definitiva da doutrina cristã, produz uma teologia enraizada na literatura. A lição final que a crítica literária da Bíblia mantém para a teologia, portanto, é que, para a maioria da Bíblia, a análise literária deve ser respeitada como existindo logicamente antes de qualquer teologização baseada nela. Não podemos extrair teologia de uma história ou metáfora sem antes interagir com a história ou metáfora. (RYKEN, 2005, p. 457- 460).

Embora seja ressaltado, neste ponto, o foco literário, Guthrie (1999) explica como as dimensões supracitadas se entrelaçam e contribuem para um melhor entendimento da Bíblia:

A crítica literária diz respeito a textos inteiros e à função de unidades dentro de um texto, uma preocupação também de análise de discurso e crítica retórica. Além disso, as preocupações narrativas, embora tratadas de maneiras diferentes, ocuparam tanto os analistas do discurso quanto os críticos literários, e alguns em ambos os campos estão sugerindo que as funções sociais e as dinâmicas psicológicas também são importantes para a análise da comunicação. Além disso, os dispositivos literários e formas de crítica literária mais antiga permanecem um aspecto da análise do discurso. (GUTHRIE, 1999, p. 28- 29, tradução nossa).

Diante de um predomínio das abordagens diacrônicas nos estudos bíblicos e do foco ao texto já constatado em língua inglesa, de um olhar sincrônico, como visto em Egger (2005, p. 71-154); de uma abordagem narrativa, como proposta por Marguerat e Bourquin (2009); uma abordagem ao texto, vista em Nef Ulloa (2012, p. 65-163); uma metodologia linguístico-literária, vista em Mangum e Westbury (2017) e Mangum e Estes (2016); uma sensibilidade linguística em relação ao texto grego, como exposto por Runge (2010), Levinsohn (2000) e Mora Paz, Grilli e Dillmann (1999)⁶, etc.; eis a carência percebida nas pesquisas em Sagrada

estudiosos: David Rhoads e Don Michie, *Mark as Story: An Introduction to the Narrative of a Gospel* (1982); Alan Culpepper, *Anatomy of the Fourth Gospel: A Study in Literary Design* (1983); Richard A. Edwards, *Matthew's Story of Jesus* (1985); Jack Dean Kingsbury, *Matthew as Story* (1986); Robert Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary interpretation*, 2 volumes (1986 e 1990); Mark Allan Powell, *What is Narrative Criticism?* (1990b); e Mark W. G. Stibbe, *John as Storyteller* (1994).” No resto do capítulo ele cita outros autores.

⁶ Bom apanhado introdutório sobre o assunto, desenvolvido por Grilli, Paz e Dillmann (1999); pode ser encontrada em SIMIAN-YOFRE, H. Ana-cronia e sincronia: hermenêutica e pragmática. In: SIMIAN-YOFRE, H. *et al* (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 159-180. Fato é que o próprio livro citado em

Escritura nas terras brasileiras, em sua profusão.

Para complementar o que já foi exposto, é sensato atender à recomendação feita por Guthrie (1999, p. 33, tradução nossa): “precisamos tanto da linguística quanto dos aspectos da crítica literária para uma análise abrangente do Novo Testamento”. Tal conselho pode ajudar o pesquisador no processo do estabelecimento do texto e de seu significado, focando no que o texto significa e como causa um efeito no leitor.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Visa-se o estudo exegetico-teológico da perícope Lc 5,1-11, buscando realçar sua força comunicativa pragmática no conjunto da narrativa lucana.

1.2.2 Objetivos específicos

1. Abordar o texto grego de Lc 5,1-11, seguindo os passos básicos da metodologia exegetica contemporânea;
2. Analisar a força comunicativa pragmática da pericope a partir da sua estrutura, de seus elementos literários e dos personagens nela presentes;
3. Realizar uma hermenêutica teológica na perspectiva do discipulado-apostolado fundamentado na força da palavra.

primeiro plano nesta nota assume caráter introdutório, conforme explicitado por Mora Paz (1999, p. 29, tradução nossa): “não é um ‘manual’, senão uma modesta iniciação, porém fundamental, no vasto campo da exegese pragmalinguística”. Abordagem esta da exegese que assume um corpo distinto dentro dos tratamentos da linguística.

2 METODOLOGIA

Os evangelhos⁷, em geral, e o de Lucas, em particular, têm alto teor narrativo, nada mais apropriado do que procurar abordagens que façam jus a essa característica. Não que o aspecto histórico-cultural seja relegado ao esquecimento; na verdade, tal aspecto serve como barreira protetora para não cair em leituras alheias ao pano de fundo do mundo bíblico e à realidade atual.

Tendo em vista o aspecto histórico do texto – seus relatos sobre os ensinamentos e a vida de Jesus –, este trabalho acolhe como verdade os dois aspectos apontados na *Dei Verbum* n. 18 e 19⁸. Portanto, reconhece-se a apostolicidade dos evangelhos e sua historicidade, considerando

⁷ Sobre o gênero dos Evangelhos - ao longo da história já propuseram que fossem: 1. Aretologias (relatos de episódios da vida de um ‘homem divino’); 2. Um novo gênero criado – Evangelho; 3. Categorias literárias como tragédia, comédia, relato épico; 4. *Midrash*; 5. *Kerygma* expandido; 6. Material do tipo litúrgico como um lecionário; 7. Baseando-se em parte de Marcos, que seja uma Parábola ou um Apocalipse; ou baseando-se em João, o descreveram como um Drama. Para os detalhes dessas classificações veja BLOMBERG, C. L. **Jesus and the Gospels: An Introduction and Survey**. 2nd. Ed. Nashville: B&H Academic, 2009, p. 121-122; BLOMBERG, Craig L. **A confiabilidade histórica dos Evangelhos**. São Paulo: Vida nova, 2019, p. 321-330; AUNE, D. E. **The New Testament in its literary environment**. Philadelphia: The Westminster Press, 1989, os capítulos 1 e 2, em que, no 1, ele apresenta a digressão histórica, bem como apresenta a sua posição, algo que dedica o espaço de todo o capítulo 2 para explicitá-la; BURRIDGE, R. A. Gospel: Genre. In: GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, Nicholas. (ed.). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 335-337; GUIJARRO, Santiago. A investigação recente sobre os Evangelhos: consensos e novas interrogações. **Theologica**, Braga, v. 53, n. 1-2, 2018, p. 145-147; KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 344-346, esses últimos autores defendem que o gênero dos Evangelhos é o de um subgênero da narrativa histórica. Embora haja essa diversidade de posição, Burridge (2013, p. 340) defende que, hoje, há um consenso a partir do qual se entende o gênero dos Evangelhos como o de uma biografia antiga greco-romana, algo que ele mesmo, através dos seus estudos, ajudou a fixar, conforme explicita WALTON, Steve. What Are the Gospels? Richard Burridge’s Impact on Scholarly Understanding of the Genre of the Gospels. **Currents in Biblical Research**, Londres, v. 14, n. 1, p. 81–93, 2015, em um artigo que, além de trazer uma análise histórica do desenvolvimento das posições sobre o gênero dos Evangelhos, apresenta a contribuição de Burridge e sua influência sobre esse assunto. E, com essa posição, concorda Guijarro (2018, p. 146). Aune (1989, p. 22, tradução nossa), apresenta algo parecido: “... os Evangelhos canônicos constituem um tipo distintivo de biografia antiga combinando (para simplificar demais) forma e função Helenísticas com conteúdo judeu.” Uma formulação a partir desse consenso de biografia antiga é vista em Blomberg (2009, p. 122). Sobre esse detalhe do viés teológico para os escritos Evangélicos, o documento *Inspiração e verdade da Sagrada Escritura* 123 se posiciona assim: “Devemos, portanto, levar em conta o fato de que os evangelhos não são apenas crônicas dos acontecimentos da vida de Jesus, porque os evangelistas pretendem também expressar, segundo o gênero narrativo, o valor teológico de tais acontecimentos. Isto significa que eles, em tudo o que relatam, não pretendem referir somente dados de crônica, mas querem fazer também um ‘comentário teológico’ dos fatos que estão relatando e exprimir o seu valor teológico, isto é, pôr em relevo o seu relacionamento com Deus”. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Inspiração e verdade da Sagrada Escritura**: a palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo. São Paulo: Paulinas, 2014, n. 123, p. 206-207.

⁸ GUIJARRO, Santiago. Los cuatro evangelios. In: A. del Agua Pérez (ed.). **Revelación, Tradición y Escritura a los cincuenta años de la Dei Verbum**. Madrid, 2017, p. 2. Santiago (2017), falando destes dois números da DV, informa: “Os números dedicados expressamente aos Evangelhos se concentram em duas questões intimamente relacionadas: sua origem apostólica e sua historicidade”.

o que o escritor/redator do evangelho lucano escreveu em algum momento da segunda metade do século I d.C.⁹

Diante disto, esse trabalho traz a proposta, após a definição do texto a ser trabalhado (por meio de crítica textual, delimitação, tradução, segmentação e verificação do lugar da pericope no todo do fluxo do texto), de uma análise literária, enfocando os seguintes aspectos: o narrativo e tudo que lhe é peculiar; e o linguístico, em suas nuances sintáticas, semânticas e pragmáticas (sobre este aspecto, será realizada também a análise do discurso e das feições retóricas da unidade narrativa). O acento desta pesquisa está no aspecto comunicativo pragmático do conjunto da narrativa.

Para tanto, é mister uma pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias, a partir da qual são explorados materiais impressos como livros, artigos, comentários bíblicos e exegéticos, dicionários linguísticos e teológicos, léxicos, concordâncias, teses que tratam sobre o assunto, revistas técnicas e materiais correspondentes disponíveis em sites científicos na internet. No mais, acolhe-se a metodologia da exegese contemporânea, com ênfase na pesquisa pragmática, conforme desenvolvida por Grilli, Guidi e Obara (2018). a qual tem mais detalhes na seção 2.1 e na subseção 2.1.1.

2.1 Resumo geral dos capítulos

O primeiro e segundo capítulos comportam elementos explicativos do que trata o trabalho, os demais é que trazem a pesquisa em si. O terceiro capítulo apresenta ao leitor o texto e suas urdiduras, ou seja, a delimitação do texto grego, a análise crítico-textual dele, a tradução parcial – vista na segmentação e estruturação do texto – o contexto, o cotexto e seu gênero. O leitor é apresentado aos limites do texto de Lc 5,1-11; os quais são bem percebidos e não trazem

⁹ MURPHY, R. T. A.; COLLINS, R. F. L., Gospel according to. In: MARTHALER, B. L. (ed.). The New Catholic Encyclopedia v. 8: Jud - Lyo. 2nd. ed. Farmington Hills: Gale Research Inc., 2003, p. p. 859, tradução nossa, explicam que: “A erudição moderna, que geralmente reconhece a dependência que Lucas tem de Marcos, sustentam que o Evangelho foi escrito algum tempo depois de 70 d.C. Foi certamente escrito antes de Atos (Atos 1.1), mas a data exata da composição não pode ser determinada com qualquer grau de certeza. A maioria dos estudiosos opta por uma data aproximada nos anos oitenta, mas alguns situariam a época de sua composição no início dos anos noventa”. Marshall (1978, p. 34-35, grifo do autor e tradução nossa) ajuda a pontuar a data de Lucas na segunda metade do século I d.C., seja ela qual for: “Existem duas possibilidades sérias, uma data no início dos anos 60 ou uma data nas últimas décadas do primeiro século. A última é a visão mais comum, com 80 d.C. sendo sugerido como um número redondo. Esta data pressupõe que Lucas não era dependente dos escritos de Josefo (c. 93 d.C.), mas que ele escreveu depois da queda de Jerusalém. Embora a possibilidade de *vaticinia ante eventum* não deva ser descartada, pode muito bem ser o caso de que as referências comparativamente frequentes e mais precisas à queda de Jerusalém em Lucas, embora baseadas em profecia genuína de Jesus, reflitam um conhecimento de e um interesse em um evento recente. Por outro lado, a completa falta de interesse na queda de Jerusalém em Atos e a maneira como esse livro termina sua história antes da morte de Paulo são fortes indícios de uma data anterior a 70 d.C. No geral, uma data não muito distante de 70 d.C. parece satisfazer todos os requisitos”.

dificuldades. Limites como espaço geográfico, tempo, tema e personagens estão bem-marcados, além do campo semântico da pesca.

A crítica textual, seguindo o aparato da Nestlé-Aland 28ª edição, mostra que não há grandes problemas, portanto, tal texto é acolhido aqui para análise e trabalho. A segmentação e estruturação apontam para níveis de ação nos âmbitos dos personagens, do espaço geográfico e do foco de atenção. Lc 5,1-11 é encontrado na seção maior de Lc 4,14-9,50; porção onde Jesus ministra mormente no território da Galileia, segmento este que enfoca a revelação do caráter e pessoa de Jesus. Dentro desse contexto maior, o cotexto é visto em Lc 5,1-6,16 como parte que salienta discipulado, milagres e atritos. Por fim, o gênero realça a identidade de Jesus e de seus discípulos, construindo sobre os tópicos da Palavra de Deus, do milagre e da vocação.

O quarto capítulo apresenta as bases dos estudos pragmáticos linguísticos, focando em seus principais eixos de estudo: atos de fala, implicaturas, dêixis e máximas conversacionais; e seus principais proponentes: John Austin; John Searle, e Paul Grice. Apresenta, ainda, a entrada desta perspectiva na área bíblica, com a ênfase na autoimplicação de Deus e sua procura por implicar (envolver) o homem em uma Aliança de Salvação.

Após esta digressão, tem-se a análise morfológica, seguida da parte principal do trabalho - exegese pragmática. A análise pragmalinguística de Lc 5,1-11 envolve uma imbricação sintático-semântico-pragmática que tem como resultado a repetição de realces já percebidos na verificação cotextual do cap. 3 – enfoques que apontam para a identidade de Jesus, o poder de sua palavra, a pesca e a missão, as qualificações para o seguimento, o relacionamento de Pedro com Cristo e com os outros personagens. Esses detalhes foram entremeados: pela mudança de designação de Jesus, por parte de Pedro de *ἐπιστάτης* para *κύριος*, que se manifestou no assombro resultante da captura miraculosa, e tem a identidade do Senhor revelada por palavras e atos; e pelo imaginário da pesca como visto: no agir “pesqueiro” de Jesus (vv.1-3), na demonstração prática do poder da palavra de Jesus que acompanhará esta tarefa – o literal apontando para o metafórico (vv. 4-7), e, no chamado para que os discípulos reproduzam a pesca usando as palavras e o exemplo de Jesus (vv. 8-11).

O quinto, e último, capítulo cristaliza os três temas principais enfocados na perícopé estudada: 1. Jesus, como mestre, que ensina conforme a maneira judaica, e não gentia, e que utiliza muitos recursos retóricos com o fim de realizar engajamento, apresentar o Reino e trazer salvação, Ele é tanto *διδάσκαλος* quanto *ἐπιστάτης*, que traz ensinamentos e revela algo numinoso que atrai a atenção para ele e sua mensagem; 2. A força da palavra, seja *λόγος* seja *ῥῆμα*, é percebida na correspondência da palavra de Jesus como Palavra de Deus, fórmula que é equivalente à expressão usada na BH, e que lembra o poder criador, curador e transformador de Deus, esta

palavra quando anunciada conclama a uma decisão, por isso “felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam” (Lc 11,28 - BJ); 3. O discipulado missionário aponta tanto para o mestre e seu caráter cristológico, afinal é a Jesus e não a Tibério César ou a Caifás que se deve seguir, quanto para os discípulos, e neste ponto a figura de Pedro surge no terceiro Evangelho como um modelo a ser imitado, ele representa o ideal que o termo *μαθητής* traz em Lucas, alguém que é ensinado por Jesus, segue o mestre em suas missões, renuncia família, bens e a própria vida em prol do Cristo e do Reino de Deus.

3 PASSOS INTRODUTÓRIOS

A perícopre de Lucas 5,1-11, que narra a pesca milagrosa e do chamado de alguns discípulos, é o foco geral deste estudo. Alguns questionamentos iniciais que ajudam a identificar qual texto, de fato, deve ser estudado serão considerados, são eles: qual o seu lugar no quadro mais amplo do enredo lucano no Evangelho? Onde é seu início e seu final? Quais palavras fazem parte do escopo da análise textual? Como as frases e orações estão concatenadas? Qual a tradução proposta?

Esses questionamentos são preliminares e necessários para o correto entendimento do que vem a seguir: análise semântico-sintática e análise pragmática. Estes elementos introdutórios são compostos, segundo Ramírez (2008, p.42, tradução nossa), de “delimitação de perícopes, crítica textual, o enquadramento dos contextos, bem como a estruturação do relato”.¹⁰ A sequência metodológica parte da análise do cotexto remoto e imediato, é seguida da delimitação, da crítica textual e finaliza com a verificação da coesão interna do texto analisado, através da segmentação, ou seja, da árvore da subordinação e estruturação. Nesta etapa é que se estabelece a tradução preliminar.

3.1 O Ministério de Jesus na Galileia

Esta é a primeira seção do capítulo três. Neste passo das etapas introdutórias (análise cotextual, delimitação, crítica textual, segmentação e estruturação), o texto é visto dentro de sua moldura literária definida (cotexto imediato)¹¹ e ampla (cotexto remoto), conforme definição a

¹⁰ NEF ULLOA, B. A. **A apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-39)**: o testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012, chama essa parte em seu livro de análise estrutural (p.65-80) e engloba a crítica textual, delimitação e segmentação, porém ele aloca a referida parte dentro de um quadro maior, chamado análise literário-estrutural, e assim une os elementos de pesquisa supracitados com as análises linguístico-sintática, semântica e pragmática. Tal verificação se encontra no capítulo dois. NEF ULLOA, Boris A. A Análise da Estrutura de Lc 2,22-39 e a utilização das escrituras Veterotestamentárias em sua moldura literária (vv. 22-24.39). **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 45, p. 463-477, 2013, em um artigo, trata da questão da delimitação/segmentação unidas. Ele discorre, de forma sintética, sobre aspectos do livro (2012).

¹¹ GUIDI, M. La cuestión textual: el influjo del texto sobre el contexto. In: GRILLI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018, p. 62-63, apresenta o conceito de cotexto. Ele discorre sobre o texto (o texto a ser estudado, no caso desta pesquisa, é Lc 5,1-11), seu cotexto e o contexto. Na p. 62 (grifo do autor e tradução nossa), o referido autor define cotexto: “Trata-se de uma categoria de âmbito sintático, mais especificamente uma seleção dentro de uma obra literária. O cotexto é uma unidade textual delimitada por claras interrupções da comunicação. Tal seleção não somente fornece o fragmento adequado, mas também o *apropiado* textualmente para a compreensão do segmento comunicativo examinado. Mesmo que no âmbito narrativo sempre tenderá a ser amplo, o cotexto varia segundo o nível de análise empreendido: um parágrafo, uma seção, uma parte etc. A referência última será sempre a obra completa, como macrossinal com o qual tudo, dentro do texto, está relacionado. Os ‘limites’ para que a seleção seja considerada acertada são estabelecidos com base nos diversos elementos formais, sintáticos, semânticos, retóricos e narrativos,

seguir:

[...] a mensagem, para ser entendida corretamente, precisa de um *contexto*, termo com um sentido heterogêneo e ambíguo, porque pode indicar tanto o conjunto dos enunciados que acompanham a mensagem em questão (contexto linguístico ou *cotexto*) quanto a(s) situação(ões) na(s) qual(is) o enunciado é emitido (contexto extralinguístico ou situacional). (GRILLI, 2018a, p. 22-23, grifo dos autores e tradução nossa).

Por essa definição (e da que se encontra na nota nº 11), entende-se o contexto como algo que tem uma abrangência maior (pode ser linguístico, literário, histórico, filosófico, sociocultural etc.). O cotexto é concebido como limitado ao aspecto linguístico/literário, cercando o texto e apresentando afinidade com ele (seja temática, sintática, narrativa etc.).

Diante do exposto, o foco, nesta primeira parte, é a definição do cotexto ou contexto linguístico-literário da perícopes de Lc 5,1-11. Como é visto na seção abaixo, o Evangelho lucano tem um delineamento geográfico-teológico, e o texto estudado nesta dissertação se encontra no ministério de Jesus na região da Galileia, que, em Lucas, ocupa a primeira parte do agir de Jesus, propriamente dito. Anteriormente, no Evangelho, à grosso modo, ocorrem a anunciação a Zacarias e à Maria, o nascimento e apresentação de Jesus, a ida a Jerusalém – quando Jesus tem doze anos –, o ministério de João, o batismo e posterior tentação de Jesus e seu retorno à Galileia. Em seguida, são vistas, ainda, as nuances macro (cotexto remoto/amplo) e micro (cotexto imediato) deste ministério regional.

3.1.1 Cotexto remoto de Lc 5,1-11 (4,14-9,50)

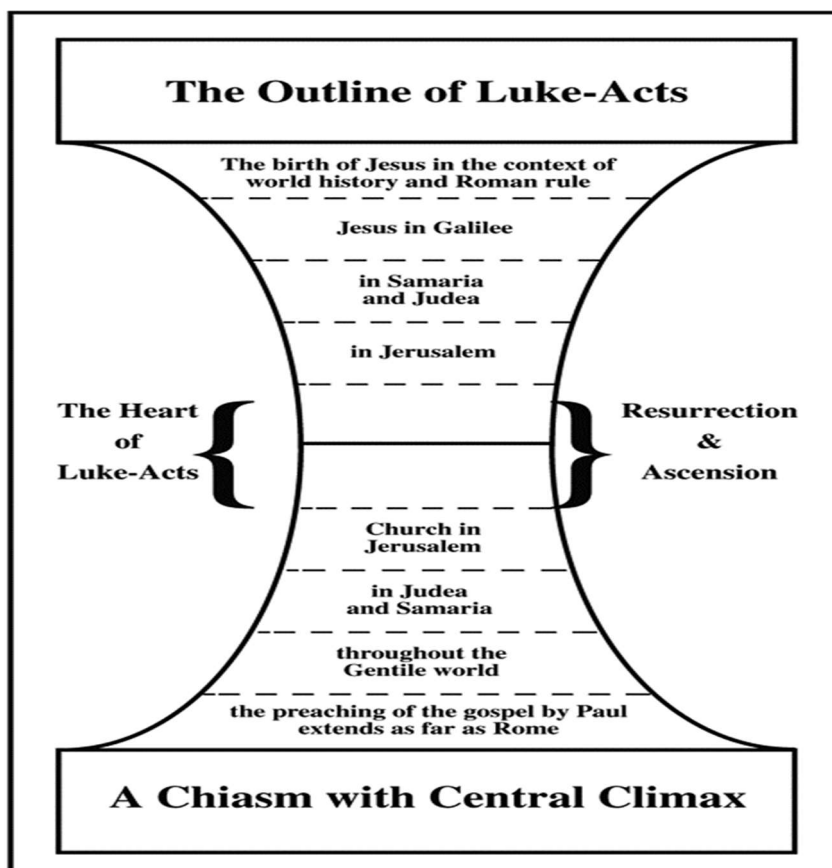
Tendo como pressuposto a unidade de Lucas-Atos¹², este trabalho percebe a questão

cuja incidência deve ser examinada em cada caso.” Para exemplificação dessa abordagem, ver ALMEIDA, B. A. B. **Emaús, o caminho da fé pascal: Estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35**. 2020. 134f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020, p. 42-76 [contexto de forma ampla] e cotexto.

¹² BOVON, F. **Das Evangelium nach Lukas (Lk 1,1-9,50)**. Zürich: Benziger; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1989, p. 14, tradução nossa afirma: “A obra é composta por dois livros de igual extensão (duração média da época, provavelmente por razões econômicas). Enquanto o primeiro descreve a vida de Jesus, o segundo ilustra a difusão da nova mensagem por meio de algumas testemunhas importantes”. RODRÍGUEZ CARMONA. Historia de la exégesis Lucana. In: AGUIRRE MONASTERIO, R. (ed.). **La investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX**. 3ª. ed. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2008, p. 279-281, esclarece que, na primeira metade do séc. XX, há um entendimento sobre a unidade de Lc-At; e, em outra obra (2012, p. 267), ele reafirma o que declara sobre a unidade alcançada no séc. XX (2008), embora faça a ressalva de que tal fato é aceito “pela maioria dos exegetas” (grifo acrescentado). Aune (1989, p. 77, tradução nossa) assevera que “O Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos originalmente constituíam uma obra de dois volumes de um único autor”. Blomberg (2009, p. 161-163) apresenta os dois livros como sendo obra de um mesmo autor e enfatiza o aspecto geográfico como item unificador. Tannehill (1986; 1990), em seus dois volumes, a defende. Spencer (2007) defende a permanência do hífen na expressão Lucas-Atos. PERONDI, I. **A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17)**. O emprego do verbo *splanxizomai* na perícopes e no Evangelho de Lucas. 2015. 300f. (Tese de doutorado) – Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia

geográfica como um fator estrutural importante, tanto que apresenta a proposta de Blomberg (2009) de estruturação dos dois livros, construída de forma concêntrica, conforme vista na figura abaixo:

Figura 1 – Estrutura concêntrica de Lucas-atos



Fonte: Blomberg, 2009, p. 162.

A partir de Lc 4,14 percebe-se que Jesus “voltou então para a Galileia (BJ)”, fato que prevalece até 9,50; pois, em 9,51, é dito que “ele [Jesus] tomou resolutamente o caminho de Jerusalém”. De fato, os estudiosos, de uma forma geral, colocam o ministério galileu dentro desta moldura textual: 4,14-9,50. Esta dissertação acolhe a orientação macro encontrada em Bock (2011):

Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015, p. 59, em sua tese doutoral atesta que: “A dúplici obra lucana forma um único projeto literário. Isto fica evidente quando se olha com atenção o esquema geográfico-teológico, dos dois livros, que se centram na cidade de Jerusalém, mas com diferenças que indicam a progressão do projeto lucano”. KARRIS, R. J. O evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). **Novo comentário bíblico são Jerônimo: novo testamento e artigos sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011, segue a mesma linha ao explicitar várias vezes a expressão “Lucas-Atos” no tratamento introdutório de seu comentário. Como Rodríguez Carmona aclarou, desde o segundo quarto do séc. XX, essa é a tendência da maioria.

Ministério Galileu: Revelação de Jesus (4,14-9,50)
 A. Visão Geral do Ministério de Jesus (4,14-44)
 B. Reunião de discípulos e controvérsias (5,1-6,16)
 C. O ensino de Jesus (6,17-49)
 D. Primeiros movimentos para a fé e questões cristológicas (7,1-8,3)
 E. Chamado à fé, revelação cristológica e perguntas (8,4-9,17)
 F. Confissão Cristológica e Instrução sobre Discipulado (9,18-50). (BOCK, 2011, p. 64, tradução nossa):

Sobre as ênfases dessa seção, Lc 4,14-9,50, Crowther (2020) informa o seguinte:

A estrutura geral do Evangelho de Lucas é agrupada em torno dos movimentos geográficos de Jesus, em vez da cronologia (embora alguns dos eventos sejam cronológicos). Lucas seleciona seu arranjo para se concentrar na abordagem cada vez mais próxima de Jesus a Jerusalém. Lucas 4:14-9:50 descreve o ministério de Jesus na Galileia. Esta divisão enfatiza tanto o poder de Jesus, quanto a construção gradual e crescente para mostrar sua verdadeira identidade (ver 9:18-27). Embora Lucas apresente Jesus como extremamente popular nessa divisão, os conflitos frequentes com as práticas religiosas e os líderes religiosos de sua época prenunciam o conflito que Jesus acabará encontrando em Jerusalém. (CROWTHER, 2020, Lc 4.14-9.50, não paginado).

Os realces gerais no Poder de Jesus (ação e palavras) e na Sua identidade são entremeadas por ênfases secundárias vistas na macrosessão acima: os ensinamentos, o discipulado, as controvérsias.¹³

Lc 4,14-44, especialmente os vv. 31-44, preparam a transição para 5,1-6,16. Perondi, Catenassi e Silva (2013, p. 684) explicam que Lucas apresenta Jesus, na sinagoga, como Messias (Lc 4,16-30) e, em Cafarnaum (Lc 4,31-44), ele é apresentado como Ungido por meio de suas ações e sinais. Dilmann e Mora Paz (2006, p. 108, tradução nossa) atestam que, em Lc 4,31-44, é relatado “um dia em Cafarnaum, onde se apresentam as atividades iniciais e os acontecimentos protótipos da atividade de Jesus.” Nesta subseção há a ênfase na palavra e no poder de Jesus, há a cura da sogra de Pedro, na casa deste; além de exorcismos e curas. Assim, Simão já conhece o poder e a força do ensino da Palavra de Jesus.

Em adição a isso, Mendonça (1994, p. 54) afirma que a “Galileia é a ‘primavera’ do chamamento dos discípulos (Lc 5,11) e do acolhimento da mensagem de Jesus (Lc 5,26).” Tem-se assim o ambiente preparado para a vocação apostólica, que em Lucas é construído com um pano de fundo sobre quem é esse Jesus que convida a segui-lo. Assim, o contexto remoto de Lc

¹³ “Lucas trata o ministério de Jesus na Galileia como uma visão geral de sua obra tanto em palavras quanto em atos. Na maioria dos casos, suas ações servem para apontar para o tempo da salvação e do reino, pois autenticam as afirmações de Jesus e mostram o apoio divino para sua missão. Controvérsia também vem com Jesus, à medida que aumenta a oposição às suas reivindicações.” BOCK, D. L. **A theology of Luke's Gospel and Acts: biblical theology of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 2011, p. 69, tradução nossa.

5,1-11 é toda a seção do ministério da Galileia, com seus destaques, os quais se entrelaçam com o contexto imediato, que é o foco da presente análise.

3.1.2 Contexto imediato de Lc 5,1-11 (5,1-6,16)

O contexto de Lc 5,1-11 ocorre na geografia da Galileia e tem um foco peculiar. A seção 5,1-6,16 está unida: (1) pelas expressões ἐγένετο δέ (5,1; 6,1.6.12) e καὶ ἐγένετο (5,12.17);¹⁴ e (2) pelo tema do discipulado, entremeado por curas e alguns atritos com opositores.¹⁵

A estrutura contextual, como sugerida por Nolland (1989 [vide nota 14 abaixo]), tem uma forma concêntrica, em que a única perícope que não começa com as expressões gregas listadas acima fica no meio, o que pode ser expresso graficamente (modificado pelo autor deste trabalho) da seguinte forma:

A – Chamado dos primeiros discípulos (Lc 5,1-11)

B – Cura de um leproso (Lc 5,12-16)

B' – Cura e Controvérsias (Lc 5,17-26)

C – Chamado de Levi, cura e controvérsias (Lc 5,27-39)

D – Controvérsia no e sobre o sábado (Lc 6, 1-5)

D' – Cura e controvérsia no sábado (Lc 6,6-11)

A' – Eleição dos doze discípulos (Lc 6,12-16)

Nesse esquema os elementos A e A' são de chamado, os elementos B e B' majoritariamente sobre cura e os elementos D e D' majoritariamente sobre eventos em sábados. O elemento B', além de cura, apresenta disputas sobre a autoridade de Jesus para perdoar pecados; o item D', afora o aspecto da controvérsia sobre o que fazer no sábado (pode sanar?),

¹⁴ NOLLAND, J. **Luke 1:1–9:20**. Dallas: Word, Incorporated, 1989, p. 219-220 tradução nossa, explica que “Lucas usa essa cena de pesca como um frontispício para a seção 5:1-6:16, para o restante da qual ele segue bastante de perto Marcos 1:40-3:19, omitindo apenas a cena da multidão de 3:7-12, para a qual ele terá um equivalente em Lucas 6:17-19. Lucas usa um introdutório ἐγένετο, ‘aconteceu’, para ligar os episódios desta seção (Lucas 5:1, 12, 17; 6:1, 6, 12). Theobald (NTS 30 [1984] 91-108) argumentou persuasivamente a favor de uma estrutura sétupla na seção (5:1-11, 12-16, 17-26, 27-39; 6: 1-5, 6-11, 12-16 [Theobald realmente conduz o episódio final para v 19; mas fazer isso é artificial, já que 6:17-19 é obviamente um frontispício para 6:20-49, como Theobald admite]). Os itens 1, 4 e 7 são vinculados como cenas de chamado; 2 e 3 são curas; 5 e 6 são episódios de sábado. Uma correspondência é estabelecida por Lucas entre 2/3 e 5/6. O todo se estrutura em torno do episódio de Levi (item 4), que se distingue pela ausência da fórmula introdutória (ἐγένετο) que marca cada um dos outros itens.”

¹⁵ “A seção 5,1-6,16 é a primeira parte da compreendida entre 5,1 e 8,56 que temos chamado ‘resto das atividades na Galileia,’ e começa e termina com temas de vocação e eleição dos apóstolos. Na metade está o chamado de Levi. Compreende também curas e discussões.” DILLMANN, R.; MORA PAZ, C. A. **Comentario al evangelio de Lucas**: um comentário para la actividad pastoral. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2006, p. 131, tradução nossa.

traz uma cura neste dia. Vê-se que há correspondências temáticas, além da linguística. O componente C é *sui generis*, pois trata do chamado de Levi, tem uma fala sobre cura no diálogo de Jesus (“os sãos não têm necessidade de médico” – Lc 5,31, BJ) e há controvérsias, o que o torna um aglutinador dos principais itens encontrados no bloco de Lc 5,1-6,16. Isto torna o componente C o ponto focal de onde se veem os elementos antes dele e se avistam os que estão à frente dele. Esses paralelos são característicos de Lucas, conforme Perondi (2015) demonstra:

Outra característica de Lucas é que em suas obras faz uso dos dípticos, onde ele apresenta paralelismos de dois textos. Ele narra a missão de Jesus (Evangelho) e a missão da Igreja (Atos). Nas duas obras o autor tem prazer em apresentar dois fatos que se parecem e ao mesmo tempo se diferenciam: o anúncio a Zacarias (1,5-25) e a Maria (1,26-38); o *Magnificat* (1,46-55) e o *Benedictus* (1,67-79); o nascimento de João Batista (1,57-58) e de Jesus (2,1-7); na apresentação no Templo está o velho Simão (2,25-35) e a viúva e profetisa Ana (2,36-38), etc. Em Atos, ele narra a missão de Pedro e a missão de Paulo, só para citar alguns exemplos de como este estilo é frequente na obra de Lucas. (PERONDI, 2015, p. 172, grifo do autor).

Jesus é o que chama, é o que cura, é o que entra em controvérsias em favor dos vulneráveis contra “distintos” opressores. Essa seção apresenta um Messias que se relaciona com o pecador, seja ele quem for, com um propósito salvífico-benfeitor, além de escolher alguns desses para partilharem desta missão com Ele. Bock (1994) reitera tais apontamentos:

As várias “cenas de chamado” que aparecem nesta seção sublinham a natureza da nova comunidade (5:1-11, 27-39; 6:12-16). Não afasta os pecadores, mas os convida a vir e encontrar a Deus e seu perdão que cura. Mesmo os milagres desta seção mostram o quanto Jesus se identifica com aqueles que ele reúne para si. Esses eventos incomuns sublinham a autoridade que ele tem ao criar este novo grupo de seguidores (5:12-16, 17-26; 6:1-5, 6-11). A reunião deste grupo heterodoxo de seguidores e as práticas que eles praticam aumentam a oposição. Os caminhos de Jesus não são os caminhos da liderança judaica, nem são os caminhos de um elitismo hipócrita. Ele atrai aqueles que sabem que precisam de Deus e que Jesus tem autoridade para perdoar seus pecados (5:24, 31-32). (BOCK, 1994, Lc 5,1-6,16, não paginado).

Na construção da identidade do Nazareno – na primeira perícope da microssecção, o cotexto abordado aqui (Lc 5,1-6,16) – há a apresentação de Jesus como aquele que tem autoridade sobre os elementos naturais (pesca milagrosa, Lc 5,1-11). Na quinta e sexta perícopes (Lc 6,1-5; Lc 6,6-11) há o enfoque na autoridade dele sobre o sábado. Ambos os itens apontam para Gn 1-2, as narrativas da criação, manifestando o caráter e a natureza deste, que prega e cura na Galileia. Natureza que também é apontada na declaração de Pedro (Lc 5,8), no toque curativo no leproso (Lc 5,13), e no perdão dos pecados do paralítico (Lc 5,21-25).

3.1.3 Gênero literário de Lc 5,1-11

O término dessa seção vem com a análise do gênero literário de Lc 5,1-11, algo que não há consenso, pois há duas ênfases gerais vistas pelos estudiosos: a do milagre e a da vocação. Lima (2014) categoriza essa perícopa não só como narrativa de vocação (p. 194), mas também como narrativa de milagre (p. 195), a diferença é que, para a vocação, ela coloca os vv. 1-11 e, para o milagre, os vv. 4-10. Berger (1998, p. 285-286) concebe o texto como pertencendo ao gênero narrativo de *mandatio*, colocando-o na categoria de “relatos de vocações”, embora também cite o texto (p. 233) como uma narrativa sobre milagre. Silva C. (2003, p. 207) o classifica como relato de milagre, opinião também apresentada por Perondi, Catenassi e Silva (2013, p. 687).

À exceção desses gêneros já estabelecidos no estudo das formas literárias, há autores que identificam outros gêneros ou aperfeiçoam aqueles acima citados. Inclusive, uma Tesi di Licenza escrita por Palatino (2018) defende o uso do gênero relato de vocação, mas como sendo uma cena modelo/tipo. Mais detalhes sobre esta e sobre as outras abordagens são vistos mais adiante.

Palatino (2018, p. 41) apresenta uma estrutura de cena modelo de relato de vocação como proposta de seu trabalho acadêmico, a qual tem uma ligação com os exemplos de chamado que se situam no AT:

CENA TIPO (MODELO)

1. Situação inicial (Lc 5,1-3)
2. Confronto com o mensageiro divino (Lc 5,4)
3. Objeção (Lc 5,5)
4. Sinal (Lc 5,6-7)
5. Reação (Lc 5,8-10a)
6. Comissão (Lc 5,10bc)
7. Situação final (Lc 5,11).

Para o referido autor, a ênfase recai sobre o chamado e consequentemente remete ao discipulado. Outros autores também apontam Lc 5,1-11 como uma cena tipo, Perondi e Catenassi (2019), citando Carmona (2012, p. 277 [eles usam a edição do ano 2000, mas a página é a mesma]), apontam Lc 4,16-30; 5,1-11; 9,51-55 e At 2 como exemplos de cenas tipo/cenas padrão (Carmona chama de relatos-tipo). Os autores propõem uma ligação entre Lc 5,1-11 e o episódio de Jo 21, mas com ressalvas:

Pode-se, de fato, considerar a pesca milagrosa de Lc 5,1-11 como uma cena-tipo, à luz de sua ocorrência em Jo 21,1-14, porém, não sem ressalvas: até que ponto trata-se (sic) de uma convenção literária típica ou os textos paralelos são somente variações de uma única história presente na pregação oral ou tradições anteriores? (PERONDI; CATENASSI, 2019, p. 352)

Partindo também de um recurso narrativo, Tannehill (1986, p. 203-204) apresenta uma divisão em “três subcenas: Jesus pregando do barco de Simão (5,1-3), a grande pesca de peixes (5,4-7), reação de Simão e resposta de Jesus (5,8-11)”. O autor identifica as subcenas 1 e 3 como molduras da parte central – subcena da pesca –, focando também no chamado ao discipulado e missão. Green (1997 p. 233, tradução nossa) faz uma comparação entre Lc 5,1-11 e Is 6,1-10, apontando para uma história de comissão (o que não deixa de ter vocação e envio), e arremata: “o milagre da pesca é teofânico para Lucas, embora seu público não possa reconhecer isso até que a conexão com Isaías seja solidificada na reação de Pedro no v. 8.”

Percebe-se, até então, um enfoque vocacional, visto tanto no gênero relato de vocação quanto em dispositivos narrativos, como cena tipo. É relevante observar, com relação ao milagre da pesca, no relato lucano do chamado dos primeiros apóstolos, que ele tem um papel igualitário ou mesmo subordinado, como se apontasse para algo, neste caso, para a identidade de Jesus e seu respaldo para convocar pessoas para segui-lo. O portento não é o foco central da trama, embora seja importante para ela, como explica Talbert (2002, p. 62): “o evangelista mostra uma atitude extraordinariamente positiva em relação ao milagre como meio pelo qual a fé é criada. Em 4:31-5:11, ele deixa muito claro que o milagre foi o catalisador para a resposta de Pedro a Jesus.”¹⁶

Assim, os dois temas não devem ser tratados como um ou outro, e sim como um e outro, uma vez que estão interligados através do tema da palavra. Palatino (2018, p. 18-19) defende que existem em Lc 5,1-11 dois campos semânticos – o da pesca e o da Palavra de Deus. A Palavra vem desempenhando papel importante desde o prólogo (Lc 1,2 – há pessoas que são ministros ou servidores da palavra), e os relatos que antecedem Lc 5,1-11 (ou seja, Lc 4,31-44) apresentam o poder desta Palavra. Simão (Lc 4,38-39) presencia tal poder em seu próprio círculo familiar. Assim Jesus prega a Palavra, ordena a Pedro que pesque (usa a Palavra) e o convoca ao discipulado (pela Palavra). Palatino (2018) reconhece que há essas duas ênfases

¹⁶ “Essa ênfase no milagre como um catalisador para a fé é característica de Lucas-Atos (por exemplo, Atos 9:35; 9:42; 13:12; 16:30, 33; 19:17; Lucas 8:2; 7:18–23).” TALBERT, C. H. **Reading Luke: a literary and theological commentary on the third Gospel**. Rev. ed. Macon, GA: Smyth & Helwys Publishing, 2002, p. 62, tradução nossa. “O milagroso regularmente leva à fé em Lucas: embora a resposta de Pedro não seja explicitamente de fé, ele responde com confiança e discipulado.” GREEN, J. B. **The Gospel of Luke**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 233, grifo e tradução nossa.

(discipulado e cristofania), embora opte por uma delas.¹⁷ O milagre, em Lucas 5,1-11, aponta para o chamado; além de ajudar na construção da identidade do que chama. Quem vê o milagre é convidado a seguir, conforme esclarecido por Seim (2004):

O poder miraculoso de Jesus é demonstrado em Lucas (4.31-41) antes dele chamar qualquer discípulo, e a história do chamado de Simão (5.1-11) também é em si mesma uma narrativa de milagre. Aqueles que experimentaram seu poder são chamados a segui-lo. Depois de terem pescado o maior número de peixes em suas vidas, eles desistem de tudo e o seguem. O milagre muda totalmente suas vidas e eles se tornam discípulos de Jesus. (SEIM, 2004, p. 40, grifo e tradução nossa).

Achtemeier (1978, p. 122, tradução nossa) concorda com a ligação entre os dois temas: “É claro em Lucas 5 que embora um milagre esteja incluído, não é o ponto principal da narrativa. No entanto, conforme Lucas conta a história, tem-se a impressão de que a resposta positiva conclusiva de Pedro está relacionada ao milagre que ele experimentou.” Assim, neste texto, tem-se uma estrutura complexa preparada pelo autor do Evangelho, a qual, embora guarde semelhanças com os relatos vocacionais de Mc 1,16-20 e Mt 4,18-22 – além da confirmação do chamado em Jo 21,1-13 –, apresenta mais dessemelhanças¹⁸ e faz parte da proposta comunicativa do autor (a ser vista no cap. 2 dessa dissertação). Tal estruturação toca três âmbitos: chamado, milagre e Palavra de Deus, e constrói tanto a identidade do que chama como daqueles que são chamados.

A estrutura proposta neste trabalho enfoca os aspectos comunicativos em construção, em especial Palavra/Milagre e Vocação. Tais aspectos apontam para o Messias e Seus Discípulos. Semelhantemente à Lima (2014) e Berger (1998), afirma-se, neste trabalho, que as duas narrativas (chamado e milagre) estão presentes, uma vez que estão unificadas pelo propósito do autor. A liga que perpassa e junta as duas é a Palavra de Deus, apresentada nos vv. 1-3.

3.2 Definição da perícope

Os próximos passos nesse processo introdutório são a delimitação e a crítica textual.

¹⁷ “Não podemos dizer com certeza se prevalece a dimensão da pesca ou da vocação. Como Mathieu bem nota, ‘o corpo da história (v. 4-11) pode ser lido do ponto de vista de Jesus ou do ponto de vista de Simão, como uma epifania de Jesus ou como uma figura da missão apostólica’. Em nossa opinião [...] as indicações do narrador nos convidam a colocar a ênfase mais na vocação ao discipulado do que na 'cristofania'.” PALATINO, David E. F. **Lc 5,1-11 Come racconto di vocazione: Il profilo lucano del discepolato di Gesù.** 2018. 88f. Tesi di Licenza (Mestrado em Teologia) – Facoltà di Teologia, Dipartimento di Teologia Biblica, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2018, p. 19, grifo e tradução nossa.

¹⁸ Ver Palatino (2018, p.25-28) para observar as diferenças e semelhanças descritas.

Ambas dão precisão ao texto pesquisado nesta dissertação, apresentam seus limites e suas palavras exatas. Aqui, eles aparecem na sequência citada. O processo começa com o exame de onde a perícopes de fato começa e quais indícios textuais ajudam nessa percepção. Segundo Silva C. (2003, p. 68), “uma das qualidades de um texto é a sua delimitação, isto é, ele precisa ter começo, meio e fim. Delimitar um texto, portanto, significa estabelecer os limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde ele termina”. Sendo assim, se faz necessário identificar marcadores que ajudem nesse encargo. Tal tarefa é imperativa, pois:

A delimitação do texto é importante na medida em que os diversos elementos linguísticos que o compõem têm seu sentido dependente, em grande parte, do conjunto em que se encontram e do modo como estão relacionados neste conjunto. Assim sendo, o início ou a finalização de um texto num ou noutro ponto pode aportar sentidos diversos a expressões e frases, enfim ao texto como um todo. (LIMA, 2017, p. 90).

A delimitação da perícopes em questão tem um quê atenuador, já que não há pontos controversos ou confusos. Há uma concordância geral sobre seus limites em várias versões bíblicas,¹⁹ bem como em variados comentários: como ocorre nas intitulações encontradas nas versões bíblicas, ocorre de maneira geral nos pontos realçados pelos comentaristas. Há um grupo que coloca a ênfase no Milagre: Hendriksen (2003, vol. 1, p. 377); Morris (2008, p. 106); Porter (2009, p. 1640); Gore (1942, p. 217); e Geldenhuys (1952, p. 180). Há o grupo que enfatiza o Chamado. Há, ainda, um foco no chamado dos discípulos em geral e no chamado de Pedro, em particular: a) discípulos – Dillmann e Mora Paz (2006, p. 132); Schmid (1968, p. 172); Franklin (2010, p. 149); Rienecker (2005, p. 128); Keener (2014, p. 192); Johnson (1991, p. 87); Malina e Rohrbaugh (2003, p. 245); Craddock (1988, p. 1021); Talbert (2002, p. 61 – algo precisa ser dito sobre a ênfase e delimitação deste autor. Ele delimita 4,31 até 5,11 e nomeia esta seção de chamado e comissionamento, porém chama 5,1-11 de segunda parte, colocando-a como unidade distinta e agrupada, concomitantemente); Godet (1881, p. 255); Stein (1992, p. 167); Nolland (1989, p. 218); Marshall (1978, p. 199); Green (1997, p. 230); b) Pedro – Bovon (1989, p. 227); Stuhlmüller (1972, p. 240); Rowe (2006, p. 82).

Diferente do que foi visto na nota de rodapé n. 19, na qual se veem as delimitações e titulações presentes nas Bíblias, os comentaristas têm mais duas ênfases. Além disso, há um comentário que apenas delimitou, sem intitular a perícopes. Delimitação apenas: Culy, Parsons

¹⁹ Nas seguintes Bíblias se veem a mesma delimitação da perícopes, porém, com títulos diferentes que enfatizam dois pontos realçados na história. O primeiro ponto é a **ênfase no milagre**: na espanhola RV, acha-se o título “La pesca milagrosa”; na ARA diz “a pesca maravilhosa”. O segundo ponto é a **ênfase no chamado dos discípulos**: na BJ, diz “vocações dos quatro primeiros discípulos”. O NTP traz “Os primeiros discípulos”, na NVI tem-se “Jesus chama os primeiros discípulos”, a versão inglesa (quanto ao idioma) ESV apresenta “Jesus calls the first disciples” e na NKJV (também em inglês) encontra-se “The first disciples are called.”

e Stigall (2010, p. 153). Há quem coloque a ênfase na Recepção positiva à mensagem de Jesus: Karris (2011, p. 249). Há quem coloque a ênfase dupla no Chamado e no Milagre: Fabris (2006, p. 62); Alford (1976, p. 484); The Navarre Bible (2005, p. 66); Fitzmyer (2008, p. 559; embora o chamado realçado por ele seja primariamente o de Pedro); e Meynet (1994, p. 179-183; embora ele delimite 5,1-16 sob o título de “O anúncio a Simão Pedro”, fala de 5,4-11 como sendo a pesca miraculosa. Após a pesca, segundo o autor, há um chamado para Pedro, para Tiago e João). Apesar disso, é necessária a verificação dos limites para se confirmar se há um parágrafo (uma perícopes). Isso é importante, pois, como afirmou Osborne (2009, p. 49), “o parágrafo é a chave para a sequência de pensamento nos livros bíblicos.”

Antes, porém, de definir os limites do texto para este estudo, se faz necessária uma digressão acerca do que é um texto e de suas ligaduras internas²⁰. Segundo Egger (2005, p. 25), “o próprio vocábulo ‘texto’ (do latim *textus* = tecido, entrançada) diz que se trata de um conjunto de elementos ligados entre si.”²¹ Uma definição mais ampla e pormenorizada de “texto” é apresentada a seguir:

Texto é uma manifestação linguística articulada que apresenta uma unidade comunicativa, possui coesão (conexão entre palavras, expressões e frases) e coerência (possui um sentido). Todo texto é, a um tempo, um todo estruturado e um evento comunicativo. Enquanto todo estruturado, o texto é um conjunto de expressões linguísticas interligadas entre si, de tal modo que umas se referem às outras e cada qual tem seu significado em conexão com o contexto em que se encontra (a totalidade do conjunto). Nesta ótica, texto é um sistema coeso e coerente. Um texto não é só uma sequência de palavras ou frases, mas uma grandeza que exige *conexão* entre esses elementos de tal forma que transmite um *sentido*. A isto se chama *coesão e coerência*. (LIMA, 2017, p. 86-87, grifo do autor).

²⁰ Essas ligaduras mostram a unidade, a coerência e a coesão, bem como ajudam a perceber os limites do texto. “*Por unidade de texto*, temos em mente uma pequena parte do texto mantida unida por uma ideia ou tópico comum. Os autores bíblicos usaram essas unidades menores como blocos de construção na construção de seus livros. Para compreender como um autor construiu seu discurso, precisamos identificar as unidades menores e reconhecer seu papel no esquema geral das coisas. Isso exige descobrir onde a unidade de texto realmente inicia e para; é isso que queremos dizer com a *identificação dos limites* da unidade de texto”. GUTHRIE, G. H.; DUVALL, J. S. **Biblical Greek Exegesis: a graded approach to learning intermediate and advanced greek**. Grand Rapids: Zondervan, 1998, p. 113, tradução nossa e grifo dos autores.

²¹ Neste ponto, pode-se antecipar o que será visto mais adiante, quando se tratará do contexto da perícopes lucana em estudo, a importância da verificação da ligação desse parágrafo dentro do plano da obra do terceiro Evangelho, num vislumbre trazido por Kaiser: “A palavra contexto é composta por dois elementos latinos, *con* (‘juntos’) e *textus* (‘tecidos’). Portanto, quando falamos do contexto, estamos falando sobre a conexão do pensamento que atravessa uma passagem, os elos que o tecem em uma única peça. O exegeta deve sentir que sua principal obrigação é encontrar esse fio de pensamento que corre como um fluxo de vida através das partes menores e maiores de cada passagem. Quando essa conexão é perdida ou evitada, há uma chance razoável de que o intérprete perca o escopo, o objetivo, o propósito e todo o plano pelo qual o autor ordenou as várias partes de sua obra. Assim, o estudo do escopo e do plano pertence ao estudo do contexto de um trabalho”. KAISER, W. C., Jr. **Toward an exegetical theology: Biblical exegesis for preaching and teaching**. Grand Rapids: Baker Academic, 1981, p. 71, tradução nossa e grifo do autor. Embora Kaiser trate do contexto como um todo, de sua “fala” se depreende um ponto em comum com o ponto em estudo: as ligações necessárias de um texto, que dão sua feição inteligível e compreensível.

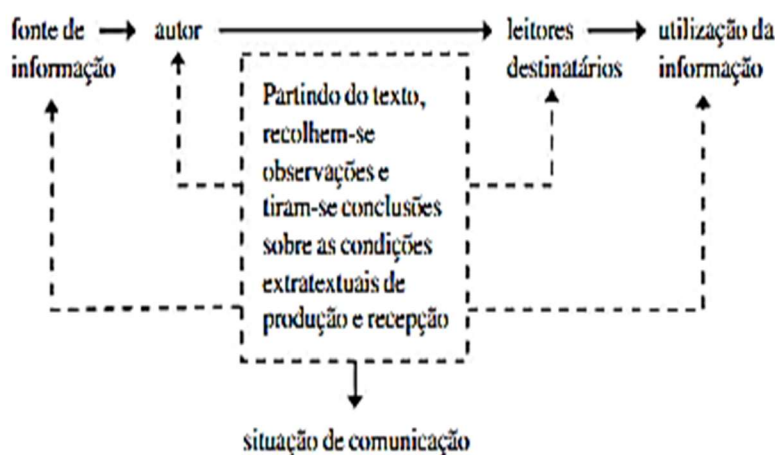
Tanto Egger (2005, p. 27) quanto Lima (2017, p. 87) afirmam que a coesão e coerência (embora Egger, trate somente de coerência, o que ele expressa também abarca o sentido de coesão) são percebidos em três níveis: **1. Sintático e estilístico** (referência pronominal; conjunção; repetição); **2. Semântico** (tema; repetição de termos-chave e de ideias); e **3. Pragmático** (a coerência é vista pelo fim que se quer obter).

A exegese, na perspectiva pragmática, é vista em seu caráter comunicativo e deve adotar uma concepção de entendimento textual que traga a reconstrução do evento dialógico entre autor e leitor, em que do segundo é requerida certa prática indicada pelo primeiro. Grilli (2018) discorre acerca de um modelo comunicativo que abrange essa ideia:

[...] o modelo *circular* ou *dialógico*. Este modelo não apenas parte do axioma de que todo comportamento humano é, por si só, comunicativo e que, portanto, a comunicação está envolvida em todo processo perceptivo, mas considera também o envio e a recepção de mensagens não como algo que alguém faz *ao* outro, mas como um processo que alguém faz *com* o outro. (GRILLI, 2018a, p. 25, tradução nossa e grifo do autor)

Tal processo comunicativo é visto graficamente na figura 2, a seguir:

Figura 2 – Passos da reconstrução do evento de comunicação



Fonte: Egger, 2005, p. 36.²²

Assim, o texto, em sua forma final, assume um papel vital para tal abordagem. Isso

²² Segundo EGGER, W. **Metodologia do novo testamento**: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. Tradução Johan Konings e Inês Borges. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 36, a “reconstrução do evento de comunicação no qual o texto se inscreve considera-se concluída quando se respondeu às seguintes perguntas. Autor: quem transmite uma mensagem? Leitor: a quem? Tema: o quê? sobre o que? Tempo: quando? Lugar: onde? Código: qual o acervo de sinais em comum entre autor e leitor? Intenção: com que objetivo?”

não pressupõe a eliminação do aspecto diacrônico, mas sim um acréscimo a ele, um novo ponto de vista. Com tal ideia em mente, o que se tem é um esquadriñar desse texto final, colocando-o em sua moldura mais precisa dentro de seu cotexto (delimitação literária). Além disso, tem-se uma confirmação ou alteração das palavras que se encontram na perícopes (crítica textual), analisa-se a influência do cotexto sobre o texto (e vice-versa), bem como o impacto do texto sobre o cotexto, verificando os atos performativos encontrados na perícopes.

3.2.1 Delimitação inicial²³

São encontrados alguns elementos que permitem identificar, em Lc 5,1-11, uma unidade própria. Tais componentes são do tipo temporal, espacial/geográfico, temático e de actantes (atores, personagens) e estão dispostos no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Elementos de início da perícopes

Elementos	Relato Anterior	Lc 5,1-11
Espacial-Geográfico	“Lugar deserto ²⁴ ” – 4,42 “pregava pelas sinagogas da Judéia” – 4,44	“Margem do lago de Genesaré” – 5,1
Personagens	“As multidões” – 4,42	“A multidão” – 5,1 “pescadores” – 5,2 “Simão Pedro” – 5,3 “Tiago e João” – 5,10
Temporal	“Ao raiar do dia” – 4,42	“Certa vez” – 5,1
Temática	Curas e pregação – 4,40-44	Pregação, pesca milagrosa e chamado ao discipulado – 5,1-11

Fonte: autoria própria.

A primeira evidência de que há uma nova perícopes é a mudança espacial-geográfica. Embora Lc 4 termine com a afirmação de que Jesus “pregava pelas sinagogas da Judéia” e haja uma concordância de que a leitura é correta, comentaristas têm sugerido que o hagiógrafo usou o termo em um sentido lato e que, portanto, a mudança não é obrigatoriamente de região (Judeia-Galileia), mas de local. Assim, considera-se o interior da mesma cidade de Cafarnaum – onde, de Lc 4,31 em diante, é dito que Jesus foi para lá – e de cidades, provavelmente, dentro da própria Galileia (e conforme nota de rodapé n. 25, pode ter incluído cidades [sinagogas] da

²³ Para mais detalhes sobre marcadores de delimitação (elementos de início, meio e fim de perícopes), ver: SILVA, C. M. D. (com a colaboração de especialistas). *Metodologia de Exegese Bíblica*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 68-77; Lima (2017, p. 90-94); e WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 112-117.

²⁴ A versão bíblica adotada nesta dissertação será a da Bíblia de Jerusalém, sendo assim, todas as frases bíblicas em português (salvo a tradução feita pelo autor desta pesquisa) pertencerão à referida Bíblia. Qualquer outra versão utilizada será explicitada quando de sua citação.

Judeia).²⁵ Sendo assim, Jesus se deslocou de um lugar deserto e do ministério citadino das sinagogas para as margens do mar da Galileia ou, como Lucas o chama, “lago de Genesaré”.

A segunda evidência é a **mudança de personagens**. Em Lc 4,42-44 afirma-se que “as multidões” procuravam Jesus querendo que ficasse com eles. Na noite anterior, o Nazareno havia curado e exorcizado a muitos (vv. 40-41) e as multidões o buscavam. Nesse contexto, ele revela seu amplo plano missionário. Em Lc 5,1-11 tem-se a ocorrência do termo ὄχλος, no acusativo singular – a multidão –; no caso anteriormente citado, o vocábulo está no nominativo plural – ὄχλοι, em Lc 4,42, as multidões agem procurando e requerendo algo de Jesus. Já em 5,1 a multidão apenas está ali para ouvir as palavras de Deus proferidas por Jesus. Além disso, tem-se um novo foco de pessoas, os pescadores (v.2), dentre eles surgem os outros “atores”. Observa-se o reaparecimento de Simão “Pedro” (já havia aparecido em Lc 4,38) e, agora, emergem João e Tiago, dois irmãos que são companheiros de profissão de Pedro (cf. v. 10). Além desses novos, o personagem Jesus aparece em ambos os parágrafos narrativos.

A terceira evidência é a **mudança temporal**. Em Lc 4,40 declara-se que Jesus curou muitos “ao pôr do sol”; por sua vez, em Lc 4,42, utiliza-se a expressão “ao raiar do dia” e destaca-se que Jesus fala às multidões e sai para evangelizar (4,44). Em Lc 5,1 há uma expressão que Lucas usa com frequência, a qual é traduzida na BJ por “certa vez”, trazendo uma ideia de um evento separado do que passou, em algum dia, em algum momento. O vocábulo ἐγένετο, por si só – no grego lucano –, traz a ideia de uma nova história com um tempo próprio, sendo usada para demonstrar o início de uma nova seção (ver, a seguir, no fim deste parágrafo). Eis o texto de NA²⁸, de Lc 5,1-2: ¹ Ἐγένετο δὲ ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ αὐτὸς ἦν ἐστὼς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ ² καὶ εἶδεν δύο πλοῖα ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην· οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ’ αὐτῶν ἀποβάντες ἔπλυνον τὰ δίκτυα (Lc 5,1-2). Portanto, nesses versos, há três elementos que sublinham o aspecto temporal: 1. ἐν + dativo (τῷ)²⁶; 2. ἐν τῷ + infinitivo²⁷

²⁵ METZGER, B. M. **Un comentario textual al Nuevo Testamento griego**. Stuttgart: German Bible Society/Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, p.114-115 e OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego.” Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p.113-114 afirmam que a leitura τῆς Ἰουδαίας (da Judeia) é a mais difícil e a usada na maioria das traduções, além de que os copistas tentaram fazer harmonização pelo uso de τῆς Γαλιλαίας (da Galileia) ou substituindo τῆς Ἰουδαίας por τῶν Ἰουδαίων (dos judeus). Blight (2008, p. 184, tradução nossa, colchetes do autor indicando comentários que apoiam a ideia), informa que “‘Judeia’ tem o sentido mais amplo da Palestina, de modo a incluir uma turnê de pregação na Galileia, conforme indicado nas passagens paralelas [AB, Arn, BECNT, BNTC, Lns, NIGTC, NTC, TH, WBC]. Jesus pregou a todos os judeus, na Galileia e na Judeia [BECNT, Lns, NIGTC]. Sua turnê de pregação provavelmente foi através de uma parte da Galileia [NTC]”.

²⁶ JORDAAN, G. J. C. **Ancient greek inside out: the semantics of grammatical constructions**. Zürich: Lit Verlag; Berlin: Lit Verlag, 2013, p. 140, informa que a frase preposicional introduzida por [ἐν + dativo] é uma construção com denotação temporal, com ênfase em um ponto do tempo.

²⁷ KÖSTENBERGER, A. J., MERKLE, Benjamin L., PLUMMER, R. **Going deeper with New Testament greek**:

(ἐπικεῖσθαι); e 3. O próprio ἐγένετο δέ²⁸. As expressões com ἐγένετο (nota 28) aparecem 40 vezes em Lucas, sendo 18 vezes as construções com ἐγένετο δέ (cf. Lc 1,8.59; 2,1.6; 3,21; 5,1; 6,1.6.12; 8,22; 9,28.37.51; 11,14.27; 16,22; 18,35; 22,24) e 22 vezes com as construções com καὶ ἐγένετο (cf. Lc 1,23.41; 2,15.46; 5,12.17; 7,11; 8,1; 9,18.29.33; 11,1; 14,1; 17,11.14; 19,15.29; 20,1; 24,4.15.30.51). Além dessas ocasiões, há 6 episódios em que o aspecto verbal de γίνομαι está realçado, não sendo um marcador transicional ou um indicativo de início ou fim de perícopes, mesmo aparecendo na forma καὶ ἐγένετο (cf. Lc 1;65; 4,36; 6,49; 8, 24; 13,19; 22,44).

A quarta evidência é a **mudança temática**, apresentada pela inserção de novos temas na perícope, que se inicia em 5,1; de Lc 4,40 a 44. Destacam-se os temas de cura e exorcismos (vv. 40-41) e pregação (v. 44). Já em Lc 5,1-11, tem-se os temas da pregação, da pesca miraculosa e do chamado dos primeiros discípulos.

Essas quatro evidências confirmam que, a partir de 5,1; surge uma perícope distinta,

an intermediate study of the grammar and syntax of the New Testament. Nashville: B&H Academic, 2016, p. 366, grifo dos autores e tradução nossa, destacam o aspecto temporal do infinitivo e afirmam que a construção [ἐν τῷ + infinitivo] expressa um tempo simultâneo do verbo principal: “Com o uso do infinitivo de tempo simultâneo, a ação do infinitivo ocorre *simultaneamente* ou *ao mesmo tempo* que a ação do verbo principal ou controlador e é expressa por ἐν τῷ + infinitivo.” Isso é uma regra geral, pois eles mesmos expressam, na mesma página, na nota de rodapé 32, que existem exceções; como em Lc 12,15, em que a construção é epexegetica. WALLACE, D. B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 592-598, explana essas exceções de maneira mais detalhada, apresentando o uso do adverbial consecutivo (resultado, efeito) e de meio (epexegetico, por meio de verbo no gerúndio), enfatizando, *porém*, que esses dois usos são raros. De fato, ele diz que, aparentemente, Hb 3,12 é o único exemplo do uso adverbial consecutivo no NT. Jordaan (2013, p. 88) reforça que esta construção é usada também no NT como uma cláusula temporal (enquanto, quando).

²⁸ Marshall demonstra os usos com ἐγένετο, em Lucas-Atos, apontando para seu aspecto separador de histórias (iniciador): “Lucas frequentemente inicia uma sentença com ἐγένετο δέ ou καὶ ἐγένετο, correspondente ao hebraico *way’hî*. (Não há linguagem correspondente no aramaico). O verbo é ‘sem sentido’ (BD 4723) e é melhor não ser traduzido (*pace* Beyer, I:1, 61f.). A construção utilizada varia: 1. é seguida por outro verbo no indicativo (como aqui [Lc 1,8]; Lc. 21x; Atos 0x). 2. É seguido por καὶ e um verbo no indicativo (Lc. 12x; Atos 0x; cf. Dietrich, 26-28, que considera essa construção como pré-lucana). 3. É seguido pelo infinitivo (Lc. 5x; Atos 17x). As duas primeiras dessas construções são hebraísmos; a terceira foi assimilada ao idioma grego. Veja as tabulações em Plummer, 45; Creed, 9; Hawkins, 37f.; Schramm, 94f. Frequentemente, a frase é seguida por uma frase com ἐν, que fornece as circunstâncias da ação a seguir, como aqui [Lc 1,8], e corresponde ao idioma hebraico (Beyer, I: 1, 29-62). O uso de ἐν τῷ com o infinitivo dessa maneira é característico de Lucas e raro fora de Lc-Atos”. (MARSHALL, 1978, p. 53-54, tradução nossa). FITZMYER, J. A. **The Gospel according to Luke I-IX**: introduction, translation, and notes. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 118-119, também cita as três formas que a construção com ἐγένετο aparece em Lucas: 1. *egeneto de* + infinitivo; 2. *kai egeneto (egeneto de)* + um verbo finito (indicativo) sem uma conjunção interveniente; 3. *kai egeneto (egeneto de)* + kai + verbo finito (indicativo). Esta última forma é a que se encontra em Lc 5,1 e, segundo Fitzmyer (2008, p. 119, tradução nossa): “Além disso, é a forma que representa mais de perto a construção hebraica de *wayyēhî ... wē*.” Falando de outro hebraísmo ele diz: “O dativo do infinitivo articular com *en*, especialmente no sentido temporal... Esse tipo de cláusula temporal é frequentemente, mas nem sempre, usada com as três formas de construção do *kai egeneto*”. (FITZMYER, 2008, p. 120). Bovon (1989, p. 229, tradução nossa), ao falar dessa construção em Lc 5,1 afirma: “Lucas diz discretamente ao leitor em que nível você deve ler suas histórias. Ao mesmo tempo, essas frases têm uma função narrativa. Em um tipo de escrita que não conhece seções nem sinais de pontuação, elas geralmente permanecem no início como um tipo de anúncio para uma nova seção (cf. 5,1.12.17, onde o ἐγένετο ajuda o leitor a estruturar o texto)”. ARNDT, W. F. *et al.* **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature (BDAG)**. 3rd.ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 198) declara que “seu uso é visto para indicar o fluxo da narrativa”.

com temas afins, mas também distinguidos dos anteriores. Posto isto, deve-se procurar os elementos que marcam o fim da narrativa e aqueles que confirmam sua unidade literária e demonstram sua coesão.

3.2.2 Delimitação final

Os elementos que permitem identificar o término da perícopa em Lc 5,11, constituindo assim os vv. 1-11 como uma unidade textual completa, são do tipo espacial, temporal, de mudança de personagens, ação ou função terminal e de tema, conforme resumido no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Elementos de término da perícopa

Elementos	Lc 5,1-11	Relato Posterior
Espacial-Geográfico	“Lago de Genesaré” – 5,1	“Numa cidade” – 5,12 “Lugares desertos” – 5,16
Temporal	ἐν + dativo (τῷ) ἐν τῷ + infinitivo ἐγένετο δέ – Lc 5,1	ἐν + dativo (τῷ) ἐν τῷ + infinitivo καὶ ἐγένετο – Lc 5,12
Personagens	“A multidão” – 5,1 “pescadores” – 5,2 “Simão Pedro” – 5,3 “Tiago e João” – 5,10	“Homem cheio de lepra” – 5,12 “Numerosas multidões” – 5,15
Função Terminal	“Deixando tudo... o seguiram” – 5,11	-
Temática	Pregação, pesca milagrosa e chamado ao discipulado – 5,1-11	Cura de um leproso, pregação às multidões, curas de pessoas nessas multidões e retiro de oração de Jesus – Lc 5,12-16

Fonte: autoria própria.

A primeira evidência de que há o término de uma perícopa é a **mudança espacial-geográfica**. Note-se que, no v. 1, Jesus está “à margem do lago de Genesaré”; enquanto, no v. 12, encontra-se em uma cidade e, no v. 16, situa-se em “Lugares desertos” para orar.

A segunda evidência é a **mudança temporal**. No v. 12, repete-se o exposto no v. 1 (vide a terceira evidência do início da perícopa): 1. ἐν + dativo (τῷ); 2. ἐν τῷ + infinitivo e 3. em vez de utilizar a expressão ἐγένετο δέ, como no v. 1, ocorre a expressão análoga καὶ ἐγένετο (Lc 5,12; ver nota de rodapé 28 supracitada).²⁹ Isso mostra que há um novo ciclo temporal iniciado

²⁹ ROBERTSON, A. T. *A grammar of the greek New Testament in the light of historical research*. 3rd. ed. Bellingham: Logos Bible Software, 2006, p. 1422-1423, apresenta um quadro feito por um amigo dele, no qual são expostos os versos em que aparecem as construções com ἐγένετο no NT. Ele difere as construções “com nota

no v. 12.

A terceira evidência é a **mudança de personagens**. Em Lc 5,1-11 tem-se: 1. Pescadores; 2. Simão Pedro; 3. Tiago e João; 4. A multidão (além de Jesus, que se faz presente em ambas). Em Lc 5,12-16 aparecem: 1. Um homem com lepra e 2. Grandes multidões (em Lc 5,1 “multidão” está no acusativo singular e, em Lc 5,15, “multidões” está no nominativo plural [para os termos gregos ver segunda evidência de uma nova perícopa supracitada] e com um adjetivo nominativo plural, que a qualifica descrevendo – πολλοί (grande).

A quarta evidência é a **função terminal**, que, de acordo com Silva C. (2003, p. 73), compreende “as reações decorrentes do episódio narrado”. Sendo assim, após os pescadores Pedro, Tiago e João serem convidados a seguir Jesus, eles estiveram: 1. “Reconduzindo os barcos à terra”; 2. “Deixando tudo”; e 3. “O seguiram”. O resultado disso foi a adesão ao movimento de Jesus.

A quinta e última evidência é a **mudança temática**, percebida através da introdução de um relato de cura específica – um homem cheio de lepra (5,12) –; da menção e da procura por cura, nas grandes multidões (5,15); e do retiro de oração de Jesus (5,16). Por outro lado, em Lc 5,1-11; distinguem-se a pesca miraculosa e o chamado ao discipulado. Afora isso, encontra-se o elemento comum da pregação.

Essas cinco evidências apontam para uma delimitação precisa da perícopa, os primeiros onze versículos do capítulo cinco do Evangelho lucano. Existe, ainda, um último fato de aferição, que é a percepção de elementos achados ao longo do texto. Estes demonstram coesão e comprovam que o texto é uma unidade autônoma, isto é, como explica Wegner (2016, p. 114, grifo do autor), uma unidade em que: “*seu conteúdo possui uma mensagem própria e característica, distinta da mensagem dos textos anteriores ou subsequentes*”.

3.2.3 Elemento encontrado ao longo do texto³⁰

O elemento que confere ideia de unidade à perícopa é o campo semântico das atividades náuticas, o qual seria o campo semântico hiperônimo³¹, pois há dois campos

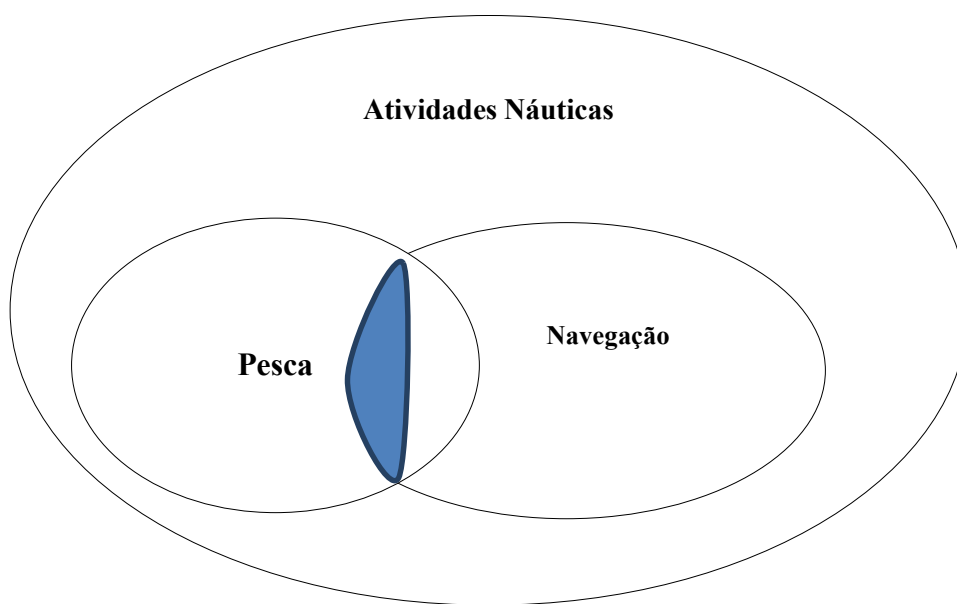
de tempo” das “sem conotação temporal” e mostra que somente Mt 18,13; Mc 2,15; Lc 16,22; At 9,32.43; 14,1; 21,1; 27,44; 28,8 aparecem sem conotação temporal. As demais aparições, todas, têm aspectos temporais (isso inclui Lc 5,1.12.17 etc.).

³⁰ Esse item de averiguação de elementos que trazem coesão faz parte da metodologia de delimitação proposta por Silva C. (2003, p. 74-75).

³¹ Definindo Hipônimo, hiponímia, CRUSE, A. **A glossary of semantics and pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 80-81, tradução nossa e grifo do autor, indica o seguinte: “Hiponímia é a relação assimétrica de sentido entre, por exemplo, *cachorro* e *animal* e entre *narciso* e *flor*. Essa relação é geralmente explicada em termos de inclusão, mas existem duas maneiras de ver isso. Pensando em categorias de coisas no

semânticos co-hipônimos, sobre os quais a ênfase recai – pesca e navegação. Há substantivos e verbos que apontam para estes dois co-hipônimos. Neste ponto, usa-se como base o léxico de Louw e Nida (2013) e sua classificação semântica para os verbetes listados a seguir, embora não haja uma concentração de todos eles em um só domínio semântico em tal léxico. Antes, porém, será demonstrada graficamente a relação do hiperônimo com os dois co-hipônimos, conforme exposto na figura 3, a seguir:

Figura 3 – Relação hiperônima/co-hipônima



Fonte: Autoria própria.

No texto, há, também, o uso figurado da atividade da pesca por Jesus, ao se dirigir a Pedro, afirmando: “serás pescador de homens”. Partindo de algo conhecido para o

mundo (a perspectiva extensional), a categoria de animais inclui a categoria de cães, de modo que, se algo é um cachorro, é necessariamente um animal. Mas, pensando em significados (a perspectiva intencional), o significado de *cachorro* inclui o significado de *animal*. O termo em uma relação de hiponímia associada à categoria mais inclusiva (*flor*, *animal*) é chamado de 'hiperônimo' (também chamado de 'superordenado') e a categoria incluída (*narciso*, *cachorro*) é o 'hipônimo'. Observe que uma palavra pode ser um hipônimo de uma palavra e um hiperônimo de outra: *cachorro* é um hipônimo de *animal*, mas um hiperônimo de *collie*. (A hiponímia deve ser diferenciada da outra principal relação de inclusão, a meronímia.) É comum que um hiperônimo tenha um conjunto de hiponímias incompatíveis. Esta é a base de uma hierarquia taxonômica:

Hiperônimo	Hipônimo
Animal	cachorro, gato, vaca, camelo, leão, girafa, ...
Fruta	maçã, laranja, banana, ameixa, ...

Árvore carvalho, freixo, teixo, pinho, sicômoro, salgueiro, ...”. Para mais detalhes sobre sinonímia, hiponímia, hiperonímia e campo semântico, ver: SILVA, Moisés. **Biblical words and their meaning**: an introduction to lexical semantics. Revised and Expanded Edition. Grand Rapids: Zondervan, 1994, p. 118-135; HASKELL, R. **Hermenêutica**: Interpretación eficaz hoy. Barcelona: Editorial CLIE, 2009, p. 141-156; OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 128-133.

desconhecido, Jesus emprega o mister de Simão como uma figura para o chamado à evangelização e seguimento. Jesus usa o barco do irmão de André como um púlpito, de onde prega a Palavra de Deus. Desse modo, observa-se um link intencional entre as duas atividades, desde o início da perícopes. Salvo esse uso figurado, a análise dos substantivos e dos verbos que realçam a pesca e a navegação é apresentada a seguir. Os substantivos estão em vermelho e os verbos em azul. As descrições ilustrativas gráficas que aparecem infra, as informações sobre eles, bem como a comparação feita com base em Louw e Nida (2013) estarão nas respectivas notas de rodapé seguintes. A descrição simples se vê no quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Substantivos e verbos da área náutica em Lc 5,1-11

SUBSTANTIVOS ³²	VERBOS ³³
ἰχθύς	συγκλείω
ἄγρα	ἐπανάγω
Δίκτυον	κατάγω
ἄλιεύς	ἐμβαίνω
Λίμνη	ἀποβαίνω
πλοῖον	βυθίζω

Fonte: autoria própria.

É interessante que o substantivo γῆ [(terra, vv. 3.11)];³⁴ - que é visto em Louw e Nida

³² Os **substantivos** que remetem à atividade náutica são: λίμνη (lago, vv. 1-2) – sob o domínio 1. Objetos e aspectos geográficos e o subdomínio J – corpos de água; πλοῖον (barco, vv. 2.3.7.11) – sob o domínio 6. Artefatos e o subdomínio H – barcos e partes de barcos; ἄλιεύς (pescador, v. 2) – sob o domínio 44. Criação de animais, pesca; δίκτυον (rede, vv. 2.4-6) sob o domínio 6. Artefatos e o subdomínio C – instrumentos usados para pescar; ἄγρα (traduzido por pesca na BJ, e “ato de capturar algo...peixes animais ou pessoas” [LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico grego-português do novo testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 199], vv. 4.9; no v. 9 há uma definição ainda mais acurada - ἄγρα τῶν ἰχθύων [pesca ou captura dos peixes]) – sob o domínio 18. Contato e o subdomínio A – pegar, segurar; ἰχθύς (peixe, vv. 6.9) – sob o domínio 4. Animais e o subdomínio E – peixes e outras criaturas do mar.

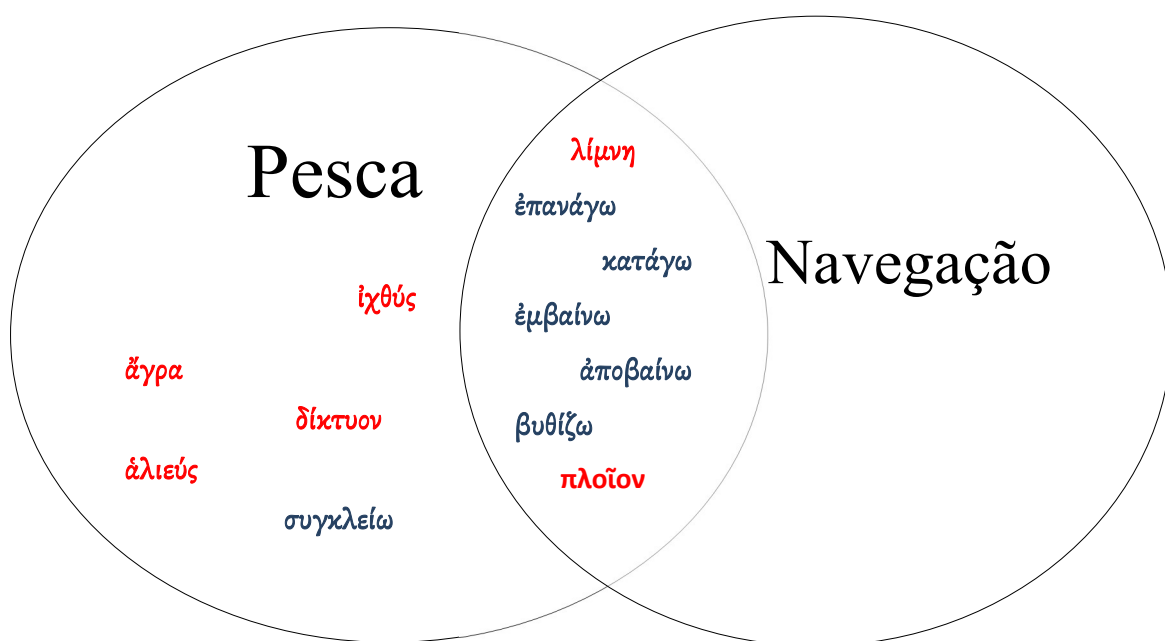
³³ Os **verbos** que remetem à atividade náutica são: ἐπανάγω (se afastar - BJ, “afastando-se da praia” [LOUW, NIDA, 2013, p. 487], vv. 3.4) – sob o domínio 54. Atividades marítimas; κατάγω (reconduzindo - BJ, “trazer um barco para a margem” [LOUW, NIDA, 2013, p. 487], v. 11) – sob o domínio 54. Atividades marítimas; ἐμβαίνω (subindo - BJ, “embarcar, entrar no barco” [LOUW, NIDA, 2013, p. 176], v. 3) – sob o domínio 15. Movimento linear e o subdomínio H – entrar, ir para dentro de; ἀποβαίνω (desembarcado - BJ, “desembarcar, sair de” [LOUW, NIDA, 2013, p. 176], v. 2) – sob o domínio 15. Movimento linear e o subdomínio D – partir, ir embora, fugir, escapar, enviar; συγκλείω (apanharam - BJ, “pegar [animais ou peixes] numa rede” [LOUW, NIDA, 2013, p. 462], v. 6) – sob o domínio 44. Criação de animais, pesca; βυθίζω (afundarem - BJ, “fazer com que desça dentro da água ou outra substância líquida – afundar” [LOUW, NIDA, 2013, p. 178], v. 7) – sob o domínio 15. Movimento linear e o subdomínio K – descer.

³⁴ Louw, Nida (2013, p. 13) apresentam γῆ como tendo também a nuance de “terra seca em contraste com o mar;” eles falam que seria como que “costa” ou “litoral.”

(2013) sob o domínio semântico nº 1. Objetos e aspectos geográficos e sob o subdomínio I – terra em contraste com o mar, é visto no sentido de contrastante com a água no parágrafo lucano que é objeto deste estudo, é de lá (margem, litoral, costa) que o barco sai (vv. 2-3) e para lá que retorna (v. 11). Isso reforça o campo semântico de atividades náuticas.

Um pormenor testemunhado na análise semântica é visto nos hipônimos pesca-navegação. Eles estão em sobreposição, fazendo com que ocorra uma interseção entre si. Na verdade, todos os verbetes que se aplicam à navegação nesta perícope também são utilizáveis na atividade da pesca, desde que seja uma pesca que se utilize do instrumento “barco”, como no caso em questão. Veja essa nuance na figura 3, a seguir, na qual os co-hipônimos estão em sobreposição.

Figura 4 – Campos semânticos co-hipônimos



Fonte: Autoria própria.

Diante desta análise e agregando-se as etapas de delimitação anteriores, é possível inferir que Lc 5,1-11 é uma unidade textual bem delineada; com início, meio e fim. Portanto, deve ser pesquisada como um todo e em conexão com seu contexto e cotexto. Posto isto, a parte a seguir na análise do texto é a sua reconstrução, a partir da crítica textual. Essa reconstrução será realizada com a finalidade de averiguar se as palavras que estão na perícope (no texto da NA²⁸) são as que, de fato, devem ser estudadas ou se alguma leitura percebida no aparato pode

concorrer com a estabelecida e encontrar, assim, guarida no restante deste trabalho.

3.2.4 Crítica textual

A crítica textual é uma ciência indispensável para o estudo dos textos bíblicos, uma vez que existem milhares de testemunhas³⁵ com muitas variantes. Segundo Trebolle Barrera (1995, p. 396), não “existe uma só frase do NT que a tradição manuscrita não tenha transmitido com alguma variante”. A seguir, observa-se uma definição desta ciência:

A **crítica textual** do NT é o estudo dos textos bíblicos que aparecem nos manuscritos antigos, com o objetivo de recuperar uma forma de texto que se aproxime o máximo possível do texto exato dos escritos originais (chamados de “autógrafos”) assim como estes se apresentavam antes de copistas introduzirem alterações e cometerem erros durante o processo de cópia. (OMANSON, 2010, p. xi, grifo do autor).

Diante da problemática que se apresenta com as leituras variantes, “a crítica textual estabelece os *princípios e métodos* que permitem identificar e corrigir tais mudanças com o propósito de restabelecer o texto na forma mais próxima possível ao original” (TREBOLLE BARRERA, 1995, p. 439, grifo do autor). Esses métodos e princípios atuam por meio de um “exame criterioso da tradição manuscrita a fim de identificar as divergências, avaliar suas probabilidades e assim reconstruir o texto que melhor represente o original, ou a forma primitiva do autógrafo” (PAROSCHI, 2012, p. xv). O que se faz num trabalho acadêmico como este (dissertação) é um exercício em cima do que já foi feito pelos produtores dos aparatos críticos. Raramente, numa pesquisa nesse nível acadêmico, se descobre algo novo, entretanto é possibilitado o entendimento da escolha textual apresentada e excepcionalmente uma discordância.

Duas edições ecléticas ou críticas ganham espaço entre a maioria dos estudiosos do NT – UBS5 e NA²⁸ (embora haja quem prefira outras edições, conforme explicado na nota de rodapé nº 36). A edição do NT da United Bible Societies (UBS - atualmente em sua 5ª edição) traz menos variantes do que a NA²⁸ (*Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland, em sua 28ª edição), pois, de acordo com Trebolle Barrera (1995, p. 401), “as variantes selecionadas são aquelas que de alguma maneira afetam o trabalho de tradução” e, não obstante tal fato, “a massa

³⁵ “Testemunhas – termo aplicado a todas as cópias manuscritas do Novo Testamento anteriores a invenção da imprensa que permitem estabelecer um texto. Estão divididas em três tipos: (1) Manuscritos gregos de papiros, pergaminhos; (2) citações dos Pais da igreja (também lecionários) e; (3) versões do Novo Testamento em outras línguas”. CARVALHO, A. S. **A crítica e o texto do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Reflexão, 2017, p. 55. Na página 63 da mesma obra, informa-se que o número de manuscritos do NT é maior que 5.800.

de testemunhos aduzidos é muito maior”. Nesta pesquisa, o aparato utilizado para se fazer o exercício da crítica textual foi o da NA²⁸, uma vez que o da UBS5 não traz nenhuma variante, tendo em vista os motivos citados anteriormente.³⁶

A partir da análise do aparato crítico³⁷ dos 11 primeiros versos de Lucas 5, tem-se a percepção de que há vinte e cinco variantes e cinquenta e oito leituras. Entre estas destacam-se os v. 5/6 e 10/11, que são analisados juntos no aparato, e o v. 4, que não tem variante alguma. A descrição visual desses dados pode ser vista a seguir:

Quadro 4– Quantidade de variantes e leituras em Lc 5,1-11

Versículo (s)	Variante (s)	Leitura (s)
1	3	6
2	2	6
3	3	7
4	-	-
5/6	6	14
7	3	7
8	3	7
9	2	5
10/11	3	6
TOTAL	25	58

Fonte: autoria própria.

3.2.4.1 Análise das variantes e lições de Lc 5,1-11

O texto grego e suas variantes com as respectivas lições é apresentado passo a passo, conforme aparece (como o v. 4 não apresenta variantes, não será listado). Após a exposição desses pontos, segue-se uma análise deles.

3.2.4.1.1 Versículo 1: três variantes

³⁶ De acordo com BLACK, D. A. **New Testament textual criticism: a concise guide**. Grand Rapids: Baker Books, 1994, p. 39-40, tradução nossa, existem 4 abordagens de crítica textual do NT, ele elenca os epítetos e as características: “1. Ecletismo radical - a. O texto deve ser baseado apenas em evidências internas, b. Nenhum manuscrito ou grupo de manuscritos deve ser preferido, c. O resultado é um texto puramente ‘ecclético’; 2. Ecletismo arrazoado - a. O texto deve ser baseado em evidências internas e externas, b. A leitura dos “melhores” manuscritos é geralmente preferida, c. O resultado é um texto ‘crítico’; 3. Conservadorismo arrazoado - a. O texto deve ser baseado em evidências internas e externas, b. A leitura da maioria dos tipos de texto deve ser preferida, c. O resultado é um texto ‘difundido’; 4. Conservadorismo radical - a. O texto deve ser baseado apenas em evidências externas, b. A leitura da maioria dos manuscritos deve ser preferida, c. O resultado é um texto ‘majoritário’”. As edições UBS5 e NA²⁸ são caracterizadas pela abordagem 2 (ecletismo arrazoado).

³⁷ O modelo de exposição dos dados e a análise de crítica textual apresentados nesta dissertação seguirão os encontrados em NASCIMENTO JUNIOR, M. M. **Exigências indispensáveis para ser discípulo de Jesus: um estudo exegético-teológico de Lc 14,25-33**. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 25-33.

¹ Ἐγένετο δὲ ἔν τῳ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ **καὶ** ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ **καὶ** αὐτὸς ἦν ἐστὼς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a expressão **καὶ ἐγένετο** em lugar de Ἐγένετο δέ, que está no texto.³⁸

Texto: não há alteração semântica, uma vez que essas expressões são usadas intercambiavelmente em Lucas, “*e aconteceu*”.

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland, mantém a expressão Ἐγένετο δέ.

Texto: “*E aconteceu...*”.

Observação que servirá para as próximas lições, para as que terão o mesmo padrão desta lição 2 da variante 1 do v. 1. Embora não apareça a sigla *txt*, que é a usada pelo aparato para indicar a evidência manuscritológica que Nestle-Aland considera leitura original, é sabido que tal fato indica que a maioria ou todas as testemunhas que atestam tal leitura são subentendidas, conforme explicado abaixo:

A sigla “*txt*” introduz no aparato os manuscritos que apoiam a variante que Nestle-Aland considerou original. Muitas vezes, no entanto, são apresentados manuscritos para uma variante sem que o aparato assinale adicionalmente quais as testemunhas que defendem o texto. Nesses casos vale a regra: sempre que o aparato não apresentar explicitamente as testemunhas que defendem o texto, é pressuposto que ele esteja sendo apoiado pelo conjunto de todos os demais manuscritos não arrolados na(s) variante(s). Quando não explicitamente citado, “*txt*” é, pois, igual ao conjunto de todas as testemunhas do texto, menos as que apoiam a variante. (WEGNER, 2016, p. 85).

Comentário: A crítica externa atesta a lição 2, já que só um manuscrito, apesar de ser do séc. III, apoia a lição 1 e, como visto anteriormente, a maioria dos manuscritos e mesmo os mais antigos concordam com a lição 2. Quanto à crítica interna, a construção encontrada no verso 1 poderia ser tanto Ἐγένετο δέ quanto **καὶ ἐγένετο**, uma vez que as expressões com **ἐγένετο**, que são encontradas de três formas (ver a nota de rodapé 28) na literatura lucana, têm um modo que usa intercambiavelmente *kai egeneto (egeneto de) + kai + verbo finito (indicativo)*. Esta é a forma que se encontra em Lc 5,1. Apesar disso, o fato de que o copista de P⁷⁵ procurou

³⁸A sequência a ser analisada é: papiros, unciais, na sequência minúsculos e, por fim, versões antigas. Tal referência ocorrerá pela introdução do tipo de testemunha encontrada, com seu tipo descrito em negrito, sucedido pelo nome do documento e finalizando com a descrição dele e do século que foi produzido entre parênteses, como o primeiro exemplo a seguir: **Papiro** - Papiro 75 (**P⁷⁵ – séc. III**).

harmonizar 5,1 com 5,12 e 5,17; em que a expressão é construída com *kai egeneto* + *kai* + verbo finito, mostra a raiz da questão. Sendo assim, a lição com Ἐγένετο δέ é a *lectio difficilior* (leitura mais difícil) e a mais rudimentar.

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a substituição da conjunção coordenada καί pelo artigo neutro genitivo του.³⁹

Texto: “*Para ouvir a palavra de Deus.*”

Lição 2 – A lição adotada por Nestle-Aland, mantém a conjunção καί.⁴⁰

Texto: “*E ouvindo a palavra de Deus.*”

Comentário: as testemunhas que sustentam ambas as lições são variadas e bem abalizadas, embora o fiel da balança penda para a lição 2, pela citação dos unciais **Σ** e **B**, bem como do papiro 75. Na crítica interna vê-se uma tentativa da lição 1 de fazer a declaração infinitiva ter um caráter final (de propósito) pelo uso do infinitivo articulado com artigo genitivo neutro του + infinitivo (ἀκούειν) – indicando que, quando a multidão se reuniu apertando Jesus, seu propósito era ouvir a palavra de Deus. A lição 2 coloca a oração que inicia com καί como coordenada com a que tem o outro infinitivo (ἐπιχειῖσθαι) e os dois infinitivos regidos pela construção prepositiva ἐν τῷ, que traz a ideia temporal de simultaneidade (ver WALLACE, 2009, p. 594-595), “enquanto a multidão o apertava e ouvia a palavra de Deus.” Lucas “frequentemente usa o genitivo do artigo definido com um infinitivo (e geralmente sem preposição) para expressar propósito, resultado ou explicação” (FITZMYER, 2008, p. 108, tradução nossa). Com isso, é possível afirmar que os copistas das testemunhas da lição 1 tentaram harmonizar a construção com a que ocorre continuamente nos escritos lucanos. Logo, a lição 2 é a *lectio difficilior* e se ajusta bem com o contexto da simultaneidade dos participios no verso 1 e da parataxe que Lucas usa de maneira significativa.

Variante 3:

Lição 1 – Apresenta a substituição da construção: conjunção + pronome pessoal nominativo + mais que perfeito perifrástico καὶ αὐτὸς ἦν ἑστῶς, pela expressão com o particípio

³⁹ **Unciais** - Códice Ephraemi Syri rescriptus (C - séc. V), Códice Bezae Cantabrigiensis (D - séc. V), Códice Cyprius (K - séc. IX), Códice Guelferbytanus B (Q - séc. V), Códice Tischendorfianus (Γ - séc. X), Códice Sangallensis (Δ - séc. IX), Códice Korideti (Θ - séc. X), Códice Athous Lavrensis (Ψ - séc. IX/X); **Minúsculos** - Família 13 (f₁₃ - séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); Texto Majoritário (ℳ); **Versões Antigas** - A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (lat), Versão siríaca Filoxeniana (sy^{p.h} - 507/508 d.C.).

⁴⁰ **Papiro** - Papiro 75 (P75 - séc. III); **Unciais** - Códice Sinaítico (Σ - séc. IV), Códice Alexandrino (A - séc. V), Códice Vaticanus (B - séc. IV), Códice Regius (L - séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W - séc. IV/V); **Minúsculos** - Família 1 (f₁ - séc. XII-XV), 579 (séc. XIII), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII); **Lecionários** - l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial - 995/996 d.C.); **Versão Antiga** - Códice latino c (c - séc. XII/XIII).

perfeito genitivo masculino singular anartro e o pronome pessoal genitivo ἐστῶτος αὐτοῦ, formando um genitivo absoluto.⁴¹

Texto: “*Enquanto estava em pé...*”.

Lição 2: Lição adotada por Nestle-Aland, mantém a construção: conjunção + pronome pessoal nominativo + mais que perfeito perifrástico καὶ αὐτὸς ἦν ἐστῶς.

Texto: “*E ele estava em pé...*”.

Comentário: a crítica externa ampara a lição 2, já que a lição 1 só é encontrada em um uncial e em uma versão antiga, ambos do séc. V; enquanto as demais testemunhas apoiam a lição 2. Quanto à crítica interna, o genitivo absoluto é uma estrutura consideravelmente comum no NT, o que talvez explique o porquê de os copistas tentarem uma harmonização com o todo. Jesus estava em pé, apertado pela multidão, e viu (v. 2); “*enquanto estava em pé*” pressupõe simultaneidade, enfatiza o tempo, mas “*e ele estava em pé*” aponta o aspecto, o estado.

3.2.4.1.2 Versículo 2: duas variantes

² καὶ εἶδεν ἄλλοι ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην· οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ’ αὐτῶν ἀποβάαντες ἔπλυνον τὰ δίκτυα

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a mudança do substantivo acusativo neutro plural πλοῖα pelo substantivo acusativo neutro plural πλοιαρία.⁴²

Texto: “Dois *barquinhos*.”

Lição 2 – Apresenta a inversão entre os termos ἄλλοι πλοῖα e πλοιαρία.⁴³

Texto: Não há mudança de tradução, apenas a inversão das palavras.

Lição 3 – Apresenta apenas o substantivo πλοιαρία e omite o numeral ἄλλοι.⁴⁴

Texto: “*Barcos*.”

Lição 4 – A lição adotada por Nestle-Aland e vista no corpo do texto bíblico.⁴⁵

⁴¹ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V); **Versão Antiga** – Códice latino e (e – séc. V).

⁴² **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C* – séc. V, com correções), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Guelferbytanus B (Q – séc. V), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – 33 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X); **Lecionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); **Versão Antiga** – Códice latino f (f – séc. VI).

⁴³ **Unciais** – Códice Vaticano (B – séc. IV), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V); **Minúsculos** – 579 (séc. XIII), 892 (séc. IX); **Versão Antiga** – Códice latino e (e – séc. V).

⁴⁴ **Uncial** – Códice Sinaítico (S* – séc. IV, com correções).

⁴⁵ **Papiro** – Papiro 75 (P75 – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (S² – cerca do séc. VII, correção feita por um

Texto: “*Dois barcos.*”

Comentário: Com relação à crítica externa, a lição 3 tem apenas uma testemunha (séc. IV), a lição 2 tem 5 testemunhas (três mais antigas, sendo uma do séc. IV, outra do séc. IV/V e uma do séc. V), a lição 1 tem mais testemunhas que as anteriores (embora suas mais antigas testemunhas sejam do séc. V) e a lição 4 (o texto da NA²⁸) tem a maior gama de testemunhas (sendo a mais antiga do séc. III). Esta tem uma maior abrangência geográfica, incluindo mais testemunhas alexandrinas que a lição 1. As datas e os materiais ratificam a lição 4. Quanto à crítica interna, a colocação do numeral δύο (em oposição à lição 3) antecipa o que se vê no relato, a colocação de um segundo barco (v. 7), enquanto a inversão (lição 2) não afeta a tradução. Entretanto, a crítica externa a desfavorece. A leitura com πλοιαρία parece ser a *lectio difficilior*, uma vez que πλοῖα é encontrado no restante da perícopes. Isto seria visto como uma harmonização, colocaria a balança mais favorável a esta leitura (lição 1), mas não se tem o martelo batido.⁴⁶

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a substituição do verbo πλύνω (3ª pessoa plural do imperfeito do indicativo ativo - ἐπλυνον) pelo verbo ἀποπλύνω (3ª pessoa plural aoristo do indicativo ativo ἀπεπλυναν).⁴⁷

Texto: “*Lavaram as redes.*”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland com o imperfeito ἐπλυνον. Embora o aparato indique que também pode ser aoristo (vel ἐπλυναν), a diferença da lição 1 seria apenas a troca do verbo.⁴⁸

Texto: “*Lavavam as redes;*” ou, “*lavaram as redes.*”

segundo corretor), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C³ – cerca do séc. IX, correção feita por um terceiro corretor), Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V), Códice Cyprius (K – séc. IX), Códice Tischendorfianus (Γ – séc. X), Códice Sangallensis (Δ – séc. IX), Códice Korideti (Θ – séc. X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 2542 (séc. XIII); Texto Majoritário (ℳ); **Versões Antigas** - A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (lat), Versão siríaca Heracleana (sy^h – 616 d.C.).

⁴⁶ Ver Fitzmyer (2008, p. 566) e Marshall (1978, p. 201-202).

⁴⁷ **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C³ – cerca do séc. IX, correção feita por um terceiro corretor), Códice Cyprius (K – séc. IX), Códice Tischendorfianus (Γ – séc. X), Códice Sangallensis (Δ – séc. IX), Códice Korideti (Θ – séc. X), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); **Lecionários** - l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); Texto Majoritário (ℳ).

⁴⁸ **Papiro** - Papiro 75 (P⁷⁵ – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (S – séc. IV), Códice Vaticano (B – séc. IV), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C* – séc. V, com correções), Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Guelferbytanus B (Q – séc. V), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V); **Minúsculos** - 579 (séc. XIII), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII).

Comentário: A crítica externa apoia a lição 1; seja pela quantidade, seja pela maior distribuição geográfica, embora as testemunhas da lição 2 sejam mais antigas (como um papiro do séc. III e unciais: dois do séc. IV, três do séc. V e um do séc. IV/V). Essa lição gravita mormente em testemunhas Alexandrinas. Quanto à crítica interna, as palavras usadas são sinônimas, podendo ser usadas intercambiavelmente. Com relação ao conteúdo do texto, é mais coerente o ato de estarem lavando as redes (imperfeito) e não de terem terminado de lavar (aoristo), atestando a lição 2. Em Mc 1,19 eles estavam preparando ou consertando as redes para a próxima pesca – *καταρτίζοντες τὰ δίκτυα*. Embora seja usado o particípio, a ideia de algo em execução também é percebida e parece mais congruente ao relato, uma vez que os pescadores tinham acabado de desembarcar (*οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ’ αὐτῶν ἀποβάντες*).

3.2.4.1.3 Versículo 3: três variantes

³ ἐμβὰς δὲ εἰς ἓν τῶν πλοίων, ὃ ἦν [†] Σίμωνος, ἠρώτησεν αὐτὸν ἀπὸ τῆς γῆς ἐπαναγαγεῖν *ὀλίγον*· καθίσας δὲ *ἐκ τοῦ πλοίου ἐδίδασκεν* τοὺς ὄχλους.

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a inserção do artigo genitivo *του* ao texto, antes do substantivo *Σίμωνος*.⁴⁹

Texto: “O qual era *de* Simão.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland, apresenta apenas o substantivo genitivo *Σίμωνος*, o qual já traz a ideia de posse e consiste em um genitivo possessivo.⁵⁰

Texto: “O qual era *de* Simão.”

Comentário: A crítica externa favorece a lição 1; seja pela quantidade, seja pela maior distribuição geográfica, embora as testemunhas da lição 2 sejam mais antigas (como um papiro do séc. III, bem como unciais: dois do séc. IV, um do séc. V e um do séc. IV/V). Esta lição gravita mormente em testemunhas Alexandrinas, enquanto a primeira tem uma maior difusão geográfico-genealógica. Com relação à evidência interna, porém, o que se vê é que a lição 2

⁴⁹ **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C – séc. V), Códice Cyprius (K – séc. IX), Códice Guelferbytanus B (Q – séc. V), Códice Tischendorfianus (Γ – séc. X), Códice Sangallensis (Δ – séc. IX), Códice Korideti (Θ – séc. X), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (*f*₁ – séc. XII-XV), Família 13 (*f*₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); **Lecionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); Texto Majoritário (ℳ).

⁵⁰ **Papiro** – Papiro 75 (P⁷⁵ – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (ℵ – séc. IV), Códice Vaticano (B – séc. IV), Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V); **Minúsculo** – 579 (séc. XIII).

apresenta a *lectio brevior* (leitura mais breve), sendo, por isso, preferida.

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a substituição do advérbio *ὀλίγος* pelo pronome *ὅσον*, duplicando *ὅσον ὅσον*; o que dá uma acepção espacial⁵¹

Texto: “Se afastasse a *uma curta distância* da terra [praia/costa].”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland, que usa o advérbio *ὀλίγος*.

Texto: “Se afastasse *um pouco* da terra [praia/costa].”

Comentário: Quanto à crítica externa, a totalidade de testemunhas existentes atestam a lição 2; menos o códice D, que traz a lição 1. Na crítica interna, a lição 2 traz a *lectio brevior*, sem uma duplicação. Esta lição, semanticamente, tem a mesma acepção espacial, ou seja, de curto/pouco espaço.

Variante 3:

Lição 1 – Embora a sigla encontrada no texto seja de substituição longa, nessa primeira lição há uma inversão do verbo, na qual ele aparece na frente da expressão *ἐδίδασκεν ἐκ (ἀπο f_{1.13} 700) τοῦ πλοίου*. A substituição existente ocorre somente nas famílias 1 e 13 e no minúsculo 700, no qual se substitui a preposição *ἐκ* pela preposição *ἀπο*, embora não altere a tradução, pois as duas têm, nesse caso, o foco na origem – *de*.⁵²

Texto: “*Ensinava do barco*.”

Lição 2 – Apresenta a substituição da preposição *ἐκ* pela preposição *ἐν*, mudando o artigo e o substantivo, que, no texto da NA²⁸, está no genitivo e passa para o caso dativo – *ἐν τῷ πλοίῳ ἐδίδασκεν*.⁵³

Texto: “*No barco ensinava*.”

Lição 3 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁵⁴

Texto: “*Do barco ensinava*.”

⁵¹ Ver Arndt *et al* (2000, p. 729). A única testemunha dessa leitura *ὅσον ὅσον* é o **Uncial D**, Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V).

⁵² **Papiro** – Papiro 4 (P⁴_{vid} – séc. III, com a sigla vid, que indica uma leitura não totalmente segura); **Unciais** – Códice Alexandrino (**A** – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (**C** – séc. V), Códice Cyprius (**K** – séc. IX), Códice Regius (**L** – séc. VIII), Códice Guelferbytanus B (**Q** – séc. V), Códice Washingtoniano ou Freerianus (**W** – séc. IV/V), Códice Tischendorfianus (**Γ** – séc. X), Códice Sangallensis (**Δ** – séc. IX), Códice Korideti (**Θ** – séc. X), Códice Athous Lavrensis (**Ψ** – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 579 (séc. XIII), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 2542 (séc. XIII); **Lecionários** – I 844 (861/862 d.C.), I 2211 (**Uncial** – 995/996 d.C.); Texto Majoritário (**ℳ**); **Versões Antigas** – A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (**lat**), Versão siríaca Heracleana (sy^h – 616 d.C.).

⁵³ **Unciais** – Códice Sinaitico (**ℵ** – séc. IV), Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V); **Versões Antigas** – Códice latino e (e – séc. V), Copta Saídica (sa – a partir do séc. III).

⁵⁴ **Papiro** – Papiro 75 (P⁷⁵ – séc. III); **Unciais** – Códice Vaticano (**B** – séc. IV); **Minúsculos** – 1241 (séc. XII); 1424 (séc. IX/X).

Comentário: Com relação à crítica externa, a lição 1 tem maior abrangência testemunhal (quantidade e diversidade geográfico-genealógica), embora a sua testemunha mais antiga não possa ser atestada com certeza. A lição 2 tem o apoio do códice Sinaítico e a lição 3, além do papiro 75, tem a atestação do códice Vaticano. Com relação à crítica interna, a lição 2 foca no aspecto locativo, que poderia responder a seguinte pergunta: onde Jesus se assentou? No barco. Entretanto, o antecedente *καθίσας* – um particípio aoristo de *καθίζω*: sentar, assentar – evoca um tempo antecedente⁵⁵ ao do verbo ensinar, algo como “depois de assentar, do barco ensinava”. Diante disso, a ênfase não recai na localidade e sim na origem do ensino – “do barco” –, deixando a lição 1 como opção mais viável, uma vez que o foco da lição 2 está na ação a partir do barco.

3.2.4.1.4 Versículos 5/6: seis variantes

⁵ καὶ ἀποκριθεὶς ^τ Σίμων εἶπεν ^τ. Ἐπιστάτα, δι’ ὅλης ^τ¹ νυκτὸς κοπιάσαντες οὐδὲν ἐλάβομεν· ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου *χαλάσω τὰ δίκτυα*. ⁶ καὶ τοῦτο ποιήσαντες^τ συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ, *διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν*.

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a inclusão do artigo masculino singular *ο* antes do substantivo *Σίμων*.⁵⁶

Texto: “E respondendo Pedro disse”. Não altera a tradução, é apenas questão de ênfase em quem fala.

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁵⁷

Texto: “E respondendo Pedro disse.”

Comentário: A crítica externa, quanto à quantidade, confirma a lição 1; e, quanto à

⁵⁵ Ver WALLACE, Daniel B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009, p. 614.

⁵⁶ **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C – séc. V), Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V, colocado entre parênteses, indicando que há divergências com a lição em apreço), Códice Cyprius (K – séc. IX), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V), Códice Tischendorfianus (Γ – séc. X), Códice Korideti (Θ – séc. X), Códice Athous Lavrentis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 579 (séc. XIII), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 2542 (séc. XIII); Texto Majoritário (ℳ).

⁵⁷ **Papiro** - Papiro 75 (P⁷⁵ – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (S – séc. IV, com correções, e o asterisco está entre parênteses, indicando que há divergências com a lição em apreço), Códice Sinaítico (S² – cerca do séc. VII, correção feita por um segundo corretor), Códice Vaticano (B – séc. IV), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Sangallensis (A – séc. IX); **Minúsculo** – 1424 (séc. IX/X); **Lecionários** - l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.).

antiguidade, ampara a lição 2. Ambas consistem em cargas testemunhais que têm mais de uma geografia (com leve superioridade para a lição 1). A crítica interna sustenta a lição 2 pela *lectio brevior*.

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a inclusão do pronome dativo em 3ª pessoa *αυτω*.⁵⁸

Texto: “E respondendo Pedro disse *a ele*.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland, sem a inclusão da lição acima.⁵⁹

Texto: “E respondendo Pedro disse.”

Comentário: A crítica externa favorece a lição 1 pela quantidade de testemunhas aduzidas e a lição 2 pela antiguidade e qualidade. A crítica interna estabelece a lição 2 pela *lectio brevior*.

Variante 3:

Lição 1 – Apresenta a substituição do substantivo vocativo *Ἐπιστάτα*, por outro substantivo vocativo *Διδάσκαλε*.⁶⁰

Texto: “*Professor*”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “*Mestre*”

Comentário: A crítica externa é totalmente favorável à lição 2, já que a lição 1 conta com apenas uma testemunha, um uncial do séc. V (D), e a totalidade das testemunhas seguem a lição 2. Com relação à crítica interna, é comum em Lucas os discípulos chamarem Jesus de *ἐπιστάτης* (6 das 7 ocorrências do termo em Lc 5,5; 8,24[2x].45; 9,33.49; a única vez que não são os discípulos, são pessoas suplicando cura – dez leprosos – cf. 17,13), enquanto as pessoas em geral o chamam de *διδάσκαλος*. Desse modo, a lição 2 é sustentada.

⁵⁸ **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C – séc. V), Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V), Códice Cyprius (K – séc. IX), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V), Códice Tischendorfianus (Γ – séc. X), Códice Sangallensis (Δ – séc. IX), Códice Korideti (Θ – séc. X), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (*f*₁ – séc. XII-XV), Família 13 (*f*₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 579 (séc. XIII), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X); **Leccionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); **Texto Majoritário** (℞); **Versões Antigas** – A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (lat), Copta Saídica (sa – a partir do séc. III), Todos os manuscritos da versão siríaca (sy).

⁵⁹ **Papiro** – Papiro 75 (P75 – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (ℵ – séc. IV), Códice Vaticano (B – séc. IV); **Minúsculos** – 700 (séc. XI), 2542 (séc. XIII); **Versões Antigas** – Códice latino e (e – séc. V), Copta boárica (bo – a partir do séc. III).

⁶⁰ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V).

Variante 4:

Lição 1 – Apresenta a inclusão do artigo genitivo singular feminino τῆς.⁶¹

Texto: A frase em grego ficaria assim: δι’ ὅλης τῆς νυκτὸς κοπιάσαντες. Ela mostra que eles (os pescadores) “trabalharam duro a noite toda, ou durante a noite toda”. Todavia, a tradução tem um aspecto sensível, porque a construção ὅλης τῆς νυκτὸς tanto pode ser predicativa (“a noite é toda” seria o normal, mas estranho), na ordem adjetivo-artigo-nome (WALLACE, 2009, p. 307), quanto pode estar numa relação atributiva por causa do uso do adjetivo pronominal ὅλος (WALLACE, 2009, p. 308). Daí a frase “noite toda” ou “toda a noite”.

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland, sem nenhuma inclusão.⁶²

Texto: “Trabalharam duro durante *toda a noite*.”

Comentário: A crítica externa corrobora a lição 1 pela quantidade de testemunhas aduzidas, e a lição 2 pela antiguidade e qualidade. A crítica interna ampara a lição 2 pela *lectio brevior* e a lição 1 pela *lectio difficilior*.

Variante 5:

Lição 1 – De maneira geral, apresenta a substituição do plural τὰ δίκτυα pelo singular τὸ δίκτυον.⁶³

Texto: “Lançarei *a rede*.” Há pequenas alterações em testemunhas que apoiam essa lição: nos Unciais K e Ψ é mencionado “lançaremos” e na f¹ “lançaremos as redes.”

Lição 2 – Apresenta uma substituição de várias palavras no fim do v. 5 e início do v.

⁶¹ **Unciais** – Códice Ephraemi Syri rescriptus (C - séc. V), Códice Bezae Cantabrigiensis (D - séc. V), Códice Cyprius (K - séc. IX), Códice Tischendorfianus (Γ - séc. X), Códice Sangallensis (Δ - séc. IX), Códice Korideti (Θ - séc. X); **Minúsculos** – Família 1 (f¹ - séc. XII-XV), Família 13 (f¹³ - séc. XI-XV), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); Texto Majoritário (ℳ).

⁶² **Papiro** - Papiro 75 (P⁷⁵ - séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (S - séc. IV), Códice Alexandrino (A - séc. V), Códice Vaticano (B - séc. IV), Códice Regius (L - séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W - séc. IV/V), Códice Athous Lavrensis (Ψ - séc. IX/X); **Minúsculos** – 33 (séc. IX), 579 (séc. XIII); **Lecionários** - l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial - 995/996 d.C.).

⁶³ **Unciais** – Códice Alexandrino (A - séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C - séc. V), Códice Cyprius (K - séc. IX), Códice Tischendorfianus (Γ - séc. X), Códice Sangallensis (Δ - séc. IX), Códice Athous Lavrensis (Ψ - séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (f¹ - séc. XII-XV), Família 13 (f¹³ - séc. XI-XV), 33 (séc. IX, com a sigla vid, que indica uma leitura não totalmente segura), 565 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X, o manuscrito está entre parênteses indicando que há divergência ou alteração em relação a esta leitura, lição 1), 2542 (séc. XIII); Texto Majoritário (ℳ); **Versões Antigas** – A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (lat), Versão siríaca Filoxeniana (sy^{p.h} - 507/508 d.C.), as duas últimas testemunhas aparecem entre parênteses, indicando que há divergência ou alteração em relação a esta leitura (sa^{mss} bo^{pt}), Dois ou mais manuscritos saídicos apoiam esta lição (sa^{mss}), Cinco ou mais testemunhas boairicas apoiam esta leitura (bo^{pt}).

6. A leitura aponta: *οὐ μὴ παρακούσομαι (παρακούσομεν D¹) · καὶ εὐθὺς χαλάσαντες τὰ δίκτυα.*⁶⁴

Texto: “*De maneira alguma desobedecerei (desobedeceremos D¹)! E imediatamente lançaram as redes.*”

Lição 3 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁶⁵

Texto: “⁵ *Lançarei as redes.* ⁶ *E fizeram isto...*”

Comentário: A crítica externa favorece as lições 1 e 3 pela quantidade, sendo que a 3 também tem manuscritos mais antigos e ambas têm variação geográfica; a lição 2 tem apenas 2 testemunhas e uma só, em grego. A crítica interna pode apoiar a lição 1, já que, em toda a perícopes, *rede* aparece no plural (redes - *δίκτυα*), o que seria percebido como uma tentativa de harmonização da parte da lição 3. Todavia, a situação pode apenas apresentar a coerência com o todo e assim a lição 3 seria obsequiada. Observando as duas evidências (externa e interna), é possível perceber que a lição 3 fica estabelecida.

Variante 6:

Lição 1 – Apresenta a substituição do verbo *διαρήσσω* (na 3ª pessoa do singular, do imperfeito do indicativo passivo *διερρήσσετο*) pelo verbo cognato *διαρρήγνυμι* (na 3ª pessoa do singular, do imperfeito do indicativo passivo *διερρήγνυτο*). No tocante ao vocabulário, essa substituição não muda nada, mas substitui o plural *τὰ δίκτυα* pelo singular *τὸ δίκτυον*. Apesar disso, o Uncial Θ, os minúsculos fi. 579 e as versões latinas mantêm o plural.⁶⁶

Texto: “*E a rede deles estava sendo rasgada.*”

Lição 2 – Apresenta a substituição da conjunção *δὲ* pela conjunção *ὥστε*, bem como a substituição do verbo *διαρήσσω* (na 3ª pessoa do singular, do imperfeito do indicativo passivo *διερρήσσετο*) pelo verbo *ρήσσω* (presente do infinitivo médio-passivo *ρήσσεσθαι*), expressando a

⁶⁴ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V); **Versão Antiga** – O código e está entre parênteses, indicando que há divergência ou alteração em relação a esta leitura, Códice latino e (e – séc. V).

⁶⁵ **Papiro** – Papiro 75 (P75 – séc. III, com a sigla vid, que indica uma leitura não totalmente segura); **Unciais** – Códice Sinaítico (S – séc. IV), Códice Vaticano (B – séc. IV), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V), Códice Korideti (Θ – séc. X); **Minúsculos** – 579 (séc. XIII), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX); **Lecionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); **Versões Antigas** – Códice latino aur (aur – séc. VII), Códice latino c (c – séc. XII/XIII), Códice latino q (q – séc. VI/VII), dois ou mais manuscritos saídicos apoiam esta lição (sa^{ms}), cinco ou mais testemunhas boáfricanas apoiam esta leitura (bo^{pt}).

⁶⁶ **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C – séc. V, o manuscrito está entre parênteses, indicando que há divergência ou alteração em relação à lição em apreço), Códice Cyprius (K – séc. IX), Códice Tischendorfianus (Γ – séc. X), Códice Sangallensis (Λ – séc. IX), Códice Korideti (Θ – séc. X), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 565 (séc. IX), 579 (séc. XIII), 700 (séc. XI), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); **Lecionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); **Texto Majoritário** (M); **Versões Antigas** – Códice latino b (b – séc. V), Vulgata (séc. IV/V), Versão siríaca Filoxeniana (sy^{p,h} – 507/508 d.C.).

ideia de resultado a partir da construção ὥστε + infinitivo.⁶⁷

Texto: “*De forma que as redes se rasgavam.*”

Lição 3 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁶⁸

Texto: “*E as redes deles se rasgavam.*”

Comentário: A crítica externa atesta a lição 1, pela quantidade, e a lição 3, pela antiguidade e qualidade das testemunhas. A lição 2 só apresenta um uncial do séc. V e 3 versões antigas, mas que não trazem segurança à lição. Quanto à crítica interna, Lc-At usa o verbo διαρήσσω 3 vezes (Lc 5,6 [rompimento redes].8,29 [rompimento de grilhões]; At 14,14 [rompimento/rasgar vestes]). No NT, o verbo διαρρήγνυμι não aparece, embora este e o verbo διαρήσσω sejam cognatos. Isto apoia a lição 3.

3.2.4.1.5 Versículo 7: três variantes

⁷ καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις ^τ ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ τοῦ ἐλθόντος ^Γ συλλαβέσθαι αὐτοῖς· καὶ ἦλθον καὶ ἐπλησαν ἀμφότερα τὰ πλοῖα ὥστε ^τ βυθίζεσθαι αὐτά.

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a inclusão do artigo dativo plural τοῖς antes da expressão ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ, fazendo com que o artigo aja como um substantivador e tenha carga semântica de individualização ou categorização, antecedendo a frase preposicionada.⁶⁹

Texto: “*E acenaram para os companheiros, os que estavam no outro barco.*”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁷⁰

⁶⁷ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V); **Versões Antigas** – obs. Todas as versões antigas que apoiam esta lição estão entre parênteses, indicando que há divergência ou alteração em relação a esta leitura, lição 2; Códice latino e (**e** – séc. V), Códice latino f (**f** – séc. VI), Códice latino r¹ (**r**¹ – séc. VII).

⁶⁸ **Papiro** – Papiro 75 (**ϕ75** – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (**ℵ** – séc. IV), Códice Vaticano (**B** – séc. IV), Códice Regius (**L** – séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (**W** – séc. IV/V); **Minúsculos** – 33 (séc. IX, com a sigla vid, que indica uma leitura não totalmente segura, trazendo para o singular τὸ δίκτυον), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII); **Versão Antiga** – Versão siríaca Sinaítica (sy^s – séc. IV/V).

⁶⁹ **Unciais** – Códice Alexandrino (**A** – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (**C** – séc. V), Códice Cyprius (**K** – séc. IX), Códice Tischendorfianus (**Γ** – séc. X), Códice Sangallensis (**Δ** – séc. IX), Códice Korideti (**Θ** – séc. X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); **Lecionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); **Texto Majoritário** (**ℳ**); **Versões Antigas** – A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (**lat**), Copta Saídica (**sa** – a partir do séc. III).

⁷⁰ **Papiros** – Papiro 4 (**ϕ4vid** – séc. III, com a sigla vid, que indica uma leitura não totalmente segura), Papiro 75 (**ϕ75** – séc. III); **Unciais** – Códice Sinaítico (**ℵ** – séc. IV), Códice Vaticano (**B** – séc. IV), Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V), Códice Regius (**L** – séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (**W** – séc. IV/V).

Texto: “*E acenaram para os companheiros no outro barco.*”

Comentário: A crítica externa sustenta a lição 1, pela quantidade, e a lição 2, pela antiguidade e qualidade das testemunhas. A crítica interna afirma a lição 2 pela *lectio brevior*.

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a substituição do verbo συλλαμβάνω (aoristo do infinitivo médio συλλαβέσθαι) pelo verbo βοηθέω (aoristo do infinitivo ativo βοηθεῖν).⁷¹

Texto: “*Vieram para auxiliar a eles.*”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “*Vieram ajudar a eles.*”

Comentário: A crítica externa favorece a lição 2, já que a lição 1 só tem uma testemunha. O restante está com a segunda leitura. A crítica interna ampara a lição 2 pelo uso consistente feito pelo autor de συλλαμβάνω e a ausência completa em seus escritos de βοηθέω.

Variante 3:

Lição 1 – Apresenta a inclusão da expressão παρά τί antes do verbo βυθίζω (presente do infinitivo passivo βυθίζεσθαι). Traz um questionamento.⁷²

Texto: “*De forma que afundavam, junto a quem?*”

Lição 2 – Apresenta a inclusão do advérbio ἤδη antes do verbo βυθίζω (presente do infinitivo passivo βυθίζεσθαι).⁷³

Texto: “*De forma que já afundavam.*”

Lição 3 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “*De forma que afundavam.*”

Comentário: A crítica externa privilegia a lição 3, tanto em quantidade, quanto em qualidade e antiguidade. A lição 2 só tem uma testemunha, a lição 1 tem um uncial e algumas versões latinas e siríacas. Com relação à crítica interna, a lição 3 é apoiada pela *lectio brevior*.

IV/V), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); Minúsculos – 579 (séc. XIII), 700 (séc. XI); Versão Antiga - Códice latino a (a – séc. IV).

⁷¹ Uncial – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V).

⁷² Uncial – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V); Versões Antigas – Códice latino c (c – séc. XII/XIII), Códice latino e (e – séc. V), Códice latino r¹ (r¹ – séc. VII), Vulgata, edição clementina (vg^{cl} – 1592), Versão siríaca Sinaítica (sy^s – séc. IV/V), Versão siríaca Peshita (sy^p – c. séc. IV/V), Leitura à margem da versão siríaca Heracleana (sy^{hmg} – 616 d.C.).

⁷³ Uncial – Códice Ephraemi Syri rescriptus (C* – séc. V, com correções).

3.2.4.1.6 Versículo 8: três variantes

⁸ ἰδὼν δὲ Σίμων Πέτρος ᾗ προσέπεσεν τοῖς γόνασιν ᾧ Ἰησοῦ λέγων· ᾧ Ἐξέλθε ἀπ' ἐμοῦ, ὅτι ἀνὴρ ἁμαρτωλὸς εἰμι, κύριε.

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a substituição da frase ἰδὼν δὲ Σίμων Πέτρος pela frase ἰδὼν δὲ ὁ Σίμων, com a inclusão do artigo ὁ antes do nome Σίμων e a omissão do nome Πέτρος.⁷⁴

Texto: “E tendo visto [a pesca milagrosa], Simão Pedro.” O artigo antes do nome próprio apenas realça uma pessoa já conhecida ou simplesmente destaca o sujeito.⁷⁵

Lição 2 – Apresenta a substituição da frase ἰδὼν δὲ Σίμων Πέτρος pela frase ὁ δὲ Σίμων, com a inclusão do artigo ὁ, e a omissão do verbo εἶδον (particípio aoristo nominativo singular ἰδὼν) e do nome Πέτρος.⁷⁶

Texto: Nesse caso, o artigo funciona como um pronome pessoal (ele/ela) e o δὲ aparece na tradução: “*mas, ele*, Simão.”⁷⁷

Lição 3 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “E tendo visto [a pesca milagrosa], Simão Pedro,”

Comentário: A crítica externa favorece a lição 3 em todos os aspectos: quantidade, abrangência, qualidade e antiguidade. Com relação à crítica interna, tanto a lição 1, quanto a lição 2 apresentam delimitadores que visam explicar ainda mais o texto. Dessa forma, a lição 3 é afirmada pelo texto mais rudimentar (sem polimento) e mais simples.

Variante 2:

⁷⁴ **Uncial** – Códice Washingtoniano ou Freerianus (W – séc. IV/V); **Minúsculos** – Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII); **Versões Antigas** – Códice latino a (a – séc. IV), Códice latino b (b – séc. V), Códice latino e (e – séc. V), Códice latino r¹ (r¹ – séc. VII), Leitura à margem da versão siríaca Heracleana (sy^{hmg} – 616 d.C.).

⁷⁵ Wallace (2009, p. 245) explica que: “Além disso, o uso do artigo + nomes próprios é variado. Como uma regra geral, a presença do artigo nesses casos indica que a pessoa é conhecida”. E Wallace (2009, p. 242), explicando o uso do artigo com nomes nominativos (o que é o caso desta variante de Lc 5,8), informa que “normalmente um sujeito será articular...”.

⁷⁶ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V).

⁷⁷ Wallace (2009, p. 211) esclarece que o “Δέ é usado para indicar a mudança de sujeito. O artigo é usado para reportar a alguém anterior ao último sujeito nomeado.” O autor oferece alguns exemplos na p. 212.

Lição 1 – Apresenta a inserção do artigo masculino genitivo τοῦ antes do nome no genitivo Ἰησοῦ, o que não altera a tradução.⁷⁸

Texto: “Aos pés *de Jesus*.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “Aos pés de Jesus.”

Comentário: A crítica externa apoia a lição 2 por causa da quantidade e antiguidade. A crítica interna também privilegia a referida lição, tendo em vista um texto mais simples e mais breve. O artigo antes do nome de Jesus, com verbos de fala, é comum em Lucas (cf. Lc 4,4.8.12; 5,31.34; 6.3.9); provavelmente, os escribas que sustentam a lição 1 tentaram uma harmonização.

Variante 3:

Lição 1 – Apresenta a inserção do verbo παρακαλέω (1ª pessoa do presente do indicativo ativo παρακαλῶ) antes do verbo ἐξέρχομαι (2ª pessoa do singular do aoristo do imperativo ativo Ἐξέλθε).⁷⁹

Texto: “Eu *imploro*, afasta-te de mim.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “Afasta-te de mim.”

Comentário: A crítica externa ampara a lição 2 pela quantidade, antiguidade, abrangência e qualidade das testemunhas. A crítica interna ratifica a mesma lição por causa da *lectio brevior*.

3.2.4.1.7 Versículo 9: duas variantes

⁹ θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν **καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ** ἐπὶ τῇ ἄγρα τῶν ἰχθύων **ῶν**
συνέλαβον

Variante 1:

⁷⁸ **Unciais** – Códice Alexandrino (A – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (C – séc. V), Códice Regius (L – séc. VIII), Códice Korideti (Θ – séc. X), Códice Athous Lavrensis (Ψ – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (f₁ – séc. XII-XV), Família 13 (f₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 579 (séc. XIII), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X); **Lecionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.).

⁷⁹ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (D – séc. V); **Versões Antigas** – A totalidade ou a maioria das testemunhas Latinas Antigas, Ítala (it), Versão siríaca Peshita (sy^p – c. séc. IV/V, esta testemunha está entre parênteses, indicando que há divergência ou alteração em relação a esta leitura, lição 1).

Lição 1 – Apresenta a omissão da frase *καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ*,⁸⁰

Texto: “Assombro, pois, envolveu a ele, por causa da pesca dos peixes que pescaram.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “Assombro, pois, envolveu a ele, *e a todos que estavam com ele*, por causa da pesca dos peixes que pescaram.”

Comentário: A crítica externa é totalmente favorável à lição 2, já que a lição 1 só apresenta uma única testemunha do séc. V. A crítica interna apoia a lição 2 pela *lectio difficilior*, embora sustente a lição 1 pela *lectio brevior*. Quanto à questão da teologia e estilo do autor, o hagiógrafo utiliza a preposição *σύν* em outras partes para indicar a presença de outros personagens com o sujeito da ação (cf. Lc 1,56; 2,5.13; 7,12). Isto estabelece a lição 2.

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a substituição do pronome relativo nominativo masculino *ὃς* (genitivo plural *ῶν*) pelo pronome relativo feminino *ἥ* (dativo singular *ἥν*).⁸¹

Texto: “Por causa da pesca dos peixes, *à qual* fizeram.”

Lição 2 – Apresenta a substituição do pronome relativo nominativo masculino *ὃς* (genitivo plural *ῶν*) pelo pronome relativo feminino *ἥ* (acusativo singular *ἥν*).⁸²

Texto: “Por causa da pesca dos peixes, *a qual* fizeram.”

Lição 3 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁸³

Texto: “Por causa da pesca dos peixes que pescaram.”

Comentário: No que diz respeito à crítica externa, a lição 1 tem uma maior quantidade e abrangência que a lição 3, quanto à antiguidade. A única vantagem da lição 3 é um papiro do séc. III, pois ambas as lições têm unciais do séc. IV (1 – **Σ**, 3 – B), a lição 2 tem duas testemunhas e tardias. A crítica interna pode atestar tanto a lição 1, quanto a lição 3; seus pronomes concordam em gênero, número e caso com seus antecedentes (*ἄγρᾱ* – pesca, e *ἰχθύων* – peixes).

⁸⁰ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V).

⁸¹ **Unciais** – Códice Sinaítico (**Σ** – séc. IV), Códice Alexandrino (**A** – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (**C** – séc. V), Códice Cyprius (**K** – séc. IX), Códice Regius (**L** – séc. VIII), Códice Washingtoniano ou Freerianus (**W** – séc. IV/V), Códice Tischendorfianus (**Γ** – séc. X), Códice Sangallensis (**Δ** – séc. IX), Códice Athous Lavrensis (**Ψ** – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (**f**₁ – séc. XII-XV), Família 13 (**f**₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII), 1424 (séc. IX/X), 2542 (séc. XIII); **Lecionários** – / 844 (861/862 d.C.), / 2211 (Uncial – 995/996 d.C.); Texto Majoritário (**ℳ**); **Versões Antigas** – A Vulgata e alguns manuscritos latinos antigos (**lat**).

⁸² **Uncial** – Códice Korideti (**Θ** – séc. X); **Minúsculo** – 579 (séc. XIII).

⁸³ **Papiro** – Papiro 75 (**℘75** – séc. III); **Unciais** – Códice Vaticano (**B** – séc. IV), Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V); **Versões Antigas** – Códice latino (**aur** – séc. VII), Copta boairica (**bo** – a partir do séc. III).

A preferência por ὧν pode ser uma simplificação por ἧ. (MARSHALL, 1978, p. 205).

3.2.4.1.8 Versículos 10/11: três variantes

¹⁰ ὅμοιως δὲ καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην υἱοὺς Ζεβεδαίου, οἱ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι. καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα ὁ Ἰησοῦς· Μὴ φοβοῦ· ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν. ¹¹ καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν ἀφέντες ἅπαντα ἠκολούθησαν αὐτῷ

Variante 1:

Lição 1 – Apresenta a substituição do v. 10 e quase todo o v. 11: *p)* ἦσαν δὲ κοινωνοὶ αὐτοῦ Ἰάκωβος καὶ Ἰωάννης υἱοὶ Ζεβεδαίου· ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς· δεῦτε καὶ μὴ γινέσθε ἀλιεῖς ἰχθύων, ποιήσω γὰρ ὑμᾶς ἀλιεῖς ἀνθρώπων· οἱ δὲ ἀκούσαντες πάντα κατέλειψαν ἐπὶ τῆς γῆς καὶ. Só o final do v. 11 é igual.⁸⁴

Texto: “*E eram sócios dele Tiago e João filhos de Zebedeu; e ele disse-lhes: Venham e não sejais [mais] pescadores de peixe, pois, farei de vós pescadores e homens! Eles, ouvindo, tudo deixaram sobre a terra e.*” “Seguiram a ele (parte igual).”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “*E semelhantemente de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão, e Jesus disse a Simão: Não temas! De agora em diante serás pescador de homens. E arrastando os barcos para terra, deixando tudo o seguiram.*”

Comentário: A crítica externa afirma a lição 2, uma vez que a lição 1 só tem uma testemunha grega (uncial do séc. V) e uma testemunha latina (ainda assim, com alterações). Toda a carga manuscritológica e das versões lê-se como se encontra na NA²⁸. A crítica interna também ratifica a lição 2, tendo em vista a indicação no aparato de harmonização, assinalada pela sigla *p)*, que mostra a influência das passagens paralelas sobre a lição 1. Assim, a lição 2 é a *lectio difficilior*.

Variante 2:

Lição 1 – Apresenta a omissão do artigo ὁ antes do nome Ἰησοῦς (não altera a tradução. Ocorre apenas a ênfase).⁸⁵

⁸⁴ **Uncial** – Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V); **Versão Antiga** – Códice latino e (**e** – séc. V, esta testemunha está entre parênteses, indicando que há divergência ou alteração em relação a esta leitura, lição 1).

⁸⁵ **Unciais** – Códice Vaticano (**B** – séc. IV), Códice Regius (**L** – séc. VIII).

Texto: “Jesus.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.

Texto: “Jesus.”

Comentário: Embora a lição 1 tenha dois manuscritos alexandrinos como testemunha (**B, L**), a lição 2 tem o restante da tradição testemunhal (papiros, manuscritos, lecionários, texto majoritário e versões antigas), o que a corrobora. Quanto à crítica interna, o artigo antes do nome de Jesus, com verbos de fala, é comum em Lucas (cf. 4,4.8.12; 5,31.34; 6.3.9). Esta é uma característica vista em Lucas, o que reforça a lição 2.

Variante 3:

Lição 1 – Apresenta a substituição do adjetivo *πᾶς* (acusativo plural neutro *πάντα*) pelo adjetivo *ἅπας* (acusativo plural neutro *ἅπαντα*), sendo este último uma forma intensiva do primeiro (ARNDT *et al*, 2000, p. 98).⁸⁶

Texto: “Deixando tudo.”

Lição 2 – Lição adotada por Nestle-Aland.⁸⁷

Texto: “Deixando tudo.”

Comentário: A crítica externa suporta a lição 1, pela quantidade e abrangência de suas testemunhas. No entanto, apoia a lição 2 pela antiguidade e qualidade. Com relação à crítica interna, Lucas emprega *πᾶς* 158 vezes e *ἅπας* 11 vezes, mostrando que é algo comum neste evangelho. Isto favorece a lição 2.

3.3 Coesão interna

Após a delimitação e crítica textual, é mister analisar o texto em sua totalidade, a partir de sua organização interna, vendo cada parte (segmentação) e como elas se relacionam de uma maneira geral (estruturação). Após segmentar é preciso organizar as orações encontradas na perícopes em uma árvore de subordinação, passando depois pela disposição verbal que provê a distinção entre pano de fundo, primeiro plano e discurso direto. Em cada etapa haverá mais detalhamento. Ressalta-se, ainda, que a tradução literal estará em voga nessas etapas

⁸⁶ **Unciais** – Códice Alexandrino (**A** – séc. V), Códice Ephraemi Syri rescriptus (**C** – séc. V), Códice Cyprius (**K** – séc. IX), Códice Washingtoniano ou Freerianus (**W** – séc. IV/V), Códice Tischendorfianus (**Γ** – séc. X), Códice Sangallensis (**Δ** – séc. IX), Códice Korideti (**Θ** – séc. X), Códice Athous Lavrensis (**Ψ** – séc. IX/X); **Minúsculos** – Família 1 (**f**₁ – séc. XII-XV), Família 13 (**f**₁₃ – séc. XI-XV), 33 (séc. IX), 565 (séc. IX), 700 (séc. XI), 892 (séc. IX), 1241 (séc. XII); Texto Majoritário (**ℳ**).

⁸⁷ **Unciais** – Códice Sinaítico (**Σ** – séc. IV), Códice Vaticano (**B** – séc. IV), Códice Bezae Cantabrigiensis (**D** – séc. V), Códice Regius (**L** – séc. VIII); **Minúsculos** – 579 (séc. XIII), 1424 (séc. IX/X); **Leccionários** – l 844 (861/862 d.C.), l 2211 (Uncial – 995/996 d.C.).

(especialmente vista na segmentação) e que só depois de concluídas estas etapas será vista a estruturação geral do parágrafo lucano em estudo.

3.3.1 Segmentação e estruturação em Lc 5,-11

A segmentação é o desmontar do texto em unidades menores, frases (principais e secundárias), vocativos, apostos, elementos que elencam e enumeram, separando-os cada um em uma linha, de modo que o foco esteja na maneira como se entrelaçam (SILVA C., 2003, p. 84-86). Em outras palavras, como aclara Silva C. (2003, p. 85): “Segmentar o texto, portanto, significa reescrevê-lo de forma apenas exposta”. A seguir, é apresentado o texto grego de Lc 5,1-11, segmentado e com uma tradução literal na coluna ao lado. Após essa etapa ocorre a estruturação. Mais detalhes acerca deste passo serão dados antes de começá-lo.

Quadro 5 – Segmentação de Lucas 5,1-11

NA ²⁸	versos	Tradução Literal
Ἐγένετο δὲ	v.1a	E aconteceu
ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ	v.1b	Ao a multidão o apertar
καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ	v.1c	e ouvir a palavra de Deus
καὶ αὐτὸς ἦν ἐστὼς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ	v.1d	e ele estava em pé ao lado do lago de Genesaré
καὶ εἶδεν δύο πλοῖα	v.2a	E viu dois barcos
ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην	v.2b	parados junto ao lago
οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ’ αὐτῶν ἀποβάντες	v.2c	e os pescadores descendo deles
ἔπλυνον τὰ δίκτυα	v.2d	estavam lavando as redes
ἐμβὰς δὲ εἰς ἓν τῶν πλοίων	v.3a	E entrou para dentro um os barcos
ὃ ἦν Σίμωνος	v.3b	o que era de Simão
ἠρώτησεν αὐτὸν ⁸⁸	v.3c ₁	Pediu a ele
ἀπὸ τῆς γῆς	v.3d	da terra
ἐπαναγαγεῖν ὀλίγον	v.3c ₂	Afastar-se um pouco
καθίσας δὲ	v.3e	E sentou-se
ἐκ τοῦ πλοίου	v.3f	do barco
ἐδίδασκεν τοὺς ὄχλους	v.3g	começou a ensinar às multidões
Ὡς δὲ ἐπαύσατο λαλῶν	v.4a	e quando ele parou de falar
εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα	v.4b	disse para Simão
ἐπανάγαγε	v.4c	retorna ao mar
εἰς τὸ βάθος	v.4d	para dentro nas águas profundas
καὶ χαλάσατε	v.4e	e soltem
τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγρην	v.4f	vossas redes para pescar

(continua)

⁸⁸ STENGER, Werner. **Los métodos de la exégesis bíblica**. Barcelona: Editorial Herder, 1990, p. 58, tradução nossa, instrui que “Quando há inserções, isto é, quando uma oração ou unidade de enunciação é interrompida por outra, para ser retomada mais tarde, então, pode designar-se claramente a inserção acrescentando números às letras minúsculas (a₁, a₂, a₃, etc.).”

Quadro 5 – Segmentação de Lucas 5,1-11

NA ²⁸	versos	Tradução Literal
καὶ ἀποκριθεὶς Σίμων	v.5a	e respondendo Simão
εἶπεν	v.5b	Disse
ἐπιστάτα	v.5c	Mestre
δι' ὅλης νυκτὸς	v.5d	durante a noite toda
Κοπιάσαντες	v.5e	trabalhamos duro
οὐδὲν ἐλάβομεν	v.5f	nada nós pegamos
ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου	v.5g	Mas sobre a tua palavra
χαλάσω τὰ δίκτυα	v.5h	eu lançarei as redes
καὶ τοῦτο ποιήσαντες	v.6a	e isto fizeram
συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ	v.6b	eles pegaram muitos peixes
διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν	v.6c	Estavam prestes a rasgar as redes deles
καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις	v.7a	e sinalizaram aos sócios
ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ	v.7b	em o outro barco
τοῦ ἐλθόντας συλλαβέσθαι αὐτοῖς	v.7c	para vir ajudar eles
καὶ ἦλθον	v.7d	e eles vieram
καὶ ἐπλησαν ἀμφότερα τὰ πλοῖα	v.7e	e encheram ambos os barcos
ὥστε βυθίζεσθαι αὐτά	v.7f	de modo que eles estavam quase afundando
Ἰδὼν δὲ Σίμων Πέτρος	v.8a	E vendo isto Simão Pedro
προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ	v.8b	Prostrou-se aos joelhos de Jesus
Λέγων	v.8c	Dizendo
ἔξελθε ἀπ' ἐμοῦ	v.8d	Afasta-te de mim
ὅτι ἀνὴρ ἁμαρτωλὸς εἰμι	v.8e	porque um homem pecador eu sou
Κύριε	v.8f	Senhor
θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν	v.9a	espanto, pois, se apoderou dele
καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ	v.9b	e todos aqueles com ele
ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων ὧν συνέλαβον	v.9c	pela pesca de peixes que tinham pegado
ὁμοίως δὲ	v.10a	Igualmente também
καὶ Ἰάκωβον	v.10b	Tiago
καὶ Ἰωάννην	v.10c	e João
υἱοὺς Ζεβεδαίου	v.10d	filhos de Zebedeu
οἳ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι	v.10e	que eram sócios de Simão
καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα	v.10f	E disse para Simão
ὁ Ἰησοῦς	v.10g	Jesus
μὴ φοβοῦ	v.10h	Não tenhas medo
ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν	v.10i	De agora em diante, de homens serás apanhador
καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν	v.11a	e reconduzindo os barcos à terra
ἀφέντες πάντα	v.11b	deixaram tudo
ἠκολούθησαν αὐτῷ	v.11c	seguiram a ele

Fonte: autoria própria.

(conclusão)

O próximo passo é a estruturação. Conforme apontado por Stenger (1990, p. 60-61; 68-71), este passo pode ser elencado e verificado em textos narrativos, a partir de análise temporal, espacial, de mudança de personagens, bem como a partir da percepção da progressão

dos acontecimentos narrados e da mudança dos falantes. Em todos os textos (narrativos, poéticos, retóricos e argumentativos), a estruturação também pode ser observada pela presença de títulos intermediários, resumos, comentários do autor/redator, fórmulas de citação, inclusão, disposição concêntrica e quiasmo.

Cada texto tem as suas estruturas (elementos catalogados acima). Compete ao pesquisador/leitor percebê-las e conferir como se relacionam. Nesse sentido, cabe ressaltar que os termos “estrutura” e estruturação”, usados neste texto, não têm relação com a ideia de estruturalismo (para observar essa diferença, ver SILVA C. 2003, p. 94-95).

O texto em estudo é de característica narrativa, fato explicitado pelas estruturas encontradas na perícopie: há ações distintas em espaços geográficos diferentes – “mar” e terra. Existem, também, actantes que falam e agem. Alguns são como os barcos e as redes, apenas sofrem as ações, e outros são mais destacados, como Jesus e Pedro. Por fim, tem-se um direcionamento baseado no foco da atenção, um zoom de fora para dentro e de dentro para fora.

Esta pluralidade de estruturas literárias, aparentemente, traz ao estudo uma difusão do conteúdo: afinal, para onde devo seguir? Apesar disso, é possível observar um alinhamento de sistemas, como há no corpo humano (STENGER, 1990). Cada tipo de texto apresenta características próprias, embora não se encontrem todas as estruturas possíveis em perícopes com os mesmos tipos textuais. Por isso, cada uma precisa ser estudada separadamente, permitindo que, através de análise acurada, os elementos estruturais sejam percebidos. Quanto a isto, Silva C. (2003) complementa:

É imprescindível estar atento ao fato de que cada texto possui seu próprio sistema de relações, o que obriga o exegeta a respeitar o texto e deixar que este o conduza. O número de estruturas, bem como os critérios que as definem, varia de texto para texto, de acordo com o estilo e a competência do autor/redator. (SILVA C. 2003, p. 97).

Diante do que foi exposto, segue-se a estruturação de Lc 5,1-11; com os elementos encontrados no texto: personagens e suas ações, espaços geográficos e foco de atenção. Ressalta-se, também, que os personagens ganham mais destaque devido sua atuação na história. As demais estruturas apoiam o que há no plano dos actantes.

Quadro 6 – Estruturação de Lucas 5,1-11

			NA ²⁸	versos	Tradução Literal	Sujeitos e Ações (A, B..)	Espaços geográficos (1, 2...)	Foco de Atenção (α, β, γ...)
1	α	A	Ἐγένετο δὲ	v.1a	Aconteceu agora	Descrição circunstancial	Terra: próximo ao mar da Galileia	Movimento de fora para dentro: <i>Multidão</i>
		B	ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ	v.1b	em a multidão se comprimia ao redor dele	Multidão: reunida para ouvir Jesus ensinar a Palavra		
			καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ	v.1c	e ouvir a palavra de Deus			
		C	καὶ αὐτὸς ἦν ἐστῶς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ	v.1d	e ele estava em pé ao lado do lago de Genesaré	Jesus: Preparação para ação, vê os barcos		<i>Dois barcos</i>
			καὶ εἶδεν δύο πλοῖα	v.2a	E ele viu dois barcos			
			ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην	v.2b	parados junto ao lago			
		D	οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ' αὐτῶν ἀποβάντες	v.2c	e os pescadores de descendo deles	Pescadores: saem dos barcos, e se preparam para a próxima pesca		<i>Pescadores</i>
			ἔπλυνον τὰ δίκτυα	v.2d	estavam lavando as redes			
		E	ἐμβὰς δὲ εἰς ἓν τῶν πλοίων	v.3a	E entrou para dentro um os barcos	Jesus: entra no barco de Simão e pede que ele se afaste um pouco da praia		<i>Barco de Simão</i> <i>Águas rasas</i>
			ὃ ἦν Σίμωνος	v.3b	o que era de Simão			
			ἠρώτησεν αὐτὸν	v.3c ₁	Pediu a ele			
			ἀπὸ τῆς γῆς	v.3d	da terra			
			ἐπαναγαγεῖν ὀλίγον	v.3c ₂	Afastar-se um pouco			
2	β	F	καθίσας δὲ	v.3e	E sentou-se	Jesus: Ação - ensino da Palavra	“Mar” raso: (próximo à margem)	Movimento de dentro para fora: <i>Jesus no barco de/com Pedro</i>
			ἐκ τοῦ πλοίου	v.3f	do barco			
			ἐδίδασκεν τοὺς ὄχλους	v.3g	começou a ensinar às multidões			
		G	Ὡς δὲ ἐπαύσατο λαλῶν	v.4a	e quando ele parou de falar	Jesus: Preparação para nova ação, pede para Simão ir para o fundo e lançar as redes		<i>Pregação</i> <i>Pedido para pescar</i>
			εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα	v.4b	disse para Simão			
			ἐπανάγαγε	v.4.c	retorna ao mar			
			εἰς τὸ βάθος	v.4d	para dentro nas águas profundas			
			καὶ χαλάσατε	v.4e	e soltem			
			τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγρην	v.4f	vossas redes para pescar			

(continua)

Quadro 6 – Estruturação de Lucas 5,1-11

			NA ²⁸	versos	Tradução Literal	Sujeitos e Ações (A, B..)	Espaços geográficos (1, 2...)	Foco de Atenção (α, β, γ...)
2		H	καὶ ἀποκριθεὶς Σίμων	v.5a	e respondendo Simão	Simão: obedece por causa da palavra	“Mar” raso: (próximo à margem)	Movimento de dentro para fora: Pedro decide lançar as redes Lançam as redes
			εἶπεν	v.5b	Disse			
			ἐπιστάτα	v.5c	Mestre			
			δι’ ὅλης νυκτός	v.5d	durante a noite toda			
			κοπιάσαντες	v.5e	trabalhamos duro			
			οὐδὲν ἐλάβομεν	v.5f	nada nós pegamos			
			ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου	v.5g	Mas sobre a tua palavra			
			χαλάσω τὰ δίκτυα	v.5h	eu lançarei as redes			
3	β		καὶ τοῦτο ποιήσαντες	v.6a	e isto fizeram	Pescadores do barco de Pedro: seguem a ordem de Jesus e pegam peixes	“Mar” fundo: (águas profundas)	Pegam peixes Chamam sócios
			συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ	v.6b	eles pegaram muitos peixes			
		J	διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν	v.6c	Estavam prestes a rasgar as redes deles	Redes: estavam prestes a rasgar		
		K	καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις	v.7a	e sinalizaram aos sócios	Pescadores do barco de Pedro: pedem ajuda		
			ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ	v.7b	em o outro barco			
			τοῦ ἐλθόντας συλλαβέσθαι αὐτοῖς	v.7c	para vir ajudar eles			
	γ	L	καὶ ἦλθον	v.7d	e eles vieram	Sócios: vieram ajudar		Movimento de fora para dentro: Sócios vêm Enchem os barcos
		M	καὶ ἔπλησαν ἀμφοτέρα τὰ πλοῖα	v.7e	e encheram ambos os barcos	Barcos: cheios e quase afundando		
			ὥστε βυθίζεσθαι αὐτά	v.7f	de modo que eles estavam quase afundando			
	δ		N	Ἴδὼν δὲ Σίμων Πέτρος	v.8a	E vendo isto Simão Pedro		Pedro: diante da pesca operada pela Palavra, reconhece a santidade de Jesus, e que é pecador
προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ				v.8b	Prostrou-se aos joelhos de Jesus			
λέγων				v.8c	Dizendo			
ἔξελθε ἀπ’ ἐμοῦ				v.8d	Afasta-te de mim			
ὅτι ἄνθρωπος ἁμαρτωλός εἰμι				v.8e	porque um homem pecador eu sou			
κύριε				v.8f	Senhor			

(continua)

Quadro 6 – Estruturação de Lucas 5,1-11

			NA ²⁸	versos	Tradução Literal	Sujeitos e Ações (A, B..)	Espaços geográficos (1, 2...)	Foco de Atenção (α, β, γ...)
3	δ	O	θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτόν	v.9a	espanto, pois, se apoderou dele	Pedro, Tiago, João e seus colaboradores: ficaram temerosos diante da presença de Jesus e seu poder evidenciado na pesca	“Mar” fundo: (águas profundas)	Movimento de dentro para fora:
			καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ	v.9b	e todos aqueles com ele			<i>Espanto de Pedro</i>
			ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων ὧν συνέλαβον	v.9c	pela pesca de peixes que tinham pegado			<i>Espanto dos que estavam no barco de Pedro</i>
			ὁμοίως δὲ	v.10a	Igualmente também			
			καὶ Ἰάκωβον	v.10b	Tiago			
			καὶ Ἰωάννην	v.10c	e João			
			υἱοὺς Ζεβεδαίου	v.10d	filhos de Zebedeu			<i>Espanto de Tiago e João</i>
		οἱ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι	v.10e	que eram sócios de Simão				
		P	καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα	v.10f	E disse para Simão	Jesus: convida Pedro para ser pescador de homens		<i>Chamado para Pedro</i>
			ὁ Ἰησοῦς	v.10g	Jesus			
			μὴ φοβοῦ	v.10h	Não tenhas medo			
			ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγράων	v.10i	De agora em diante, de homens serás apanhador			<i>Tiago e João também aderem</i>
4		Q	καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν	v.11a	e reconduzindo os barcos à terra	Pedro, Tiago e João: deixaram tudo e seguiram a Jesus	Terra: margem do mar da Galileia	<i>Deixam os barcos na praia e seguem Jesus</i>
			ἀφέντες πάντα	v.11b	deixaram tudo			
			ἠκολούθησαν αὐτῷ	v.11c	seguiram ele			

Fonte: autoria própria.

(conclusão)

Na estrutura que foca os personagens e suas ações tem-se o personagem Jesus como principal. A multidão, os pescadores, Pedro, Tiago e João são apresentados como coadjuvantes, embora, em um momento, Pedro assuma proeminência ao atender a ordem de Jesus. Pedro vê o milagre, reconhece sua condição e tem uma percepção da identidade sublime de Jesus. É a esse Cristo que os três sócios seguem, deixando tudo.

A estrutura que foca no espaço geográfico aponta para dois espaços – terra e mar. Na terra, as pessoas ouvem e seguem; no mar, obedecem porque ouviram, veem milagres e vislumbram a natureza daquele que chama para segui-lo. Palatino (2018, p. 15, tradução nossa)

explica que “este retorno à terra (v.11) define o novo espaço onde se desenvolverá o seguimento de Jesus para a captura dos homens. Tudo o que aconteceu longe da multidão é em vista desse retorno à terra dos homens. As multidões logo retornarão (v.15).”

Com relação à estrutura do foco de atenção, é relevante observar dois focos de dentro para fora e dois de fora para dentro. Entretanto, os eventos mais importantes se dão no foco que se dá de dentro para fora (β , δ). Nas focalizações α e γ pode-se verificar um preparo para o que vem a seguir: pesca e chamado.⁸⁹

3.3.2 Árvore da subordinação em Lc 5,1-11

Esta etapa marca o funcionamento orgânico do texto, ou seja, como se relacionam as orações. Portanto, cabe fazer uma ressalva: segundo Wallace (2009, p. 656-657), as orações coordenadas serão nomeadas de “independentes”, e as subordinadas de “dependentes”, sendo que as dependentes serão identificadas de acordo com a sua estrutura (se são infinitivas, participiais, conjuntivas ou relativas). (WALLACE, 2009, p. 659). Sendo assim, no capítulo 4, que tratará da sintaxe, as funções sintáticas de cada uma delas serão explanadas (WALLACE, 2009, p. 660-665). Neste ponto, ocorre apenas a verificação da distinção entre as orações. A análise dos elementos sintáticos, sua conexão, sentido e função comunicativa acontece no capítulo 4.

- | | | |
|-----------|---|------------------------------|
| 1a | Ἐγένετο δὲ | Oração independente |
| 1b | ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ | Oração dependente infinitiva |
| 1c | καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ | Oração dependente infinitiva |
| 1d | καὶ αὐτὸς ἦν ἐστῶς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρὲτ | Oração independente |
| 2a | καὶ εἶδεν δύο πλοῖα ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην | Oração independente |
| 2b | οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ' αὐτῶν ἀποβάαντες | Oração independente |
| 2c | ἔπλυνον τὰ δίκτυα | Oração independente |

⁸⁹ Palatino (2018, p. 15, tradução nossa) enfatiza unicamente o chamado e, por isso, apresenta uma só focalização: “A focalização do narrador torna-se mais precisa, passando do geral ao específico: a multidão (v.1), os dois barcos parados à beira do lago (v.2) e Simão, dono de um dos barcos (v.3). Estamos perante um movimento de concentração que revela uma sutileza literária singular: assim o leitor é convidado a concentrar a sua atenção nos dois verdadeiros protagonistas deste acontecimento: Jesus e Simão.”

3a	ἐμβὰς δὲ εἰς ἓν τῶν πλοίων Oração dependente participial
3b	ὃ ἦν Σίμωνος Oração dependente relativa
3c	ἠρώτησεν αὐτὸν ἀπὸ τῆς γῆς Oração independente
3d	ἐπαναγαγεῖν ὀλίγον Oração dependente infinitiva
3e	καθίσας δὲ Oração dependente participial
3f	ἐκ τοῦ πλοίου ἐδίδασκεν τοὺς ὄχλους Oração independente
4a	Ὡς δὲ ἐπαύσατο λαλῶν Oração dependente conjuntiva
4b	εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα Oração independente
4c	ἐπανάγαγε εἰς τὸ βάθος Oração independente
4d	καὶ χαλάσατε τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγραν Oração independente
5a	καὶ ἀποκριθεὶς Oração dependente participial
5b	Σίμων εἶπεν Oração independente
5c	ἐπιστάτα· Vocativo
5d	δι' ὅλης νυκτὸς κοπιάσαντες Oração dependente participial
5e	οὐδὲν ἐλάβομεν Oração independente
5f	ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου χαλάσω τὰ δίκτυα Oração independente adversativa
6a	καὶ τοῦτο ποιήσαντες Oração dependente participial
6b	συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ Oração independente
6c	διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν Oração independente
7a	καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ Oração independente
7b	τοῦ ἐλθόντας συλλαβέσθαι αὐτοῖς Oração dependente infinitiva
7c	καὶ ἦλθον Oração independente
7d	καὶ ἔπλησαν ἀμφοτέρω τὰ πλοῖα Oração independente
7d	ὥστε βυθίζεσθαι αὐτά Oração dependente infinitiva
8a	Ἰδὼν δὲ Oração dependente participial

8b	Σίμων Πέτρος προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ Oração independente
8c	Λέγων Oração dependente participial
8d	ἔξελθε ἀπ' ἐμοῦ Oração independente
8e	ὅτι ἀνὴρ ἁμαρτωλός εἰμι Oração dependente conjuntiva
8f	Κύριε Vocativo
9a	θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων Oração independente explicativa
9b	ὧν συνέλαβον Oração dependente relativa
10a	ὁμοίως δὲ καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην υἱοὺς Ζεβεδαίου oração independente
10b	οἱ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι Oração dependente relativa
10c	καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα ὁ Ἰησοῦς Oração independente
10d	μὴ φοβοῦ Oração independente
10e	ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγράων Oração independente
11a	καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν Oração dependente participial
11b	ἀφέντες πάντα Oração dependente participial
11c	ἠκολούθησαν αὐτῷ oração independente

3.3.3 Distribuição da comunicação (plano comunicativo – disposição verbal)

Esta etapa segue a orientação encontrada em Grilli, Guidi e Obara (2018), bem como em Niccacci (1992); quanto à diferenciação verbal. Esta se dá segundo Niccacci (1992, p. 89, tradução nossa), porque “através do uso de formas verbais, o escritor manifesta sua vontade de estabelecer uma ligação lógica entre as diferentes unidades literárias.” Primeiramente, faz-se essa discriminação de maneira geral, como ocorre nos versos; depois, esta distinção foi vista já em seus agrupamentos de pano de fundo, primeiro plano e discurso direto, tanto em grego quanto em português.

O foco principal é a alternância entre o aoristo e o imperfeito, e como eles moldam a narrativa. O primeiro geralmente é característico do primeiro plano, da novidade; já o segundo

é característico do pano de fundo, da caracterização⁹⁰, conforme explicado a seguir:

Na narrativa greco-bíblica, o aoristo é, portanto, uma forma do nível principal e do primeiro plano, enquanto o imperfeito é uma forma de um nível secundário, normalmente com função de pano de fundo ou de antecedente. Com base nesses dados, podemos construir um método de leitura da narrativa do Novo Testamento. (NICCACCI, 1992, p. 99, tradução nossa).

Embora os dois tempos verbais supracitados sejam importantes, há outras características para a construção do pano de fundo. De acordo com Guidi (2018, p. 66-67, tradução nossa), essas características podem ser: o uso do mais-que-perfeito, do particípio, do perfeito e de “todas as expressões de nível secundário que indicam os limites do relato, mas também determinam suas pausas e as mudanças de ritmo.”

Guidi (2018, p. 67-68) explica que, além do aoristo, o presente histórico marca a linha do primeiro plano, mas faz a seguinte ressalva (p. 67, tradução nossa): “Mesmo sendo o ponto de partida, o tempo verbal não é um critério isolado para a estruturação de um texto. Em alguns casos, ações essenciais à fábula vêm expressas mediante imperfeitos.” Para ajudar nessa identificação, ele informa que:

Além dos sinais gramaticais mencionados, que em todo caso deverão ser identificados em relação com o estilo literário do autor em questão, também contribuem à focalização narrativa os elementos essenciais de um *gênero literário*, ou *formas retóricas*, como por exemplo um paralelismo estrutural. Estas formas acompanham a função comunicativa do verbo e a especificam. Em caso de dúvida, será sempre a fábula ou dramatização narrativa que constitui o último critério de referência para avaliar a estruturação proposta. Com efeito, pertencem à dita dramatização única e exclusivamente as ações essenciais sem as quais a narração se tornaria incoerente em sua sucessão lógico-cronológica. (GUIDI, 2018, p. 68, grifo do autor e tradução nossa).

⁹⁰ “Na narrativa, o aoristo é a forma normal do primeiro plano, enquanto o imperfeito é a forma do nível secundário; o aoristo comunica as informações básicas da história, sua estrutura básica, enquanto o imperfeito comunica as informações anteriores à história (antecedente) ou informações de pano de fundo. A combinação das formas verbais do primeiro plano com as do nível secundário cria o relevo da narrativa; a alternância de um e outro marca o ritmo da história, sua evolução, suas pausas e retomadas até sua conclusão... as funções do imperfeito são percebidas em relação (e contraste) com o aoristo. Basicamente, a relação do imperfeito com o aoristo é de dependência sintática: mesmo que não dependa do ponto de vista gramatical (ou seja, se não for precedido por uma conjunção subordinada), o imperfeito, como forma de nível secundário, depende do aoristo, que é a forma do nível principal e a forma independente.” NICCACCI, A. Dall’*aoristo all’imperfetto* o dal primo piano allo sfondo: Un paragone tra sintassi greca e sintassi hebraica. *Liber Annuus*, Jerusalém, Studium Biblicum Franciscanum, v. 42, 1992, p. 107, tradução nossa.

Quadro 7 – Distinção verbal em Lc 5,1-11

	Particípio	Presente	Aoristo	Imperfeito	Futuro
v.1	ἑστῶς	ἐπικεῖσθαι (inf) / ἀκούειν (inf)	Ἐγένετο	ἦν	
v.2	ἑστῶτα / ἀποβάντες		εἶδεν	ἔπλυνον	
v.3	ἐμβὰς / καθίσας		ἠρώτησεν / ἐπαναγαγεῖν (imp)	ἦν / ἐδίδασκεν	
v.4	λαλῶν		ἐπαύσατο / εἶπεν / ἐπανάγαγε (imp) / χαλάσατε (imp)		
v.5	ἀποκριθεὶς / κοπιάσαντες		εἶπεν / ἐλάβομεν		χαλάσω
v.6	Ποιήσαντες		συνέκλεισαν	διερρήσσετο	
v.7	ἐλθόντας	βυθίζεσθαι (inf)	κατένευσαν / συλλαβέσθαι (inf) / ἦλθον / ἔπλησαν		
v.8	Ἰδὼν / λέγων	εἰμι	Προσέπεσεν / ἔξελθε (imp)		
v.9	Συνέλαβον		περιέσχεν		
v.10	ζωγρῶν	φοβοῦ (imp)	εἶπεν	ἦσαν	ἔση
v.11	Καταγαγόντες / ἀφέντες		ἠκολούθησαν		

Fonte: autoria própria.

Com essa distinção entre os verbos, o próximo passo é a colocação do texto dentro de sua trama narrativa do primeiro plano, do pano de fundo e do discurso direto. A seguir, é possível observar esses aspectos, em grego e em português.

Quadro 8 – Discriminação das ações em grego

	PANO DE FUNDO	PRIMEIRO PLANO	DISCURSO DIRETO
v. 1		Ἐγένετο δὲ	
	ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ		
	καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ		
	καὶ αὐτὸς ἦν ἑστῶς		
	παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ		
v.2		καὶ εἶδεν δύο πλοῖα ἑστῶτα παρὰ τὴν λίμνην	
	οἱ δὲ ἀλιεῖς ἀπ' αὐτῶν ἀποβάντες		
	ἔπλυνον τὰ δίκτυα		

(continua)

Quadro 8 – Discriminação das ações em grego

	PANO DE FUNDO	PRIMEIRO PLANO	DISCURSO DIRETO
v.3	ἐμβὰς δὲ εἰς ἓν τῶν πλοίων		
	ὃ ἦν Σίμωνος		
		ἠρώτησεν αὐτὸν ἀπὸ τῆς γῆς ἐπαναγαγεῖν ὀλίγον	
	καθίσας δὲ ἐκ τοῦ πλοίου		
	ἐδίδασκεν τοὺς ὄχλους		
v. 4	Ὡς δὲ ἐπαύσατο λαλῶν	εἶπεν πρὸς τὸν Σίμονα	ἐπανάγαγε εἰς τὸ βάθος
			καὶ χαλάσατε τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγρην
v. 5	καὶ ἀποκριθεὶς Σίμων	εἶπεν	ἐπιστάτα,
			δι' ὅλης νυκτὸς κοπιάσαντες οὐδὲν ἐλάβομεν
			ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου χαλάσω τὰ δίκτυα
v.6	καὶ τοῦτο ποιήσαντες	συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ	
		διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν	
v.7		καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις	
		ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ τοῦ ἐλθόντας συλλαβέσθαι αὐτοῖς	
		καὶ ἦλθον καὶ ἔπλησαν ἀμφότερα τὰ πλοῖα	
		ὥστε βυθίζεσθαι αὐτά	
v.8	Ἰδὼν δὲ Σίμων Πέτρος	προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ λέγων	ἔξελθε ἀπ' ἐμοῦ
			ὅτι ἀνὴρ ἁμαρτωλὸς εἰμι, κύριε
v.9	θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν		
	καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ		
	ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων		
	ὧν συνέλαβον		
v. 10	ὁμοίως δὲ καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην		
	υἱοὺς Ζεβεδαίου οἱ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι		
	καὶ	εἶπεν πρὸς τὸν Σίμονα ὁ Ἰησοῦς	μὴ φοβοῦ
			ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγράων

(continua)

Quadro 8 – Discriminação das ações em grego

	PANO DE FUNDO	PRIMEIRO PLANO	DISCURSO DIRETO
v. 11	καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν		
	ἀφέντες πάντα	ἠκολούθησαν αὐτῷ	

Fonte: autoria própria.

(conclusão)

Quadro 9 – Discriminação das ações em português

	PANO DE FUNDO	PRIMEIRO PLANO	DISCURSO DIRETO
v. 1		Aconteceu	
	Ao a multidão o apertar		
	E ouvir a palavra de Deus		
	E ele estava em pé		
	Junto ao lago de Genesaré		
v.2		E viu dois barcos parados junto ao lago	
	E os pescadores descendo deles		
	Estavam lavando as redes		
v.3	Embarcando num dos barcos		
	O de Simão		
		Pediu a ele para se afastar um pouco da terra	
	E sentando, do barco		
	Ensinava as multidões		
v.4	Quando terminou de falar	Disse a Simão	Conduze para o fundo
			E lança vossas redes para pescar
v.5	E respondendo Simão	disse:	Mestre,
			Trabalhamos duro durante a noite e nada pegamos
			Mas, sobre tua palavra lançarei as redes
v. 6	E fazendo isto	Pegaram grande quantidade de peixes	
		E as redes deles estavam prestes a rasgar	

(continua)

Quadro 9 – Discriminação das ações em português

	PANO DE FUNDO	PRIMEIRO PLANO	DISCURSO DIRETO
v.7		E acenaram para os companheiros	
		No outro barco vindo ajudar a eles	
		E vieram e encheram ambos os barcos	
		De modo que eles estavam quase afundando	
v.8	Ao ver isto Simão Pedro	Prostrou-se aos joelhos (pés) de Jesus, dizendo:	Afasta-te de mim
			Porque sou um homem pecador, Senhor
v.9	Assombro, pois, cercou a ele		
	E a todos os [que estavam] com ele		
	Pela pesca dos peixes		
	que capturaram		
v. 10	E da mesma forma (d)e Tiago e João		
	Filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão		
	E	Jesus disse a Simão:	Não temas
			Desde agora serás capturador de homens
v. 11	E arrastando os barcos para a terra		
	Deixando tudo	Seguiram a ele	

Fonte: autoria própria.

(conclusão)

3.4 Resumo e prospectiva

Este terceiro capítulo apresentou os trâmites iniciais necessários para a análise pragmático-linguística. Esses caminhos trazem à lume o texto a ser analisado (via delimitação e crítica textual), sua segmentação e estruturação; e, por fim, seu contexto, cotexto e gênero.

Assim, foi demonstrado que o texto de Lc 5,1-11 é uma unidade distinta, bem delimitada, e que a redação encontrada em NA²⁸ pode ser defendida sem grandes problemas, sendo o texto grego utilizado aqui. Lucas apresenta o relato da pesca-chamado numa moldura de construção da identidade de Jesus em seu ministério Galileu (Lc 4,14-9,50), onde num foco mais ajustado (o cotexto) – Lc 5,1-6,16 – os relatos vocacionais, de milagre, de ensino e de oposição aparecem. O gênero misto, mas unificado em uma estrutura que visa os propósitos do autor, realça a identidade de quem chama, dos que são chamados e o(s) meio(s) para isso acontecer(em).

Partindo desse ponto, segue-se para a análise do texto, em suas feições literárias e linguísticas. Com isso, objetiva-se revelar seus aspectos semânticos, morfossintáticos e pragmáticos, os quais evidenciam a coesão formal, a coerência semântica e a focalização pragmática do texto.

4 A ESTRATÉGIA COMUNICATIVA DE Lc 5,1-11

Após a confirmação da delimitação, das palavras, do contexto/cotexto, da estruturação e da segmentação, do plano de fundo e primeiro plano do texto trabalhado nesta dissertação (Lc 5,1-11); a pesquisa, a partir deste ponto, volta-se para os demais passos da exegese pragmalinguística.

Os passos a serem seguidos são: breve digressão sobre a pragmática, com ênfase na exegese bíblica pragmalinguística, como percebida em Grilli, Guidi e Obara (2018); análise morfológica, para uma visão geral dos signos linguísticos, percepção da intenção comunicativa em suas feições sintáticas, semânticas e pragmáticas (as três ocorrem em conjunto), bem como a verificação de como o cotexto literário (Lc 5,1-6,16) influencia a divisão feita pelo autor do Evangelho, como os personagens Pedro e Jesus são descritos em cada etapa do texto lucano e, por fim, a versão final da tradução proposta por este trabalho acadêmico.

As etapas seguidas chegam ao cerne da intenção do autor implícito/real para seus leitores implícitos/reais. De fato, apresentam os elementos que se somam aos anteriores (Lc 1,1-4,44) e posteriores (Lc 5,12-24,53) na construção destes legentes, conforme planejada pelo escritor.

4.1 Pragmalinguística

Antes de definir a Pragmática ou pragmalinguística, é mister saber que: “Atualmente, duas escolas de pensamento em pragmática podem ser identificadas: a tradição anglo-americana e a tradição continental europeia.” (HUANG, 2017, p. 2, tradução nossa). Para cada tradição há uma definição e algumas preocupações principais de estudo. Para a anglo-americana, a pragmática “deve ser entendida como mais um dos ramos da linguística, ao lado da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica” (BATISTA, 2012, p. 50) e definida da seguinte forma:

Pragmática é o estudo sistemático do significado em virtude ou dependente do uso da linguagem. Os tópicos centrais da investigação incluem implicatura, pressuposição, atos de fala, dêixis, referência e contexto, e a divisão de trabalho entre, e a interação de, pragmática e semântica. (HUANG, 2017, p. 2, tradução nossa).

Já a tradição continental europeia entende “a abordagem da linguagem em uso de forma mais ampla, colocando-a em diálogo com a sociolinguística, a psicolinguística, as teorias da comunicação e análise do discurso.” (BATISTA, 2012, p. 50). Nesse sentido, pode ser apresentada a seguinte definição:

A pragmática é uma perspectiva funcional geral (ou seja, cognitiva, social e cultural) dos fenômenos linguísticos em relação ao seu uso em formas de comportamento. [Isso] deve ser visto ... como uma perspectiva específica ... em tudo o que fonologistas, morfologistas, sintáticos, semanticistas, psicolinguistas, sociolinguistas etc. lidam. (HUANG, 2017, p. 3, tradução nossa).

A abordagem que essa dissertação aplica ao estudo do texto bíblico está alinhada à tradição anglo-americana. Sendo assim, adota tanto as suas preocupações como o seu escopo⁹¹, uma vez que tal enfoque é o objeto de interesse dos estudos pragmalinguísticos encontrados em Grilli, Guidi e Obara (2018). Uma definição de pragmática linguística ou pragmalinguística é vista em Lira (2019):

A pragmática linguística é, portanto, o modelo global de inteligibilidade do fenômeno da linguagem verbal; com contornos marcadamente sociocomunicativos. Nesse caso, a linguagem não está só no nível mental, mas é um instrumento de ação e forma de comportamento. Assim, deixa de ser pertinente tomá-la como uma entidade abstrata e neutra, através de fórmulas prontas, classificadas e normatizadas. Sendo um instrumento decisivo da interação social, aparece nesse paradigma pragmático como realidade indissociável da práxis humana, sendo esta mesma práxis que a institui e a legitima enquanto objeto do conhecimento. (LIRA, 2019, p. 57).

Diante do que foi exposto até este ponto, cabe frisar a importância de três autores para o desenvolvimento do entendimento ilocutório da fala/escrita, dos atos da fala, das máximas conversacionais, implicaturas e dêixis; são eles (as datas entre parênteses referem-se aos livros elencados na bibliografia): John L. Austin (1975); John R. Searle (1984) e Paul H. Grice (1995). Com isso, não se quer dizer que os estudos ficaram plasmados no tempo ou que antes deles não havia estudos sobre intenção comunicativa. De fato, ainda hoje há desenvolvimentos, porém, geralmente, em cima dos fundamentos que esses três eruditos construíram.⁹²

⁹¹ “No entanto, recentemente houve alguma convergência entre as tradições anglo-americana e continental. Por um lado, trabalhos importantes foram realizados em tópicos micropragmáticos, como implicatura, atos de fala e pressupostos de uma perspectiva continental. Por outro lado, a pesquisa dentro da concepção anglo-americana foi estendida não apenas a alguns tópicos centrais na sintaxe formal, como anáfora e o léxico na pragmática lexical, mas também a certos domínios ‘hifenizados’ da linguística, como a linguística computacional, histórica e clínica, dando origem à linguística computacional, histórica, e pragmática clínica.” HUANG, Yan. Introduction: What is Pragmatic? In: HUANG, Yan. (Ed.). **The Oxford Handbook of Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 4, tradução nossa.

⁹² Alguns materiais que ajudam na compreensão do desenvolvimento histórico e introdução à pragmática são: LOPES, A. C. M. *Pragmática: uma introdução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018; BATISTA, Ronaldo de O. **Introdução à pragmática: a linguagem e seu uso**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012. (Coleção conexão inicial, v. 1); VIDE, V. **Los Languages de Dios: pragmática, linguística y teología**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1999 (especialmente os capítulos 1 e 2); MORA PAZ, C.; GRILLI, M.; DILLMANN, R. **Lectura Pragmalinguística de La Biblia: Teoría y aplicación**. Estela: Verbo Divino, 1999; SOUZA E SILVA, C. de. Abordagem pragmalinguística de textos bíblicos. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 297-310, mai./ago. 2019; MENDONÇA, J. T. *Método pragmático de interpretação da Bíblia*.

Cabe frisar o uso do conceito de autor real/implícito e leitor real/implícito na elaboração da teia comunicativa, como uma moldura, especialmente no aspecto textual da pragmática, uma vez que o autor real/implícito vai construindo o leitor implícito por meio de pistas e estratégias textuais⁹³ (os próprios elementos da pragmalinguística, como os atos da fala).⁹⁴ Marguerat e Bourquin (2009) apresentam definições sobre estes conceitos, os quais, embora aplicados à narratologia, são temas comuns aos estudos comunicativos:

Autor real: personagem histórico, individual ou coletivo, responsável pela redação da narrativa; como tal, não emerge no campo da narratologia; **Autor implícito:** imagem do autor tal como se revela na obra por suas opções de escrita e pelo desdobramento da estratégia narrativa; **Leitor real:** figura individual ou coletiva, representante seja do leitorado a que o autor real destinou seu texto (leitor primeiro), seja de qualquer pessoa engajada no ato de leitura. Como tal, essa entidade não é do campo da narratologia; **Leitor implícito:** receptor da narrativa construído pelo texto e apto a atualizar as significações na perspectiva induzida pelo autor; essa imagem do leitor equivale ao leitorado imaginado pelo autor. (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 27).

Dois pontos agregadores são importantes para o entendimento pragmático: 1. A influência do contexto sobre a fala/texto; 2. A influência do texto/fala sobre o contexto. No primeiro ponto são aglutinados os seguintes itens: dêixis; máximas e implicaturas conversacionais. No segundo estão os atos de fala e o entendimento ilocutório. Quanto ao grau de importância de todos estes itens, Mendonça (1997, p. 144, grifo do autor) faz uma ressalva: “Mas a formulação que decidiria, em grande parte, a fortuna crítica da Pragmática linguística é a do *carácter performativo de toda a linguagem* ou *dos actos de linguagem (speech acts)*.” Esta dissertação acolhe a ressalva em questão e pode tratar dos outros itens pragmáticos, se assim o texto a ser analisado (Lc 5,1-11) o requerer. Ante o exposto, o que segue aprofunda o entendimento sobre os atos de fala.

Didaskalia, Lisboa, v. 27, n. 2, 1997, p. 137-145.

⁹³ “Quando um autor cria uma narrativa, constrói um itinerário com trama, complicações, reviravoltas e resoluções. Também se pode dizer que todo autor, ao escrever um relato (ou um discurso) dispõe o texto segundo uma determinada estratégia, ajustando-se a códigos precisos (conhecidos também pelo leitor competente). Esta organização do material tem uma intenção estratégica: não somente envolver o leitor, senão orientá-lo, motivá-lo, induzi-lo a uma certa compreensão dos acontecimentos, confirmando-o em suas próprias pressuposições ou desestabilizando-o, provocando uma mudança de paradigmas valorativos... Em suma, todo autor modelo, ao escrever um relato ou um discurso, constrói a seu leitor modelo. À medida que o relato avança, os contornos deste leitor modelo vão se fazendo cada vez mais claros e definidos.” GRILLI, Massimo. *Las palabras últimas y las penúltimas: La pragmática de la comunicación en Mt 5,1-12*. In: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018b, p. 146, tradução nossa. (Evangélio y Cultura, vol. 6).

⁹⁴ “O autor e o leitor implícitos são constructos textuais persuasivos. Identificá-los significa reconhecer a intenção comunicativa do texto, a qual não se restringe àquela do autor real, mas com aquilo que efetivamente o texto comunica e é acessível ao leitor empírico de todos os tempos.” NEF ULLOA, B. A.; LOPES, J. R. Análise da estratégia literário-pragmática em 1Cor 8,1-13. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 97, ano XXVIII, (Set-Dez) 2020, p. 234.

Austin (1975), após refinamento em sua pesquisa (fato relatado no próprio livro **How to do things with words**, em 1975), propôs uma posição tripla dos atos de fala:

Disto deriva a distinção tridimensional para todos os atos de fala: 1. o ato puramente linguístico (*locutionary act*) que consiste em “dizer algo”, ao usar palavras com sentido gramatical e com sentido; 2. O ato ilocucionário, (*illocutionary act*) isto é, o que o falante faz ao dizer algo (*in saying something*): declarar, argumentar, perguntar, ordenar, desculpar-se, etc.; 3. O ato perlocucionário (*perlocutionary act*) ou os efeitos que o falante produz ou tenta produzir “dizendo tal coisa” (*by saying something*): convencer, intimidar, enganar. (VIDE, 1999, p. 100, tradução nossa e grifo do autor).⁹⁵

Resumindo, pode-se afirmar que **os atos locucionários/locutórios** referem-se ao proferimento de qualquer enunciado (falado ou escrito, e assim para os dois outros atos) por um emissor que seja compreendido por um receptor. Segundo Obara (2018, p. 87, grifo da autora): “é o ato *de dizer* algo”. **Atos ilocucionários/ilocutórios** referem-se à intenção comunicativa no enunciado de um emissor ao proferir algo para um receptor, conforme afirmado por Obara (2018, p. 87, grifo da autora): “é o ato que se realiza *no dizer* algo”. Os **atos perlocucionários/perlocutórios**, referem-se aos efeitos que um enunciado causa/produz num receptor após ouvi-lo de um emissor. Ainda de acordo com Obara (2018, p. 87, grifo da autora): “é o ato que se realiza *com o dizer* algo”.

“Searle, que ao invés de classificar os atos linguísticos em locutórios, ilocutórios e perlocutórios, prefere falar de atos de emissão (emitir palavras [morfemas, orações]), proposicionais (referir e predicar) e ilocutórios (denunciar, perguntar, mandar, prometer).” (SOUZA E SILVA, 2019, p. 302; SEARLE, 1984, p. 35). Ele informa que todo ato linguístico é composto de conteúdo proposicional e força ilocutória (OBARA, 2018, p. 88), sendo que Searle (1984) classifica essa força com base em doze características. Todavia, o filósofo considerava três pontos principais: “o objetivo ilocutório ou a razão de ser ilocutória (*‘illocutionary point’*, *‘illocutionary purpose’*), a direção de adaptação (*‘direction of fit’*) entre palavra e mundo, e o estado psicológico expresso” (OBARA, 2018, p. 90).

Ao focar no ato ilocutório, “Searle retoma e aprofunda a noção de ato ilocutório, a unidade básica da atividade linguística” (LOPES A., 2018, p. 144). O filósofo de Berkeley classifica os atos ilocutórios em cinco categorias, expostas no quadro abaixo de acordo com os

⁹⁵ Austin (1975, p. 109, tradução nossa e grifo do autor) define assim: “Em primeiro lugar, distinguimos um grupo de coisas que fazemos ao dizer algo, que juntos resumimos dizendo executar um *ato locucionário*, que é aproximadamente equivalente a proferir uma determinada sentença com um certo sentido e referência, que novamente é aproximadamente equivalente a 'significado' no sentido tradicional. Segundo, dissemos que também realizamos *atos ilocucionários*, como informar, ordenar, advertir, comprometer-se etc., ou seja, declarações que têm uma certa força (convencional). Terceiro, também podemos realizar *atos perlocucionários*: o que realizamos ou alcançamos por dizer algo, como convencer, persuadir, dissuadir e até mesmo, surpreender ou enganar.”

3 itens de identificação da força ilocutória:

Quadro 10– Tipologia dos atos ilocutórios de Searle

Ato	Objetivo Ilocutório	Direção de adaptação	Estado psicológico	Exemplos verbais	O que faz?
<u>Representativo</u>	O falante aplica-se, em graus diversos, em afirmar a verdade de uma proposição, ou na realização de algo	Da palavra ao mundo	CRENÇA	Afirmar, negar, confirmar, informar, responder etc.	Representa um estado de coisas externo.
<u>Diretivo</u>	O falante empenha-se (de maneira mais ou menos intensa) em conseguir que o ouvinte faça algo	Da palavra ao mundo	QUERER (DESEJAR)	ordenar, pedir, aconselhar, avisar, suplicar, perguntar etc.	Induz o ouvinte a fazer algo.
<u>Comissivo</u>	O falante empenha-se, em graus diversos, em assumir determinada conduta no futuro, em perfazer determinada ação futura	Do mundo à palavra	INTENÇÃO	prometer, jurar, ameaçar, fazer voto, garantir etc.	Compromete o falante com o que é dito.
<u>Expressivo</u>	O falante exprime certa disposição psicológica relativamente a um estado de coisas exposto no conteúdo proposicional	Não há	Deve haver sinceridade neste ato, o estado psicológico deve ser positivo e verdadeiro	saudar, agradecer, pedir desculpa, congratular-se, lamentar, dar os pêsames, dar os parabéns etc.	Transmite sensações psicológicas do falante.
<u>Declarativo</u>	O falante altera o status de um objeto ou de uma situação pelo simples fato de proferir um enunciado	Dupla: da palavra ao mundo e do mundo à palavra	-	casar alguém, batizar alguém, excomungar alguém, despedir alguém, nomear alguém para um cargo, declarar o estado de sítio, declarar o réu culpado etc.	Muda um estado de coisas no mundo

Fonte: quadro adaptado e mesclado com as informações encontradas em Lira (2012, p. 81); Bazzanella (2005, p. 162-163); Obara (2018, p. 92-95) e em Lopes A. (2018, p. 148-149).

Ao finalizar este tópico dos atos linguísticos, se expõe que “a cada ato ilocucionário, poderíamos ter uma série de atos perlocucionários possíveis. Diante de um ato ilocucionário de avisar, seriam possíveis atos como assustar, alarmar e advertir...” (LIRA, 2012, p. 82). Nesse

sentido, traz-se à tona o conceito searleano de atos linguísticos diretos e indiretos, conforme descrição abaixo:

Ato Illocutório Direto – São aqueles que empregam de modo explícito verbos performativos, exprimindo o sentido literal das palavras. *Ato Illocutório Indireto* – São aqueles cuja mensagem não corresponde ao que exprime o sentido literal; quando o emissor diz algo sob a aparência de outra, como por exemplo, metáfora ou alegorias, com um sentido figurado e não literal. (PATUZZO, 2020, p. 87, grifo da autora).

Uma vez exposto o foco principal desta dissertação, veremos brevemente como se aplica na pesquisa bíblica.

4.1.1 Exegese pragmalinguística

Neste tópico, é o momento de dar um sobrevoo sobre a especificidade da exegese pragmalinguística, método que tem sido refinado ao longo dos anos pelo Projeto de Exegese Intercultural. Este é respaldado pela Associação Evangelho e Cultura⁹⁶ (normalmente o fruto dessas pesquisas aparece em livros publicados pela Editorial Verbo Divino, da Espanha).

Em 1999, alguns pesquisadores desse projeto (Mora Paz, Grilli, e, Dillmann) publicam uma posição inicial do método no livro **Lectura Pragmalinguística de la Biblia: Teoría y aplicación**, no qual se faz uma separação de análise sintática, semântica e pragmática. Em 2016, pela Editora San Paolo da Itália, foi publicado por Grilli, Guidi e Obara (1999) o que pode ser considerada uma produção de uma fase madura (**Comunicazione e pragmatica nell' esegesi bíblica**), porém não acabada do projeto, texto que foi publicado em espanhol, em 2018 (**Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**), e é a versão utilizada nesta dissertação.

A proposta aprimorada que é apresentada no manual mais recente, referendado anteriormente, é de integração sintático-semântico-pragmática, visto que qualquer proposta comunicativa (oral ou escrita) abarca essas três áreas de uma maneira orgânica, visando um fim interacional/comunicativo. O foco no contexto abarca as seguintes estruturas narrativas de base: pano de fundo, primeiro plano e discurso direto (vistos já no capítulo três desta pesquisa e mencionados novamente quando ou se necessário). O foco no texto abarca os atos de fala, implicaturas e máximas conversacionais e os dêiticos.

A partir de um exemplo dessa forma de análise integrativa – sintaxe-semântica-pragmática – percebe-se que, quando alguém diz, num contexto específico: “Não esqueceremos o 11 de setembro”, o aspecto semântico de lembrança e saudosismo é evocado para um sujeito,

⁹⁶ Mais detalhes da história e dos propósitos desse projeto, bem como do seu fundador, podem ser vistos no site: <https://www.evangeliumetcultura.org/IT/>

“nós”⁹⁷, que recorda do atentado em Nova York. Em outro contexto, o mesmo enunciado aponta para uma declaração de guerra que usa o ataque terrorista como motivação de retaliação. Com isso, é possível afirmar que o mesmo “não esquecer” assume uma postura semântica revanchista. Vê-se, assim, que uma mesma frase/oração/enunciado (mesma elaboração sintática) pode ser entendida de maneiras diferentes (semântica), visando a algum fim comunicativo previsto pelo emissor (pragmática).

Grilli (2018), ao tratar da coesão e coerência vistas em um texto, descreve como estas três etapas estão interligadas no processo de tornar um texto um todo íntegro e comunicativo:

Como consequência desta mudança na concepção dos requisitos que fazem de um texto um conjunto coerente, determinou-se levar em consideração as interconexões texto-contexto e o processo de comunicação que se deduz a partir da disposição do texto, dos diversos elementos narrativos ou discursivos (conforme o tipo de texto) e, sobretudo, a partir do tipo de sistema verbal subjacente na construção do texto, tanto na linha principal da comunicação como na secundária. Desta maneira a semântica está incumbida da tarefa de descrever “as condições de verdade” de uma determinada linguagem ou de um determinado texto, e não mais a de fazer referência à realidade do mundo e ao “estado das coisas”, a coerência de um texto se mede agora pela compatibilidade com as inferências do processo comunicativo e a partir da situação comunicativa na qual o texto se situa. Resumindo, uma mudança de perspectiva que inclui todos os momentos do processo comunicativo e tem em conta a distinção entre os diversos tipos de texto. (GRILLI, 2018a, p. 34-35, tradução nossa).

A pragmática trata da comunicação, de interação, de relacionamento. Este, por sua vez, não acontece no vácuo, mas num aqui e agora específicos (nem que seja num aqui do autor e um agora do leitor), entre um eu e um tu – ou nós – e invade o dia a dia. Assim, faz parte do mundo real, assim como o saber teológico espera e deve estar, como salienta Escalante (2018):

A fé é um modo de vida, e se é assim, a teologia como saber que reflete sobre ela tem que visualizar as práticas concretas e eficazes que dão conta do Deus em quem se crê, ou seja, o Deus que fundamenta essa fé. Na medida em que fala a partir da vida cotidiana - como já foi dito -, a teologia deve estar atenta ao que se sente, se pensa, se faz, se vive, se espera; e também o que se deixa de sentir, pensar, fazer e esperar. Por tudo isto se transmite o falar e o calar de Deus, que fala através da nossa historicidade, como mediação primária. Nesse sentido, é necessário dirigir o olhar para Jesus, que falou sobre o que as pessoas viviam, para, assim, ajudar a tomar consciência de que o reino de Deus se deu justamente no meio da vida cotidiana e não fora dela: em comer, brigar, discutir, amassar pão na cozinha, interagir com o vizinho, pescar no lago, na relação entre pai e filho etc. Não há outro lugar: é aqui que o Reino de Deus passa e se expressa. (ESCALANTE, 2018, p. 18, tradução nossa).

Esta abordagem, que, aplicada à Sagrada Escritura, traz uma autoimplicação da parte

⁹⁷ “O sujeito é agente de força performativa graças ao seu caráter autoimplicativo, que expressa sua atitude pessoal de compromisso com o que é declarado e testemunhado.” RAMÍREZ, A. R. El lenguaje en la revelación: performatividad y pragmática. *Theologica Xaveriana*, [s. l.], v. 65, n. 180, 2015, p. 317, tradução nossa.

de Deus e procura implicar (envolver e comprometer) o ser humano, é utilizada na análise de Lc 5,1-11 a partir de agora⁹⁸. Antes, porém, é trazido à tona a análise morfológica para vermos a materialidade do texto estudado, suas formas e funções nas frases da perícopes estudada.

4.2 Análise morfológica

A averiguação do espectro vocabular do texto acontece aqui de forma breve e sistemática. Por breve, entenda um layout enxuto; ou seja, apenas com os resultados da análise morfológica (o trabalho detalhado pode ser visto no APÊNDICE A). Por sistemática, entenda uma percepção pormenorizada dos detalhes dos morfemas, que indicam, nos verbos: modo, tempo e voz; nos substantivos e adjetivos: casos (número e gênero não são os mais importantes aqui, e sim os casos, já que, segundo Murachco [2001, p. 83], as relações sintáticas no grego se exprimem pelos casos); nas conjunções: se são coordenadas ou subordinadas; nas preposições: sua regência de casos; nos artigos: caso, número e gênero; nos pronomes: sua classificação (pessoais, relativos etc.) e casos; e, por fim, nos advérbios e numerais: apenas a contagem.

Além dessa abordagem, o foco também está na terminologia própria usada pelo hagiógrafo – tal como *hapáx legomenon* e usos só do autor – ou termos usados só na passagem em estudo. Anglada (2006) apresenta uma definição do estudo empreendido nesta subseção do trabalho:

Morfemas são as menores unidades de linguagem capazes de comunicar significado. Análise morfológica é o estudo dos morfemas, de seus significados e da maneira como são combinados para formar palavras. O grego coínê é um idioma sintético ou flexional. Isso significa que, enquanto outras línguas expressam significado gramatical através do uso de palavras, o coínê faz isso principalmente através da combinação de morfemas e de flexões de palavras. (ANGLADA, 2006, p. 314-315).

Com isso, passa-se à análise propriamente dita.

Na perícopes, são usados 118 verbetes vistos em 207 ocorrências, com a verificação de termos que se repetem: 8 verbos (εἰμί, ἵστημι, εἶδον, ἐπανάγω, εἶπον, χαλάω, ἔρχομαι, συλλαμβάνω), 9 substantivos (ὄχλος, Σίμων, λίμνη, πλοῖον, δίκτυον, ἄγρα, ἰχθύς, Ἰησοῦς, γῆ), 1 adjetivo (πᾶς), 2 conjunções (καί, δέ), 6 preposições (παρά, ἀπό, εἰς, πρὸς, ἐπί, ἐν), 3 pronomes (ὅς, αὐτός, σύ) e 7 artigos ([embora sejam variações da entrada léxica ὁ] τῷ, τόν, τοῦ[gen. m. s.], τοῦ[gen. n. s.], τήν, τά, τούς).

⁹⁸ “A performatividade e a pragmática indicam que a linguagem é uma *lebensform* [forma de vida] que inclui a ação comunicativa, mas vai muito além, ao afirmar a irrupção da transcendência de Deus na história e sua continuação por meio do testemunho autoimplicativo daqueles que declaram que Deus fez uma promessa, isto é, uma declaração performativa que também o obriga a enfrentar a comunidade que vive e espera em sua promessa.” (RAMÍREZ, 2015, p. 321-322, grifo do autor e tradução nossa).

Na passagem em estudo há um *hapáx legomenon* – o verbo *κατανέύω* (acenar); há um termo que aparece duas vezes no NT, sendo as duas vezes nesse parágrafo de Lucas – o subs. *ἄγρᾱ* (pesca). Além disso, há vocábulos que, embora, apresentem-se em outros(as) livros/cartas na obra neotestamentária, no *corpus* lucano só aparecem nessa história – o subs. *δίκτυον* (rede), com quatro ocorrências; os verbo *ἐπανάγω* (afastar-se, deixar a costa) e *χαλάω* (soltar, baixar), em dois momentos; os verbos *συγκλείω* (pegar, capturar), *βυθίζω* (afundar), *περιέχω* (envolver, cercar), *ζωγρέω* (pescar), *κατάγω* (arrastar) e os subs. *μέτοχος* (companheiro, sócio), *Ζεβεδαῖος* (Zebedeu), *κοινωνός* (sócio). em apenas uma ocasião. A maioria destes verbetes estão associados a atividades náuticas, com ênfase especial na pesca. Os próximos parágrafos apresentarão as análises de cada segmento.

Quanto aos substantivos, eles são 28 e aparecem 47 vezes: 23 no acusativo, 10 no genitivo, 7 no nominativo, 5 no dativo e 2 no vocativo. Os adjetivos são 9 e ocorrem 10 vezes: 5 no acusativo, 2 no nominativo, 2 no dativo e 1 no genitivo. Assim, somam-se 28 ocorrências no acusativo, 11 no genitivo, 9 no nominativo, 7 no dativo e 2 no vocativo. A maior ocorrência do acusativo implica numa ideia de complemento e de movimento ou direção (MURACHCO, 2001, p. 97). O genitivo, que aparece em segundo lugar, traz a concepção de origem e, secundariamente, de posse (MURACHCO, 2001, p. 104). Assim, tem-se, na perícope, uma busca e um ponto de origem. Na busca concreta, poucos são os nominativos, mas indicam a fluência dos sujeitos lógicos e atuantes e o assunto do que ou de quem se fala (Simão, Jesus, pescadores, homem pecador, sócios, assombro). O parágrafo em estudo nessa dissertação tem uma fluidez e um porto seguro: a fluidez da procura e o encontro da origem estabelecidos pelos sujeitos.

A tessitura verbal é composta por 38 verbos, os quais ocorrem 49 vezes, sendo distinguidos no texto em formas verbais finitas (modos pessoais) – indicativo e imperativo –, bem como formas verbais não finitas (modos impessoais) – infinitivo e particípio. O quadro 11, a seguir, mostra as ocorrências com suas nuances:

Quadro 11 – Formas verbais em Lc 5,1-11

FORMAS VERBAIS FINITAS		
MODO	TEMPO	VOZ
INDICATIVO	Aoristo	Média (2x)
		Ativa (14x)
	Imperfeito	Ativa (5x)
		Passiva (1x)
	Futuro	Ativa (1x)
		Média (1X)
	Presente	Ativa (1x)
IMPERATIVO	Aoristo	Ativa (3x)
	Presente	Média-Passiva (1x)
FORMAS VERBAIS NÃO FINITAS		
MODO	TEMPO	VOZ/CASO
PARTICÍPIO	Aoristo	Ativa/Nominativo (8x)
		Passiva/Nominativo (1x)
		Ativa/Acusativo (1x)
	Perfeito	Ativa/Nominativo (1x)
		Ativa/Acusativo (1x)
	Presente	Ativa/Nominativo (3x)
MODO	TEMPO	VOZ
INFINITIVO	Aoristo	Ativa (1x)
		Média (1x)
	Presente	Ativa (1x)
		Passiva (1x)
		Média-Passiva (1x)

Fonte: autoria própria.

Diante do quadro acima, depreende-se que a maior quantidade de aparições verbais acontece no tempo aoristo e as outras duas, com maiores ocorrências, ocorrem no imperfeito e no presente, apresentando assim a composição da diferença pano de fundo/primeiro plano, além das identificações de modo: maior parte está no indicativo (25 de 49) e as demais (particípio/infinitivo/perfeito) confirmam as amarras das estruturas narrativas de base.

São seis as conjunções que aparecem 26 vezes; 2 são coordenadas (δέ, και) e 4 subordinadas (ώς, ὥστε, ὅτι, γάρ). Os numerais que aparecem são 2 (δύο, ἕν). Os advérbios são 5 (ὀλίγον, ὁμοίως, και [partícula enfática], Μή, νῦν).

As preposições que estão presentes no texto são 9 e ocorrem 19 vezes. 4 regem o caso acusativo, 3 regem o genitivo e 3 regem o dativo (ἐπὶ aparece regendo tanto o acusativo [1 vez] quanto o dativo [2 vezes]).

Os pronomes (5 deles) estão registrados assim em Lc 5,1-11: 1 pronome relativo – ὅς (aparece 2 vezes no nominativo e 1 vez no genitivo); 1 pronome demonstrativo – οὗτος (no

acusativo); e 3 pronomes pessoais – αὐτός (10 vezes; sendo 4 vezes no dativo, 3 vezes no acusativo, 2 vezes no genitivo e 1 vez no nominativo), ἐγώ (1x no genitivo), σὺ (2x no genitivo).

Por fim, são encontrados 16 artigos, os quais aparecem 32 vezes. Eles são classificados assim: quanto ao gênero – 13 são masculinos, 5 femininos e 14 neutros; quanto ao número – 19 estão no singular e 13 no plural; e, quanto ao caso – 16 estão no acusativo, 7 no genitivo, 7 no dativo e 2 no nominativo.

Dessa maneira está distribuída a malha morfológica no parágrafo bíblico em análise. Na próxima etapa, chega-se ao cerne da investigação, a partir do qual o estudo pragmático é aplicado em sua organicidade integral (sintaxe, semântica e pragmática). Os itens que se seguem (4.3, 4.4, 4.5) tratam da referida análise pragmalinguística nas 3 etapas da perícopes: A pregação (Lc 5,1-3), A pesca: frustração da noite e a esperança do novo (Lc 5,4-7), e O chamado (vv. 8-11).⁹⁹

4.3 A pregação (Lc 5,1-3)

Antes de se iniciar a análise propriamente dita, é mister relembrar algo apresentado no capítulo 3. Embora os relatos sinóticos paralelos sejam similares (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20), Lucas escreve com um propósito diferente e, embora apresente um núcleo redacional similar, trabalha o relato de forma distinta, conforme explica Fitzmyer (2008):

Este episódio lucano dificilmente é um mero paralelo com Marcos 1:16-20. Além de seu novo cenário fornecido pela transposição, três coisas principais são diferentes: (a) Jesus não é um mero transeunte; ele prega do barco de Simão para as multidões na margem do lago (vv. 1-3); (b) Simão lança sua rede para uma pesca milagrosa pela palavra de Jesus (vv. 4-9a); (c) Jesus promete a Simão uma nova carreira, o que resulta em seu (e dois de seus companheiros) abandonar tudo para seguir Jesus (vv. 9b-11). (FITZMYER, 2008, p. 560, tradução nossa).

Os 3 primeiros versos de Lc 5 apresentam o momento em que uma multidão se aglomera em torno de Jesus, a fim de ouvir sua pregação, e entendem a palavra do nazareno como sendo a palavra de Deus. Existem, neste ponto (vv.1-3), elementos importantes para a

⁹⁹ Crimella (2015) apresenta a divisão da seguinte forma: “Lucas articula a narrativa em três partes bem interligadas: o ensino dado às multidões ao longo do lago (vv. 1-3), a pesca milagrosa (vv. 4-7), o diálogo com Simão (vv. 8-11). A construção da história é concêntrica: no início Jesus está empenhado na sua missão e no final envolve os discípulos nessa mesma missão; no centro está o milagre que oferece uma chave para ler a tarefa dos discípulos.” CRIMELLA, M. *Luca: Introduzione, traduzione e commento*. Milano: Edizioni San Paolo, 2015, p. 115, tradução nossa (Nuova versione della Bibbia dai testi antichi, vol. 39). Posição semelhante à de Tannehill (1986, p. 203-204), que apresenta uma divisão em “três subcenas: Jesus pregando do barco de Simão (5,1-3), a grande pesca de peixes (5,4-7), reação de Simão e resposta de Jesus (5,8-11).”

narrativa como um todo, elementos pragmáticos que podem ser vistos na perícope e na intenção comunicativa do autor para o livro inteiro. “Esses versos [1-3], preparados no início da narrativa lucana, dispõem o cenário para o encontro vindouro entre Jesus e Pedro” (GREEN, 1997, p. 231, tradução nossa). Os versos, conforme vistos em NA²⁸ e dispostos na segmentação por orações, rezam assim:

1a	Ἐγένετο δὲ	Oração independente
1b	ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ	Oração dependente infinitiva adverbial temporal
1c	καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ	Oração dependente infinitiva adverbial final
1d	καὶ αὐτὸς ἦν ἐστῶς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρὲτ	Oração independente
2a	καὶ εἶδεν δύο πλοῖα ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην	Oração independente
2b	οἱ δὲ ἄλιεῖς ἀπ’ αὐτῶν ἀποβάντες	Oração independente
2c	ἔπλυνον τὰ δίκτυα	Oração independente
3a	ἐμβὰς δὲ εἰς ἓν τῶν πλοίων	Oração dependente participial adverbial temporal
3b	ὃ ἦν Σίμωνος	Oração dependente relativa definida explicativa
3c	ἠρώτησεν αὐτὸν ἀπὸ τῆς γῆς	Oração independente
3d	ἐπαναγαγεῖν ὀλίγον	Oração dependente infinitiva substantiva objetiva direta/de discurso indireto
3e	καθίσας δὲ	Oração dependente participial adverbial modal ou circunstancial
3f	ἐκ τοῦ πλοίου ἐδίδασκεν τοὺς ὄχλους	Oração independente

Aqui, para fins explicativos, se explicita a definição de Wallace (2009) para orações independentes (coordenadas) e dependentes (subordinadas):

Uma oração independente é aquela que *não* se subordina a outra. Uma oração independente normalmente tem como núcleo: sujeito-verbo-(objeto). Uma conjunção coordenada une duas orações independentes coordenadas (parataxe) entre si (em uma sentença composta). [...] Uma oração dependente é aquele (sic) que se relaciona substantivada ou subordinadamente (hipotética) a outra oração, quer independente quer dependente. (WALLACE, 2009, p. 657, grifo do autor).

O v.1 tem uma oração independente seguida de duas orações dependentes e terminando com uma oração independente. A oração independente inicial é: ἐγένετο δὲ (E

aconteceu/certa vez), uma expressão muito usada no corpus lucano.¹⁰⁰ A expressão, às vezes, não é traduzida¹⁰¹. Com relação à função e à tradução, Reiling e Swellengrebell (1993) explicam:

Essas funções podem ser classificadas da seguinte forma: (1) introdução, ou início de uma narrativa (24 vezes): (a) início da narrativa propriamente dita ou descrição do evento que determina o que se segue (2:1; 3:21; 6:1; 7:11; 8:1, 22; 9:28, 51; 10:38 *Textus Receptus*; 11:1, 27; 18:35; 20:1), (b) descrição das circunstâncias ou do contexto da narrativa (5:1, 12, 17; 6:6, 12; 8:40 *Textus Receptus*; 9:18, 37; 14:1; 17:11); (2) início de uma narrativa após a introdução anterior (1: 8, 59; 11:14; 19:29; 24:15); (3) clímax em uma narrativa (1:41; 2:6, 46; 17:14; 19:15; 24:4, 30, 51); (4) transição em uma narrativa (2:15; 9:33; 16:22); (5) fechamento de uma narrativa (1:23) Nenhuma dessas várias funções requer uma tradução literal da *frase egeneto*, a menos que na linguagem do receptor tal frase exista e seja usada para expressar a função semântica em questão. Em muitos casos, essa representação não é necessária e será suficiente usar partículas que tenham uma função semelhante à da *frase egeneto* no caso em questão. (REILING; SWELLENGREBEL, 1993, p. 23, grifo dos autores e tradução nossa).

A expressão que se segue dá início à primeira oração dependente – ἐν τῷ + infinitivo (ἐπικεῖσθαι) – e, como visto nos itens de delimitação inicial do capítulo 3, é uma expressão que indica tempo e tempo simultâneo¹⁰² ao do verbo principal. A frase é uma Oração dependente infinitiva adverbial temporal¹⁰³: ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ (Enquanto a multidão pressionava a ele). O termo ὄχλος refere-se à multidão de pessoas,¹⁰⁴ aparece 41 vezes em Lucas e sempre com esta acepção.¹⁰⁵ Neste caso, tem-se um grupo de pessoas (todas vivas) cercando

¹⁰⁰ “No Novo Testamento, essa construção ocorre preponderantemente nos escritos lucanos; 40 vezes no evangelho (dos quais 8,40 e 10,38 apenas no *Textus Receptus*), e 18 vezes em Atos, contra 6 vezes em Mateus, 3 vezes em Marcos, e em nenhum outro lugar no Novo Testamento. Essas estatísticas mostram que Lucas tinha uma predileção muito especial pela expressão que é sua escolha e não algo que ele encontrou em suas fontes.” REILING, J. The use and translation of kai egeneto, ‘and it happened’, in the New Testament. **The Bible Translator**, United Kingdom, v. 16, n. 4. Oct. 1965, p. 155, tradução nossa. Na p. 156 (tradução nossa), o mesmo autor identifica a função da expressão nessa perícopa (Lc 5, 1), ele afirma: “[...] a frase egeneto introduz uma narrativa subsequente, descrevendo as circunstâncias que formam, por assim dizer, o pano de fundo dos eventos que se seguem [...]”

¹⁰¹ Louw e Nida (2013, p. 721, grifo nosso) classificam o verbo γίνομαι sob o domínio semântico 91 – marcadores do discurso e o subdomínio A – marcadores de transição (essa é uma das 10 categorizações do vocábulo que eles fazem) afirmam: “um marcador de nova informação, seja no que diz respeito a participantes num episódio, seja no que concerne ao próprio episódio (aparecendo, normalmente, nas fórmulas ἐγένετο δέ ou καὶ ἐγένετο) – ‘houve, e aconteceu que’ ou, como ocorre frequentemente, deixado sem tradução”.

¹⁰² “Onde ἐν τῷ com o infinitivo é usado temporalmente, o infinitivo presente indica naturalmente, em geral, a ação contemporânea, e o aoristo precedendo a ação; não que as formas indiquem por si mesmas alguma relação de tempo, mas porque o aspecto que indicam normalmente corresponde a essas relações”. ZERWICK, Max. **Biblical greek illustrated by examples**. English ed., adapted from the fourth Latin ed. Rome: Pontificio Istituto Biblico, 1963, p. 134-135, tradução nossa. (Scripta Pontificii Instituti Biblici, vol. 114).

¹⁰³ “Esse infinitivo indica uma relação temporal entre sua ação e a do verbo controlador. Ele responde a pergunta: ‘Quando?’. Há três tipos, todos cuidadosamente definidos estruturalmente: antecedente, simultâneo e subsequente (sic)” (WALLACE, 2009, p. 594). O mesmo autor na p. 595 (grifo do autor) define o infinitivo temporal simultâneo como sendo composto por ἐν τῷ + infinitivo, e afirma que “sua tradução em português ocorre pelo uso de *enquanto* (para o infinitivo presente) ou *quando* (para o infinitivo aoristo) + um verbo *finito* apropriado.”

¹⁰⁴ Arndt et al (2000, p. 745, tradução nossa) definem ὄχλος como: “um número relativamente grande de pessoas reunidas, multidão” e colocam (Lc 5,1) sob a alínea A que significa: “um encontro casual de um grande número de pessoas, sem referência à classificação, multidão”.

¹⁰⁵ Análise feita no software Bíblico Logos; e as demais análises de concordância são feitas neste programa.

Jesus. O verbo *ἐπικέιμαι*, que está no presente do infinitivo passivo, aparece 2 vezes em Lucas e tem o sentido, aqui, de pressionar alguém¹⁰⁶. Em sua segunda aparição (Lc 23,23), tem o sentido de urgência (pedir algo urgentemente).

A outra frase *καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ* é uma oração dependente infinitiva adverbial final (ver WALLACE, 2009, p. 590-592). O *καί* não tem teor independente (coordenativo), mas dependente (subordinativo), como Zerwick (1963, p. 153, grifo e tradução nossa), ao definir os usos da partícula/conjunção *καί*, detalha sobre o uso “neutro” do *καί* simples, informando que tem o sentido final ou consecutivo em Lc 5,1, “a fim de que”. Mais adiante, Zerwick e Grosvenor (1974, p. 189, tradução nossa) esclarecem que: “*καί* parece ser final (a fim de)”. Dessa forma, além do infinitivo ter teor adverbial final, a própria partícula ajuda nessa identificação – “a fim de ouvir”. O complemento dessa construção é *τὸν λόγον τοῦ θεοῦ*, que tem a definição do que é ouvido – *τὸν λόγον* (a palavra) –, acusativo. Nesse caso, trata-se de um objeto direto – ouvir a palavra –, mas qual palavra? O genitivo responde: *τοῦ θεοῦ* - de Deus; tendo sua origem em Deus, ou seja, procede de Deus (ver MURACHCO, 2001, p. 104).¹⁰⁷ A frase seria: “a fim de ouvir a palavra de Deus.”

A expressão *τὸν λόγον τοῦ θεοῦ* é um termo comum na literatura lucana¹⁰⁸, Reiling e Swellengrebel (1993, p. 225, grifo dos autores e tradução nossa) realçam isso da seguinte forma: “[...] ‘A palavra de Deus’, em Lucas um termo fixo para a pregação de Jesus e (em Atos) a pregação dos apóstolos. O genitivo *tou theou* é subjetivo: a palavra que Deus fala, ou a

¹⁰⁶ Arndt *et al* (2000, p. 373, tradução nossa) põem Lc 5,1 sob o campo semântico de: “agir por meio de força ou pressão”, mas sob a alínea a: “de força pessoal, ato de empurrar, pressionar, ser urgente”; em contraste com a alínea b, que trata de força impessoal – confronto, confrontar.

¹⁰⁷ “[...]provavelmente é um genitivo da fonte – ‘a palavra de Deus’ - isto é, uma mensagem baseada na revelação do Pai celestial[...] A expressão enfatiza não apenas a fonte, mas também a autoridade da mensagem de Jesus. Também serve, por seu uso em Atos, para sugerir continuidade entre o que os apóstolos oferecem e o que Jesus ensinou. Sua mensagem é nada menos do que revelação.”. BOCK, Darrell. **Luke 1:1-9:50**. Grand Rapids: Baker Academics, 2004. Epub, posição 529-530, tradução nossa. (Baker exegetical commentary on New Testament). “[...] descreve a pressão física da multidão sobre Jesus para ouvir seu ensino, aqui solenemente descrito como ‘a palavra de Deus’ (8:11, 21; 11:28). A frase é frequentemente usada em Atos para a mensagem apostólica, trazendo assim a continuidade entre o ensino de Jesus e o da igreja; aqui, a frase enfatiza o significado da mensagem a ser ouvida por Simão” (MARSHALL, 1978, p. 201, grifo e tradução nossa).

¹⁰⁸ Em especial, nesta perícopa (Lc 5,1-11), como afirmam Perondi, Catenassi e Silva (2013, p. 694): “Nesta narrativa, a Palavra de Deus proclamada por Jesus pode ser vista como um tema central, que permeia toda a narrativa e como que dirige o relato.” Fitzmyer (2008, p. 565, grifo do autor e tradução nossa) esclarece: “Esta é a primeira ocorrência desta frase, *ho logos tou theou*, no Evangelho de Lucas. É quase peculiarmente Lucana no NT, ocorrendo apenas uma vez em Marcos (7:13) e em João (10:35), e provavelmente apenas uma vez em Mateus (15: 6, mas com uma variante *nomos*, ‘lei’, em alguns mss.). Lucas, entretanto, usa quatro vezes no Evangelho (5:1; 8:11, 21; 11:28) e catorze vezes em Atos (4:31; 6:2, 7; 8:14; 11:1; 12:24 (?); 13:5, 7, 44, 46, 48; 16:32; 17:13; 18:11). Na maioria dos casos em Atos, a frase denota a mensagem cristã pregada pelos apóstolos; aqui, Lucas o usa na pregação do próprio Jesus. Assim, ele enraíza a proclamação da comunidade cristã no ensino do próprio Jesus.” Bovon (1989, p. 231, tradução nossa) complementa: “Lucas usa *ὁ λόγος τοῦ θεοῦ* nos Atos dos Apóstolos para designar o querigma pós-pascal, no Evangelho a proclamação de Jesus. Para Lucas, a ‘palavra de Deus’ é o lugar onde Deus se manifesta externamente como o Deus vivo e gracioso.”

mensagem que Deus envia. Esta mensagem é transmitida por Jesus.”¹⁰⁹ Os termos λόγος (32 vezes)¹¹⁰ e ῥῆμα (19 vezes em 18 vv.)¹¹¹, além de significarem ordinariamente “palavra”, “verbo”, “coisa” e “assunto”, assumem, na literatura lucana, um papel de destaque. Desse modo, realçam a identidade de Jesus de Nazaré. Ele transmite a Palavra de Deus, a palavra Dele é poderosa e com autoridade (curas, repreensões a fenômenos da natureza, exorcismos). Como acrescenta Crimella (2015, p. 115, tradução nossa): “Jesus mostra que tem grande autoridade: sua palavra, que anunciava ‘o reino de Deus’ (4:43), realiza o que diz. A história é uma história de pronunciamento, em que o elemento culminante é a palavra conclusiva de Jesus (v. 10).”

Em Lucas, a palavra de Jesus é equiparada à Palavra de Deus, como refletido em Lc 8,11; em que Jesus explica que a semente que é lançada é a palavra de Deus (ὁ λόγος τοῦ θεοῦ). Em Lc 8,21, Jesus declara que sua mãe e seus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus (τὸν λόγον τοῦ θεοῦ) e a praticam; em Lc 11,28, Cristo declara bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus (τὸν λόγον τοῦ θεοῦ) e a guardam; em Lc 21,33, Jesus diz que os céus e a terra passarão, mas as suas palavras não¹¹² - algo equivalente ao que é encontrado na LXX em Is 40,6-8, em que é dito que o homem é erva que se seca, mas a palavra de Deus (ῥῆμα τοῦ θεοῦ) permanece para sempre. Diante disso, é importante notar as aparições da palavra no relato e ações provocadas pela palavra.

Após informar quando e com que finalidade uma multidão se reuniu, o autor revela onde estavam e a quem escutavam. Isso ocorre em uma oração independente (coordenada), que, sintaticamente, tem as duas orações anteriores como dependentes dela¹¹³: καὶ αὐτὸς ἦν ἐστῶς

¹⁰⁹ Fitzmyer (2008, p. 565, tradução nossa) confirma a origem das palavras de Jesus como sendo palavra de Deus: “Mas, como a frase sugere, a raiz última desta pregação/ensino é o próprio Deus, pois a frase significa ‘palavra de Deus’ ou ‘a palavra que vem de Deus’ (um genitivo subjetivo ou genitivo do autor) em vez de ‘a palavra contada sobre Deus’ (genitivo objetivo).”

¹¹⁰ Nas 32 ocorrências em Lucas, λόγος significa: palavra de ofensa (12,10); ensinamentos (1,4); conteúdo do Evangelho (1,2); palavras do anjo Gabriel (1,20.29); Palavra do profeta Isaías (3,4); Palavras de Jesus: com graça (4,22), autoridade (4,32.36), que curam (7,7), poderosas (24,19), quem delas se envergonha será condenado no juízo (9,26), predição pascal (9,44), predição sobre vislumbre do Reino (9,28), predições sobre o Messias na Bíblia Hebraica que se cumprem nEle (24,44), sendo palavra de Deus (5,1; 6,47; 8,11-13.15.21; 10,39; 11,28; 21,33); ofensa (12,10); reputação/notícia sobre Jesus (5,15; 7,17); ato falho (20,20); prestar contas (16,2); uma pergunta (20,3); perguntas (23,9); conversa (24,17).

¹¹¹ Nas 19 ocorrências em Lucas, ῥῆμα significa: mensagem divina transmitida por anjo(s) (1,37-38; 2,15); notícias sobre nascimento (1,65; 2,17); palavra (2,19.51); Palavra de Deus como Revelação (2,29; 3,2); palavra de Jesus: aos pais (2,50), para Pedro (5,5), para o povo (sermão – 7,1), predição sobre falha de Pedro, lembrada por este (22,61), predição pascal – sobre a morte (9,45 – 2x; 24,8 – lembrada pelas mulheres após ressurreição), sobre a morte e ressurreição (18,34); ato falho (20,26); testemunho das mulheres sobre a ressurreição (24,11).

¹¹² “Jesus afirma a natureza temporal da criação e a permanência eterna de suas próprias palavras (οἱ δὲ λόγοι μοι), colocando suas palavras na mesma categoria eterna da Escritura, a palavra de Deus (ver 9:26; 16:17; Sl 119:89; Is 40:8).” THOMPSON, A. J. **Luke**. Nashville: B&H Publishing Group, Edição do Kindle, 2016, Epub, posições 14584-14586, tradução nossa. (Exegetical Guide to the Greek New Testament)

¹¹³ “Sintaticamente *en tō epikeisthai kai akouein* literalmente. ‘Durante a pressão e escuta’ ... está subordinada à cláusula de conexão *kai autos ēn hestōs* ‘e ele estava de pé’, mas semanticamente ambas são introdutórias em relação ao v. 2 *kai eiden* ‘e ele viu’”. (REILING; SWELLENGREBEL, 1993, p. 225, grifo dos autores e tradução

παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ. Marshall (1978, p. 201) defende ser uma oração circunstancial, antes da apódose que começa no v. 2. καὶ αὐτός. Fitzmyer (2008, p. 110) identifica como uma expressão própria lucana; o uso do pronome no nominativo (αὐτός), nesse caso, não denota ênfase¹¹⁴, mas faz uma retomada a um personagem anteriormente citado.¹¹⁵ O complemento que se segue é ἦν ἑστώς, uma construção de εἰμί no indicativo + particípio perfeito, que, na prática, é um mais-que-perfeito perifrástico que tem uma simples força passada¹¹⁶. Até este ponto, tem-se “ele estava (em pé)”¹¹⁷.

O complemento indicando a localização é παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ. A preposição παρὰ com o acusativo (τὴν λίμνην), neste caso, assume a acepção espacial de: junto a, perto de, em (WALLACE, 2009, p. 378); informando que Jesus estava em pé, perto de/junto a algum lugar – o lago –. “λίμνη, lago (distinto de θάλασσα para os leitores gentios de Lucas).¹¹⁸” (ZERWICK; GROSVENOR, 1974, p. 189, grifo dos autores e tradução nossa). Trata-se do lago de Genesaré, que também é conhecido por mar da Galileia e mar de Tiberíades.¹¹⁹

A proposta de tradução do v. 1 é a seguinte: “E aconteceu (que) enquanto a multidão o pressionava para ouvir a palavra de Deus, ele estava em pé ao lado do lago de Genesaré.”

Uma formulação sintática teria o seguinte esquema, com as devidas orações dependentes (subordinadas) indicadas pelas setas e endentamento:

nossa).

¹¹⁴ “Lucas, em particular, faz uso frequente de αὐτός (no nominativo) não em seu sentido intensivo apropriado (‘ele mesmo’), mas simplesmente como um pronome de terceira pessoa com apenas a menor ênfase ou nenhuma...”. (ZERWICK, 1963, p. 64, tradução nossa).

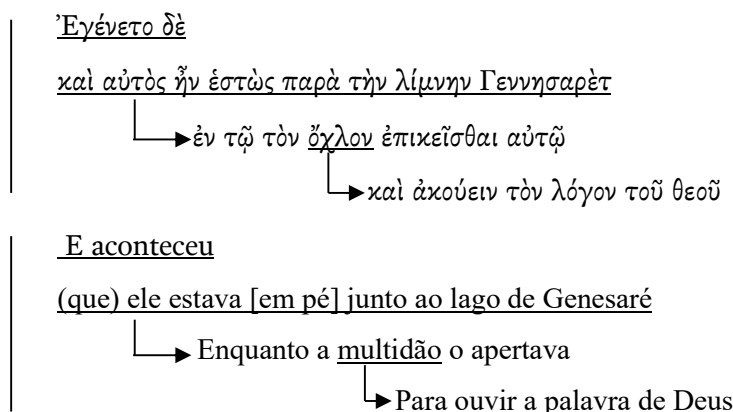
¹¹⁵ Wallace (2009, p. 323), ao explicar as funções do uso pronominal nominativo, colocando Lc 5,1 sob a noção semântica de redundância, informa: “A presença do pronome pessoal no nominativo nem sempre é enfática. Ocasionalmente, é uma mera redundância da noção pronominal implícita no verbo. Somente o contexto pode ajudar a determinar se um pronome pessoal é enfático ou não. Muitos desses exemplos funcionam em uma narrativa como um ‘dispositivo interruptor de referência informando uma mudança do sujeito para alguém ou algo mencionado anteriormente’”.

¹¹⁶ Ver Wallace (2009, p. 583, 586). Na p. 586, o referido autor expressa o seguinte: “As construções perifrásticas, muitas vezes, são mais similares, na tradução, ao imperfeito do que ao aoristo”.

¹¹⁷ Arndt *et al* (2000, p. 482), ao tratar do verbo ἵστημι no perfeito e mais-que-perfeito, coloca as aparições em Lc 5,1-2, na acepção semântica de “estar em um lugar, ficar (lá), estar (lá), com a ênfase menos em ‘estar’ do que em ‘ser, existir.’” Jesus estava lá, em pé (o texto informa mais adiante que ele se senta, o que não é dito aqui).

¹¹⁸ “Lucas usa o nome mais próprio, ‘lago’ (limnē), que também é usado por Josefo, Antiguidades 18.2,1 § 28. Neste caso, o conhecimento de Lucas sobre a geografia palestina dificilmente é deficiente.” (FITZMYER, 2008, p. 565, tradução nossa).

¹¹⁹ “O mar de Tiberíades - Um lago de água doce no norte da Palestina. Este lago tem vários nomes: às vezes é chamado de Mar da Galileia, da província em que está situado; às vezes o Lago de Tiberíades, da cidade de mesmo nome em sua margem ocidental; e às vezes, como neste caso, o lago de Genesaré, de uma planície com esse nome entre as cidades de Cafarnaum e Magdala. Na forma é um oval irregular, com a extremidade grande voltada para o norte. Tem cerca de 22 quilômetros de comprimento e 14 quilômetros de largura, e está cerca de 600 pés abaixo do nível do Mar Mediterrâneo. GRAY, James C. **Biblical Encyclopedia and Museum**: vol. 12. Hartford: The S. S. Scranton Co., 1900, p. 53, grifo do autor e tradução nossa. Johnson (1991, p. 87, tradução nossa) explica que: “Lucas minimiza o volume de água que os outros sinópticos chamam de ‘mar’ (thalassa), reservando esse termo para o Mediterrâneo (Atos 10:6, 32; 17:14; 27:30, 38, 40; 28: 4)”.



Nesse primeiro verso de Lc 5, há um ato de fala representativo, em que o autor informa algo aos leitores. Com isso, pretende-se que eles fiquem cientes de alguns detalhes: Jesus está na Galileia, junto a um lago, pregando a palavra de Deus; uma multidão o busca para ouvir esta palavra, o ajuntamento é tamanho que o aperta e o comprime, levando-o a buscar uma alternativa, para que cumpra mais eficientemente seu propósito (vv.2-3). Esta mensagem que o Nazareno proclama, como visto anteriormente, é dita com autoridade, poder e equivalente à palavra do Deus de Israel, por isso, o povo se aglomera para escutá-lo.

O v. 1 está conectado sintaticamente com o v.2. Isto fica demonstrado abaixo, após a devida análise, e, por fim, expresso graficamente:

A frase inicial do v. 2 reza: καὶ εἶδεν δύο πλοῖα ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην. Esta oração é independente, como as outras duas que completam este versículo; sendo a primeira conectada por coordenação. Tudo começa com a percepção de Jesus: ele viu¹²⁰, viu o quê? O complemento está no acusativo e, neste caso, coincide ser o objeto direto – δύο πλοῖα ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην (dois barcos). “Ao mencionar ‘dois barcos’, Lucas conscientemente prepara para o milagre no v. 6 e a convocação do segundo barco no v. 7” (FITZMYER, 2008, p. 566, tradução nossa). Essas embarcações não estavam longe (o v. 3 dirá que um deles é de Simão, e Jesus o requisitará para continuar sua atividade). “Jesus está procurando um lugar para ficar longe da multidão e avista dois barcos.” (BOCK, 2004, Epub, posição 530, tradução nossa). Isso significa que os barcos estão na margem do lago, assim como o próprio Jesus estava (cp. v. 1). A frase ἐστῶτα παρὰ τὴν λίμνην é semelhante à ἐστῶς παρὰ τὴν λίμνην, presente no v.1, que se refere a Jesus. Lá, o participio perfeito junto, como o verbo εἰμί, formam um mais-que-perfeito, o que não é percebido no v. 2. O paralelo é observado em relação ao lugar. No v. 1, o verbo ἵστημι denota “estar parado em pé” e, no v. 2, “estar parado”. No que se refere aos barcos, isso equivale a

¹²⁰ Aor. do ind. ativo 3p. s. de εἶδον. Wallace (2009, p. 555) informa que “No indicativo, o aoristo normalmente indica tempo passado com referência ao tempo da enunciação (logo, tem-se ‘tempo absoluto’).”

estarem atracados¹²¹ e ambos (Jesus e os botes) estão junto ao lago, na mesma margem dele – “e viu dois barcos parados junto ao lago”.

Na sequência do v. 2 são revelados outros personagens – οἱ δὲ ἄλιεῖς ἀπ’ αὐτῶν ἀποβάντες. Tem-se uma oração independente e aditiva/continuativa, introduzida pela partícula/conjunção pospositiva δέ.¹²² Segue-se a tradução preliminar: “(e) os pescadores¹²³”. As próximas palavras mostram uma saída dos barcos – ἀπ’ αὐτῶν –, em que a preposição ἀπό, que só rege o genitivo, traz a ideia de separação, de acordo com Murachco (2001, p. 543), e teria o sentido de “afastando-se de”, os pescadores se afastaram “deles” – dos barcos. O quadro completo é que Jesus é apertado pela multidão, procura algo ou algum lugar de onde possa falar e ser ouvido por todos, de maneira mais satisfatória. Olhando, ele vê dois barcos que estão vazios, pois os seus donos (pescadores) se afastaram deles. É relevante destacar que essa última construção grega analisada já carrega a ideia de saída do barco, porém o autor reforça, ao usar o particípio ἀποβάντες. Já que: “ἀποβαίνω é correto para ‘desembarcar.’” (MARSHALL, 1978, p. 202, tradução nossa). Tradução até aqui: “(e) os pescadores, desembarcando, se afastaram deles.”

A última oração do v. 2 é ἔπλυνον τὰ δίκτυα. Tal frase é uma oração independente que tem um sujeito elíptico (eles – os pescadores). O que o sujeito faz? Já foi visto que os personagens se afastaram dos barcos, mas com que propósito? (Eles) ἔπλυνον τὰ δίκτυα. O verbo πλύνω (lavar) está no imperfeito do indicativo, na 3ª pessoa do plural, e apresenta a ideia de algo inacabado (*infectum*). Wallace (2009, p. 541, grifo do autor) informa que o imperfeito “é freqüentemente (sic) incompleto e focaliza no *processo* da ação”. O mesmo autor ajuda na identificação do tipo de imperfeito e sua ação. De acordo com sua classificação, pode-se notar que, em Lc 5,2c, tem-se um imperfeito ingressivo (incoativo, inceptivo)¹²⁴. Na mesma obra, p. 545, ele fornece a identificação para tradução deste imperfeito: estava começando a + infinitivo.” Sendo assim, a tradução dinâmica ou funcional seria: “estavam começando a lavar”. Os pescadores lavavam e não consertavam, como em Mc 1,19, posto que: “Como mostra 5:4, quando Jesus os chama para lançar suas redes, os pescadores estão prontos para ir.” (BOCK,

¹²¹ “*hestōta para tēn limnēn* significa que os barcos estão na margem do lago, assim como o próprio Jesus estava (cp. v. 1). *hestōta* ‘parado’ é uma palavra muito geral (cp. A-G s.v. *histēmi* II 2 a) que significa aqui pouco mais do que ‘ser.’” (REILING; SWELLENGREBEL, 1993, p. 226, grifo dos autores e tradução nossa).

¹²² “*de* é melhor entendido como continuativo e a cláusula descreve a segunda parte da imagem: os barcos na costa e os pescadores lavando as redes” (REILING; SWELLENGREBEL, loc. cit., grifo dos autores e tradução nossa).

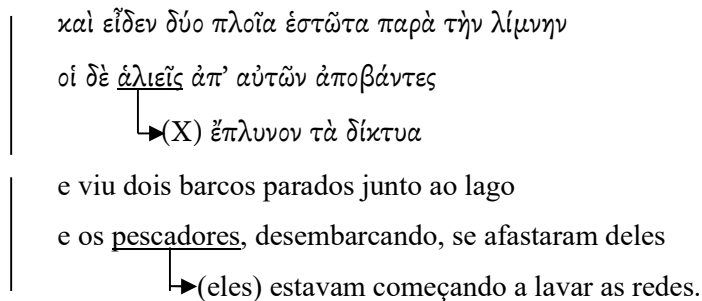
¹²³ “Lucas nunca menciona André, mas os verbos no plural nos vv. 4, 6, 7, 9 implicam que outra pessoa está presente no barco com Simão e Jesus - novamente, um remanescente do paralelo marcano.” (FITZMYER, 2008, p. 566, tradução nossa). Stein (1992, p.168, tradução nossa) concorda: “Lucas não mencionou André (cf. Marcos 1:16), mas o plural deixa espaço para ele. Ele pode ter omitido a menção de André para focar a atenção dos leitores na figura central - Simão Pedro”.

¹²⁴ “Freqüentemente (sic), o imperfeito é usado para expressar o início de uma ação, com a implicação de que o mesmo continuou por algum tempo” (WALLACE, 2009, p. 544)

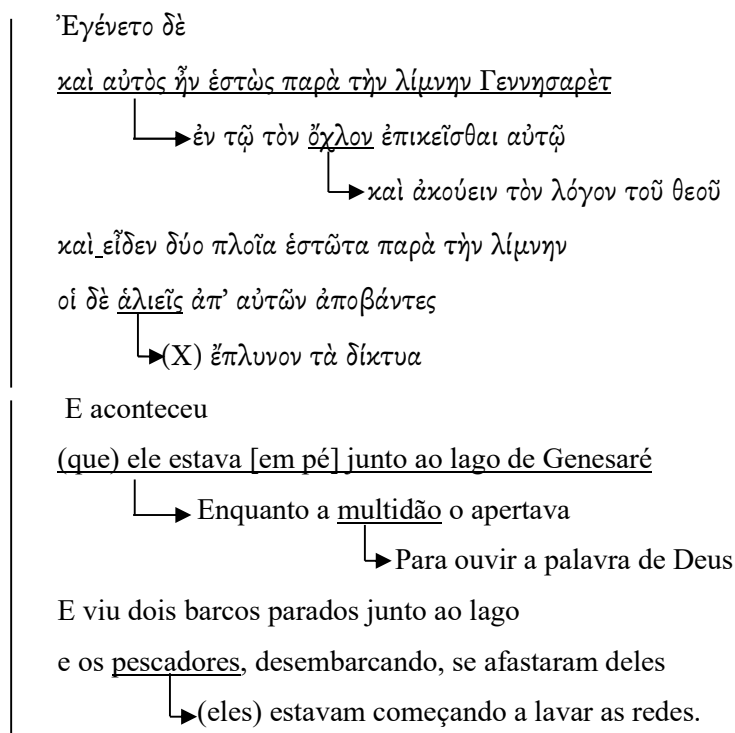
2004, Epub, posição 530, tradução nossa). Estas redes eram para pescar em águas profundas (THOMPSON, 2016, Epub, posições 3099-4012; BOCK, 2004, Epub, posição 530; MARSHALL, 1978, p. 202). Traduzindo a oração, tem-se: “(eles) estavam começando a lavar as redes.”

A proposta de tradução do v. 2 é a seguinte: “E viu dois barcos parados junto ao lago, e os pescadores, desembarcando, se afastaram deles, e estavam começando a lavar as redes.”

Uma formulação sintática deste verso teria o seguinte esquema, o qual, apesar de não ter oração dependente, traz um endentamento estilístico para identificar o sujeito da última frase. O X indica, aqui e quando necessário, o sujeito elíptico (oculto):



Conforme preanunciado na análise do v.2, há uma ligação sintática entre os vv.1 e 2, que aponta para as ações de Jesus no v. 1, acontecendo simultaneamente às do v. 2. Enquanto ele estava em pé, na praia, apertado pela multidão que queria ouvi-lo, viu os barcos. Os pescadores desembarcaram e começavam a lavar as redes. Tal enlace é visto a seguir:



Após a ligação sintática dos vv.1-2 ser apresentada graficamente, o foco retorna para o v. 2, em seu aspecto pragmático.

A primeira oração traz um ato ilocutório representativo com o fim de informar. O autor prepara o cenário para o próximo ato (v.3). Jesus vê os barcos, os pescadores, o que eles fazem e, a partir do que vê e da situação que se encontra (comprimido pela multidão), toma uma atitude, conforme o v. 3. As próximas duas orações descrevem três atitudes dos pescadores: desembarcar, se afastar dos barcos e lavar as redes. O realce, no início da última ação, “começavam a lavar”, é importante para o que acontece no v. 4 (lançar as redes). Os vv. 1-2 apresentam uma série de atos ilocucionários informativos que acumulam dados introdutórios da narrativa. Tem-se, até aqui, três personagens em foco: multidão, Jesus e pescadores (ainda não identificados). Suas ações e percepções compõem a primeira parte do pano de fundo, concluída no v. 3, porque as ações de primeiro plano também têm acopladas partes informativas de pano de fundo, não tão desenvolvidas como nos vv. 1-3 e v. 11.

Um detalhe que traz o seu aspecto informativo, mas construtor do leitor modelo, é que Lc 5,2 traz a única aparição do substantivo ἁλιεύς – “pescador” – na literatura lucana (Lc-At), bem no relato de uma pesca especial e de um convite para “pescar” pessoas. Não há nada de oculto nas intenções do autor; ele revela, passo a passo, suas percepções sobre discipulado e seguimento apresentados no mister da pesca e na proclamação da Palavra de Deus. Green (1997, p. 232, tradução nossa) indica como o autor concebeu tal link na perícopes em estudo: “Como podemos antecipar, dado o equilíbrio cuidadoso de palavra e ação no ministério de Jesus, e como a natureza parabólica desta perícopes evidencia, ensinar a palavra de Deus envolve atividades milagrosas e pode ser entendido como ‘capturar pessoas.’”

Algo parecido pode ser afirmado sobre as únicas vezes, na literatura lucana, do substantivo δίχτυον – rede: segundo Arndt *et al* (2000, p. 250, grifo e tradução nossa), esse substantivo significa “um termo genérico ‘rede’, mas no NT apenas rede de pesca” e aparece nos vv. 2.4-6. Há algo, nessa atividade, que está em intersecção com o mister do discípulo. Algo mais elucidativo sobre a natureza das redes é apresentado por Green:

Bivin identifica as redes sendo usadas como ‘redes de tresmalhos’ - feitas de linho, visíveis para os peixes durante o dia e, portanto, usadas à noite, exigindo de dois a quatro homens para serem implantadas e precisando ser lavadas todas as manhãs - combinando assim com os detalhes deste relato realista precisamente. Essa identificação também ressalta a natureza milagrosa da captura: normalmente, durante o dia, os peixes veriam e evitariam a rede. (GREEN, 1997, p. 232, tradução nossa).

O v. 3 é o último dessa parte introdutória e está composto por seis orações, sendo duas

independentes (coordenadas - a 3ª e a 6ª) e quatro dependentes. As duas iniciais são preparatórias e estão em relação de dependência com a terceira. Assim começa este verso: ἐμβὰς δὲ εἰς ἐν τῶν πλοίων. Esta é uma oração dependente participial adverbial temporal,¹²⁵ cujo particípio aoristo, embora geralmente traga o aspecto perfectivo (ação que ocorre anteriormente ao verbo principal), traz um atenuante, o fato do verbo controlador ser também aoristo, que o coloca numa posição simultânea ao verbo principal, conforme esclarece Wallace:

O particípio *aoristo* normalmente, ainda que nem sempre, é *anterior* ao tempo da ação do verbo principal. Mas quando o particípio aoristo estiver relacionado a um verbo principal *aoristo*, o particípio será freqüentemente (sic) contemporâneo (ou simultâneo) à ação do verbo principal. (WALLACE, 2009, p. 624, grifo do autor).

Jesus embarca (ἐμβὰς particípio aoristo de ἐμβαίνειν¹²⁶) para dentro de um εἰς ἐν. A preposição, com o adjetivo numeral (um) no acusativo, traz a nuance espacial: “para dentro de” (WALLACE, 2009, p. 369). Jesus embarca em um de dois barcos, acepção partitiva: “O substantivo principal na frase representa uma parte de algum todo” (KÖSTENBERGER; MERKLE; PLUMMER, 2016, p. 95, tradução nossa) – do genitivo τῶν πλοίων (“dos barcos”). A tradução da sentença fica assim: “embarcando em um dos barcos” ou “entrando em um dos barcos.”

A frase seguinte é uma oração dependente relativa definida explicativa: ὃ¹²⁷ ἦν Σίμωνος. O pronome relativo faz referência ao barco que Jesus entrou e “este pronome relativo funciona como sujeito de sua oração. Dentro do contexto maior da oração, toda a oração funciona como um apositivo.” (BLAKLEY, 2011, Lc 5,3, não paginado, grifo e tradução nossa). O verbo εἰμί, no imperfeito do indicativo ativo, pode ser descrito como sendo um imperfeito progressivo (declarativo), o que põe sua ênfase na duração passada da ação, conceito explanado melhor por Wallace (2009, p. 543): “O imperfeito é, muitas vezes, usado para descrever uma ação ou estado que está em progresso no passado do ponto de vista (ou, mais acuradamente, retratada) do

¹²⁵ “O particípio adverbial é gramaticalmente subordinado a ou dependente do verbo principal da sentença ou cláusula. Similar a um advérbio, o particípio modifica o verbo principal respondendo perguntas como ‘Quando?’ (temporal), ‘Por quê?’ (propósito ou causa) ou ‘Como?’ (modo ou meio). A chave para reconhecer particípios adverbiais é que eles nunca são precedidos por um artigo (posição predicativa) e frequentemente ocorrem no começo de uma sentença ou cláusula. [...] Um particípio adverbial temporal responde à pergunta ‘Quando?’ em relação ao verbo principal ou controlador. Baseado em seu aspecto, o particípio pode comunicar o aspecto perfectivo (particípio aoristo), imperfectivo (particípio presente ou estativo (particípio perfeito).” (KÖSTENBERGER; MERKLE; PLUMMER, 2016, p. 327, tradução nossa)

¹²⁶ RUSCONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 164-165, define o termo como “entrar, subir, subir em” e com barco como complemento “embarcar”. Reiling e Swellengrebel (1993, p. 227) explicam que em Lucas sempre se refere a entrar em um barco.

¹²⁷ Wallace (2009, p. 336) declara que “ὃs rotineiramente é usado para ligar um substantivo ou outro nome à sua oração relativa, quer seja descritiva, explicativa ou restritiva.”

falante.” A chave de sua identificação é fornecida, também, por Wallace (2009, p. 543, grifo do autor): “*estava (continuamente) + gerúndio*”, assim tem-se “o qual era/estava continuamente sendo”. O barco era de quem? O genitivo possessivo¹²⁸ responde: Σίμωνος – de Simão. A oração pode ser traduzida assim: “o qual era/estava continuamente sendo de [pertencendo a] Simão.”

A ocorrência do nome Σίμων (Simão), neste relato, é a segunda (de 17¹²⁹, em Atos ocorre 13 vezes) no Evangelho de Lucas. A primeira foi em Lc 4,38, no qual é mencionado que Jesus vai à casa de Simão e, por sua palavra de ordem, cura a sogra daquele. “A atenção se volta para Pedro. Jesus sai de seu caminho para envolver Pedro ao escolher conscientemente entrar em seu barco. Pedro se torna o representante dos outros com Jesus no barco” (BOCK, 2004, Epub, posição 530, tradução nossa). Assim, Pedro é o primeiro dos doze apóstolos a ser nomeado no Evangelho, e a segunda vez (registrada nominalmente em Lucas) que está em contato direto com a palavra de Deus, proferida por Jesus.

A próxima oração é independente: ἡρώτησεν αὐτὸν ἀπὸ τῆς γῆς. É a ela que as primeiras e a seguinte se conectam. O verbo ἐρωτάω (pedir algo, perguntar) está no aoristo do indicativo e é classificado como aoristo constativo.¹³⁰ Além disso, teria a tradução no passado simples: “pediu” e, conforme o contexto, o pedido e a resposta imediata, Bovon (1989) sugere que tenha uma força imperativa:

No tempo e na situação de Lucas, porém, o pedido de Jesus só pode ser um mandamento que visa tão incondicionalmente uma resposta positiva que seu efeito é mencionado diretamente: agora o barco está um pouco distante da costa e Jesus pode finalmente ensinar. (BOVON, 1989, p. 232, tradução nossa).

Jesus pede a ele (αὐτὸν), acusativo com sentido de objeto direto, que faça algo – ἀπὸ τῆς γῆς. A preposição ἀπό, que rege só o genitivo, tem um sentido de separação (entre outros) – “afastando-se de” (MURACHCO, 2001, p. 543) –, o que combina com um genitivo de separação – τῆς γῆς – ou pode ser identificada uma construção com essa nuance, como explica Wallace (2009, p. 108), ao definir esse tipo de genitivo: “Por esta razão, um genitivo de separação será raro no NT, enquanto a preposição ἀπό (ou ἐκ) + genitivo será algo normalmente usado para separação.” A tradução dessa cláusula é: “pediu a ele [para] se afastar da terra/margem.”

¹²⁸ Ver Köstenberger, Merkle e Plummer (2016, p. 91-92). Wallace (2009, p. 81) define tal genitivo da seguinte forma: “O substantivo no genitivo possui a coisa a qual permanece relacionado.”

¹²⁹ Lc 4,38 (2x)/ 5,3-5.8.10(2x)/ 6,14-15; 7,40.43-44; 22,31 (2x); 23,26; 24,34.

¹³⁰ FANNING, B. M. *Verbal aspect in New Testament Greek*. Oxford: Clarendon, 1990, p. 256, tradução nossa, descreve o aoristo constativo da seguinte maneira: “Aqui, o indicativo aoristo faz uma referência sumária a uma ação passada ou estado como um todo, sem ênfase em qualquer uma das características de ação que podem estar envolvidas na constituição interna da ocorrência. Não há foco no início ou no fim da situação exclusivamente, mas sim em toda a ocorrência vista como uma única entidade, independentemente de sua constituição.”

A próxima sentença é uma oração dependente infinitiva substantiva de discurso indireto¹³¹, ἐπαναγαγεῖν ὀλίγον, e está em relação subordinada com a cláusula independente anterior. O verbo ἐπανάγω (“afastar-se da margem,” “fazer-se ao largo” [RUSCONI, 2005, p. 182]) está no aoristo do infinitivo ativo e com sua função discursiva indireta em relação ao verbo ἐρωτάω. Desse modo, apresenta a nuance de afastar-se ou a força imperativa “afaste-se.” Complementando esse afastamento, há um indicativo espacial, uma quantidade a ser “percorrida” – ὀλίγον (um pouco) –, um advérbio¹³² com força acusativa (MURACHCO, 2001, p. 694). A frase pode ser compreendida da seguinte forma: “afastar-se/afaste-se um pouco”. Lembra-se, portanto, de sua relação com a frase anterior.

A penúltima sentença está em relação de dependência com a última, sendo uma oração dependente participial adverbial modal (ou participial circunstancial)¹³³ – καθίσας δὲ –, iniciada pelo particípio aoristo nominativo do verbo καθίζω (com a acepção intransitiva de “tomar uma posição sentada; sentar-se”, como explicado por ARNDT *et al*, 2000, p. 492). A definição do particípio adverbial modal é fornecida por Wallace (2009, p. 628): “Esse particípio indica o meio pelo qual a ação de um verbo finito é realizada. Esse meio pode ser físico ou mental. Esse uso é comum.” E, embora, a posição do particípio na construção frasal não seja a de seguir e sim de anteceder a do verbo principal, o fato de assentar-se não representa um embelezamento estilístico pressuposto no particípio adverbial de maneira. Representa o modo como o ensino aconteceu, já que era assim que Jesus costumava fazer: “Jesus se senta e ensina a multidão, uma postura que ele costuma tomar quando ensina” (BOCK, 2004, Epub, posição 531, tradução nossa). Procedia de tal modo, porque os pregadores judeus se posicionavam assim: “O fato de Jesus estar sentado é correto sob dois pontos de vista: teológico, porque é a posição do pregador, narrativo, porque em um barco, num longo período de tempo, só se pode estar sentado,”

¹³¹ Embora Wallace (2009, p. 661,) trate resumida e graficamente da classificação, o conceito só é entendido ao se verificarem as nuances sintáticas do infinitivo na mesma gramática. Por exemplo, Wallace (2009, p. 603, grifo do autor) explica que essa acepção infinitiva substantivada de discurso indireto “tecnicamente [...] é uma subcategoria do objeto direto.” E mais: “O verbo controlador introduz o discurso indireto, do qual o infinitivo é o verbo principal. ‘Quando um infinitivo ficar como o objeto de um verbal (sic) de percepção mental ou comunicação e expressar o conteúdo ou a substância do pensamento ou da comunicação, será classificado como parte de um discurso indireto.’ [...] O infinitivo no discurso indireto representa um verbo finito no discurso direto. O intérprete tem que reconstruir o suposto discurso direto. [...] o infinitivo em um discurso indireto pode representar um *imperativo* em certas ocasiões.”

¹³² “[...] o advérbio é para o verbo exatamente o que o adjetivo é para o nome: *os dois trazem noções acessórias, que não modificam a natureza do verbo ou do nome*. As diferenças são de categoria: os adjetivos acrescentam ao nome noções secundárias *nominais de qualidade ou estado*, e os advérbios acrescentam ao verbo noções secundárias *circunstanciais de espaço e modo*” (MURACHCO, 2001, p. 693, grifo do autor).

¹³³ “O particípio adverbial ou circunstancial é subordinado gramaticalmente a seu verbo controlador (normalmente o verbo principal da oração). Como um simples advérbio, o particípio modifica o verbo, enquanto responde a pergunta, *Quando?* (temporal), *Como?* (modal, maneira), *Por quê?* (final, causal) etc” (WALLACE, 2009, p. 622, grifo do autor).

(BOVON, 1989, p. 232, tradução nossa). Sendo assim, o sentar-se ocorre simultaneamente ao ensinar, característica desse participio (WALLACE, 2009, p. 629). A frase pode ser vertida da seguinte forma: “e por meio de assentar-se/ e assentando-se”.

O último período é uma oração independente, a qual regula a sentença anterior, ἐκ τοῦ πλοίου ἐδίδασκεν τοὺς ὄχλους. A preposição ἐκ, com o genitivo τοῦ πλοίου, aponta para sua força semântica de fonte: “para fora de” (WALLACE, 2009, p. 371). O genitivo é um genitivo de fonte e, como tal, traz uma ideia de ênfase. Tal ênfase recai na causa e não no resultado, o que seria o genitivo de separação (WALLACE, 2009, p. 107-110). Sendo assim, a tradução seria “a partir do barco,” uma vez que “Ἐκ τοῦ πλοίου expressa a direção a partir da qual ocorre a ação de ensino”. (THOMPSON, 2016, Epub, posições 4023-4024, tradução nossa). O verbo que é modificado pela frase preposicional em questão e que regula a oração anterior (καθίσας δὲ) é o verbo διδάσκω (ensinar), que ocorre na 3ª pessoa do singular do imperfeito do indicativo ativo.

Lenski (1961, p. 278) e Reiling e Swellengrebel (1993, p. 227) apontam a força continuativa deste imperfeito, o que faria dele um imperfeito progressivo¹³⁴. Contudo, Wallace (2009, p. 544-545); Köstenberger, Merkle e Plummer (2016, p. 266); bem como Thompson (2016, Epub, posição 4025) expressam que tal imperfeito apresenta uma nuance inceptiva, sendo ingressivo.¹³⁵ Fanning (1990, p. 253, tradução nossa) assevera que “muitos exemplos de sentido inceptivo ocorrem no NT com este verbo.” Tal posicionamento faz jus ao desdobramento da narrativa, uma vez que o imperfeito ingressivo aponta para uma mudança de atividade na narrativa (WALLACE, 2009, p. 544), “[...] uma variação no assunto ou uma mudança na ação” (KÖSTENBERGER; MERKLE; PLUMMER, 2016, p. 266, tradução nossa), o que é o caso: Jesus, na margem do lago, vê os barcos, pede para entrar, se senta e começa a ensinar. Aliás, tal é a chave para tradução apresentada por Wallace (2009, p. 545, grifo do autor): “estava começando a + infinito”, que poderia ser traduzido por “estava começando a ensinar” ou “começou a ensinar.” A última frase está no acusativo, como um complemento: Jesus começou a ensinar τοὺς ὄχλους (às multidões). Este grupo já foi apresentado no v. 1; o acusativo apresenta o foco da ação verbal, a quem se dirige.

Três pontos principais emergem desse verso: a figura de Pedro (já vislumbrada anteriormente), o ensino e a escuta. Sobre o ensino de Jesus em Lucas, Fitzmyer (2008) aponta para o papel de mestre:

¹³⁴ Wallace (2009, p. 543) informa que este imperfeito é “usado para descrever uma ação ou estado que está em progresso no passado do ponto de vista (ou, mais acuradamente, retratada) do falante”. O que teria a identificação: “estava (continuamente) + gerúndio.”

¹³⁵ Wallace (2009, p. 544) informa que este imperfeito “é usado para expressar o início de uma ação, com a implicação de que o mesmo continuou por algum tempo.”

Lucas usa o verbo *didaskein* de forma absoluta (ou seja, sem nenhum objeto) e não especifica o que Jesus ensinou. Isso está em contraste marcante com os paralelos de Mateus e Marcos. Pode ser derivado do paralelo marcano (6:2) com o episódio seguinte, que obviamente prenuncia. Mas também introduz um motivo lucano, de Jesus como mestre (ver 4:31; 5:3, 17; 6:6; 11:1; 13:10, 22, 26; 19:47; 20:1, 21; 21:37; 23:5; cf. p. 218 acima). Lucas 23:5 vê o início disso precisamente aqui na Galileia. (FITZMYER, 2008, p. 523, grifo do autor e tradução nossa).

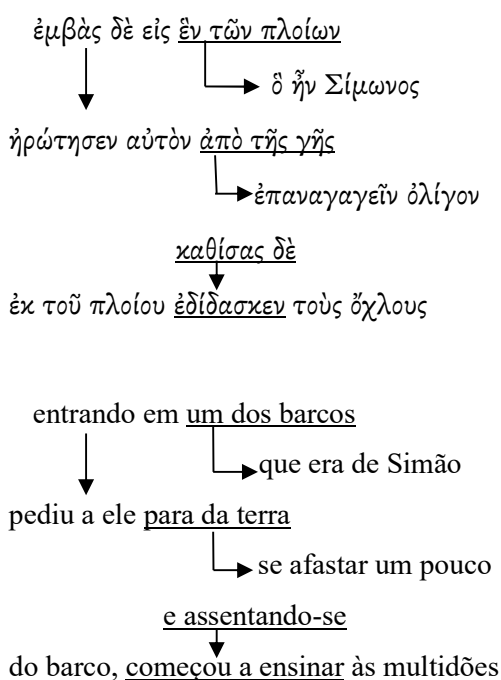
Sobre a escuta e os que escutaram Jesus, e sobre a entrada no barco de Simão, Grasso (1999) apresenta uma chave interpretativa:

Do barco ele então dá seus ensinamentos (v. 3). O elemento fundamental deste início está na atitude das pessoas que ouvem a palavra de Deus (cf., 22.32.36.43-44) não só de Jesus, mas também dos apóstolos, discípulos e missionários. A atitude de escuta na obra lucana constitui o ponto de partida do caminho de fé. A grande multidão que se aglomerava para ouvir Jesus, um sinal de seu ensino autorizado e reconhecido, obrigou-o a entrar em um barco. (GRASSO, 1999, p. 158-159, tradução nossa).

Então, tem-se um ensino abalizado e autoritativo da Palavra de Deus, por parte de Jesus. Além disso, observa-se uma escuta atenta, geradora de fé, no que se refere aos que o cercavam, embora nem todos os ouvintes desenvolvessem a fé esperada (cf. Lc 6,46-49).

A proposta de tradução do v. 3 é a seguinte: “Entrando em um dos barcos, o qual era de Simão, pediu a ele que se afastasse um pouco da terra (margem), e assentando-se, começou a ensinar às multidões, do barco.”

Uma formulação sintática do v. 3 teria o seguinte esquema:



No v. 3 existe um ato ilocutório diretivo, quando Jesus pede a Simão para se afastar da margem com o seu barco, e este o obedece. Desse modo, tem-se atos ilocutórios representativos nas informações da entrada de Jesus no barco de Simão e de que ele se assentou para ensinar. Com relação ao ensino, embora o verbo ensinar não esteja no rol dos verbos ilocutórios, propõe-se, aqui, que seja um ato ilocutório indireto e com força diretiva, pois quem ensina espera que o outro aprenda e coloque em prática o que aprendeu. Como Jesus ensina a Palavra de Deus (Lc 5,1), é chamado de mestre por Simão (Lc 5,5) e informa que quem ouve e pratica suas palavras se dá bem (Lc 6,47-48); já quem ouve e não pratica se dá mal (Lc 6,46.49). Assim, existe um ato diretivo de forma indireta na tarefa do ensino.

Nesses 3 primeiros versos de Lc 5 aparecem o pano de fundo do que vem a seguir num local específico: lago de Genesaré; com pessoas específicas: Jesus, Simão, a multidão (que aparece só neste preâmbulo, mas que exemplifica a tarefa de pescar gente) e os sócios (embora não surjam explicitamente, a apresentação de dois barcos deixa implícito tal fato nesse momento da narrativa, o que se torna explícito depois); e com atitudes específicas: ensinar a palavra de Deus, ouvir, desembarcar com redes vazias, lavar as redes como preparação para outra pesca.

Godet (1881) argumenta que todas as ações de Jesus são planejadas nesta perícope para impressionar seus futuros discípulos com o funcionamento interno de sua atividade:

Jesus faz um púlpito do barco que os seus amigos acabam de deixar, de onde lança a rede da palavra sobre a multidão que cobre a costa. Então, desejando unir doravante esses jovens crentes a Si mesmo com vista a Seu trabalho futuro, Ele determina dar-lhes um emblema que nunca esquecerão do magnífico sucesso que acompanhará o ministério pelo amor do qual Ele os convida a abandonar tudo; e para que fique mais profundamente gravado em seus corações, Ele tira esse emblema de sua vocação diária. (GODET, 1881, p. 256, tradução nossa).

O foco em Jesus está de acordo com a rede verbal que constitui o pano de fundo e o primeiro plano, pois, apesar de Lc 5,1-3 estar colocado no “espaço” de pano de fundo, há duas ocasiões em que Jesus tem atitudes de primeiro plano (corroboradas pelo uso verbal do aoristo): quando ele vê os barcos e quando pede para Simão se afastar um pouco da praia para que ele possa ensinar as multidões. O Nazareno toma as decisões, seu ver o leva a agir. Nessa ação ele inclui Simão, o que indica uma proeminência implícita ainda, mas que se desenvolve ao longo do Evangelho. Nolland (1989, p. 221, tradução nossa), ao falar desses dois personagens e das ações desenvolvidas em Lc 5,1-11, propõe que o “ensino de Jesus do barco une as atividades de Jesus e Pedro: Jesus está pescando do barco para pegar homens. [...] É para enfatizar isto que Lucas preferiu o milagre da pesca e chamado.”

Em Simão, Jesus encontrou alguém em quem suas palavras acharam guarida. Pedro obedece, coloca o que tem à disposição do Nazareno e de sua missão. Esses componentes são esperados dos que se colocam como aspirantes ao discipulado – escuta atenta, disposição para obedecer a palavra de Deus, comprometimento total com o Rei e com o reino. A semente da palavra precisa frutificar no coração do ouvinte e gerar frutos na vida diária. A rede do evangelho ainda está no mar da vida, só que, diferente dos peixes, cabe aos homens decidirem se deixarão se “aprisionar” em seus fios de amor, beleza e salvação.

A próxima seção, intitulada “A pesca: frustração da noite e a esperança do novo”, ocorre nos vv. 4-7. Esse é um ponto nevrálgico e paradigmático da narrativa, mas não o único. É o momento em que a palavra de Jesus se mostra poderosa mais uma vez e os que a presenciam têm um vislumbre de quem é esse Nazareno.

4.4 A pesca: frustração da noite e a esperança do novo (Lc 5,4-7)

Os vv. 4-7, de Lucas 5, apresentam uma história empolgante que começa com um dia de trabalho mal sucedido e termina com um evento ímpar e espetacular. Há, no desenrolar desta narrativa, uma linha que a emenda com a anterior e reflete luz sobre aquela: a palavra de Jesus como palavra de Deus, a beleza da ação de Jesus que do ordinário faz o extraordinário, o foco da ação de Jesus na pessoa de Simão Pedro e em seus sócios. Enfim, algo novo, desafiador e direcionador. Na verdade, o foco na Palavra está unindo os três blocos desta perícope, como indica Fabris (2006):

A ligação entre estes três momentos é constituída pela “palavra” de Jesus. No começo, ele anuncia a “palavra de Deus” ao povo que se amontoa à margem; é por causa da palavra de Jesus que Pedro lança as redes ao largo, e é ainda por causa de sua palavra que ele deixa tudo e, com os companheiros, põe-se a segui-lo. (FABRIS, 2006, p. 63, grifo nosso).

No v. 8 e nos seguintes há uma reação dos pescadores ao que ocorre nos vv. 4-7. Isso dá ensejo a Jesus para que complete sua lição iniciada com a pregação e permeada pela pesca, finalizando com um convite. Bock (2004) estrutura em duas partes apenas a perícope, sendo que a segunda se subdivide:

- a. Cenário: ensinando do barco de Simão (5:1-3)
- b. O pescador maravilhoso e sua promessa (5: 4-11)
 - i. Milagre da pesca (5:4-7)
 - (1) comando de Jesus (5:4)
 - (2) A confiança de Pedro (5:5)

- (3) Pesca plena (5:6–7)
- ii. Resposta ao milagre: confissão e comissão (5:8-11)
 - (1) A confissão e o temor de Pedro (5:8-10a)
 - (2) Promessa de novos peixes (5:10b)
 - (3) Partida para seguir Jesus (5:11). (Bock, 2004, Epub, posição 528, tradução nossa)

O que ele faz é parecido com os esboços apresentados por Crimella (2015) e Tannehill (1986), visto na nota de rodapé nº 99 dessa dissertação. Em suma, há três núcleos que se interligam, há variações da nomenclatura e de como as partes se concatenam, mas o núcleo principal permanece o mesmo: três momentos: pregação, pesca milagrosa e chamado.

Os versos, conforme visto em NA²⁸ e dispostos na segmentação por orações, rezam assim:

4a	Ὡς δὲ ἐπαύσατο λαλῶν	Oração dependente conjuntiva adverbial temporal
4b	εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα	Oração independente
4c	ἐπανάγαγε εἰς τὸ βάθος	Oração independente
4d	καὶ χαλάσατε τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγρην	Oração independente aditiva
5a	καὶ ἀποκριθεὶς	Oração dependente participial pleonástica de circunstância atendente
5b	Σίμων εἶπεν	Oração independente
5c	ἐπιστάτα	Vocativo
5d	δι' ὅλης νυκτὸς κοπιᾶσαντες	Oração dependente participial adverbial concessiva
5e	οὐδὲν ἐλάβομεν·	Oração independente
5f	ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου χαλάσω τὰ δίκτυα	Oração independente adversativa
6a	καὶ τοῦτο ποιήσαντες	Oração dependente participial adverbial temporal
6b	συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ	Oração independente
6c	διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν	Oração independente
7a	καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ	Oração independente
7b	τοῦ ἐλθόντας συλλαβέσθαι αὐτοῖς (com o propósito de virem ajudar)	Oração dependente infinitiva de propósito
7c	καὶ ἦλθον	Oração independente
7d	καὶ ἔπλησαν ἀμφότερα τὰ πλοῖα	Oração independente
7e	ὥστε βυθίζεσθαι αὐτά	

Oração dependente infinitiva de resultado

O v. 4 é composto por quatro orações, uma dependente e três independentes. A primeira está em relação de dependência com a segunda. Já a terceira e a quarta estão conectadas aditivamente. A primeira oração é a dependente: Ὡς δὲ ἐπαύσατο λαλῶν. Esta cláusula é uma oração dependente conjuntiva adverbial temporal, e está ligada à que se segue. A partícula ὥς advérbio ou conjunção, e aqui ela é uma conjunção temporal (ARNDT *et al*, 2000, p. 1105), que pode ter muitos significados. Todavia, a acepção “quando” está em voga neste ponto. Louw e Nida (2013, p. 565) o afirmam: “um ponto temporal que é anterior a outro ponto temporal”. Logo, o que vem após essa conjunção (o restante da oração) é anterior à oração que vem logo após no texto lucano, ou seja, o evento descrito pela frase iniciada por ὥς (quando) acontece antes da começada com εἶπεν (disse). O δέ é pospositivo e não apresenta tradução.

O *quando* requer um complemento, quando o quê? – (Ele) terminou de falar – ἐπαύσατο λαλῶν.

O aoristo indicativo médio de παύω (na voz média e passiva, significa cessar, parar, ter fim [RUSCONI, 2005, p. 362]). Louw e Nida (2013, p. 586-587) o citam com a entrada lexical média depoente παύομαι. Seria ela depoente?¹³⁶ Thompson (2016, Epub, posições 4026-4028) afirma que é depoente, Reiling e Swellengrebel (1993, p. 228) também o definem como depoente. Na verdade, Wallace (2009, p. 423, grifo do autor) explica a situação desse verbo: “a força real de παύω na média é *intransitiva*, enquanto na ativa é transitiva. Na ativa tem a força de parar algum outro objeto; na média, ele cessa a partir de sua própria atividade.” O mesmo autor (2009, p. 416) informa que, na voz ativa, o sentido é “eu paro (transitivo)” e na média é “eu cesso (intransitivo)”. Neste caso, Jesus cessou o que estava fazendo e, na construção grega, “a ação ou estado desistido é indicado pela adição de um particípio presente” (THAYER, 1889, p. 497, tradução nossa). Jesus parou de falar (“*lalōn*, aqui, significa ‘dirigir-se às pessoas’), (REILING; SWELLENGREBEL, 1993, p. 228, grifo dos autores e tradução nossa). O particípio usado é caracterizado como particípio complementar, já que ele “*completa* o pensamento de outro verbo”. (WALLACE, 2009, P. 646, grifo do autor). Jesus encerrou a atividade de pregação – “quando cessou de falar”. Nolland (1989, p. 222, tradução nossa) esclarece que essa frase “marca a transição principal na narrativa: nos vv. 1-3, a ligação com Pedro é acidental; a partir deste ponto, é central.”

Após terminar sua atividade de ensino/pregação, Jesus inicia outra com a ajuda de

¹³⁶Verbo depoente tem “forma média, mas significado *ativo*”. (WALLACE, 2009, p. 423, grifo do autor).

Pedro – εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα. Essa é uma oração independente. A que a precede está em situação de dependência dela. É uma oração com um verbo de fala (εἶπον) e πρὸς com acusativo. Essa é uma construção comum nos escritos lucanos: “Mais do que qualquer outro evangelista, Lucas usa πρὸς com o acusativo para designar aqueles a quem se dirige quando ele usa um verbo de dizer”. (THE CONSTRUCTION, 1975, p. 421, tradução nossa). Neste caso, tem-se um direcionamento que aponta o foco da fala. Essa oração discursiva indireta introduz duas orações discursivas diretas (todas independentes), as quais expressam ordens de Jesus. O verbo está no aoristo do indicativo ativo de εἶπον (dizer) e é um aoristo constativo¹³⁷, com tradução simples “(ele) disse”. Jesus disse algo a alguém, verbo transitivo direto e indireto. Com a relação pessoal aparecendo primeiro, ele disse a quem? A Simão – πρὸς τὸν Σίμωνα – πρὸς com acusativo tem várias esferas semânticas, mas a focada aqui é a de direção e “indica a direção ou o destino para onde algo ou alguém se dirige” (PINTO; DIAS, 2020, p. 147). Neste caso, o foco é Simão, pois a ele Jesus se reporta. “Das multidões, o foco da narrativa se restringe a Pedro, sobre o qual permanecerá até o v. 11; Os parceiros de Pedro estão presentes apenas em segundo plano” (GREEN, 1997, p. 232, tradução nossa). Isso é relevante, pois, na última parte deste verso, vê-se que Pedro foi um representante de pelo menos mais um outro pescador, fato que é verificado gramaticalmente na análise.

A primeira ordem dita por Jesus foi ἐπανάγαγε εἰς τὸ βάθος. O verbo ἐπανάγω (afastar-se da margem, fazer-se ao largo, já visto no v. 3) está na forma imperativa do aoristo, 2ª pessoa do singular. O imperativo, no grego, tem, entre outras, a força volitiva (ordem, imposição da vontade). Esse é o caso que ocorre neste verso nas duas ordens. A junção deste modo verbal com o aoristo apresenta uma ênfase na ordem em si, sem se preocupar com a duração: “Com o aoristo, a força geralmente é *ordenar a ação como um todo*, sem focalizar na duração, repetição etc. De acordo com sua força aspectual, o aoristo enfatiza uma *ordem sumária*.” (WALLACE, 2009, p. 485, grifo do autor). Além disso, a ordem parte, geralmente, de um superior para um subordinado,¹³⁸ o que fica atestado no uso dos vocativos “ἐπιστάτα” e “κύριε”, por Pedro, ao se referir a Jesus nos v. 5 e v. 8, respectivamente. O aspecto é pontilear, como uma ordem simples. Fanning (1990, p. 327-328) coloca os imperativos aoristos na categoria de comando específico em contraste com preceito geral, o que implica algo acontecendo uma vez e não repetidamente.¹³⁹ Esta ordem “foi dirigida a Pedro, que estava comandando o navio” (BOCK,

¹³⁷ “O aoristo constativo abrange distintas ações. O evento poderia ser iterativo, durativo, ou momentâneo, mas o aoristo nada fala sobre isso. Ele enfatiza o fato da ocorrência, não sua natureza.” (WALLACE, 2009, p. 557).

¹³⁸ “Como uma ordem, o imperativo parte, geralmente, de um superior para um inferior.” (WALLACE, 2009, p. 485).

¹³⁹ “Comando específico - uma ordem ou solicitação de ação a ser executada em uma instância particular. O falante

2004, Epub, posição 531, tradução nossa). A tradução seria: “Afasta-te da margem” ou “Faze-te ao largo.”

Ao afastar-se da margem, para onde Pedro deveria ir? A construção no acusativo responde: εἰς τὸ βάθος. A preposição εἰς, regida pelo acusativo, nesse contexto, tem um claro apelo espacial e, como tal, pode ser traduzida por: “*para dentro de, para, em*” (WALLACE, 2009, p. 369, grifo do autor). A localização a ser alcançada é τὸ βάθος (“o espaço ou distância abaixo de uma superfície, *profundidade*” [ARNDT *et al*, 2000, p. 162, grifo dos autores e tradução nossa]), a qual pode ser entendida como “águas profundas” ou “fundo” do lago, já que está se tratando da parte mais funda do lago de Genesaré. A tradução deste segmento ficaria assim: “para as águas profundas” ou “ao fundo”; e a da oração completa seria: “Faze-te ao largo para as águas profundas”.

A última sentença deste verso é uma oração independente aditiva, sindética, καὶ χαλάσατε τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγρην. Neste caso, a conjunção καί tem o papel aditivo e deve ser traduzida – “e”. O verbo χαλάω (“fazer com que algo desça gradualmente ou aos poucos – ‘descer, baixar’” [LOUW; NIDA, 2013, p. 178]) está no aoristo do imperativo ativo e, quanto ao aspecto e tradução, tudo que foi dito de ἐπανάγω se aplica a ele. Todavia, diferente deste verbo, está na 2ª pessoa do plural, o que implica um direcionamento, não só a Pedro, mas a outros que estejam com ele. Esta ressalva de Reiling e Swellengrebel (1993, p. 228, tradução nossa) é significativa: “Estritamente falando chalasate no plural ainda é dirigido a Simão. Mas, o uso do plural implica que para lançar as redes é necessário mais de uma pessoa (Plummer).” Este fato é inferido, não só pela flexão verbal que indica que “Simão é considerado como tendo uma tripulação sob seu comando (cf. Marcos 1:20)” (NOLLAND, 1989, p. 222, tradução nossa), mas também pelas redes utilizadas (como visto acima, ao tratar delas no v. 2). A quantidade é mais de uma (plural): “mesmo que Jesus a princípio dê a ordem a Simão sozinho, outra pessoa está implícita no barco com ele, como o trabalho na rede pesada também sugere.” (FITZMYER, 2008, p. 566, tradução nossa). Blight (2008) explica a situação:

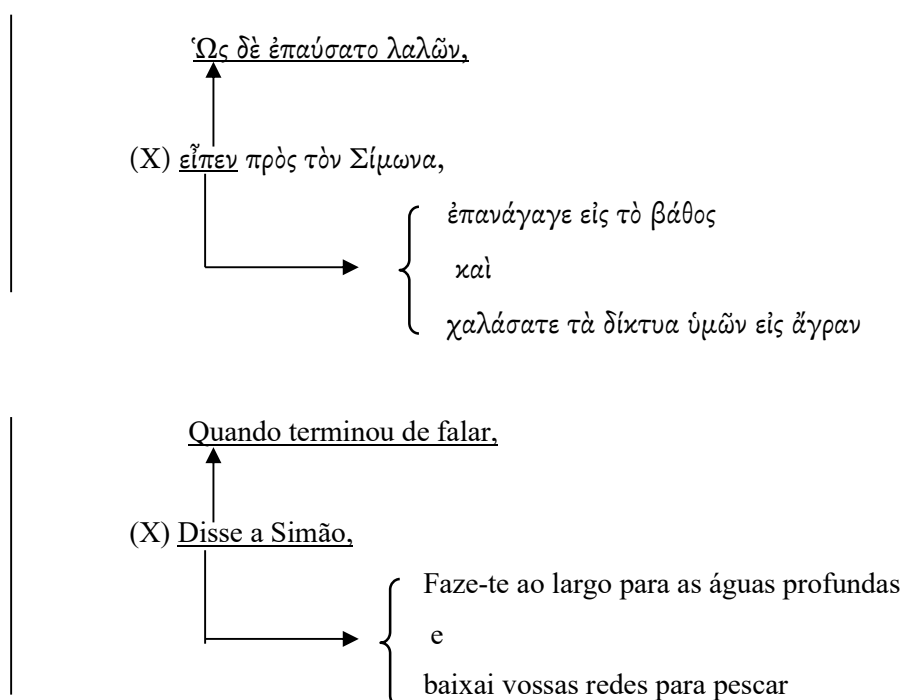
Jesus deu a ordem de lançar nas profundezas a Simão, que era o capitão do barco ou o timoneiro do barco. A maioria entende que as redes são redes pesadas. Soltar os pesados arrastões exigia mais de uma pessoa, então o comando era para os pescadores coletivamente, e o plural “redes” exigia que vários homens fizessem isto. Quando Pedro respondeu: “Vou lançar as redes”, ele estava falando como o comandante e poderia ser traduzido “Vou mandar baixar as redes”. (BLIGHT, 2008, p. 186, tradução nossa).

comanda ou proíbe alguma atitude ou ação, mas o faz apenas em referência às circunstâncias imediatas e aos ouvintes envolvidos: ele não pretende regular a conduta em termos mais amplos” (FANNING, 1990, p. 328, grifo do autor e tradução nossa).

Os pescadores receberam a ordem de baixar algo ao mar e com um propósito. Eles deveriam baixar: τὰ δίκτυα ὑμῶν. O alvo do verbo, o que ele procura, está no acusativo e no plural. Assim, não era apenas uma, mas no mínimo duas redes, as quais estavam sendo lavadas (v. 2) na sequência e já estavam prontas para o uso. Estes artefatos de pesca eram dos pescadores a quem Jesus se dirigiu – ὑμῶν. Este pronome está na 2ª pessoa do plural (como o verbo χαλάω) no genitivo – “de vós” –, que enfatiza “[...] a relação de origem, em todos os sentidos, concreto ou abstrato” (MURACHCO, 2001, p. 104). Apontando a origem, elas seriam baixadas a partir dos pescadores, viriam deles e, em grau menor, indicariam posse – eram deles.

Por fim, vê-se o porquê desta segunda ordem – εἰς ἄγραν. A mesma construção, εἰς + acusativo, na oração anterior, enfatizava o aspecto espacial, mas, neste caso, realça o propósito e, como tal, significa “para, a fim de, para que” (WALLACE, 2009, p. 369, grifo do autor). O substantivo ἄγρα, de acordo com Arndt *et al* (2000, p. 15, grifo dos autores e tradução nossa), tanto significa “o ato de pegar, capturar” quanto “o que é pego, uma presa”. A primeira acepção é vista neste verso (4), e a segunda no v. 9. Reiling e Swellengrebel (1993, p. 228, grifo dos autores e tradução nossa) expressam que “eis agran significa ‘a fim de capturar’”. A captura é de peixes, então cabe a tradução “pescar”. Assim, a proposta de tradução para o v. 4 é a seguinte: “Quando terminou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo para as águas profundas e baixai vossas redes para pescar.”

Uma formulação sintática do v. 4 teria o seguinte esquema, com as setas indicando as relações entre as orações e o chaveamento coordenando-as:



No v. 4 existem 4 atos ilocutórios, sendo dois representativos e dois diretivos, na sequência. Os dois representativos preparam o terreno para os dois diretivos. Os primeiros informam algo ao leitor: houve uma mudança na história, a pregação/ensino acabou, o público (multidão) se foi e há um enquadro focal (de fora do barco para dentro) da multidão para os pescadores e, em especial, Simão, o chefe ou comandante. Isso é importante, pois une a parte introdutória (vv. 1-3) a esta e antecipa a posterior (vv. 8-11). Jesus, que usava a palavra para ensinar, agora ordena algo que aparentemente parece sem sentido.

Os atos diretivos com força ilocutória de ordens, além desse direcionamento da parte de Jesus, informam também: tais imperativos são vindos de um superior ou alguém considerado como tal, pelos que o ouvem. Isso ajuda na compreensão e na construção da identidade de Jesus. Simão devia levar o barco da margem ao fundo e ele e seus companheiros deveriam lançar suas pesadas redes com o fim de pescarem? Teriam sucesso essas ordens? Os versos seguintes apontam para os efeitos (atos perlocucionários) das ordens de 4c e 4d.

O v. 5 é composto por 5 orações, com o vocativo *ἐπιστάτα* analisado separadamente por questão de ênfase. Tem-se 3 orações independentes, com uma adversativa, e 2 dependentes participiais. A primeira oração é dependente e está mostrando a circunstância da ocasião da segunda; ela reza assim: *καὶ ἀποκριθεὶς*; e complementa a seguinte, que apresenta esse enunciado: *Σίμων εἶπεν*. Após a conjunção, o verbo *ἀποκρίνομαι*, no particípio aoristo passivo nominativo, se encontra na posição de particípio pleonástico de circunstância atendente¹⁴⁰ (pleonástico pela redundância “respondendo disse” e o tipo de particípio é o de circunstância atendente), formando uma oração dependente participial pleonástica de circunstância atendente. Ele e o verbo principal estão no aoristo, o que aponta para um tempo simultâneo dos dois.¹⁴¹ A caracterização de circunstância atendente é fornecida por Wallace (2009), ele dá cinco pistas de identificação do particípio de circunstância atendente. Essas cinco são vistas aqui, em Lc 5,5:

¹⁴⁰ Thompson (2016, Epub, posições 4037-4038), ao comentar sobre a construção *ἀποκριθεὶς εἶπεν* em Lc 5,5, remete a Lc 1,19 (Locais do Kindle 1481-1483), em que se tem a frase “*καὶ ἀποκριθεὶς ὁ ἄγγελος εἶπεν*”, e o classifica como particípio pleonástico de circunstância atendente. O fato dele ser pleonástico também é descrito em Zerwick (1963, p. 127-128); HANNA, R. *Sintaxis exegética del Nuevo Testamento griego*. 2. ed. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 2010, p. 127; nas p. 307-311, Hanna explica o uso de *λέγων* e *ἀποκριθεὶς* com verbos de dizer na LXX e no NT; sobre o verbo que aparece em Lc 5, especificamente, ele assevera na p. 311 (grifo do autor e tradução nossa): “**Quando *ἀποκριθεὶς* é usado com um verbo de comunicação verbal no N.T., ele sempre introduz o discurso direto e pode ser traduzido com dois pontos (:)**”. Wallace (2009, p. 649) chama tal particípio de pleonástico ou redundante e informa: “O verbo dizer (ou, às vezes, o verbo pensar) pode ser usado com particípio tendo basicamente o mesmo significado (como em *ἀποκριθεὶς εἶπεν* - respondendo, disse)”.

¹⁴¹ “O particípio *aoristo* normalmente denota um tempo *antecedente* ao verbo principal. Mas se o verbo principal também for aoristo, esse particípio indicará tempo simultâneo” (WALLACE, 2009, p. 614, grifo do autor).

As cinco características são: O tempo do particípio normalmente é *aoristo*. O tempo do verbo principal normalmente é *aoristo*. O modo do verbo principal normalmente é *imperativo* ou *indicativo*. O particípio *precederá o verbo principal* - tanto na ordem das palavras quanto no tempo do evento (embora normalmente haja uma proximidade muito íntima). Particípios de circunstância atendente, freqüentemente (sic) na literatura narrativa, não são freqüentes (sic) em outros lugares. [...] o relativo peso semântico em tais construções *é que uma maior ênfase é colocada mais na ação do verbo principal que no particípio*. Quer dizer, o particípio é algum tipo de pré-requisito, antes da ação do verbo principal poder ocorrer. José teve que se levantar antes que pudesse levar Maria e Jesus para o Egito. Mas o ‘levantar-se’ não era o evento principal - foi o deixar a vila que contou! (WALLACE, 2009, p. 642-643, grifo do autor).

Em suma, as frases estão ligadas, antecedem o discurso direto e a ênfase recai no disse, tanto que o particípio (respondendo) também assume um aspecto adverbial modal. Como Pedro disse? Respondendo! E a tradução simples dessas sentenças é: “E Simão, respondendo, disse:”

Simão direciona sua resposta, introduz o discurso direto com um vocativo, como Hanna (2010, p. 161, tradução nossa), ao tratar do vocativo, esclarece: “É o caso que é usado para introduzir o diálogo em textos narrativos”. A quem Pedro responde? *Ἐπιστάτα*! Este título é usado somente por Lucas (7 vezes em 6 versos, 5,5; 8,24.45; 9,33.49; 17,13) e quase exclusivamente pelos discípulos (com exceção de 17,13). Crimella (2015, p. 115, tradução nossa) o define assim: “O sentido literal do substantivo é ‘aquele que está acima dos outros’ (um guardião do rebanho, um condutor de elefante, um supervisor das obras etc.)”. Thompson (2016, Epub, posições 4041-4043, tradução nossa) informa que: “Relatos paralelos nos Evangelhos usam *διδάσκαλε* (Marcos 4:38; 9:38), *κύριε* (Mateus 8:25; 17: 4) e *ῥαββί* (Marcos 9: 5).”¹⁴² Seu sentido, com o foco na proximidade e autoridade dentro de um grupo definido, é descrito por Grimm (1990):

Ἐπιστάτης aparece apenas no voc. e apenas em Lucas (5:5; 8:24,45; 9:33, 49; 17:13), principalmente em histórias de milagres. [...] A etimologia da palavra (*ἐπιστάτης* = “alguém que está acima de outro”) e os contextos em que ele [Lucas] usa indicam uma nuance de significado: Enquanto Lucas usa *κύριε* de dignidade messiânica (por exemplo, 2:11; 5:12; 7:6; 9:61) e *διδάσκαλε* da autoridade de ensino de Jesus (por exemplo, 10:25; 18:18; 20:21, 28, 39), *ἐπιστάτης* é usado para Jesus em sua posição de autoridade dentro de um grupo definido, seus discípulos. Isso é apoiado pelo fato de que encontramos *ἐπιστάτης* quase exclusivamente na boca dos discípulos, e os exemplos do grego secular correspondem a isso. *Ἐπιστάτης*, portanto, refere-se à autoridade de Jesus para instruir e à sua responsabilidade especial (cf. especialmente Lucas 8:24!) pelo grupo de discípulos que ele reuniu. Lucas 17:13 parece excluir esta interpretação, pois Jesus é chamado aqui por um grupo que é independente dele e é solicitado a ajudar. Mas, a dificuldade é removida assumindo o que Lucas queria

¹⁴² “Esta palavra é usada apenas por discípulos ou quase discípulos. Ele substitui *ῥαββί*, que Lucas evita completamente, e parece ser um equivalente para ele. [...] Também substitui *διδάσκαλος*, que Lucas permite ficar nos lábios de não discípulos. [...] Em qualquer caso, a palavra significa uma atitude de obediência, que é agravada pelo fato de que, apesar de uma pescaria noturna e infrutífera, Simão está preparado para lançar as redes.” (MARSHALL, 1978, p. 203, tradução nossa).

expressar: Quando o grupo de leprosos implora a ajuda de Jesus, ele se submete *eo ipso* à sua autoridade. Assim, *ἐπιστάτης* é sempre mais bem traduzida por *mestre*. (GRIMM, 1990, p. 37, grifo do autor e tradução nossa).

Embora seja usado quase que exclusivamente por seus discípulos, *ἐπιστάτης* não é um título religioso em si. Uma análise de sua presença no NT (somente em Lucas, como visto anteriormente) mostra que é utilizado em situações de mal-entendidos ou de fé insuficiente, por parte dos seguidores de Jesus. Na perícope estudada, apresenta um contraste com outro vocativo – *κύριε* –, encontrado no v. 8 (será discutido mais adiante). Este apresenta aspecto teológico-religioso, conforme explica Rowe (2006):

Em vez de significar uma relação entre Jesus e seus discípulos que continua em Atos, ou sendo a palavra mais apropriada para o milagre à disposição, *ἐπιστάτης* é na verdade usada por Lucas para transmitir ao falante algum senso de distância de Jesus e de seus propósitos. Nas cinco outras instâncias onde ocorre *ἐπιστάτης*, transmite mal-entendidos ou fé insuficiente (o que não é para indicar condenação dos discípulos ou culpabilidade de sua parte). A única ocorrência que pode inicialmente ser considerada como demonstrando fé autêntica é o apelo dos dez leprosos em 17:13[...] No entanto, apenas um dos leprosos voltou para dar graças, e é somente com base nisso que Jesus fez uma declaração positiva sobre a fé desse leproso em particular (17:19). Os outros nove são claramente repreendidos: ‘Não foram dez purificados? Mas os outros nove, onde estão? Nenhum deles foi encontrado para voltar e dar louvores a Deus, exceto este estrangeiro?’ (17:17-18). [...] Além disso, à luz de seu vínculo consistente no Evangelho com formas sutis de dúvida e negação, é crucial notar que precisamente esta caracterização da relação Jesus-discípulos não continua em Atos - a palavra *ἐπιστάτης* nunca ocorre no segundo volume de Lucas. Portanto, temos boas razões apenas em bases lexicais para suspeitar de uma interpretação de Lucas 5:1-11 que lê o tratamento de *ἐπιστάτης* por Pedro na narrativa como digno de elogio. O uso de *κύριος* confirma tal suspeita, embora também forneça a chave para a interpretação da mudança nas palavras de Pedro. (ROWE, 2006, p. 84-85, tradução nossa).

Seja como for, com essa palavra/título, o caminho está aberto para as respostas de Cefas, que, de acordo com Bock (2004, Epub, posição 532), apresentam duas perspectivas: a primeira, de um pescador; a segunda, de um homem de fé. E ele menciona: *δι’ ὅλης νυκτὸς κοπιᾶσαντες*. Essa é uma oração dependente participial adverbial concessiva. A frase preposicionada, *δι’ ὅλης νυκτὸς*, tem cunho temporal e ocorre antes devido à ênfase. Thompson (2016, Epub, posições 4043-4044) informa que provavelmente esse é o caso, enquanto Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 157) afirmam que a posição anterior desta frase significa isso. A preposição com genitivo assume claramente o sentido temporal de “durante, ao longo de”. (WALLACE, 2009, p. 368-369). O sintagma *ὅλης νυκτὸς* (noite toda), embora esteja sem artigo, não significa uma noite toda, já que “Nomes com *πᾶς*, *ὅλος*, etc. não precisam de artigo para serem definidos, porque formam uma classe especificadamente unificada (‘todos’) ou uma cujos elementos estão distribuídos (‘cada’)” (WALLACE, 2009, p. 253); e “a ausência do artigo

sublinhando a noite como tal, ou seja, como o melhor momento para pescar”. (ZERWICK; GROSVENOR, 1974, p. 189, tradução nossa). Dessa forma, há uma ênfase no período de trabalho: “noite” e, na duração, “toda”. O que eles fizeram durante toda a noite? Κοπιάσαντες. O verbo κοπιάω, que, de acordo com Arndt *et al* (2000, p. 558, tradução nossa), significa “esforçar-se fisicamente, mentalmente ou espiritualmente, trabalhar duro, labutar, se esforçar, lutar” e está no particípio aoristo ativo nominativo plural (fato realçado na análise da oração seguinte), tem a força adverbial concessiva (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 157; THOMPSON, 2016, Epub, posições 4044-4047, expressa que “provavelmente é concessivo”)¹⁴³ e é descrito abaixo:

Com um particípio concessivo, o estado ou ação do verbo principal ocorre apesar das circunstâncias relacionadas ao particípio. Em outras palavras, por causa da situação descrita pelo particípio, normalmente não se esperaria que a ação do verbo principal fosse realizada. Na tradução, os termos ‘embora’, ‘mesmo assim’ ou ‘no entanto’ sejam adicionados ao início da frase para transmitir a ideia concessiva. (KÖSTENBERGER; MERKLE; PLUMMER, 2016, p. 333, tradução nossa).

A tradução desta oração foca no trabalho durante a noite toda e em algo que não deu certo. Apesar desse esforço, fica assim: “embora tenhamos trabalhado duro a noite toda”.

A oração da qual a anterior depende é: οὐδὲν ἐλάβομεν. É independente. O adjetivo acusativo neutro singular está colocado na frente do verbo devido à ênfase (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 157) e significa “nada”. Tanto é adjetivo numeral cardinal, quanto adjetivo substantivo e, aqui, funciona como objeto direto do verbo λαμβάνω. O verbo principal está no aoristo do indicativo ativo na 1ª pessoa do plural e tem variado campo semântico, mas significa, neste caso, “tomar posse, pegar, adquirir” (ARNDT *et al*, 2000, p. 583). Quanto ao plural, Bock (2004) afirma: “A referência plural quase certamente inclui André, e possivelmente Tiago e João (5: 7, 10)” (BOCK, 2004, Epub, posição 532, tradução nossa). A oração ficaria assim: “não pegamos nada!”. Conforme sugerido por Bock (2004, Epub, posição 532), esta é a resposta do profissional experiente, daquele que aproveitou o tempo certo – a noite –, e fez o que se esperava para ter o sucesso, trabalhou arduamente; mas não pegaram nada. A situação problemática é pintada assim por Green (1997):

As instruções de Jesus para Pedro parecem absurdas. Não só uma noite de trabalho de pescadores profissionais não produziu nada, mas as redes usadas são apenas para a pesca noturna. A resposta de Pedro, então, ecoa aquela de Maria em 1:34, 38 -

¹⁴³ Comentando a tradução desta frase, Reiling e Swellengrebel (1993, p. 228, tradução nossa) instruem: “A frase participial descreve o que eles fizeram, a oração principal, o resultado. Uma vez que o resultado não está de acordo com o trabalho, a frase participial é implicitamente concessiva.”

incredulidade levando ao serviço. Tendo testemunhado o poder de Jesus (4:34, 38) e o ensino (4:32; 5:3b), Pedro está mais disposto a seguir suas instruções? Esta visão é reforçada pelo discurso de Pedro a Jesus como ‘mestre’, um termo que denota sua transferência de autoridade sobre o barco para Jesus, e por sua referência à ‘palavra’ autorizada de Jesus. (GREEN, 1997, p. 232, tradução nossa).

A última oração deste verso é: ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου χαλάσω τὰ δίκτυα. Ela é uma oração independente adversativa. A conjunção δέ tem função adversativa, faz um contraste com a resposta anterior e traz uma resposta positiva à ordem de Jesus – “mas”. ἐπὶ + dativo traz algumas nuances semânticas –, mas a que se apresenta aqui é a de base para algo, causa como Arndt *et al* (2000, p. 364, tradução nossa) sugerem: “marcador de base para um estado de ser, ação ou resultado”, e como explica Zerwick (1963, p. 42, grifo do autor e tradução nossa): “**Επί com o dativo** é geralmente usado para indicar a base ou os motivos para uma ação”. Wallace (2009, p. 376) propõe a tradução causal “na base de”. Na base de quê? Ou com base em que ele pretende agir? τῷ ῥήματί σου.

A expressão dativa τῷ ῥήματί, em si, nesse contexto, é um dativo de causa e “indica a causa ou base da ação do verbo” (WALLACE, 2009, p. 167). A chave para identificar é colocar a frase “*por causa de* ou *na base de*” (WALLACE, 2009, p. 167, grifo do autor) antes do dativo. Percebe-se que o próprio dativo já traz a ideia de causa, mas há uma ênfase que pode ser compreendida como pleonástica, não por redundância e deselegância, mas por apontar firmemente a base da ação: a fé na palavra; mas não a palavra de qualquer pessoa. O genitivo responde apontando a origem – σοῦ –, “tua” referindo-se a Jesus, a quem Simão se dirige. Cabe a observação que a Palavra de Jesus é o fator motivador, a base da ação que se segue e não o instrumento, não é *com* a palavra, mas *na base da* palavra.

Como visto na análise do v. 1, os termos λόγος e ῥῆμα são importantes na literatura lucana. Simão já presenciara o poder das palavras de Jesus; quando este curou sua sogra, quando expulsou demônios pela autoridade de sua fala etc. Assim, com base nessa palavra, ele faz o que seria impensável, obedecer a ordem de um carpinteiro sobre assuntos de pesca. “O paradoxo aumentaria para leitores que sabiam que pescar em águas profundas provavelmente não produziria uma boa captura durante o dia” (MARSHALL, 1978, p. 203, tradução nossa). Contudo, essa contradição é amenizada pela observação do poder e uso da Palavra por Jesus, já visto até aqui (Lc 5, 5), no Evangelho:

Quando Jesus inicia seu ministério público, o leitor começa a vê-lo usando a fala e o silêncio de maneiras poderosas. Além de enfatizar verbalmente que seus discípulos devem colocar suas palavras em prática, Jesus também demonstra que usar palavras é em si uma espécie de prática. As interações de Jesus no Evangelho de Lucas exemplificam a afirmação (popularizada na erudição contemporânea por teóricos dos

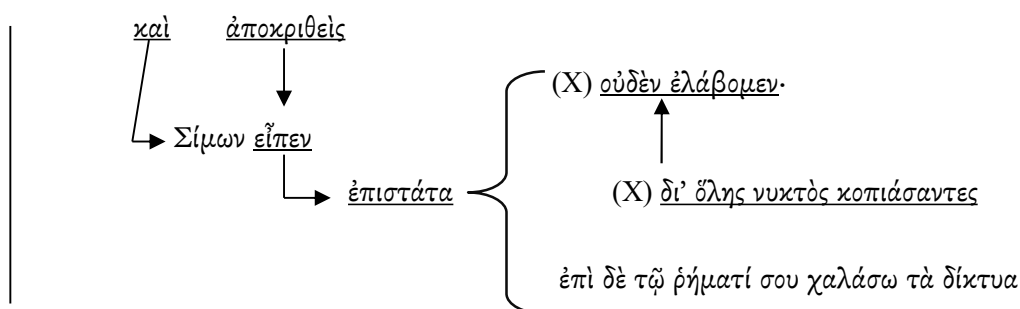
atos de fala) que as palavras fazem determinados tipos de trabalho. As palavras são performativas, não apenas informativas: as palavras podem ferir ou curar, confortar ou condenar, rejeitar ou renovar. (DINKLER, 2013, p. 111, tradução nossa).

Qual a ação que tem por base a palavra de Cristo? *χαλάσω τὰ δίκτυα*. O verbo *χαλάω* (descer, baixar) está na 1ª pessoa do singular do futuro do indicativo ativo. Jesus ordena: – baixe, e Pedro responde: – baixarei. O “futuro do indicativo geralmente denota a ação que ocorrerá no futuro” (JORDAAN, 2013, p. 11, tradução nossa). Pedro se compromete a lançar τὰ δίκτυα (as redes), expressão que está no acusativo e é o objeto direto do verbo. Essas redes eram específicas: “Δίκτυα (*diktva*) descreve as redes usadas para a pesca noturna em águas profundas” (BOCK, 2004, Epub, posição 532, tradução nossa). Em vista da situação, tem-se a resposta de fé de Simão, o especialista em pesca, capitão do barco, que já constataria o fracasso da noite anterior, mas que resolve obedecer à palavra de ordem de Jesus¹⁴⁴:

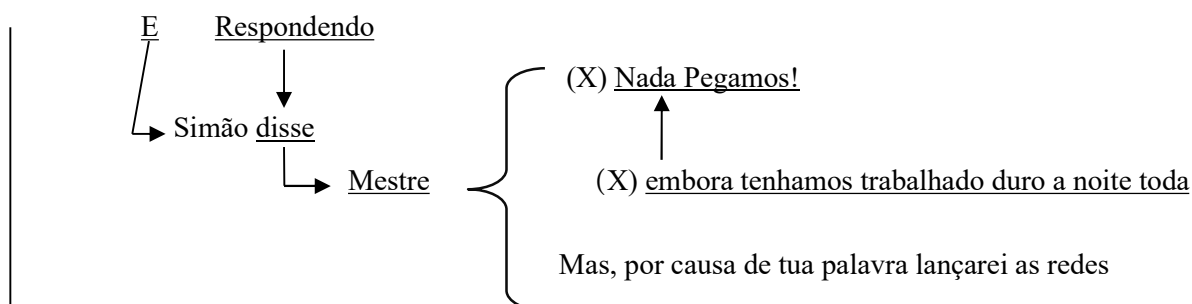
[...] Pedro, o homem de fé, responde. Apesar da visão profissional do pescador sobre a situação, pela palavra de Jesus, Pedro dá a ordem aos seus companheiros para lançar as redes. Esta parte do versículo mostra que Pedro está no comando, uma vez que *χαλάσω* (*chalasō*, vou baixar) é a primeira pessoa do singular. A capacidade de resposta de Pedro à palavra reflete uma reação adequada ao mensageiro de Deus (1:38; 6:46; 8:21; 11:28). (BOCK, 2004, Epub, posição 532, tradução nossa).

A tradução deste verso é a seguinte: “E respondendo, Simão disse: Mestre, embora tenhamos trabalhado duro a noite toda, nada pegamos! Mas, por causa de tua palavra, lançarei as redes.”

Após essa análise, tem-se a oportunidade de uma representação sintática, de forma gráfica, deste verso, o qual fica assim:



¹⁴⁴ “A obediência de Pedro é exemplar; um pescador pode confiar nos ensinamentos de um rabino sobre questões religiosas, mas não precisa fazê-lo em seu próprio campo de especialização, a pesca. Os pescadores trabalharam com uma rede de lançamento [...] ou possivelmente com uma rede de arrasto [...] à noite, que deveria ter capturado muito mais peixes do que as instruções de Jesus aqui. Alguns disseram que os peixes eram mais facilmente capturados antes do nascer do sol (Plínio, História Natural 9.23.56, 58). Fontes sugerem que os peixes ficavam fundo durante o dia para evitar o sol, portanto, eram mais facilmente capturados à noite no lago da Galileia; eles seriam vendidos pela manhã (à frente dos concorrentes)” (KEENER, 2014, p. 192, tradução nossa).



No v. 5 existem 4 atos ilocutórios; sendo 2 representativos, 1 comissivo (ambos atos diretos) e 1 ato expressivo indireto. O primeiro ato representativo é o das orações conjuntas “E respondendo, Simão disse”. Aqui, tem-se um ato com a força de resposta; Simão presta atenção no que Jesus fala e ordena, e direciona a resposta ao pedido de Cristo. O segundo ato representativo é “nada pegamos!”; ele é direto e com força informativa, que visa informar a Jesus e ao leitor que o período próprio para pesca, especialmente pelo tipo de redes usadas, já tinha passado e o trabalho foi infrutífero.

O ato expressivo indireto é “embora tenhamos trabalhado duro a noite toda”. Através dele Simão faz um lamento e um pedido de desculpas indireto pela situação, ao mostrar que estavam cansados pelo que fizeram (tinham trabalhado duro) e pela duração da ação a que estiveram expostos (a noite toda). Se o verso terminasse aqui, essa seria a desculpa para não cumprir a ordem do Nazareno, afinal, Pedro e não Jesus era o especialista em pesca. O último ato traz uma reviravolta e apresenta um comprometimento de Cefas com “a palavra” de Jesus. “Mas, por causa de tua palavra lançarei as redes”, tem-se um ato comissivo em que, apesar dos contras, a decisão é a favor de seguir o mandato, ainda que pareça loucura. Afinal, Simão já conhece o poder do λόγος e ῥῆμα do mestre.

Em sua resposta, Simão passa do papel de pescador que nada tem a aprender de Jesus para o de discípulo. Ele, indo contra todos os princípios de realidade e evidências e confiando totalmente em sua palavra de autoridade, lança as redes. No Evangelho de Lucas, este de Simão é o primeiro ato de fé. Pedro, para quem o risco não é absurdo nem irracional, confia também graças à experiência anterior da cura da sogra (Lc 4,38-39). (GRASSO, 1999, p. 159, tradução nossa).

Com a estrutura do v. 5, percebe-se que algo vai acontecer e que pode ou ser um fiasco ou ser um sucesso, por causa da palavra. Alguém que não é pescador dando ordens sobre pesca a um pescador profissional? Iria este atender? Sim! Mas, não por acaso, a base da decisão e ação de Simão está em algo que ele já presenciou – o poder, a força, o milagre, a identificação

com a palavra de Deus que as ordens, falas e instruções de Jesus têm. A obediência não foi gerada no vácuo, mas no caminhar e testemunhar que a vivência com Jesus proporciona. Pedro já estava acompanhando os atos de Jesus – em Lucas, desde o capítulo 4 –, em Cafarnaum, onde teve vislumbres de quem este nazareno era, por suas palavras e ações neste ministério na Galileia. Os vv. 6 e 7 trazem à lume o desenvolvimento desta aventura, que foi impulsionada pela ação e reação da parte dos dois personagens principais.

O verso 6 apresenta 3 orações; 2 independentes e 1 dependente. A primeira oração é dependente participial adverbial temporal, *καὶ τοῦτο ποιήσαντες*. A expressão que começa a oração é *καὶ τοῦτο*. Esta é locução pronominal, formada pela união da conjunção *καί* com o pronome demonstrativo acusativo neutro *τοῦτο*, é usada 22 vezes no NT e a maioria delas (14 ou 15) apresenta sentido de fazer referência a um conceito (referente conceitual) (WALLACE, 2009, p. 335, nota 56, ele coloca Lc 5,6 nessa categoria).¹⁴⁵ E a frase a que se refere esta locução é a do lançamento das redes prometido por Simão no fim do v. 5. Além de se referir ao conceito anterior, esta expressão é o objeto direto do particípio *ποιήσαντες* (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 157).

O verbo *ποιέω* está no particípio aoristo ativo nominativo e, como já visto anteriormente nesta dissertação, tal particípio normalmente antecede o verbo em tempo, mesmo havendo a ressalva de que, se o verbo principal a que ele se refere for aoristo, ele será frequentemente simultâneo (WALLACE, 2009, p. 624). O caso aqui é de antecedência temporal (a locução nominal e o particípio temporal, afora a construção da frase e os eventos a que ela se refere, apontam para isso). É um particípio adverbial temporal antecedente¹⁴⁶, o qual Wallace (2009, p. 623, grifo do autor) define da seguinte forma: “O particípio *antecedente* seria traduzido por *depois de fazer, depois que ele fez etc.*” Dessa forma, a frase que indica que Simão e os que estavam no barco cumpriram a ordem de Jesus de lançar as redes é traduzida assim: “Depois de terem feito isto”.

O que aconteceu “depois de [eles] terem feito isso?”. A sequência do verso traz duas orações independentes, sendo que a segunda apresenta o fator continuidade, uma aditiva.

¹⁴⁵ “O neutro de οὗτος é costumeiramente usado para se referir a uma frase ou oração. Em casos assim, o objeto a que se refere não é um nome/substantivo específico. O singular é usado para se referir tanto a um elemento anterior (anafórico) quanto a um posterior (catafórico) sobre uma base regular, enquanto que o plural exclusivamente não declara nada sobre esses referenciais.” (WALLACE, 2009, p. 333).

¹⁴⁶ Thompson (2016, Epub, posições 4052-4054) e Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 157) se limitam a informar que tal particípio é temporal. Neste caso, a ênfase é adverbial. Reiling e Swellengrebel (1993, p. 229, grifo dos autores e tradução nossa) apontam para o aspecto temporal antecedente, sem, contudo, explicitá-lo: “*kai touto poiēsantes* ‘e depois de ter feito isso’, refere-se (novamente no plural) a *chalaō ta diktua* ‘Vou lançar as redes’.” Blakley (2011, Lc 5,6, não paginado) expressa que o particípio nesta oração tem a força sintática de um antecedente.

Köstenberger, Merkle e Plummer (2016, p. 444-445) enquadram estas duas orações como oração composta e este trabalho aceita tal premissa¹⁴⁷. A primeira oração é συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ. O verbo συγκλείω (“para pegar cercando, fechar juntos, margear, cercar” [ARNDT *et al*, 2000, p. 952, tradução nossa]) está no aoristo do indicativo ativo, 3ª pessoa do plural, “pegaram cercando”. Bovon (1989) ajuda a entender o conceito:

Os pescadores do Mediterrâneo nos ajudam a ler a cena vívida nos vv. 6-7 corretamente. As redes não se destinam apenas a apanhar os peixes, mas também a envolvê-los primeiro; συνέκλεισαν atesta um tipo especial de pesca em que os peixes são cercados por lados diferentes, o que muitas vezes falha com apenas um barco. O trabalho mais difícil é puxar as redes para que não haja perda de peixes ou danos às redes. (BOVON, 1989, p. 233, tradução nossa).

Após baixarem as redes, o barco de Pedro margeou a rede com os peixes e os capturou, mas a descrição do que eles pegaram, a seguir, é ainda mais impressionante (já era incrível pescar de dia e na área mais funda) – πλῆθος ἰχθύων πολὺ. Tem-se dois substantivos, um no acusativo e outro no genitivo, seguidos de um adjetivo atributivo. O primeiro substantivo é πλῆθος (“multidão, abundância, grande quantidade” [RUSCONI, 2005, p. 377])¹⁴⁸, que está no acusativo. A frase inteira funciona como objeto direto de συνέκλεισαν. O substantivo ἰχθύς (peixe) está no genitivo plural e pode ser caracterizado como genitivo de conteúdo¹⁴⁹. Segundo Wallace (2009, p. 92, grifo do autor): “O substantivo no genitivo especifica o conteúdo da palavra com a qual ele se relaciona. [...] Se a palavra com a qual este genitivo se relaciona for um substantivo, substitui-se a palavra *de* pela paráfrase *cheio de* ou *contendo*”. Um fator relevante dessa conexão “quantidade de peixes/contendo peixes” é que eles formam um conjunto modificado por “grande/muito” (πολύς): “O fato de *ichthuōn* ficar entre *plēthos* e *polu* atributivo mostra que semanticamente *plēthos ichthuōn* representa um conceito” (REILING;

¹⁴⁷ Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 157) expressam que a oração “διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν” está conectada com 7a e não com 6b, porém, Reiling e Swellengrebel (1993, p. 229, grifo do autor e tradução nossa) esclarecem que: “*de* é transicional. Semanticamente, a cláusula descreve as consequências da anterior, cp. por exemplo Goodspeed (‘... tamanho cardume que as redes começaram a arrebentar’). Sintaticamente e semanticamente, a cláusula vai com a cláusula anterior, em vez de com a cláusula seguinte.”

¹⁴⁸ “Sem o artigo, πλῆθος designa uma quantidade numericamente maior, mas indeterminada (pluralidade) e é ocasionalmente equivalente ao adjetivo πολλοί (Delling 279). O tamanho excepcional de um (indeterminado) πλῆθος é, geralmente, expresso pelo adj. πολὺ (Marcos 3:7f.; Lucas 5:6; 6:17; 23:27; Atos 14:1; 17:4).” (ZMIJEWSKI, 1990, p. 103-104, tradução nossa).

¹⁴⁹ Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 157) preferem designá-lo como genitivo partitivo, porém Wallace (2009, p. 84, grifo do autor) informa que o genitivo partitivo “[...] denota *o todo do qual* o substantivo principal é uma parte.” A chave da identificação é: “Em lugar da palavra *de* substitui por *que é parte de*. [...] Este é um uso fenomenológico do genitivo que exige que o substantivo principal tenha uma nuance lexical que indique *porção*.” Assim, para ser partitivo πλῆθος, teria que significar uma porção, parte dos peixes que estão no lago, mas não é esta a ênfase da história, o milagre não está na parte que foi pega em detrimento da maior que ficou, e sim o foco na grande quantidade de peixes que foi pescada. Além disso, Zerwick e Grosvenor (1974, p. 189, tradução nossa) apresentam que a junção πλῆθος πολὺ representa “um número muito grande/enorme” e não uma parte.

SWELLENGREBEL, 1993, p. 229, grifo do autor e tradução nossa). De forma que a tradução fica assim: “pegaram, cercando, grande quantidade de peixes”.

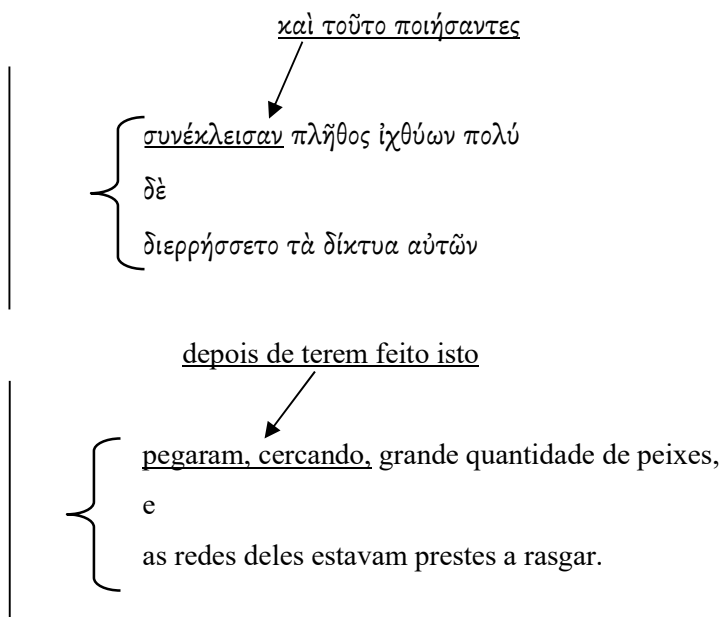
A última oração está ligada à anterior e é: *διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν*. O *δέ* é pospositivo e copulativo, o que une esta sentença com a anterior. O verbo *διαρήσσω/διαρρήγνυμι* (“fazer com que algo se desfaça por meio de ação violenta ou pressão,” “rasgar”, [ARNDT *et al*, 2000, p. 235]) está no imperfeito do indicativo passivo da 3ª pessoa do singular e faz referência às redes. Estas, por sua vez, não estavam rasgadas de fato, senão os peixes teriam escapado. Contudo, estavam ameaçando a ser rasgadas, já que “A força do tempo imperfeito *dierrēsseto* é mais bem demonstrada por representações como, ‘estavam no ponto de ruptura’, ‘ameaçavam quebrar’, uma vez que uma ruptura real das redes não aconteceu” (REILING; SWELLENGREBEL, 1993, p. 229, grifo do autor e tradução nossa).¹⁵⁰ Thompson (2016, Epub, posições 4059-4062) apresenta duas opções de função sintática deste imperfeito e os apoiadores de cada posição: pode ser ingressivo “começavam a rasgar” (versões bíblicas em inglês: HCSB, NRSV, NASB, NIV; os comentaristas: Bock; Marshall) ou conativo “estavam prestes a rasgar” (A gramáticas: BDF e Zerwick-Grosvenor, os comentaristas: Bovon; Fitzmyer; Culy, Parsons e Stigall [veja a nota de rodapé 150, abaixo]). Nesta dissertação, opta-se pela forma conativa, uma vez que os pescadores viram que os fios estavam estendidos, então tomaram uma atitude (v. 7a).

O sujeito do verbo imperfeito é *τὰ δίκτυα αὐτῶν*, que aponta para quem se rasga – as redes –, e o pronome no genitivo. Nesse caso, é um genitivo possessivo. As redes deles (de Pedro e de seus companheiros de barco, não de outras pessoas) é que estavam prestes a se rasgar. A tradução pode ser compreendida da seguinte forma: “e as redes deles estavam prestes a rasgar.”

A tradução do v. 6 é a seguinte: “Depois de terem feito isto, pegaram, cercando, grande quantidade de peixes, e as redes deles estavam prestes a rasgar.”

Uma vez feita a análise, pode se proceder com a demonstração sintática de forma gráfica, como representada abaixo

¹⁵⁰ “O uso do tempo verbal imperfeito (lit. ‘suas redes estavam rasgando’) é aproximadamente equivalente ao inglês ‘estavam prestes a rasgar’ ou menos provável ‘começaram a rasgar’. A função retórica provavelmente não descreverá o status das redes, mas sim enfatizará a magnitude da captura.” (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 157)



No v. 6 existem 3 atos ilocutórios representativos. O primeiro deles tem a força explicativa; os demais, a força informativa. Antes de poderem pegar os peixes, Simão e os que estavam com ele no barco obedeceram a ordem de Jesus. O ato comissivo de promessa no fim do v. 5 foi plenamente cumprido; a fé na palavra de Cristo gerou frutos materializados em obras, conforme expressa o livro de Tiago: “Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? [...] Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,14.17, BJ). Assim, tanto o ato diretivo de Jesus (v. 4) quanto o comissivo de Pedro (v.5) alcançaram êxito.

Os outros atos ilocutórios apontam para algo extraordinário gerado pelas palavras de Jesus, nas palavras de Crimella (2015, p. 116, tradução nossa): “A eficácia da palavra de Jesus supera todas as expectativas e previsões, o resultado é um milagre excepcional e impressionante”. Antes da análise dos atos com força informativa terminar, é mister realizar uma breve pausa para se refletir sobre os milagres de Jesus. Powell (2011) define milagre(s) da seguinte forma:

Milagres, eventos extraordinários que constituem manifestações inexplicáveis do poder de Deus. Na Bíblia, milagres podem ocorrer por meio da intervenção direta de Deus nos assuntos humanos, ou podem ser realizados por intermediários humanos que funcionam como milagres divinamente habilitados. Os milagres são geralmente (embora nem sempre) realizados em nome da humanidade e sempre servem como exibições da glória divina. [...] a resposta mais comum aos milagres na Bíblia não é a descrença, mas o espanto. Milagres não são considerados eventos sobrenaturais, mas extraordinários. Além disso, a Bíblia concede que tais eventos extraordinários podem ser realizados por outros poderes além de Deus (por exemplo, os feiticeiros do Egito em Êxodo 7:11-12; 8:7 e os falsos profetas que farão sinais e maravilhas de acordo com Mateus 24:24; cf. 2Tess. 2:9). Assim, os espectadores que encontram milagres

no mundo bíblico geralmente reconhecem que algum poder extraordinário está em ação; a questão é que *poder* - e *para que fim*? (POWELL, 2011, p. 638-639, grifo do autor e tradução nossa).

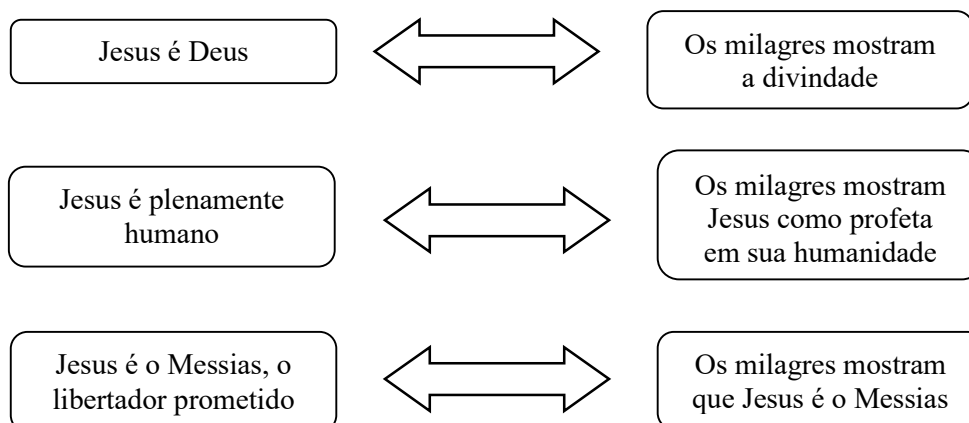
É importante ressaltar que cada evangelista tem sua contribuição para o tema dos milagres. Segundo Lucas, “os milagres não ilustram ou demonstram as boas novas, mas são eles próprios, com o ensino, as boas novas de Jesus trazendo a salvação aos que têm fé, e espera-se que façam parte do ministério dos seus seguidores (Lc 9:1; 10:9).” (TWELFTREE, 2013, p. 601, tradução nossa). “A ênfase principal de Lucas está na história da salvação, e por isso um de seus principais métodos estilísticos para mostrar essa conexão direta são os atos milagrosos. [...] os milagres validam Jesus de forma mais direta.” (ELWELL; BEITZEL, 1988, p. 1472, tradução nossa). Tudo isso é percebido pela estratégia comunicativa apresentada no terceiro Evangelho e que é captada tanto pelo cotexto maior do livro inteiro, quanto pelo cotexto menos amplo da seção do ministério da Galileia (4,14-9,50), bem como pelo cotexto próximo da seção de Lc 5,1-6,16, no qual se percebe a necessidade de entender e apresentar a identidade de Jesus.

A pergunta teológica básica da seção [Lc 4,14-9,50] é: ‘Quem é Jesus?’ Quem pode fazer essas obras e ensinar com tanto poder? A unidade descreve o despertar da fé dos discípulos e o subsequente ensino a eles sobre o discipulado, especialmente sobre rejeição e sofrimento. Milagres também são proeminentes, à medida que Jesus revela seu poder e autoridade. (BOCK, 2004, Epub, posição 460).

Além do fator cotextual, há o realce visto no próprio texto em seu plano comunicativo depreendido da configuração verbal (pano de fundo/primeiro plano) e por seus atos linguísticos. Quanto ao papel específico dos milagres, percebe-se – tanto pela definição de Powell (2011), quanto pelas citações de Twelftree (2013), Bock (2004), Elwell e Beitzel (1988), explanadas anteriormente – que o fator miraculoso não é um fim em si mesmo, mas aponta para algo. Isto não se encontra apenas no Evangelho de Lucas: “Para todos os Evangelhos, as histórias de milagres trazem a assinatura de quem as realizou: Deus se encontra nelas, e elas revelam Jesus como o próprio Deus em ação, de modo que a atividade milagrosa de Jesus é a obra escatológica e a mensagem de salvação”. (TWELFTREE, 2013, p. 602, tradução nossa). Poythress (2018) afirma que eles apontam para, pelo menos, três significados, vistos na citação a seguir e na figura localizada logo após:

Os milagres de Jesus têm pelo menos três tipos de significado que correspondem *grosso modo* a três aspectos de quem é Jesus. (1) Jesus é Deus. (2) Jesus é plenamente humano e como ser humano realizou milagres de modo análogo aos milagres dos profetas do Antigo Testamento. (3) Jesus é o Messias prometido no Antigo Testamento, o único mediador entre Deus e o homem. (POYTHRESS, 2018, p. 25, grifo do autor).

Figura 5 – Os significados dos milagres de Jesus



Fonte: Poythress, 2018, p. 25.

Como visto, o milagre traz em si algo pedagógico (ou no caso de adultos – andragógico), ele ensina tanto quanto o discurso/fala. Em muitas ocasiões, em Lucas, os eventos extraordinários são realizados através da fala de Jesus, assim, este é um homem de palavras e ações poderosas. Há, ainda, um fator especial: o milagre está atrelado ao chamado dos primeiros discípulos, é um chamado à fé, a uma vida de ação missionária no poder de quem os chamou. “A própria chamada aos discípulos ocorre na presença de milagres (5:1-11, na pesca milagrosa de peixes; vv. 27, 28, após a cura do paralítico acamado). [...] Lucas vê os milagres como tendo um significado redentor”. (ELWELL; BEITZEL, 1988, p. 1472, tradução nossa). A percepção de Twelftree (2013), relatada a seguir, é sintoma desta união – milagre-fé-discipulado – percebida em Lucas.

Dos Evangelhos Sinóticos, Lucas parece ser o que mais investiu nos milagres, identificando Jesus como o profeta escatológico, Messias e Senhor, que é capacitado pelo Espírito escatológico. [...] Ao atrasar a chamada dos primeiros discípulos (Lc 5:1-11) até depois de Jesus ter feito milagres (Lc 4:31-41; cf. Mc 1:16-31) dá a impressão de que o discipulado não se baseia apenas no ensino de Jesus, mas também sobre seus milagres. Essa perspectiva é confirmada na própria história de chamada (Lc 5:1-11). Além disso, foi depois de obedecer ao chamado de Jesus para ‘mergulhar em águas profundas’ e apanhar tantos peixes que as redes começaram a rasgar que Simão ‘caiu aos pés de Jesus’ (Lc 5:8), um ato de adoração, e então foi chamado e seguiu Jesus (Lc 5:10-11). Além disso, após a história da cura do paralítico, Lucas omite a menção do ensino (cf. Mc 2:1-14), então o chamado de Levi ao discipulado segue imediatamente após o milagre (Lc 5:18-28). Em consonância com isso, Lucas chama a atenção para ‘ver’ o que Jesus estava fazendo como base para a resposta ao seu ministério (Lc 10:23). Então, na história da entrada triunfal em Jerusalém, Lucas faz a multidão gritar por causa de ‘todas as obras poderosas que tinham visto’ (Lc 19:37). Da mesma forma, a fé como uma resposta direta ao milagre também é importante em Lucas. O tema surge cedo em que, ao ser curada, a sogra de Simão

passa a servi-los (Lc 4:19 // Mc 1:31), sendo ‘servir’ (*diakoneō*) uma forma de descrever não apenas o ato imediato como serviço, mas também o discipulado (ver Lc 8:3; 12:37; cf. Lc 10:13 // Mt 11:21; Lc 18:35-43; At 6:8; 7:60; 14:3-4). (TWELFTREE, 2013, p. 599, grifo e tradução nossa).

Para encerrar esse ponto do portento, tem-se a questão sobre que tipo de milagre Jesus fez. Foi de conhecimento, de poder ou ambos? Bock (2004) assume a primeira opção,¹⁵¹ enquanto Thompson (2016) se inclina para a terceira: “Isso pode ser um milagre de conhecimento (Bock, 2004, Epub, posição 457), poder ou ambos. A ênfase no tamanho da captura torna improvável que apenas o conhecimento de Jesus seja destacado”. (Thompson, 2016, Epub, posições 4062-4063). Diante dos milagres já ocorridos em Lc 4,31-41, muitos deles (exorcismos [4,31-37.41], cura da sogra de Pedro [4,38-39]) realizados pelo poder da Palavra de Jesus, parece preferível escolher a opção dois ou três; pois, por Sua palavra, Jesus pode ter levado os peixes a se aglomerarem; e, por Seu conhecimento, pode saber onde eles estavam.

Assim, os dois atos ilocutórios informativos mostram o poder de Jesus por meio de uma pesca enorme (grande quantidade de peixes), em horário (dia) e local (fundo do lago) inapropriados, bem como a necessidade de ajuda (“as redes estavam prestes a rasgar”), o que dialoga com o v. 7a. Além disso, eles tornam o leitor/ouvinte consciente da maneira como aconteceu, ou seja, Simão precisou obedecer para o extraordinário se manifestar.

O v. 7 apresenta 5 orações; 3 independentes e 2 dependentes. A primeira é uma oração independente, da qual a seguinte está em relação de dependência. Diante do que estava acontecendo no barco de Pedro (redes cheias e prestes a rasgar), ele e os que estavam com ele tiveram que pedir ajuda. O v. 7a relata isto – *καὶ κατένευσαν τοῖς μετόχοις ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ*. Após a conjunção que expressa continuidade da história, *καί*, o verbo *κατανεύω* (sinalizar, geralmente por meio de um aceno de cabeça, a alguém [ARNDT *et al*, 2000, p. 522]) está no aoristo do indicativo ativo 3ª pessoa do plural, indicando que os pescadores (todos) fizeram isso e não somente o capitão. “Ou eles sinalizaram com a cabeça porque suas mãos estavam ocupadas, ou sinalizaram porque suas vozes não atingiriam a distância”. (NOLLAND, 1989, p. 222, tradução nossa).¹⁵² O aoristo, aqui, assume sua forma mais comum, o aoristo constativo, que apenas

¹⁵¹ “Nenhuma discussão detalhada ocorre no relato, mas geralmente em um milagre da natureza, quando as forças são assumidas por Jesus, há algum indicador verbal no relato. Ou seja, Jesus repreende o vento ou dá alguma outra indicação de que está agindo de acordo com a natureza. Assim, parece melhor vê-lo como um milagre do conhecimento de Jesus. [...] Seja qual for a natureza exata do ato, causa uma forte impressão.” (BOCK, 2004, Epub, posição 533, tradução nossa).

¹⁵² “Uma ‘convocação’ [a gritos] reduziria ou mesmo prejudicaria a pesca, porque os peixes *percebem* o perigo. Assim que Simão e seu grupo percebem que a pesca é tão abundante que as redes ameaçam se rasgar, eles deixam o círculo de redes cheias na água e aguardam o segundo barco. Sua tripulação irá primeiro para um local oposto para cercar os peixes. Só então eles vão pegar os peixes circulados juntos.” (BOVON, 1989, p. 233, grifo do autor e tradução nossa).

informa o fato. Em outras palavras, sem se preocupar com a duração,¹⁵³ simplesmente “eles acenaram.” E a quem eles se dirigiram? τοῖς μετόχοις, substantivo e artigo no dativo, indicando aqueles que recebem ou a quem é atribuída a ação do verbo: “É o caso da ‘dação’, da atribuição” (MURACHCO, 2001, p. 107). Os pescadores acenaram aos sócios – “parceiros (de negócios), companheiros” (ARNDT *et al*, 2000, p. 643). Há um complemento locativo indicando onde estes sócios estavam – ἐν τῷ ἐτέρῳ πλοίῳ. A preposição, ἐν, assume aqui a função semântica espacial, significando “em”. O artigo e o adjetivo no acusativo (τῷ ἐτέρῳ) assumem função atributiva em relação a πλοίῳ (barco), também no acusativo. Tem-se, assim, uma locução preposicional com função espacial/locativa; os sócios não estavam na praia, mas sim “no outro barco”.

A segunda oração está em relação de dependência com a primeira, sendo uma Oração dependente infinitiva de propósito – τοῦ ἐλθόντας συλλαβέσθαι αὐτοῖς.¹⁵⁴ Esta sentença traz o propósito de acenarem/sinalizarem para os sócios no outro barco: “A mensagem a ser dada pelo sinal é adicionada no infinitivo”. (ARNDT *et al*, 2000, p. 522, tradução nossa). Wallace informa que a fórmula τοῦ + infinitivo também é usada para designar finalidade/propósito, o teste final é “inserir uma das expressões: *a fim de* ou *para que* ou *a fim de que*”. (WALLACE, 2009, p. 590-591, grifo do autor). O verbo ἔρχομαι (vir, ir retornar etc. [RUSCONI, 2005, p. 199]) está no particípio aoristo ativo masculino plural e é classificado como particípio de circunstância atendente (THOMPSON, 2016, Epub, posições 4073-4074; FITZMYER, 2008, p. 567 [ele o chama de circunstancial, apenas outro nome]; CULY; PARSONS; STIGALL 2010, p. 158; BLAKLEY, 2011, Lc 5,7, não paginado), o que implica que ele modifica o próximo verbo. O verbo principal é um aoristo infinitivo médio – συλλαμβάνω (na voz média – “ajudar,” “vir em auxílio” [RUSCONI, 2005, p. 431]). O complemento é apresentado pelo pronome pessoal no dativo, 3ª pessoa do plural – αὐτοῖς. Esse é um dativo de objeto direto, já que o verbo expressa relação ou interesse pessoal: “Um número de verbos toma o dativo como seu objeto direto. Também, deve-se notar que tais dativos comumente se relacionam com verbos que implicam relação pessoal”. (WALLACE, 2009, p. 171). Dessa forma, a tradução fica assim: “para que viessem em auxílio deles.”¹⁵⁵

¹⁵³ “O aoristo vê, normalmente, a ação *como um todo*, sem se interessar nas funções internas da ação. Ele descreve a ação de modo resumido, sem focalizar começo ou fim. E, sem dúvida, o uso mais comum do aoristo, especialmente com o modo indicativo”. (WALLACE, 2009, p. 557, grifo do autor).

¹⁵⁴ “Lucas usa aqui o infinito articular, com um particípio circunstancial, *tou elthontas syllabesthai autois*, para expressar propósito, após o verbo, ‘eles acenaram’”. (FITZMYER, 2008, p. 567, grifo do autor e tradução nossa).

¹⁵⁵ Reiling, Swellengrebel (1993, p. 230, grifo do autor e tradução nossa) explicam: “‘para vir e ajudá-los’, acusativo articular e infinitivo no genitivo, vagamente conectado com o anterior, com força final. O sujeito deve ser entendido de *tois metochois*. *Sullambanō* aqui a forma média com o dativo seguinte, ‘para vir em auxílio de’.”

A terceira sentença é uma oração independente, que expressa a decisão dos companheiros “do outro barco” e reza assim: *καὶ ἦλθον*. Esta oração não está sendo modificada pela anterior, mas sim pela posterior, com a qual mantém uma relação copulativa. O verbo *ἔρχομαι* está no aoristo do indicativo ativo, 3ª pessoa do plural, e assume a função básica constativa –“e (eles) vieram”. A próxima oração independente conectada com a anterior é *καὶ ἐπλησαν ἀμφοτέρα τὰ πλοῖα*. Após a conjunção aditiva/copulativa, o verbo *πίμπλημι* (“fazer com que seja completamente cheio”, “preencher”, “completar” [ARNDT *et al*, 2000, p. 813, tradução nossa]) está no aoristo do indicativo ativo 3ª pessoa do plural, que tanto pode ser um simples aoristo constativo quanto um aoristo consumativo: “O aoristo pode enfatizar o fim de um ato ou estado”. (WALLACE, 2009, p. 559). A diferença é que, na primeira opção, não há indicação de início ou fim; já na segunda há a ideia de que a tarefa foi completada, eles foram chamados, vieram e encheram. O complemento vem na forma acusativa: preencheram o quê? *ἀμφοτέρα τὰ πλοῖα*. Tem-se o adjetivo e o substantivo na forma acusativa formando o objeto direto do verbo *πίμπλημι*: o que foi cheio? Ambos os barcos. Tem-se a seguinte tradução: “e (eles) vieram e encheram ambos os barcos.”

A última sentença é uma oração dependente infinitiva de resultado, pois apresenta o resultado de se ter os barcos cheios – *ὥστε βυθίζεσθαι αὐτά*. *ὥστε* + infinitivo é a marca do infinitivo consecutivo de resultado.

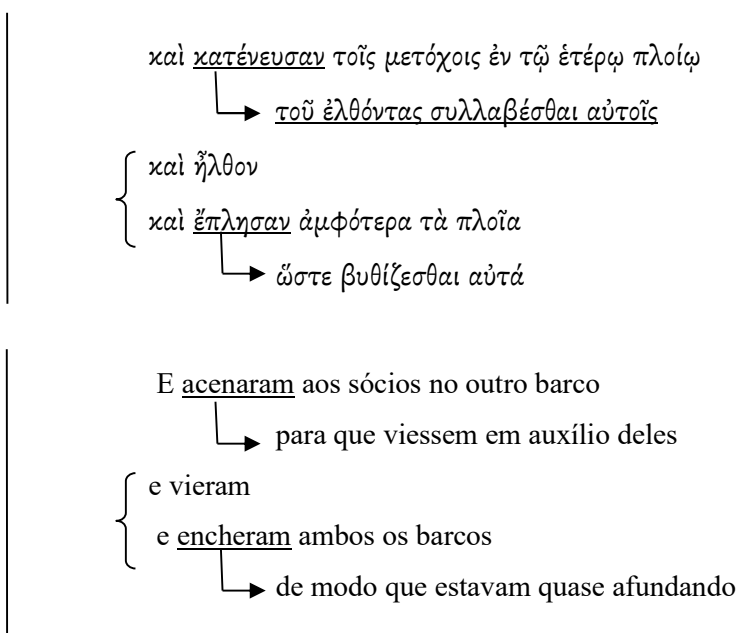
O infinitivo consecutivo pode ser usado para indicar um resultado *real* (indicado no contexto como tendo ocorrido) ou *natural* (o que pressupostamente ocorre em um tempo subsequente [sic] ao indicado no contexto). [...] A locução *de modo que, resultando em* etc. traduzem (sic) melhor a força desse infinitivo. (WALLACE, 2009, p. 592-593, grifo do autor).

Após identificar a força da oração, há mais um verbo que divide opiniões quanto a sua função sintática, a exemplo do imperfeito de *διαρῆσσω/διαρρήγνυμι*, no v. 6, é o verbo *βυθίζω* (“ir ao fundo”, “afundar” [RUSCONI, 2005, p. 103]), no presente do infinitivo passivo. Seria ele conativo ou ingressivo? Thompson (2016, Epub, posições 4079-4082), mais uma vez, apresenta duas opções de função sintática deste infinitivo presente e os apoiadores de cada posição: função conativa, “em perigo de afundamento” (os gramáticos: BDF, Zerwick; Zerwick e Grosvenor; os comentaristas: Fitzmyer; Bovon); função ingressiva, “começavam a afundar” (os comentaristas: Robertson [Pictures]; Bock; Marshall; o gramático: Wallace). Adicione a esta última posição o próprio Thompson, Köstenberger, Merkle e Plummer (2016, p. 364) e à primeira opção Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 158), e, Reiling e Swellengrebel (1993, p. 230). Semelhantemente ao v. 6, opta-se pela função conativa, uma vez que os barcos cheios

precisavam chegar à margem. Eles estavam a ponto de afundar, sem terem iniciado de fato. Para concluir esta oração, há a indicação do sujeito do verbo afundar, o pronome acusativo neutro plural – αὐτά (eles) –, um acusativo como sujeito do infinitivo¹⁵⁶; ficando assim a tradução: “de modo que eles estavam quase afundando.”

Após a análise, a tradução proposta para o v. 7 é: “E acenaram aos sócios no outro barco, para que viessem em auxílio deles; e vieram e encheram ambos os barcos, de modo que estavam quase afundando.”

Uma vez feita a análise, pode-se proceder com a demonstração sintática de forma gráfica, como representada a seguir:



No v. 7, existe 1 ato ilocutório diretivo e 2 atos representativos. O ato diretivo de pedido, embora não verbal (acenaram/sinalizaram), solicitando ajuda, aparentemente era algo comum no tipo de pesca praticada, já que se precisava de silêncio para não afugentar os peixes. Tal pedido também indica algo maior: os peixes eram muitos e um barco só não dava conta, como sublinha Fitzmyer (2008, p. 567, tradução nossa): “A convocação de ajuda ressalta a grandeza do milagre e o poder da palavra de Jesus.” A resposta para esse ato veio num outro ato, representativo de informação: “e vieram”, que mostra que o ato diretivo foi entendido, aceito e os sócios agiram imediatamente. O último ato ilocutório aqui mencionado é um

¹⁵⁶ “Esse acusativo funciona semanticamente como o sujeito do infinitivo. Embora as gramáticas mais antigas insistam que tecnicamente este é um acusativo de respeito, [...] é melhor tratá-lo como sujeito. Tal uso é comum, especialmente, com pronomes pessoais”. (WALLACE, 2009, p. 192).

representativo de informação, que traz o resultado da pesca e o que aconteceu, não só com o barco de Simão, mas com o dos sócios também – “estavam quase afundando”. Todos eles apontam para algo inesperado e maravilhoso!

Os 4 versos que constituem esta subcena (vv.4-7) evidenciam a proeminência de dois personagens: Jesus e Simão. Ambos usam sua palavra de maneira assertiva (ato diretivo e ato comissivo) e realizam coisas – Jesus, contra toda a lógica da pesca naquele local, ordena que Pedro vá para o fundo e lance as redes. Pedro obedece, mas não sem antes realçar a dificuldade da questão, bem como a autoridade e tutela da palavra de Jesus, como afirma Rienecker (2005):

Portanto, Simão havia se esforçado e labutado nas horas mais apropriadas para o ofício de pescador, mas sem sucesso. Agora, *em pleno dia*, é mandado para longe da praia, *para o meio do lago*, i. é, para o lugar em que o lago é muito fundo. Não obstante, por mais estranha que soe a palavra do Senhor, ele diz brevemente: ‘**Porém**, com base em tua palavra abaixarei as redes.’ [...] Simão está pasmo de felicidade. Que alegria foi essa inaudita bênção para o trabalho dos discípulos! E agora, algo extraordinário! Enquanto Simão arrasta os peixes em suas redes, ele próprio cai na rede do Redentor! (RIENECKER, 2005, p. 131, grifo do autor).

A conexão palavra-milagre não é novidade no Evangelho segundo Lucas, em especial, no ministério exercido na Galileia e, de maneira bem acentuada, nos eventos de curas e exorcismos em Lc 4,31-41. Tais situações foram realizadas por meio de palavras proferidas por Jesus e levaram Pedro a expressar: “sob a tua palavra, lançarei as redes”. Dinkler (2013) aclara esse ponto sobre o link existente entre a palavra de Jesus e ações poderosas/milagrosas realizadas na Galileia:

Milagres. Durante seu tempo na Galileia, Jesus usa a fala para realizar milagres: ele ‘ordena’ (ἐπιτίμῃσεν) a febre da sogra de Simão para deixá-la e ela o faz (4,38-39); ele diz a Simão para soltar suas redes e Simão recebe uma pesca milagrosa de peixes (5,5-7); ele diz a um leproso: ‘Torne-se limpo’ (καθαρίσθητι) e a lepra vai embora imediatamente (5,13); ele ordena a um paralisado: ‘Eu te digo: levante-se ...’ e imediatamente, o homem se levanta e caminha para casa (5,23-25). Estes e outros exemplos semelhantes demonstram o uso da palavra de Jesus para realizar milagres que, por sua vez, corroboram as afirmações audaciosas que ele faz sobre sua identidade e vocação divina: ele afirma que foi enviado para ‘pregar boas novas (εὐαγγελίσασθαι) aos pobres [e] proclamar (κηρύξαι) libertação aos cativos’ (4,18), ‘proclamar (κηρύξαι) o ano do favor do Senhor’ (4,19) e ‘pregar as boas novas (εὐαγγελίσασθαι) do reino de Deus’ (4,43); e ele afirma perdoar pecados (5,20,24; 7,47-48). (DINKLER, 2013, p. 112, grifo do autor e tradução nossa).

Quem é este que, com uma palavra, muda a situação? Que tem poder sobre a natureza, a doença e os espíritos impuros (ainda não está registrado até esse ponto do Evangelho alguma ressurreição/reanimação por parte de Jesus; algo que só acontece em 7,11-17. O milagre acontece outra vez quando Jesus fala [4,14])? Um questionamento como esse passa na mente

de Pedro. A presença de Jesus causa uma reação forte no futuro apóstolo e que é vista na última seção desta perícopa (vv. 8-11).

Os dois personagens vão sendo apresentados numa construção crescente. Jesus, como alguém que manifesta uma autoridade humana divina, seus atos e palavras expressam uma teofania. Deus visita seu povo com uma mensagem de salvação; alguém que pesca com a voz e que mostra didaticamente que sabe onde pescar e como reunir o “cardume” para tal mister. Como aponta Green (1997):

Mais transparente é o nexa entre pescar e proclamar a palavra: o sucesso na pesca, sob a autoridade de Jesus, é um símbolo profético para a missão da qual Pedro e os outros participarão, enquanto o próprio Jesus, em sua palavra e ação milagrosa, está ele mesmo envolvido em ‘pescar’. (GREEN, 1997, p. 233, tradução nossa).

Pedro, é representado como alguém que tem características que devem ser reproduzidas pelo leitor/ouvinte do Evangelho (submisso, fiel e obediente), a despeito das circunstâncias desfavoráveis. Isso pode ser observado, embora tais características não tenham sido construídas na hora da pesca e sim reveladas, pois um caminhar prévio, ao menos por aproximação, já estava em curso.

Na última parte deste capítulo os dois homens ainda ocupam lugar de destaque. Mais detalhes são descortinados e formam uma visão ilocutória e perlocutória ideais, no processo de delineamento do perfil dos discípulos modelos e do Senhor a quem devem seguir, já que os nomes dos sócios e futuros condiscípulos, junto com Simão (e provavelmente André, que não é citado nesta narrativa lucana), são apresentados e os três escolhem o mesmo destino, atrás deste Mestre galileu.

4.5 O chamado (vv. 8-11)

A última subseção ou subcena desta perícopa apresenta o resultado e o desenvolvimento do que aconteceu na subseção anterior, o que, nas palavras de Bock (2004, Epub, posição 528, tradução nossa), é: “Resposta ao milagre: confissão e comissão (5:8-11)”. Novamente se destacam Jesus e Pedro, e há a inclusão de João e Tiago. Juntos eles protagonizam um evento ícone para as futuras gerações de cristãos. Há assombro, palavra de temor, palavra de ânimo, convite e resposta ao convite. Nesta, não menos empolgante, última parte da história.

Os vv. 8-11, de Lc 5, trazem o arremate da história, bem como demonstram a união

das três subcenas, por meio de temas em comum, da pesca, do discipulado e da missão, alinhavados pelo motivo maior da palavra. Esses versos patenteiam, aos olhos dos leitores, quem é o que chama, qual a atitude correta a tomar diante dele e do convite que ele faz. A vida de fé passa pelo reconhecimento da autoridade e superioridade do Mestre (κύριος), seu interesse na participação dos homens em Sua missão, a grandeza desta em comparação aos outros requisitos da vida; de forma que ela esteja entrelaçada a tudo que se é e faz.

Os versos, conforme visto em NA²⁸ e dispostos na segmentação por orações, rezam assim:

8a	Ἰδὼν δὲ	Oração dependente participial adverbial temporal
8b	Σίμων Πέτρος προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ	Oração independente
8c	Λέγων	Oração dependente participial de discurso direto ou adverbial de finalidade
8d	ἔξελθε ἀπ’ ἐμοῦ	Oração independente
8e	ὅτι ἀνὴρ ἁμαρτωλός εἰμι	Oração dependente conjuntiva adverbial causal
8f	Κύριε	Vocativo
9a	θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων	Oração independente explicativa
9b	ὧν συνέλαβον	Oração dependente relativa restritiva
10a	ὁμοίως δὲ καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην υἱοὺς Ζεβεδαίου	oração independente
10b	οἱ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι	Oração dependente relativa explicativa
10c	καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα ὁ Ἰησοῦς	Oração independente
10d	μὴ φοβοῦ	Oração independente - assindeto.
10e	ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν	Oração independente
11a	καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν	Oração dependente participial adverbial temporal
11b	ἀφέντες πάντα	Oração dependente participial de circunstância atendente
11c	ἠκολούθησαν αὐτῷ	oração independente

O primeiro verso desta subcena é o v. 8. Ele apresenta 5 orações, com o vocativo κύριε sendo analisado separadamente da última sentença por questão de ênfase. São 2 orações independentes e 3 dependentes. A oração que “abre” o verso é Ἰδὼν δὲ. A partícula pospositiva

δέ exerce função continuativa comum, como o ך (vav) hebraico nas narrativas, tendo um papel mais estilístico que semântico. O fator qualificativo da oração está em seu particípio aoristo ativo nominativo do verbo εἶδον, que é usado como o 2º aoristo de ὁράω (ARNDT *et al*, 2000, p. 279, tradução nossa). Bullinger (1908, p. 93, tradução nossa) explica que ὁράω (ver) “é usado para a visão corporal, e se refere à coisa vista, seja em si mesma (objetivamente), ou em relação à sua impressão na mente (subjetivamente)”. Esta ótica tem um aspecto temporal (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 158; THOMPSON, 2016, Epub, posição 4084), de forma que essa oração pode ser classificada como dependente participial adverbial temporal. O alvo da visão é o que ocorre nos versos anteriores (A pesca maravilhosa), como indicam Reiling e Swellengrebel (1993, p. 231, tradução nossa): “O objeto de *idōn* deve ser entendido a partir do anterior: os fatos que os vv. 6 e 7 descrevem”. O particípio aoristo, quando tem como verbo principal da frase um verbo aoristo, normalmente expressa simultaneidade à ação desse verbo (ver explicação do particípio aoristo na análise do v. 3 acima). Um fator determinante para sua identificação está na ligação deste verbo com o sujeito da oração posterior; um substantivo, nome próprio sem artigo. Isto significa, de acordo com Hanna (2010, p. 298, grifo do autor e tradução nossa), que: “Geralmente, **quando um particípio sem artigo acompanha um substantivo próprio sem artigo, é usado como advérbio,**” e o referido autor o traduz por “**quando** Simão Pedro **o viu,**” e “**ao vê-lo**” (2010, p. 119). Assim, o ato de ver a pesca maravilhosa ocorre concomitantemente à outra ação, que é a principal à qual esta se conecta.

A próxima oração pode ser classificada como independente – Σίμων Πέτρος προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ. Esta oração apresenta uma ação que ocorre simultaneamente ao ato de ver relatado na sentença anterior. Antes da análise da ação verbal, tem-se um fato curioso e indicativo de algo maior na narrativa Lucana: a única vez em que ele chama Cefas por seu nome (Simão), junto com o designativo conferido por Cristo a esse pescador (Pedro)¹⁵⁷, pode indicar deferência e apontar para seu papel proeminente neste Evangelho, conforme Bock (2004, Epub, posição 534) afirma: “[...] o nome expandido pode apontar para o desenvolvimento da importância dessa figura, uma vez que tradicionalmente Pedro é o nome que ele recebeu como resultado de seu encontro com Jesus (João 1:42; Mateus 16:17-18)”. Lenski (1961) chama atenção para esse fato:

O fato de que ele estava sentado é evidenciado pelo fato de Pedro cair de joelhos. Este foi um ato de profunda humilhação e rebaixamento, juntamente com adoração. Pedro percebeu a divindade de Jesus de uma forma que o venceu totalmente e o fez sentir

¹⁵⁷ “O duplo nome ocorre apenas aqui, enquanto a expressão ‘Simão, apelidado de Pedro’ é mais usual, especialmente em Atos (10,5.18.32; 11,13; cf. também Lc 6,14)” (CRIMELLA, 2015, p. 116, tradução nossa).

sua total indignidade e insignificância na presença de Jesus. Até este ponto, Lucas o chamou pelo antigo nome de “Simão”, e ele o fará no restante da narrativa; mas quando ele está descrevendo este ato, Lucas o chama de “Simão Pedro” e adiciona o nome que Jesus lhe deu para designar a fé rochosa que amadureceria nele. Essa fé agora estava mostrando sua face humilde em Pedro. (LENSKI, 1961, p. 282, tradução nossa).

Blight (2008, p. 187), ao comentar sobre esse nome, acrescenta que “os leitores já o conheciam. Exceto por este versículo, Lucas usa apenas ‘Simão’ até 6:14 e depois disso ele usa apenas ‘Pedro’, a menos que ele cite outros que usaram ‘Simão’.” Esse é o sujeito, tanto do “ver” na oração anterior quanto do evento que se segue. O verbo aoristo do indicativo ativo da 3ª pessoa do singular de *προσπίπτω* (“prostrar-se” [RUSCONI, 2005, p. 397]), retrata o que Cefas fez, ele prostrou-se, mas onde e diante de quem? O local onde ocorreu o “prostrar-se”, seguramente, foi no barco onde Simão estava (STEIN, 1992, p. 169) e diante de quem? τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ.

O artigo e substantivo (joelho) estão no plural, são um dativo de complemento (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 158) e apontam para o complemento verbal “aos joelhos”. O genitivo é de posse (THOMPSON, 2016, Epub, posições 4090-4091) e pode ser traduzido por “de Jesus.” Nesse caso, Simão prostrou-se aos joelhos de Jesus e, segundo Reiling e Swellengrebel (1993, p. 231, tradução nossa): “A expressão significa que Pedro se ajoelhou, curvando-se até que sua cabeça ficasse no nível dos joelhos de Jesus”. Essa atitude de Pedro é uma resposta correta diante de uma teofania, quando alguém encontra o Senhor. (NOLLAND, 1989, p. 222; STEIN, 1992, p. 169). Isso foi evidenciado pela pesca, conforme supõe Rienecker (2005, p. 132): “O destaque especial do gesto de Simão visa indicar que a experiência da pesca mudou algo no relacionamento entre Jesus e Simão”. Isto consiste em algo que já chama a atenção para as orações seguintes e para o vocativo no final do verso.

A próxima oração – λέγων – é dependente participial e semelhante à primeira. Além disso, está em relação com o “prostrar-se”, o particípio presente ativo de λέγω (dizer, falar). Desse modo, está aqui em simultaneidade ao verbo principal (WALLACE, 2009, p. 625, expressa que normalmente é assim). Quanto à classificação deste particípio, não há um consenso; Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 158) o classificam como “de maneira”; Haubeck e Siebenthal (2009, p. 427) informam que pode ser “temporal ou modal” e Blakley (2011, Lc 5,8, não paginado) o classifica como “particípio de (ou introduzindo) discurso direto”¹⁵⁸, o que

¹⁵⁸ LUKASZEWSKI, A. L. **The Lexham Syntactic Greek New Testament**: Glossary of terminology. Bellingham: Lexham Press, 2007, não paginado, grifo do autor e tradução nossa, explica essa categorização desta forma: “particípio de (ou introdução) discurso direto: uso de um particípio para mostrar que a fala ocorre em coordenação com a ação verbal principal da oração.”

parece mais razoável, pois “o dizer”: 1) não expressa modalidade, já que não explica ou define a ação do verbo principal – não explica porque se ajoelhou; 2) não expressa maneira, já que não serve apenas para embelezar ou expressar emoção, mas tem uma função trampolim a partir da qual aponta para a oração anterior e a posterior; 3) não expressa temporalidade, já que não responde à pergunta “quando?”. Então, o mais provável é afirmar que o verbo “dizer” introduz um discurso direto e seria traduzido por “dizendo”; embora pudesse ser um particípio adverbial de finalidade. Neste caso, sairia o gerúndio e ficaria no infinitivo “para dizer”, apontando o objetivo da genuflexão de Pedro.

O que ele disse? Ele faz um pedido estranho que só é entendido com a cláusula dependente seguinte. Ele suplica: *ἔξελθε ἀπ’ ἐμοῦ*. O verbo no aoristo do imperativo ativo na 2ª pessoa do singular de *ἐξέρχομαι* (no campo semântico de sair ou se afastar de uma área; quando referindo-se a entidades animadas – saia, vá embora, retire-se [ARNDT *et al*, 2000, p. 347]) demonstra ênfase semântica de pedido, solicitação e não de ordem, pois se trata de um inferior se dirigindo a um superior. “O imperativo é, muitas vezes, usado para expressar um pedido. Normalmente, visto quando o emissor se endereça a um superior.” (WALLACE, 2009, p. 487). A preposição *ἀπό* + genitivo indica, nesse caso, “Separação (de lugar ou pessoa): *longe de*” (WALLACE, 2009, p. 368, grifo do autor). Pedro estava pedindo a Jesus: “Afasta-te de mim,” mas, “não no sentido de ‘saia do barco’, mas sim, ‘saia da minha vizinhança’. A reação de Simão ao poder demonstrado no miraculoso arrasto de peixes relaciona Jesus a um reino ou esfera a que ele próprio não pertence.” (FITZMYER, 2008, p. 567, tradução nossa). Por que Simão queria que Jesus se afastasse dele? A resposta está na próxima oração.

A última oração é dependente conjuntiva adverbial causal – *ὅτι ἄνθρωπος ἁμαρτωλός εἰμι*. Ela explica o motivo de Simão querer o afastamento de Jesus, o que, de fato, revela verdades sobre os dois personagens, sobre quem são. A conjunção subordinativa causal, cujo “uso expressa a base ou contexto de uma ação” (WALLACE, 2009, p. 674), tem a tradução de “porque, por causa, visto que” e mostra a causa do pedido de Simão – *ἄνθρωπος ἁμαρτωλός εἰμι* (sou um homem pecador). O adjetivo *ἁμαρτωλός* está em seu uso atributivo apenas indicando uma qualidade de *ἄνθρωπος*. Wallace (2009, p. 311-312) esclarece que, mesmo estando numa frase predicativa (que declara algo sobre o sujeito), a ênfase é atributiva, neste caso, e indica um senso de pecaminosidade diante do sagrado¹⁵⁹, como Isaías experimentou (cf. Is 6) e conforme expressa

¹⁵⁹ “Pedro se curva diante de Jesus ao perceber que ele é um homem pecador. Esta não é uma confissão de transgressões individuais; antes, é um reconhecimento de seu caráter perante o divino e seu representante. [...] A presença de Deus significa a presença de poder, conhecimento e pureza (Tiede 1988: 118). A reação de Pedro é uma confissão de indignidade diante do Santo escolhido de Deus (4:34; Liefeld 1984: 877).” (BOCK, 2004, Epub, posição 534, tradução nossa).

Green (1997, p. 233, tradução nossa): “O milagre da pesca é teofânico para Lucas, embora seu público possa não reconhecer isso até que a conexão com Isaías seja solidificada na reação de Pedro no v 8”. Stein (1992) reitera:

Na presença desta teofania, Pedro respondeu de forma muito semelhante a Isaías (cf. Is 6:5). O pedido não deve ser interpretado literalmente, pois para onde Pedro esperava que Jesus fosse? Em vez disso, é idiomático para ‘Senhor, tenha misericórdia de mim, um pecador’ ou ‘Perdoe-me’ ou algo como ‘O que um Santo como você está fazendo com um pecador como eu?’ (STEIN, 1992, p. 169, tradução nossa).

Após o reconhecimento petrino, de que estava diante de alguém santo que o fazia lembrar de seu aspecto comum a toda humanidade – condição de pecaminosidade –, especialmente em face de um portentoso realizado pelas palavras de um pregador itinerante nazareno, tal reconhecimento o faz elevar o tom, no sentido positivo, em sua designação da pessoa de Jesus. Ele passa da referência de ensinador, líder, para algo mais especial, “senhor”, e não no sentido comum.

Sobre o vocativo – κύριε! –, Blight (2008, p. 188) traz um sumário de dois pensamentos a respeito desse termo: não indica divindade, mas é um termo respeitoso, mais profundo que ἐπιστάτης, no v. 5 (comentaristas: Fitzmyer; Green; Marshall; Reiling e Swellengrebel; Bock [2004]; versão da bíblia em inglês: NET); e indica divindade (comentaristas: Nolland; Robert Bratcher; Lenski; William Hendriksen). Bovon (1989, p. 234, tradução nossa) declara que a “Proskynese [de προσκυνέω, adorar, prostrar-se] não verbal é uma atitude religiosa em relação ao divino. [...] A reação de Simão corresponde à teofania do Antigo Testamento: você não pode ver Deus sem morrer”. Perondi (2015) também segue a última linha:

O título de *Kyrios* também é dado a Jesus por Lucas desde o início, antes do seu nascimento (1,43) e também no anúncio dos Anjos aos pastores: “Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor [*Kyrios*]” (2,11). “Ele é o *Kyrios* desde o início da sua existência humana”. E na LXX *Kyrios* traduz habitualmente o Nome divino (YHWH), e Jesus é ‘santo, Filho de Deus’ (1,36). No decurso do Evangelho o nome ‘Senhor’ não é somente uma forma de cortesia, mas um título excelso. (PERONDI, 2015, p. 87, grifo do autor).

Um detalhe importante acerca do uso do vocativo no evangelho de Lucas é a construção gradual da identidade daquele que é chamado assim. Rowe (2006) descreve isso ao deixar entender que, talvez, Pedro não compreendesse tudo que o termo podia implicar, mas que o escritor deixa para os leitores essa percepção da construção do personagem Jesus:

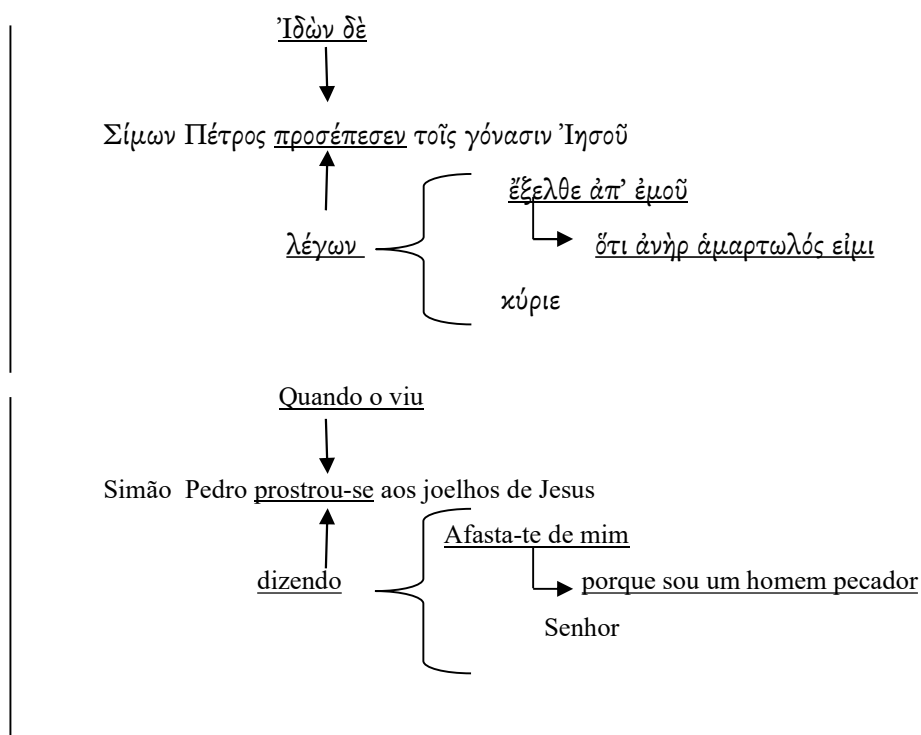
Finalmente, devemos notar que Pedro acertou o título para a cristologia narrativa de Lucas (Jesus é κύριος desde o ventre), mas, portanto, não temos que entender o ‘ver’

de Pedro como uma vez por todas. Para colocá-lo de forma crua, Pedro obviamente tem seus altos e baixos em termos de percepção e compromisso. Mas essa realidade não deve nos afastar da interpretação cristológica de *κύριε* na linha narrativa. A força narrativa de *κύριε* permanece, independentemente dos tropeços posteriores de Pedro. Na verdade, tal vacilação da parte de Pedro abre a possibilidade de reconhecer a ambiguidade inerente ao vocativo. [...] Estabelecer um terreno sólido sobre o qual tratar o vocativo *κύριε* é de importância crucial, visto que essa forma de *κύριος* ocorre várias vezes na narrativa do Evangelho. Lucas 5:8 é a primeira vez que *κύριε* é usado, e esse uso dá o tom, por assim dizer, para o encontro do leitor e a compreensão dos outros vocativos. Esta passagem, portanto, alerta o leitor para o propósito ou significado cristológico potencial no desdobramento cuidadoso de Lucas do vocativo na história, enquanto simultaneamente deixa em aberto a possibilidade de que aquele em cuja boca *κύριε* ocorre não precisa possuir plenitude de conhecimento ‘pós-ressurreição’ a cada ponto da história - ou, de fato, em qualquer ponto antes da ressurreição. A estratégia narrativa Lucana particular, isto é, ao mesmo tempo estabelece o significado cristológico de *κύριε* e faz uso de sua ambiguidade inerente. Dessa forma, Lucas conecta *κύριε* à fé dos primeiros cristãos no “Senhor” e situa o vocativo em seu campo semântico mais amplo. (ROWE, 2006, p. 88-89, tradução nossa).

Portanto, na intenção comunicativa do hagiógrafo, o vocativo tem um papel especial. Mesmo que o personagem Pedro não entenda tudo ainda, o leitor competente, que vem acompanhando a história desde Lc 1,1, já sente a perspectiva messiânica no termo usado por Simão.

Após a avaliação, a tradução proposta para o v. 8 é: “Quando o viu, Simão Pedro prostrou-se aos joelhos de Jesus, dizendo: Afasta-te de mim, porque sou um homem pecador, Senhor.”

Uma vez feita a análise, pode-se proceder com a demonstração sintática de forma gráfica, como representada abaixo:



No v. 8, existem atos 3 ilocutórios representativos, 1 diretivo e 1 expressivo. Os três atos representativos têm a força informativa e revelam o quadro que antecede as falas de Simão. O primeiro mostra o motivo da cena – Pedro viu a pesca milagrosa e teve uma percepção da pessoa de Jesus, que o colocava acima dos demais seres humanos. Isto leva ao segundo ato informativo, através do qual se observa uma situação de humildade advinda de uma percepção teofânica, em que o homem cai de joelhos na presença de Deus, com um forte senso de indignidade diante daquele que é Santo. Isto desencadeia o terceiro ato, que é o de falar (dizer): Simão não se conteve e extravasa o que vai na alma; ele não conseguiu ficar calado diante do que viu, ouviu e perante quem ele está.

Quando o pescador fala, ele realiza um ato diretivo de súplica, pedindo que “o Santo” (Lc 1,35) que está em seu barco se afaste dele, da vida dele, de sua vizinhança. A grandeza e o poder de Jesus assustam o homem, como a revelação no Sinai assustou os israelitas (Ex 20,18-19), e sua reação natural é querer sair (ou fazer sair aquele que a trouxe) da presença de tal incômodo.

Contudo, tem-se o ato expressivo. A situação é explicada pela exibição da disposição psicológica que se abateu sobre Pedro; ele tem uma repulsa por sua condição de pecador evocada pela presença do Sagrado e Santo (como Isaías em Is 6) e exclama: - “porque sou um homem pecador”; buscando completar o termo que ele usa para se referir a Jesus. Tanto sua localização no verso, conforme Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 159, tradução nossa) apontam: “A colocação do vocativo no final da frase provavelmente destaca a distância de status entre Pedro e Jesus”; quanto sua significação: “Senhor”, mostram que há um entendimento de que ocorre uma separação de status e/ou ontológica, entre essas duas pessoas. Entretanto, a própria coexistência benfeitora e vantajosa para ambos (afinal era no barco de Simão que Jesus estava) indicava que não havia motivo para temor, algo que fica explícito mais adiante na história.

O v. 9 apresenta apenas 2 orações; 1 independente e 1 dependente. Todavia, à semelhança dos vv. 1-2, expõe uma ligação com o v. 10, especialmente com as 2 primeiras orações do verso. Este fato é expresso na análise ora em curso, o que gera uma ligação com 10a e 10b, cuja configuração sintática é de oração independente e oração dependente, respectivamente.

A primeira oração do v. 9 é independente explicativa - *θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων*. Embora o substantivo ocorra primeiro na frase, a conjunção *γάρ* “é sempre pospositiva” (CHAMBERLAIN, 1989, p. 175) e dá o tom da oração inteira. Murachco (2001, p. 634, grifo do autor) informa que ela “**É a partícula anafórica**

explicativa por excelência” e pode ser traduzida por “pois, na verdade, com efeito, de fato”; fazendo uma retomada do que aconteceu no v. 6-8 e explicando-o. Assim o entende Blakley (2011, Lc 5,9, não paginado), embora Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 159), Bock (2004, Epub, posição 536), Thompson (2016, Epub, posições 4101-4102) e Blight (2008, p. 189) defendam que expressa causa.

A conjunção pode ser tanto coordenativa explicativa quanto subordinativa causal. Em um caso ela explica a ação, no outro ela dá a causa, o que (Lc 5,9) pode gerar uma sobreposição tênue, já que a relação com o assombro pode ser tanto de motivo da ação de Pedro – ficou assombrado e se lançou aos pés de Jesus (causal) –, quanto ser a explicação do que aconteceu de forma geral. O assombro foi resultado da pesca (explicativa), decisão esta que é defendida neste trabalho, uma vez que a relação de coordenação copulativa é percebida na ligação com 10a e 10b, mas não é vista uma relação de dependência (subordinação) com o verso anterior, apenas uma retomada temática. O assombro *θάμβος* (assombro, temor, surpresa [RUSCONI, 2005, p. 222]) está relacionado com a ação miraculosa de Jesus causando a pesca e é natural diante da manifestação divina:

No NT deparamo-nos com o termo ‘assombro’ (*thambos*) apenas mais duas vezes (Lc 4:36 e At 3:10). Em todas estas ocasiões, este assombro aparece como decorrência de uma misericordiosa ação milagrosa de Jesus. [...] Tanto o AT quanto o NT estão cheios dos testemunhos de que o ser humano se assusta e teme quando Deus se aproxima. *Desse espanto sagrado, desse reverente temor é que Simão está repleto, quando o Deus (cheio de límpida bondade) se aproxima dele em um evento palpável, pela ação do homem em quem ele reconhece o Messias vindouro.* (RIENECKER, 2005, p. 132-133, grifo do autor).

“Com efeito, assombro...”, a continuação da oração, é elucidativa. O verbo aoristo do indicativo ativo 3ª pessoa do singular de *περιέχω* (apodera-se, pegar: alguém ou algo [RUSCONI, 2005, p. 368]) tem a função simples constativa “apoderou-se” (de quem?). A resposta é um complemento que é bem definido por Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 159) como “um acusativo objeto direto” – *αὐτὸν καὶ πάντα τοὺς*¹⁶⁰ *σὺν αὐτῷ*” – dele e [de] todos os [que estavam] com ele. A explicação desse temor/assombro é localizada – *ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων. ἐπὶ* + dativo pode ter algumas acepções (seja espacial, temporal ou causal) com verbos que expressam sentimentos, opiniões etc. Pode apresentar acepção causal e significar: “por causa de, com, em” (ARNDT *et al*, 2000, p. 365), a razão é explicada” por causa da pesca. *τῇ ἄγρᾳ* (o que foi pescado/capturado, conforme visto na análise do v. 4) é o objeto preposicional, ou seja,

¹⁶⁰ “O artigo acusativo funciona como um nominalizador, mudando a frase preposicional, *σὺν αὐτῷ*, em parte do objeto direto acusativo de *περιέσχεν*” (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 159, tradução nossa).

“O substantivo que se relaciona com o significado principal da frase por meio de uma preposição”. (LUKASZEWSKI, 2007, não paginado). Há ainda uma outra expressão mais delimitadora do que seria essa “captura” – τῶν ἰχθύων, que seria um genitivo objetivo e objeto da forma nominal do verbo (WALLACE, 2009, p. 116-119). Nesse sentido, assim reza a sentença: “por causa da pesca dos peixes.”

A última oração do v. 9 é dependente relativa restritiva – ὧν συνέλαβον. O pronome relativo genitivo masculino plural, do nominativo ὅς, faz referência ao que foi pescado. Normalmente o pronome relativo concorda em gênero e número com o antecedente a que se refere e isso acontece aqui; mas ocasionalmente concorda com o caso também. Isso é conhecido como atração ou atração direta (WALLACE, 2009, p. 337). Sem “atração, teríamos esperado οὗς, uma vez que o pronome relativo é o objeto direto sintático de συνέλαβον” (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 159, tradução nossa). O verbo aoristo do indicativo ativo 3ª pessoa do plural de συλλαμβάνω (tem 4 acepções semânticas distintas; aqui, significa capturar [um animal], pegar [ARNDT *et al*, 2000, p. 955]) refere-se à captura dos peixes e pode-se classificar este aoristo como constativo. Nesse sentido, como está no indicativo, traduz-se no passado e com o teor restritivo. Assim, pergunta-se ao referente: que peixes? Os “que tinham pegado, capturado”.

A tradução do v. 9 é apresentada agora, enquanto sua formulação sintática de forma gráfica só aparece quando se analisarem as duas primeiras orações do v. 10. A respeito disto, Blakley (2011, Lc 5,10, não paginado) assevera que: “A estrutura sintática implica que θάμβος περιέσχεν é necessário para ser lido em conjunto com ὁμοίως”. Após a tradução, fica assim “Com efeito, assombro se apoderou dele e de todos os que estavam com ele, por causa da pesca dos peixes que tinham capturado.”

A primeira oração do v. 10 é independente copulativa e está ligada ao assunto anterior – ὁμοίως δὲ καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην υἱοὺς Ζεβεδαίου. O δὲ é pospositivo e introduz um comentário parentético (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 159) de que não só os que estavam no barco com Pedro ficaram assombrados. δὲ, em combinação com o primeiro καί (δὲ καί), formam uma construção enfática – “marcador de ênfase elevada, em combinação com καί: ‘mas também’” (ARNDT *et al*, 2000, p. 213, tradução nossa).

O advérbio ὁμοίως (semelhantemente, do mesmo modo [RUSCONI, 2005, p. 332]), dessa forma, reza assim: “semelhantemente também”, apontando para outros em estado de espanto/assombro: quem são eles? Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην υἱοὺς Ζεβεδαίου. “Tiago e João, filhos de Zebedeu”, os nomes dos apóstolos estão no acusativo, o que indica que são “objeto direto de um implícito (θάμβος) περιέσχεν” (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160, tradução nossa)

e a designação de parentesco está em aposição (THOMPSON, 2016, Epub, posição 4113), “filhos de Zebedeu”, o substantivo acusativo anartro no plural, υἱούς, não é para ser traduzido como “uns filhos”, já que é seguido por um genitivo, conforme explica Zerwick (1963, p. 59, tradução nossa): “Podemos acrescentar o que é quase uma regra gramatical: se o substantivo usado com um genitivo seguinte é ele próprio sem o artigo, o artigo é geralmente omitido, por uma espécie de assimilação.” A tradução dessa oração é a seguinte: “Semelhantemente também, Tiago e João, filhos de Zebedeu.” Essa oração revela a intenção do autor em realçar a pesca e o efeito que ela produziu em todos os que a presenciaram: “Que Lucas pretendia que seus leitores vissem a captura de peixes como milagrosa é evidente pela resposta de Pedro e agora por seus companheiros”. (STEIN, 1992, p. 170, tradução nossa).

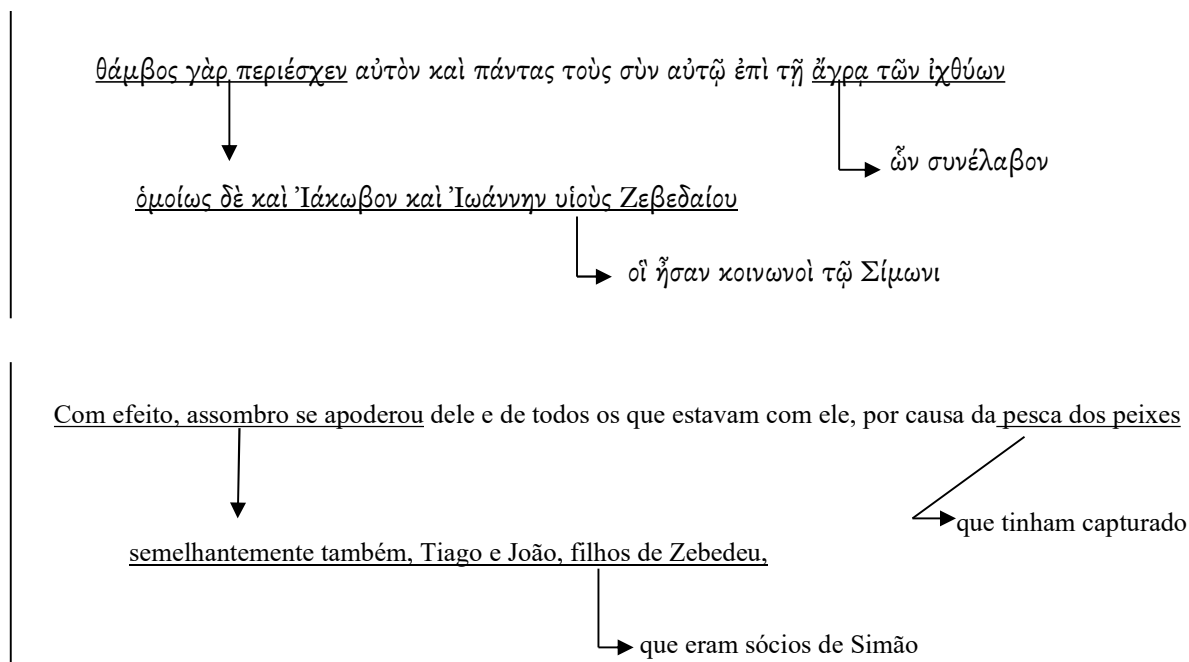
A última oração desta sequência sintática é 10b – οἱ ἦσαν κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι. Esta sentença é uma oração dependente relativa explicativa, que esclarece a relação dos filhos de Zebedeu com Simão. O pronome relativo nominativo plural de ὅς faz referência a filhos de Zebedeu, “que, os quais”. O verbo imperfeito do indicativo ativo 3ª pessoa do plural de εἶμι (ser, estar) pode ser classificado como imperfeito progressivo, de acordo com Wallace (2009, p. 543, grifo do autor): “O imperfeito é, muitas vezes, usado para descrever uma ação ou estado que está em progresso no passado do ponto de vista (ou, mais acuradamente, retratada) do falante [...] a chave de identificação é: *estava (continuamente) + gerúndio*”. Na prática, a tradução seria “eram”, normalmente, mas com a seguinte força “estavam continuamente sendo”. O que eles eram? κοινωνοὶ τῷ Σίμωνι. O substantivo nominativo anartro masculino plural de κοινωνός (amigo, companheiro, sócio de alguém [RUSCONI, 2005, p. 269-270])¹⁶¹ é o nominativo predicativo. O pronome relativo é o nominativo sujeito (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160; ver WALLACE, 2009, p. 38-48). A última expressão da frase, uma construção dativa, pode ser identificada como um dativo de associação (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160; BLAKLEY 2011, Lc 5,10, não paginado), “de Simão, em associação com Simão”.

A tradução destas sentenças do v. 10 fica assim: “Semelhantemente também, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão”. Juntando os versos 9-10ab, tem-se a seguinte proposta de tradução: “Com efeito, assombro se apoderou dele e de todos os que estavam com ele, por causa da pesca dos peixes que tinham capturado, semelhantemente também, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão.”

Uma vez feita a análise, pode-se proceder com a demonstração sintática de forma

¹⁶¹ “ Em 5:7, o termo técnico μέτοχος é usado para parceiro ou sócio, e aqui o termo mais genérico κοινωνός ‘companheiro’ é usado. Esses dois termos são virtualmente sinônimos.” (BLIGHT, 2008, p. 189, tradução nossa).

gráfica, como representada a seguir:



Nesses versos conjugados (9-10ab), tem-se 2 atos ilocutórios expressivos indiretos e 2 atos ilocutórios representativos informativos. Os atos expressivos indiretos são os que informam a disposição psicológica dos tripulantes do barco de Pedro e de Tiago e João, são indiretos, pois estão construídos como um tipo diferente. Aparentemente, são representativos, mas o foco é revelar o aspecto psicológico. Assim, “são designados *atos de fala indiretos*, visto que o ato ilocutório é realizado indiretamente, isto é, mediante um ato ilocutório de outro tipo.” (OBARA, 2018, p. 95, tradução nossa). A força ilocutória deles é expressa de maneira direta, assim: Pedro e os que com ele estavam afirmaram: o assombro tomou conta de nós! Tiago e João declararam: o mesmo aconteceu conosco! O estado de assombro é explicado pela manifestação teofânica, algo que um dos atos representativos revela. Este referido ato mostra que sua força ilocutória é de informação e que não tem uma construção frasal direta, a qual diria assim: o assombro que assolou os tripulantes foi devido à pesca grandiosa que fizeram! O último ato representativo informativo acrescenta detalhes sobre quem eram Tiago e João, os quais, além de serem irmãos (filhos de Zebedeu), são sócios de Simão no ramo pesqueiro.

Esses versos coligados apresentam, nominalmente, 3 dos mais importantes discípulos de Jesus, pois representam um círculo mais íntimo, estão com ele em ocasiões em que outros não estão (Lc 8,51 [ressurreição da filha de Jairo]; 9,28 [transfiguração]) e são nomeados em outras ocasiões em Lc-At. De Tiago, diz-se que foi morto, em At 12,2. Os outros dois estão juntos em outras situações diversas, seja no preparo da Páscoa (Lc 22,8) seja na inspeção da

conversão de samaritanos (At 8,14). Assim, o grupo dos apóstolos começa a ser formado em Lucas e o assombro que se segue à teofania é um fator indicativo da pesca que Jesus está realizando com eles. Ironicamente, a pesca dos peixes se transforma em isca para capturar estes homens.

As demais sentenças do v. 10, 10cde, concluem este verso. São 3 orações independentes. A primeira oração é *καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα ὁ Ἰησοῦς*. A conjunção *καί* tem o papel, aqui, de dar fluxo e continuidade à história. O verbo aoristo do indicativo ativo 3ª pessoa do singular de *εἶπον* (“dizer”, usado desta mesma forma nos vv. 4 e 5), que tem como nominativo sujeito *ὁ Ἰησοῦς* (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160), é visto na mesma construção frasal (*εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα*) do v. 4. Dessa forma, a análise sintático-semântica é a mesma (vide acima). Como lá, essa oração discursiva indireta introduz duas orações discursivas diretas (todas independentes), uma ordem e uma promessa. O *πρὸς* + acusativo, como observado previamente, indica direcionamento: Jesus se dirige novamente a Pedro. Desse modo, há um paralelo com o v. 4, no qual Pedro é apresentado como o alvo da fala de Cristo e, como lá, ele é colocado como um representante; lá, dos pescadores com ele no barco; aqui, de Tiago e João, fato observado no v. 11, no qual não somente Simão, mas os filhos de Zebedeu vão com Jesus (GREEN, 1997, p. 234); como expressa Marshall (1978, p. 206, tradução nossa): “Embora a ordem seja dirigida apenas a Simão em Lc, Lucas mantém o fato de que na realidade foi dirigida também a seus companheiros”. A tradução simples é: “E disse Jesus a Simão.”

A próxima oração é independente – *μὴ φοβοῦ*. Nesta, *μὴ* é um advérbio de negação (não) que antecede um verbo no presente passivo do imperativo 2ª pessoa do singular de *φοβέω* (ter temor, medo. No NT, somente na passiva *φοβέομαι* [RUSCONI, 2005, p. 484]). Wallace (2009, p. 487) informa que “*μὴ* (ou um cognato) é usado antes do imperativo para tornar a ordem em uma proibição”. Neste caso, não se trata de qualquer proibição, mas a de algo que está em andamento. Zerwick e Grosvenor (1974, p. 190) explicam que *μὴ* + presente do imperativo apresenta a proibição da continuação de uma ação.¹⁶² A força evocada pela frase seria algo assim: “Não continues a temer.”

É icônico o uso dessa expressão em situações de epifania/teofania (NOLLAND, 1989, p. 223; STEIN, 1992, p. 170). “A frase costuma ser usada em uma cena de epifania (por exemplo, 1:13, 30; Atos 18:9; 27:24), e talvez seja usada aqui por Lucas para marcar o caráter revelador do milagre recém-realizado”. (FITZMYER, 2008, p. 568, tradução nossa).

¹⁶² “O imperativo do tempo presente com a negação *mē* indica que uma condição existente deve chegar ao fim.” (REILING; SWELLENGREBEL, 1993, p. 30, tradução nossa).

Em Lucas-Atos há ocasiões de epifania (Lc 1,13 – Anjo se dirige a Zacarias; 1,30 Anjo se dirige a Maria; 2,10 anjo se dirige aos pastores [μὴ φοβεῖσθε, a única diferença é que o verbo está na 2ª pessoa plural]), nas quais anjos aparecem e as pessoas têm medo. Há, também, a ocasião em que Jesus pede para não temer antes do milagre acontecer (Lc 8,50 – a filha de Jairo), e depois (Lc 5,10). Em Atos, Deus fala com Paulo para não temer (At 18,9 – não temer o povo e a oposição, e pregar) e um anjo fala com ele numa situação pré-naufrágio (At 27,24 – para não temer a situação a que estava submetido e que devia testemunhar perante César).

Em outros lugares do NT a maior predominância é a desta situação revelatória. Em Mateus, quando Jesus aparece andando sobre as águas, os discípulos têm medo (Mt 14,27//Mc 6,50// Jo 6,20). Os discípulos estão com medo pelo evento da transfiguração (Mt 17,7); as mulheres se assustam com o anjo que estava no local onde Jesus foi sepultado (Mt 28,5) e com o próprio Jesus ressuscitado, que lhes aparece (Mt 28,10). Em Apocalipse, a visão do Jesus glorificado assusta João (Ap 1,17). De fato, é comum esse temor diante de uma epifania/teofania e isso é sabido pelos que aparecem; tanto que, nessas ocasiões, suas primeiras palavras são “não temas/não temais!”

A última oração do v. 10 é também independente – ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν. A sentença que abre a oração, ἀπὸ τοῦ νῦν, é temporal (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160) e, embora Fitzmyer (2008, p. 568); Nolland (1989, p. 223); Bock (2004, Epub, posição 537) e Marshall (1978, p. 205); e Stein (1992, p. 170) afirmem que é uma expressão Lucana (ocorre em Lc 1,48; 5,10; 12,52; 22,18.69; e At 18,6), ela também aparece em Jo 8,11 e 2Co 5,16. Mesmo não sendo uma expressão totalmente Lucana, a explicação de Marshall (1978, p. 205, tradução nossa) para o sentido dela, em Lucas, é válida: “ἀπὸ τοῦ νῦν é Lucano e enfatiza (como σήμερον) o novo estágio que começa na vida de um homem quando ele encontra Jesus”. Isto é reiterado e ampliado por Bock (2004):

O lucano ἀπὸ τοῦ νῦν (*apo tou nyn*, de agora em diante) enfatiza, como Lucas frequentemente faz, que as coisas mudam a partir deste momento como resultado do encontro com Jesus (Lucas 1:48; 12:52; 22:18, 69; Atos 18:6; Marshall 1978: 205). Um encontro genuíno com Jesus altera a perspectiva de uma pessoa. Podemos ver por que Lucas apresenta este relato como uma descrição-chave da reunião dos discípulos no ministério da Galileia. (BOCK, 2004, Epub, posição 537, tradução nossa).

Daquele momento em diante, algo aconteceria com Simão; o que mudaria sua vida para sempre. Jesus faz uma promessa empolgante a ele, pescador de peixes: ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν. O substantivo acusativo masculino plural de ἄνθρωπος (homem) está colocado na frente com a finalidade de ênfase (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160). São homens os seres

vivos que serão apanhados. O acusativo, aqui como alvo da busca verbal, assume a função de objeto direto, e o verbo futuro εἰμί + participio = futuro perifrástico, uma perífrase verbal (locução verbal). Como tal, tem aspecto durativo, assim como explica Wallace (2009, p. 648): “Por causa da combinação do verbo finito futuro com o participio presente, o aspecto desse uso futuro é progressivo”. O significado, importância e implicação dessa construção aqui em Lc 5,10 é realçada por Reiling e Swellengrebel (1993, p. 233, tradução nossa): “A construção perifrástica *esē zōgrōn* em vez do indicativo futuro acentua o aspecto durativo: apanhar homens será a sua ocupação. Mas o v. 11 mostra que isso não deve ser entendido em um sentido geral. É o corolário de seguir Jesus”. É uma profecia¹⁶³ que tem seu cumprimento inicial em Pentecostes, conforme afirmam Spicq e Ernert (1994): “Esta não é tanto uma ordem, mas uma profecia que anuncia a tarefa apostólica à qual o discípulo será exclusivamente dedicado (cf. Lucas 18:28-29)”. (SPICQ; ERNEST, 1994, p. 161-162).

A proposta para a frase é a seguinte: “de agora em diante, serás pescador [capturador] de homens”. Dois fatos relevantes da redação lucana surgem nesta última oração: Jesus se dirige somente a Pedro, no chamado vocacional, e o termo para pescador é diferente de Mt e Mc.

Em Mc 1,17 e Mt 4,19, Jesus usa o pronome na 2ª pessoa do plural, “vós” (ὁμᾶς), dirigindo-se a Simão e a André, seu irmão, personagem este que não aparece na história de Lucas. Em Lc 5,10, o pronome está implícito, assim, o que há é o verbo futuro, conjugado na 2ª pessoa do singular, dirigindo-se a Simão. Há quem advogue que aqui o convite é somente para Pedro (GRASSO, 1999, p. 161; FITZMYER, 2008, p. 569), mas outros assumem Simão como sendo representante dos discípulos nesse chamado (BOCK, 2004, Epub, posição 538; JOHNSON, 1991, p. 90; STEIN, 1992, p. 190; NOLLAND, 1989, p. 224; MARSHALL, 1978, p. 206) ou simplesmente entenderam que os incluía (BLIGHT, 2008, p. 190). Coloca-se, aqui, a interpretação de Fitzmyer (2008, p. 569, tradução nossa) como um tipo do primeiro grupo: “este papel para o qual Simão está sendo comissionado por Jesus não deve ser interpretado ‘de todos os cristãos’. É mais usado para expressar uma função petrina.” Fixa-se, também, a posição de Marshall (1978, p. 206, tradução nossa) como representante do segundo grupo: “Embora a ordem seja dirigida apenas a Simão em Lucas, Lucas mantém o fato de que na realidade foi dirigida também a seus companheiros.”

Um detalhe na construção da narrativa ajuda nessa querela, pois o texto de Lc 5,8-11

¹⁶³ “Você estará pegando pessoas é uma profecia que tem o efeito de um comando. O futuro ‘será’ garante uma medida de sucesso e a continuidade é enfatizada para indicar que este será um trabalho contínuo. O tempo verbal é contínuo para indicar uma prática habitual. Pegar pessoas será sua ocupação.” (BLIGHT, 2008, p. 189, tradução nossa).

não só apresenta momentos em que, nos discursos, a construção morfológica aponta para os termos no singular, mas também sugere momentos em que se realçam os que estão no plural. O mesmo se diz dos vv.4-6. Em ambos os casos, sempre que Jesus se dirige a alguém, no singular, ele o faz a Pedro, contudo, isso também serve para os que acompanham Simão. Em um único momento, Cristo se dirige a um grupo no plural (v. 4d), abarcando todos no barco. Pedro, único personagem que dialoga com Jesus nesta narrativa (o que já é um indício de sua importância e representatividade neste Evangelho), ora age por si mesmo (v.8) ora fala de si mesmo. Ainda assim inclui os outros nas ações passadas (v.5a-d). Ora se compromete, mas na verdade está comprometendo todos com ele (v. 5f-6). As ações de pesca e de reação à pesca estão no plural (v.7.9.10ab), implicando que as falas de Jesus, mesmo direcionadas a Simão, incluem os outros. Embora a profecia se dirija a Pedro, o que se distingue é o abandono do passado por parte dos três discípulos nomeados em Lc 5,1-11. O quadro abaixo apresenta os enfoques singular-plural, em Lc 5,4-6, e também em Lc 5,8-11:

Quadro 12 – Mudança singular plural em Lc 5,4-11

Versos 4-6	Singular/Plural	Versos 8-11	Singular/Plural
4b - εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα	Singular	O v.8 inteiro apresenta ações de Pedro	Singular
4d - καὶ χαλάσατε τὰ δίκτυα ὑμῶν εἰς ἄγρην	Plural	9a - θάμβος γὰρ περιέσχεν αὐτὸν καὶ πάντας τοὺς σὺν αὐτῷ ἐπὶ τῇ ἄγρᾳ τῶν ἰχθύων	Plural
5ab - καὶ ἀποκριθεὶς Σίμων εἶπεν	Singular	10a - ὁμοίως δὲ καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην υἱοὺς Ζεβεδαίου	Plural
5d - δι' ὅλης νυκτὸς κοπιᾶσαντες	Plural	10c - καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα ὁ Ἰησοῦς	Singular
5e - οὐδὲν ἐλάβομεν	Plural	10d - μὴ φοβοῦ	Singular
5f - ἐπὶ δὲ τῷ ῥήματί σου χαλάσω τὰ δίκτυα	Singular	10e - ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν	Singular
6a - καὶ τοῦτο ποιήσαντες	Plural	11a - καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν	Plural
6b - συνέκλεισαν πλῆθος ἰχθύων πολὺ	Plural	11b - ἀφέντες πάντα	Plural
6c - διερρήσσετο δὲ τὰ δίκτυα αὐτῶν	Plural	11c - ἠκολούθησαν αὐτῷ	Plural

Fonte: autoria própria

Outro detalhe é o particípio usado em Lc, em contraste com o substantivo usado em Mc e Mt. Lucas usa o particípio ζωγρῶν do verbo ζωγρέω, enquanto os demais evangelistas sinóticos usam o substantivo ἁλιεῖς (pescadores). O verbo usado por Lucas enfatiza capturar vivo e, no cotexto, capturar para fazer viver; diferente do simples substantivo pescador, de Mc e Mt. Green (1997, p. 234-235, tradução nossa) esclarece usando também o contexto do AT: “A nuance neste cotexto pode não estar longe do uso em Js 2,13 (cf. Heródoto 5.77), onde a

vida é poupada e há esperança de libertação. [...] Os discípulos não vão mais pegar peixes mortos para vendê-los no mercado, mas vão pegar pessoas, dando-lhes liberdade”. Spicq e Ernest (1994) definem o termo da seguinte forma:

Formado a partir de *zōon-Agreō*, este verbo é definido pelo *Suda*: *zōgrei — zōntas lambanei*. Significa “capturar vivo, poupar a vida de” e pertence ao vocabulário de caça e guerra. Todas as suas oito ocorrências no AT têm significados militares, enquanto as duas ocorrências do NT são metafóricas, sugerindo um peixe ou um pequeno animal preso em uma rede. [...] Na literatura grega, *zōgreō* é mais frequentemente o oposto de verbos que significam matar, massacre, aniquilar. [...] Mas, ser ‘levado vivo’ significa não simplesmente escapar do massacre imediato e ‘ser poupado’, mas também reter a esperança de libertação (Heródoto 5.77). É por isso que os vencidos imploram a seus conquistadores que poupem suas vidas. Essa é de fato a nuance em Lucas 5:10 - mantenha um cativo vivo, seja gracioso e misericordioso com ele, até mesmo restaure-o à vida. (SPICQ; ERNEST, 1994, p. 161-163).

Assim, percebe-se uma profecia que indica um engajamento contínuo por parte de Pedro e de seus companheiros. Como Jesus estava a pescar ainda há pouco (vv.1-3), como ele mostrou Seu poder na pescaria anterior (vv.4-7), ele convoca para um engajamento vitalício e garante o poder para ajudar nessa empreitada. Agora, o paradoxo os acompanharia: “pescar”, mas para vida e não para morte. O Evangelho é uma mensagem e um poder (Rm 1,16-17) transformador de vidas e, antes de tudo, é uma pessoa: o próprio Jesus, pessoa esta que é a vida (Jo 14,6), que dá vida (Jo 10,10) e que, paradoxalmente, como um cordeiro (1Pd 1,18-21); um cordeiro pascal (Ex 12; 1Cor 5,7), que morre para que os outros vivam. Da mesma forma, um ato de morte (pesca) é tornado num símbolo de algo que dá vida. Bock (2004) apresenta um resumo destes pontos:

Jesus novamente se dirige a Pedro apenas, embora a resposta de 5:11 sugira que a promessa se aplica a mais do que ele. Novamente, Pedro representa os discípulos. Jesus não chama Pedro, como em Marcos 1 e Mateus. 4, e pede a Pedro que o siga no discipulado. Em vez disso, Jesus promete a ele qual será sua vocação. [...] A ideia de ser pego vivo retrata uma entrada em uma nova e vibrante vida e não descreve apenas o momento de salvar (Schneider 1977a: 126). Além disso, ἔσθι ζῶντων (estará pegando vivo) retrata a missão como uma tarefa contínua. A promessa é de estar continuamente engajado na evangelização. Este relato conclui uma série de contatos entre Jesus e este pequeno grupo de discípulos (João 1:35-42; Marcos 1:16-20; Lucas 4:38-39 [família de Pedro]). (BOCK, 2004, Epub, Posição 538-539, tradução nossa).

Após a análise, apresenta-se a seguinte proposta de tradução de 10c-e: “E disse Jesus a Simão: Não continues a temer, de agora em diante serás pescador de homens.”

Uma vez feita a análise, pode-se proceder com a demonstração sintática de forma gráfica, como representada abaixo:

καὶ εἶπεν πρὸς τὸν Σίμωνα ὁ Ἰησοῦς { μὴ φοβοῦ.
ἀπὸ τοῦ νῦν ἀνθρώπους ἔσῃ ζωγρῶν

E disse Jesus a Simão { Não continues a temer!
de agora em diante serás pescador de homens

No v. 10c-e existem 3 atos ilocutórios, 1 representativo, 1 diretivo e 1 que é uma mescla de declarativo e comissivo. Mediante o ato representativo, há a apresentação de enfoque: Jesus se dirige a Pedro; ele e só ele, nesta perícope, é alvo da promessa-vocação (diferente de Mt e Mc, em que estão Simão e André), mas, como o cotexto delineia, ele é mais um representante do que o alvo único desta fala do Mestre. Nesta história, somente Jesus e Simão falam. O narrador só deu voz a eles, mostrando a importância dos dois personagens, não só neste trecho, mas também no restante do Evangelho (mais sobre este ponto está no próximo capítulo).

O próximo ato é um diretivo. O superior dá uma ordem proibitiva ao inferior – pare de fazer isso! Não continue! – Embora o tom seja negativo, o teor é positivo, já que tal expressão é vista em epifanias/teofanias e ditas com o fim de encorajar e fortalecer. O numinoso gera temor, mas tal experiência, geralmente, ocorre para o bem daquele que recebe a ordem.

O último ato ilocutório do v. 10 é uma combinação de dois atos ilocutórios. O ato comissivo de promessa: daquele momento em diante, Simão seria pescador de homens. Tal ato enfatiza o compromisso tanto do que faz a promessa quanto do que é alvo dela; ambos precisam se comprometer para que tal ato seja efetivo. O outro ato é o declarativo: Jesus, como mestre (ἐπιστάτης), tem autonomia para escolher e rejeitar candidatos ao seguimento/discipulado e, com uma promessa, ele declara o futuro de Simão: ao Seu lado, Simão faria o que o próprio Cristo faz. Por seu pronunciamento, o Nazareno faz de Pedro seu discípulo.

O v.11 é o último versículo desta perícope (Lc 5,1-11) e apresenta 3 orações; 1 independente e 2 dependentes, sendo que a independente vem por último. A primeira oração é dependente participial adverbial temporal – καὶ καταγαγόντες τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν. Após a

conjunção copulativa, tem-se o particípio aoristo nominativo masculino plural do verbo *κατάγω* (“arrastar sobre, atracar, trazer para a margem” [LOUW; NIDA, 2013, p. 487]), verbo este que, segundo Culy, Parsons e Stigall (2010, p. 160, tradução nossa): “quando usado em um contexto náutico, o verbo se refere a trazer um barco para um porto ou terra, como aqui”.

Nesse sentido, é relevante e realçador o que já foi visto na análise do v. 10: a mudança singular-plural, como enfatizada por Reiling e Swellengrebel (1993, p. 233, tradução nossa). “A mudança do singular nos vv. 8-10 ao plural aqui é notável e mostra que o v. 10 é entendido por pelo menos alguns dos parceiros de Simão como se referindo a eles também”. Este particípio é adverbial e, como um aoristo, normalmente antecede o tempo da ação do verbo principal. Todavia, quando o verbo principal também está no aoristo, normalmente assume a característica de anteceder-lo (WALLACE, 2009, p. 624). Não se trata, neste ponto, do mesmo caso, pois, mesmo os dois verbos estando no aoristo, a ação de trazer os barcos para a praia antecede o fato de eles deixarem tudo para seguir Jesus. Eles primeiro se desvencilham da antiga vida e tudo o que está relacionado a ela (barcos e pesca), só depois vão com Jesus.

Eles trazem τὰ πλοῖα ἐπὶ τὴν γῆν, τὰ πλοῖα, é um acusativo de objeto direto de καταγαγόντες (CULY; PARSONS; STIGALL, 2010, p. 160, tradução nossa). Trazem “os barcos” e os deixam onde? ἐπὶ τὴν γῆν. A preposição ἐπί, com acusativo, pode expressar acepção espacial, significando “para” – os pescadores trazem os barcos para a terra [praia].

A segunda sentença é uma oração dependente participial de circunstância atendente – ἀφέντες πάντα. Como já visto no v. 5, Wallace (2009, p. 642-643, grifo do autor) explica que “o relativo peso semântico em tais construções é que *uma maior ênfase é colocada mais na ação do verbo principal que no particípio*. Quer dizer, o particípio é algum tipo de pré-requisito, antes da ação do verbo principal poder ocorrer”. O verbo está no particípio aoristo nominativo masculino plural de ἀφίημι (“se afastar, com a implicação de causar uma separação, deixar, partir de” [ARNDT *et al*, 2000, p. 156, tradução nossa]). O adjetivo qualifica e quantifica o que eles deixaram – πάντα – tudo! E, embora a força dessa declaração seja pujante, o particípio de circunstância atendente aponta para algo mais forte, algo que é expresso pelo verbo principal é visto na próxima oração. Wallace esclarece esta afirmação da seguinte maneira:

Se Lucas tivesse usado dois indicativos teria o mesmo peso para eles. Com o particípio de circunstância atendente, porém, o foco do texto não está sobre o que os discípulos deixaram (Isso era necessário para se seguir um pregador itinerante), mas sobre o fato de eles seguirem a Jesus. (WALLACE, 2009, p. 643).

A última sentença é uma oração independente – ἠκολούθησαν αὐτῷ. O verbo aoristo do

indicativo 3ª pessoa do plural de ἀκολουθέω (com o sentido figurado “seguir alguém como discípulo, ser discípulo, seguir” [ARNDT *et al*, 2000, p. 36, tradução nossa]). Este verbo pode ser designado como um aoristo ingressivo. Ainda que tal aoristo tenha preferência por verbos estativos, também pode ocorrer em verbos de ação (ZERWICK, 1963, p. 81; FANNING, 1990, p. 261-263; WALLACE, 2009, p. 558-559) e, nesses casos, a “capacidade do aoristo é revelada ao acrescentarmos a expressão ‘começou a’ (com atividades)”. (Wallace, 2009, p. 559, grifo do autor). Os discípulos começaram a seguir αὐτῷ: aqui tem-se um caso de dativo de objeto direto¹⁶⁴, que normalmente seria um acusativo. A tradução simples é: “começaram a segui-lo”. O verbo ἀκολουθέω é uma expressão que, em Lucas, geralmente implica discipulado¹⁶⁵ e, aqui, em Lc 5,11, toda a construção no plural reforça não só o papel de Pedro como um representante, mas também que outros estão envolvidos nesse “seguir em discipulado”:

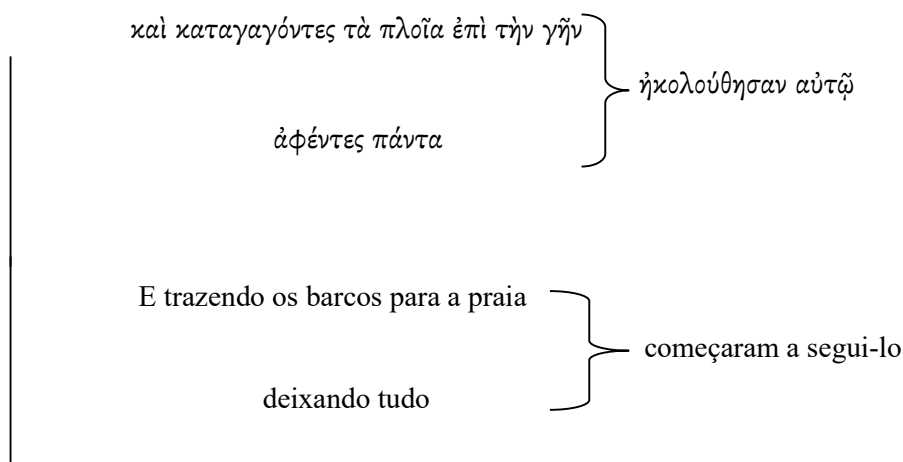
Assim, a vida de discipulado começa para todas as testemunhas deste evento. Ao retornar à costa, eles deixam seus navios para trás. O sujeito aqui é plural, então outros homens saem além de Pedro. A prioridade de suas vidas não é mais pescar, mas seguir Jesus (14:27) e pescar pessoas. No auge de certamente uma de suas maiores capturas, certamente a mais memorável, eles deixam sua profissão para trás. Danker (1988: 117) observa que Pedro agora é o pescador amador! A ideia de seguir (ἀκολουθέω, *akolouthēō*) será uma imagem padrão para o discipulado, uma imagem baseada na tradição (Lucas 5:27-28; 9:23, 49, 57, 59, 61; 18:22, 28, 43; Marcos 1:18; 2:14; Mateus 8:1; 9:9). No idioma judaico, os alunos ou protegidos frequentemente seguiam seus professores (Kittel, TDNT 1: 213). A natureza do compromisso é enfatizada na ideia de “deixar tudo” (ἀφέντες πάντα, *aphentes panta*). Agora o centro de suas vidas é Jesus. (BOCK, 2004, Epub, Posição 539, tradução nossa).

A proposta de tradução do v. 11 é a seguinte: “E trazendo os barcos para a praia [terra], deixando tudo, começaram a segui-lo”.

Uma vez feita a análise, pode se proceder com a demonstração sintática de forma gráfica, como representada a seguir, em que 11c é colocado à parte para realçar o mais importante no verso – seguir a Jesus. Os participios servem para emoldurar este ponto, tanto temporalmente quanto em circunstância atendente. O principal veio depois:

¹⁶⁴ “Outra maneira de observar os verbos que tomam dativo objeto direto é: a maioria deles pode ser colocado em um dos seguintes grupos (todos os quais, bastante incidentais, são termos usados com a ideia de discipulado: *confiar* (e.g., πιστεύω), *obedecer* (e.g., ὑπακούω), *servir* (e.g., διακονέω), *adorar* (e.g., λατρεύω), *dar graças* (e.g., εὐχαριστέω), *seguir* (e.g., ἀκολουθέω).” (WALLACE, 2009, p. 172, grifo do autor).

¹⁶⁵ “O termo ‘seguiram’ é frequentemente usado para denotar o discipulado cristão em Lucas (Cf. Lucas 5:27-28; 9:23, 49, 57, 59, 61; 18:22, 28, 43). Para Lucas, todo cristão é chamado a “seguir Jesus”, tanto apóstolos quanto não apóstolos. O tipo específico de chamado pode variar, mas todos são chamados ao mesmo compromisso. A capacidade de seguir a Jesus pressupõe o perdão que capacita a pessoa a seguir. Isso é evidente em Lucas 5:27-32, onde Levi seguiu Jesus (5:27-28), pois 5:32 implica que Levi foi um dos cobradores de impostos e pecadores que se arrependeram e, portanto, receberam o perdão dos pecados (1:77; 3:3).” (STEIN, 1992, p. 170, tradução nossa).



No v. 11, existem 3 atos ilocutórios representativos com força informativa, ambos com o propósito de tornar o leitor/ouvinte consciente da postura adequada a seguir no discipulado e salientar a pessoa a quem deviam unir sua vida dali por diante. O primeiro ato apresenta uma decidida ação de direcionamento. Antes sua vida era no mar/lago literal, agora o curso é fora do ambiente conhecido, doravante, a terra seria o seu “mar”, local de sua perene “pescaria”. O segundo ato focaliza a maneira adequada de realizar esta adesão, um rompimento com a antiga vida e entrada numa nova vida pautada nos ensinamentos, no agir, no exemplo e na autoridade de quem os chamou para uma sagrada vocação. Essa escolha não veio deles, pois foram designados, como ressaltam Dillmann e Mora Paz (2006):

Toda vocação vem de Deus e não é por méritos próprios. À vocação se responde deixando tudo e seguindo a quem chama. Além disso, seguir ao mestre é ter que renunciar a algo, dedicar-se decididamente a algo. Os discípulos, nesta narração, se tornam para o leitor em figuras com as quais identificar-se ou comparar-se no que diz respeito ao seu próprio chamado por parte de Deus. (DILLMANN; MORA PAZ, 2006, p. 135, tradução nossa).

O último ato representativo informativo traz à lume a pessoa a quem deviam unir seus destinos: Ele (referindo-se a Jesus). O termo usado no Evangelho de Lucas, em especial (ocorre em todos os Evangelhos), tem um sabor típico de “seguir.” Os discípulos, a partir daquele ponto, seguiriam Jesus no Caminho. O tema “caminho” é consideravelmente caro para o terceiro evangelista:

[...] a importância do paradigma de caminho no terceiro evangelho, como lugar onde se realiza a missão de Jesus mediante a grande viagem de Nazaré a Jerusalém. Observando a estrutura do texto, a partir da obra lucana, vê-se que o autor encontra no caminho o *locus* da realização do ministério de Jesus, onde se dá a narrativa (διήγησις, Lc 1,1). Assim, a partir do evento da Ressurreição, o caminho destaca-se

como lugar de ensino e instância de revelação. E, no livro dos Atos dos Apóstolos o caminho assume o paradigma da vida e da atividade missionária da Igreja. Evidenciou-se que o caminho diz respeito a um esquema literário-teológico presente na estruturação da obra lucana, chave de leitura da referida obra. (ALMEIDA, 2020, p. 112).

Jesus, e não outro, era tanto o *ἐπιστάτης* quanto o *κύριος*, a quem eles deviam reverenciar, aprender com ele, imitar, replicar; enfim, selar e unir sua vida com a dele para sempre. Reconheceram nele, e só nele, o Messias esperado, o Mestre dos mestres. Ainda que o entendimento não fosse pleno antes do evento pascoal, era incipiente; apesar disso, era profundo o suficiente para os novos discípulos (e primeiros, segundo Lucas) abandonarem sua antiga vida e “embarcarem” numa aventura que nunca teria fim. O Tipo de ruptura a que se submeteram voluntariamente, após chamados, é destacada por Green (1997):

A frase de Jesus ‘de agora em diante’ (cf. 1:48; 2:52; 22:18, 69; Atos 18:6) enfatiza a ruptura dos discípulos com o passado, um motivo avançado ainda mais pelo v 11. Tendo retornado para a costa, eles deixam os barcos (e pesca maravilhosa!) - na verdade, eles deixam tudo, uma notação com óbvias ramificações econômicas e vocacionais, mas também com profundas ramificações sociais. Deixando tudo o que foi de valor, eles agora encontrarão seu senso fundamental de pertencer e ser em um relacionamento com Jesus, a comunidade que está sendo construída em torno dele e o propósito redentor a que ele serve. (GREEN, 1997, p. 235, tradução nossa).

Os últimos 4 versos da perícope apresentam um assunto que aparentemente está desconexo do restante da história, o chamado vocacional; mas que, ao ser conectado aos temas da palavra (pregação-ensino, pesca e mestre), que vieram antes, percebe-se um todo artisticamente tecido para trazer influxos perlocutórios na vida dos leitores/ouvintes. Tannehill (1986), ao mostrar a junção das 3 subcenas, reflete:

Na primeira delas [primeira subcena], Jesus está engajado na missão que ele descreveu em 4:43. Na terceira, ele conta a Simão sobre o papel dele na mesma missão. Assim, este material de missão enquadra a parte central da cena, que trata da captura de peixes. Além disso, a declaração de Jesus a Simão, ‘de agora em diante você pegará pessoas vivas’, aplica metaforicamente às pessoas o papel do peixe na cena de pesca anterior. Isso é sinalizado por um jogo de palavras: Simão acabou de fazer uma grande ‘pesca’ de peixes, a partir de agora ele ‘pescará’ pessoas. Isso relaciona as duas subcenas de perto, mas com um toque metafórico que sugere um segundo sentido para a captura de peixes. Através de sua conexão com a ‘pesca’ para a qual Simão está sendo chamado, a grande captura de peixes torna-se uma narrativa simbólica da missão incrivelmente bem-sucedida que Simão e outros irão conduzir. Isso dá à narrativa uma unidade maior do que parecia no início. O dito de Jesus sobre pescar pessoas em 5:10 relaciona 5:1-3 e 4-7 entre si, pois agora a pregação de Jesus e a grande captura de peixes não são eventos independentes que aconteceram um seguido do outro. Em vez disso, a grande pesca é um retrato simbólico da missão em expansão na qual Jesus já está engajado em 5:1-3. O duplo sentido da grande captura confere-lhe uma dupla função na narrativa. Por um lado, a grande pesca precede e causa a reação de Simão em 5:8; Por outro lado, prefigura o que acontecerá após o chamado em 5:10. (TANNEHILL, 1986, p. 203-204, tradução nossa).

O mote do assombro/temor, diante de uma epifania/teofania, traz à tona o questionamento sobre a identidade do Nazareno. Afinal, quem é esse que, com o conhecimento (onisciência), indica o local exato e a palavra (poder e autoridade) faz com que uma pesca que deveria acontecer à noite aconteça durante o dia e com um resultado expressivo? Tal deslumbre leva Simão, que já havia denominado Jesus como Mestre, como consta no v. 5, mudar para Senhor, como observado no v. 8. Também o leva a cair de joelhos aos pés de Cristo e confessar ser pecador, apontando para uma diferença qualitativa entre ele e seu Senhor, à semelhança de Isaías, em Is 6.

O assombro é compartilhado por todos que presenciaram a cena, mas o autor, ao contar sobre os que temeram, além de Pedro, nomeia somente os sócios de Simão – Tiago e João. Este trio está associado ao mestre mais intimamente em algumas narrativas, como a transfiguração e a ressurreição/reanimação da filha de Jairo. Tanto na cena da pesca (vv. 4-7) quanto na cena do chamado (vv. 8-11), Lucas usa um jogo de número (singular-plural) para aludir a um relacionamento de destaque de Simão, frente aos outros. No barco de Simão, Jesus se dirige a ele, mas envolve os outros no barco. Na frase de chamamento, acontece o mesmo. Dessa forma, tem-se um direcionamento singular, mas um efeito no plural: os três nomeados seguem o Senhor.

O tema da palavra é visto de maneira final entrelaçando as três subcenas. Na primeira, Jesus atrai o povo, que ouve a palavra de Deus na voz do Nazareno. Na segunda, o Mestre ordena que Pedro e seus companheiros lancem a rede em um lugar fundo e durante o dia. Simão só obedece devido à autoridade da e por confiança na palavra de Cristo. O resultado disto é uma pesca milagrosa. Na terceira, a palavra engaja e compromete, destaca o caráter e identidade de Jesus, e ainda aponta para o caminho do seguimento integral que acompanha a vida dos que se submetem a sua autoridade e guia.

O tema da missão e discipulado se unem nesta história. Em primeiro lugar, a captura: a pesca de almas, como pano de fundo, é percebida na empreitada de pregação/ensino do Nazareno; é metaforizada na pesca abundante realizada pela palavra poderosa de Jesus, que descortina o tipo de poder que acompanhará os pescadores; e é explicitada na frase de chamamento para se “pescar homens vivos” e conduzi-los a uma esfera de vida qualitativamente melhor e mais nobre. Em segundo lugar, o discipulado: pelo encadeamento das três cenas que compõem a perícopes, ressalta-se a maneira de agir e viver que se espera de um seguidor de Cristo; alguém que seja desejoso de ouvir a palavra de Cristo, que se submeta a esta palavra, que aja conforme ela indica e ordena, que reconheça humildemente a autoridade

e caráter sobrenatural de seu Mestre, que vá com Cristo onde Ele mandar, que reconheça a superioridade do chamado a despeito de tudo o mais em seu viver e que seja um representante desse Messias, no caminho da vida, até se encontrar com seu Senhor.

A próxima seção deste trabalho traz a tradução da perícope estudada nesta dissertação e construída com base na análise sintático-semântico-pragmática vista até aqui. Será um ajuntamento do que já está explicitado após cada um dos 11 versos.

4.6 Tradução de Lucas 5,1-11

O modelo de tradução apresentado a seguir é uma mescla entre uma tradução literal (palavra por palavra) e uma tradução com equivalência dinâmica, ou baseada no significado. Mais detalhes sobre esse assunto podem ser vistos em Barnwell (2011). O que esta tradução é: um esforço para o entendimento do texto com base na exegese pragmalinguística; uma contribuição a mais para o estudo desta perícope; a proposta final DESTA dissertação e não dos estudos de tradução deste texto. O que esta versão não é: a palavra e o texto final e definitivo desta perícope. A seguir, estão os versos traduzidos, separados em suas respectivas cenas:

¹E aconteceu (que) enquanto a multidão o pressionava para ouvir a palavra de Deus, ele estava em pé ao lado do lago de Genesaré ²E viu dois barcos parados junto ao lago, e os pescadores, desembarcando, se afastaram deles, e estavam começando a lavar as redes. ³Entrando em um dos barcos, o qual era de Simão, pediu a ele que se afastasse um pouco da terra (margem), e assentando-se, começou a ensinar às multidões, do barco.

⁴Quando terminou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo para as águas profundas e baixai vossas redes para pescar. ⁵E respondendo, Simão disse: Mestre, embora tenhamos trabalhado duro a noite toda, nada pegamos! Mas, por causa de tua palavra, lançarei as redes. ⁶Depois de terem feito isto, pegaram, cercando, grande quantidade de peixes, e as redes deles estavam prestes a rasgar. ⁷E acenaram aos sócios no outro barco, para que viessem em auxílio deles; e vieram e encheram ambos os barcos, de modo que estavam quase afundando.

⁸Quando o viu, Simão Pedro prostrou-se aos joelhos de Jesus, dizendo: Afasta-te de mim, porque sou um homem pecador, Senhor. ⁹Com efeito, assombro se apoderou dele e de todos os que estavam com ele, por causa da pesca dos peixes que tinham capturado, ¹⁰semelhantemente também, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão. E disse Jesus a Simão: Não continues a temer, de agora em diante serás pescador de homens. ¹¹E trazendo os barcos para a terra, deixando tudo, começaram a segui-lo.

A tradução ora proposta é o resultado prático do processo formal da análise, pretendido no início deste capítulo. Ela revela o processo sintático-semântico-pragmático envolvido neste labor, é o fruto dele. Evidentemente, para apreciar tal empreendimento com senso crítico e mesmo prazer, é mister entender todo o processo que a levou até este ponto, por isso é tão necessária a combinação entre gramática, linguística e tradução. Antes de partir para o quinto capítulo, apresenta-se um resumo e prospectiva.

4.7 Resumo e prospectiva

Este quarto capítulo apresentou as bases dos estudos pragmáticos linguísticos focando em seus principais eixos de estudo: atos de fala, implicaturas, dêixis e máximas conversacionais. Apresentou, ainda, seus principais proponentes: John Austin; John Searle, e Paul Grice. Após isso, se viu a entrada desta perspectiva na área da Sagrada Escritura e as contribuições da Associação Evangelho e Cultura neste pormenor. A ênfase se concentrou na autoimplicação de Deus e sua procura por implicar (envolver) o homem em uma Aliança de Salvação, uma via comunicativa de mão dupla.

Após esta breve digressão, a parte principal do trabalho é apresentada. De maneira breve, tem-se a análise morfológica; em seguida, apresenta-se a verificação pragmalinguística de Lc 5,1-11. Tal análise envolveu uma imbricação sintático-semântico-pragmática e teve como resultado a repetição de realces já percebido na verificação cotextual do cap. 3, enfoques que apontam para a identidade de Jesus, sua qualificação para chamar alguém para ser seu discípulo, o relacionamento de Pedro com ele e com os outros personagens, bem como o que se espera do que é chamado. Esses detalhes foram entremeados pelo deslumbrar teofânico gerado pelo κύριος, que se revela em palavras e atos; pelo imaginário da pesca, como visto no agir “pesqueiro” de Jesus (vv.1-3), na demonstração prática do poder da palavra de Jesus, que acompanhará esta tarefa – o literal apontando para o metafórico (vv. 4-7) – e no chamado para que os discípulos reproduzam a pesca usando as palavras e o exemplo de Jesus (vv. 8-11). Por fim, tem-se a proposta final de tradução desta dissertação.

O último capítulo lida com a análise hermenêutico-teológica, a qual engloba e amplia os temas vistos no capítulo 4. Este discorreu sobre Jesus como Mestre, sobre a força da Palavra de Deus e sobre o discipulado missionário; temas que são refletidos a partir da perspectiva pragmática e no Evangelho lucano, em especial, no cotexto em que se encontra a narrativa em estudo.

5 ANÁLISE HERMENÊUTICO-TEOLÓGICA

Neste quinto e último capítulo, são enfocados três elementos que se cristalizaram nas análises precedentes, apresentadas nos capítulos 3 e 4. A primeira temática a ser destacada é o papel de Jesus como Mestre, a segunda é a força da Palavra, e a terceira é o discipulado missionário. Todos esses pontos exercem um papel importante no Evangelho segundo Lucas, construindo e revelando, o retrato maior de Jesus, e de seu discípulo Simão Pedro, bem como apontando aos leitores/ouvintes qual tipo de Senhor eles são chamados a servir, e, o que se espera deles na caminhada cristã. Os aspectos realçados apresentam nuances das identidades de Jesus (os dois primeiros tópicos) e de Pedro (o último), embora o último tenha relação com Jesus também, por causa da relação ímpar no cristianismo Mestre/discípulo, como explica Kvalbein (1988).

‘Discípulo’ (mathētēs) significa ‘aluno’, ‘estudante’. Para seus adeptos, somente Jesus é Professor e Mestre, Rabino. Um cristão é sempre e apenas um estudante em relação a Jesus. A maior esperança de um aluno em uma ‘escola’ rabínica era se tornar um rabino como seu próprio professor. Os rabinos tentaram educar os discípulos para que, por sua vez, pudessem se tornar rabinos e passar as tradições para novos discípulos, que poderiam se tornar professores para ainda uma nova geração. Esse era o padrão básico da tradição rabínica judaica. Era uma grande honra se tornar um rabino, e a posição de discípulo de um rabino famoso dava a possibilidade de se tornar um rabino famoso. O relacionamento de Jesus com seus discípulos era diferente. Jesus tinha uma posição única que não poderia ser transferida para seus discípulos. “Mas você não deve ser chamado de ‘Rabino’, pois você tem apenas um Mestre e todos vocês são irmãos. E não chame ninguém de ‘pai’ na terra, porque você tem um Pai, e ele está nos céus. Nem deve ser chamado de ‘mestre’, pois você tem um único Mestre, o Cristo” (Mt. 23: 8-10). Este texto mostra muito claramente que a relação entre Jesus e os discípulos é comparada à do professor e dos alunos de uma escola. Mas também mostra muito claramente a diferença. É necessário ter uma função de ensino na igreja. Existem ‘escribas treinados para o reino dos céus’. Mas esses escribas ou professores não têm posição especial em relação a Cristo. Ele é sempre o professor supremo. Basicamente, todos os membros de uma igreja ou seminário teológico são colegas estudantes na escola de Jesus. Nesse aspecto, não há diferença entre pastor e leigo ou entre professor e aluno. (KVALBEIN, 1988, p. 49, grifo do autor e tradução nossa).

Dito isso, passa-se, agora, à reflexão propriamente dita e constata-se como ela, a reflexão, afeta a vida do seguidor ou aspirante a seguidor de Jesus Cristo, apontando para os desdobramentos práticos do dia a dia, quando se trilha O Caminho.

5.1 Jesus, o Mestre

Nos evangelhos canônicos, percebe-se que Jesus é descrito como um mestre que ocupa muito de seu tempo ao ensino. Mateus apresenta um ministério triplo na descrição inicial das

atividades de Jesus na Galileia: “Jesus percorria toda a Galileia, **ensinando** em suas sinagogas, **pregando** o Evangelho do Reino e **curando** toda e qualquer doença ou enfermidade do povo” (Mt 4,23, grifo nosso, BJ). Este fato, embora não reunido em um só verso, como visto acima, também se nota na caracterização do início do ministério de Jesus, em Lucas: “**Ensinava** em suas sinagogas [...] **ensinava-os** aos sábados [...] impondo as mãos sobre cada um, **curava-os**. [...] E **pregava** pelas sinagogas da Judeia” (Lc 4,15.31.40.44, grifo nosso, BJ). Na verdade, poder-se-ia dizer que tanto a pregação¹⁶⁶ quanto a cura são outras formas de ensino. Esta última como um recurso didático audiovisual que demonstra o poder e a vitória de Jesus sobre o mal. Sobre esses realces ministeriais na Galileia, Gundry (2002) comenta:

As caracterizações gerais do ministério de Jesus na Galileia davam ênfase não somente ao ensino e à pregação, mas também à realização de milagres e aos exorcismos (termo técnico que indica a expulsão de demônios). Curas, ressurreições e exorcismos representam a invasão do reino de Deus, em seus estágios preliminares, sobre o reino de Satanás, preanunciando a derrocada deste. O reino de Satanás, nesse caso, é representado pelas enfermidades, pela morte e pelo demonismo. (GUNDRY, 2002, p. 146).

Ainda sobre a proeminência do ensino nas atividades de Jesus, Tenney (2008) reforça:

Na descrição que Marcos nos dá das atividades do Senhor Jesus Cristo há catorze referências ao fato de que ele se dedicava ao ensino da multidão ou de seus discípulos. Lucas e Mateus também mencionam muitas vezes sua atividade de mestre. Seu deleite era ensinar, e a sua capacidade de mestre fica bem demonstrada na maneira como seus discípulos se lembravam de suas palavras e as repetiam a outros. (TENNEY, 2008, p. 231).

Ao discorrer sobre Jesus como mestre, são evocados os temas do ensino e da aprendizagem, metodologias, postura, atitudes e gestos os quais são inferidos do contexto sociocultural e do contexto lucano, em si. O contexto aponta para dois tipos de educação praticadas na época de Jesus: uma desenvolvida no ambiente não judeu e outra no ambiente judeu. Este fato é demonstrado no quadro a seguir, que apresenta os modelos de educação no mundo greco-romano (WITHERINGTON, 2013) e a educação judaica (YINGER, 2013). Em ambas as partes, as declarações apresentam o número da página em que estão nos respectivos

¹⁶⁶ “Alguns estudiosos tentam diferenciar entre ‘ensino’ e ‘pregação’, alegando que o ensino se relaciona principalmente com os diálogos polêmicos que ocorreram entre Jesus e os líderes religiosos nas sinagogas, enquanto a pregação é essencialmente a proclamação das Boas Novas. Mas tal distinção é difícil de manter, visto que o Sermão da Montanha é introduzido pela forma ‘e ele começou a ensiná-los’ (5:2, TEV). Uma distinção válida pode, entretanto, ser encontrada no nível da forma ao invés do conteúdo. Seja ensinando ou pregando, Jesus é o arauto prometido das boas novas, que ele proclama nas sinagogas e ao longo das estradas. No entanto, a forma desta mensagem pode ser diferente na sinagoga do que em outros lugares.” NEWMAN, B. M.; STINE, P. C. *A handbook on the Gospel of Matthew*. New York: United Bible Societies, 1992, p. 99, tradução nossa.

artigos. A numeração em 14 pontos não é comparativa, e sim descritiva (assim, o ponto 1 da educação gentia não é uma contraparte exata ao ponto 1 da educação judaica) e os textos são de tradução nossa:

Quadro 13 – Educação judaica e greco-romana na época de Jesus

EDUCAÇÃO GRECO-ROMANA (WITHERINGTON, 2013)	EDUCAÇÃO JUDAICA (YINGER, 2013),
1. As culturas antigas, alfabetizadas ou não, preferiam a palavra viva, isto é falada (p. 189).	1. O lar fornecia a principal fonte de educação para crianças em todo o mundo greco-romano; este também foi o caso para os judeus no período do AT e no AOP em geral (p. 326).
2. A produção de textos era extremamente cara (materiais, tintas, escribas), e, por isso raramente se escrevia algo para leitura silenciosa ou particular, o normal era escrever para leitura pública (p. 189).	2. Os pais eram os principais educadores dos filhos, de acordo com a Torá (Êxodo 13:8, 14; Deuteronômio 6:20-21; cf. Pv 4:1, 10-11), mas as mães e outros parentes também estavam envolvidos (Prov. 1:8; 6:20; 31:1; Tob. 1:8; 2Tim. 3:15). (p. 326)
3. Os textos eram compostos tendo em mente seu potencial aural e oral, e foram planejados para serem entregues por via oral quando chegassem ao seu destino. (p. 189).	3. As crianças recebiam alguma educação em reuniões públicas (sinagogas), durante as peregrinações a Jerusalém (cf. Lucas 2:41-51) e de escribas visitantes, sacerdotes e professores (Deuteronômio 33:10). (p. 326).
4. Havia escolas de retórica em todo o mundo mediterrâneo, a retórica também fazia parte do ensino fundamental, médio e superior. Não havia escolas comparáveis de redação de cartas. (p. 191).	4. Escolas limitadas ao treinamento de escribas provavelmente existiam em Jerusalém e possivelmente em outros centros urbanos. (p. 326).
5. A <i>propaideia</i> (“educação preliminar”) ocorria em casa e era fornecida pelos pais, ou em uma casa de elite por um escravo instruído. (p. 191).	5. Algumas famílias judias de classe alta, especialmente em Jerusalém, enviaram seus filhos para escolas primárias e secundárias privadas para a educação grega (Filo, Spec. 2.228-30). No entanto, essas escolas eram assuntos privados, sem apoio público e, portanto, limitados aos escalões superiores da sociedade. (p. 326).
6. O termo grego <i>paidagōgos</i> , que se refere a um escravo que é o guardião de uma criança e ajuda a criança a ir e vir para a escola e ajuda com as aulas, nos lembra da presença frequente de escravos instruídos na antiguidade. (p. 191-192).	6. A maior parte da população judia na Palestina do primeiro século não tinha acesso à educação institucional. (p. 327).
7. A educação primária em casa, num primeiro momento, envolvia aprender a formar letras (gregas ou latinas, ou no contexto judaico hebraico ou aramaico) e começar a aprender a ler. A escrita, aparentemente, viria mais tarde, e com níveis mais elevados de educação, mesmo fora da educação doméstica. (p. 192).	7. Jesus e a maioria de seus seguidores teriam recebido apenas uma educação informal por meio de casa, família ampliada, aldeia e visitantes ocasionais ou peregrinações. (p. 327).

(continua)

Quadro 13 – Educação judaica e greco-romana na época de Jesus

8. As evidências sugerem que textos clássicos como a <i>Odisséia</i> de Homero ou, mais tarde, a <i>Eneida</i> de Virgílio ou as Escrituras Hebraicas, foram usados para ajudar as crianças a começar a reconhecer suas letras e a ler um texto escrito em <i>scriptio continua</i> . (p. 192).	8. Para os judeus, a Torá de Deus era o centro de controle de toda a educação, como Filo e Josefo enfatizam. Por considerarem suas leis oráculos dados diretamente a eles pelo próprio Deus, e tendo sido instruídos nessa doutrina desde a mais tenra infância, eles trazem em suas almas as imagens dos mandamentos contidos nessas leis como sagrados. (Filo, <i>Legatio ad Gaium</i> , 210). (p. 327-328).
9. As formas gregas de educação, incluindo o aprendizado da filosofia e da retórica, formaram os blocos básicos da educação em todo o crescente mediterrâneo, sem falar do idioma grego, que era a língua franca da época. (p. 192).	9. O objetivo da educação judaica também diferia daquele da educação na cultura circundante: ela valorizava a sabedoria e a virtude divinas acima do conhecimento. Assim, aprender os caminhos de Deus na Torá era o mais importante, e a disciplina era rígida (como em toda a educação antiga). (p. 328).
10. A retórica tornou-se a principal disciplina a ser aprendida, particularmente na educação romana, e fazia parte de todos os níveis da educação antiga, quer a pessoa fosse educada em Tarso, Pérgamo, Atenas, Alexandria ou mesmo Jerusalém. (p. 192).	10. A educação judaica também diferia pela inclusão do treinamento vocacional, enquanto o trabalho manual era desprezado entre os educados mais amplamente na sociedade greco-romana. (p. 328).
11. Era de fato um dos grandes objetivos culturais que todas as pessoas livres se empenhassem pela <i>paideia</i> , que era o termo para a educação além do nível preliminar (p. 193).	11. O conteúdo preciso dessa educação judaica centrada no lar não é explicitado em nenhum lugar. Muito, é claro, teria dependido do nível educacional dos pais e de outros parentes. No mínimo, as crianças teriam aprendido o Shemá (“O Senhor é nosso Deus, somente o Senhor”; Deuteronômio 6:4 NJPS), os Dez Mandamentos, os fundamentos da tradição judaica e elementos litúrgicos comuns (incluindo alguns salmos). (p. 328).
12. O filho da elite, geralmente um menino, frequentaria uma escola local e, muitas vezes, teria um escravo, um <i>paidagōgos</i> , para ajudar com suas aulas, em vez de os pais arcarem com o fardo principal do ensino superior. (p. 193).	12. A repetição oral e a memória, em comparação com as aulas escritas, foram sem dúvida o principal meio de instrução. A capacidade de memorizar era certamente maior nessas culturas orais do que nas sociedades letradas modernas, e vários personagens do NT parecem ter armazenado quantidades significativas das Escrituras em suas cabeças (por exemplo, Paulo). (p. 328)
13. A educação retórica e filosófica iniciada em casa e levada adiante no ensino médio fora de casa pode ser concluída no nível superior de educação. Este nível “concentrou-se na retórica e na filosofia, que prosperaram no debate. (p. 193).	13. A vasta maioria da população judia não era alfabetizada e não tinha educação formal. Até Josefo, que podia ler obras literárias gregas, precisava de ajuda para compor em bom grego e reconheceu sua deficiência na dicção grega (Ag. Ap. 1.9; Ant. 20.263-66). (p. 328).
14. O nível terciário de educação greco-romana (onde o aluno poderia 'especializar-se' em retórica ou filosofia) exigia textos necessários sobre teoria e prática retórica. (p. 193).	14. Os primeiros seguidores de Jesus parecem aos outros como iletrados (Atos 4:13). (p. 328). Sendo que o “iletrado” pode se referir a “sem educação formal”.

Fonte: Witherington (2013, p. 189-193) e Yinger (2013, p. 326-328).

(conclusão)

Em ambos modelos o foco primário no lar (nos primeiros anos) e o uso de metodologias que priorizavam a fala em vez da escrita (e quando esta era utilizada se pensava na auralidade e oralidade) eram visados, embora os objetivos pudessem diferir. Quanto a este último ponto, Queiroz (2009) explica:

Quanto aos materiais pedagógicos, naquele tempo, pela escassez de materiais escritos, usavam-se os métodos didáticos orais, que facilitavam aprendizagem de cor. Dava-se ênfase à repetição (para ajudar a memória, às vezes, fazia-se de maneira altamente estruturada e rítmica). (QUEIROZ, 2009, p. 35).

Com relação a este foco na palavra viva, vê-se que o ensino de Jesus, embora distinto, não se distanciava da didática de sua época e as características desse ensino são vistas abaixo:

- a) Jesus usou o familiar para comunicar o desconhecido (BAILEY R., 1990, p. 112, tradução nossa);
- b) Jesus conhecia a língua, os costumes, a história e as necessidades das pessoas (BAILEY R., 1990, p. 112, tradução nossa);
- c) Jesus usava perguntas retóricas (BAILEY R., 1990, p. 113, tradução nossa);
- d) Jesus usou ambiguidade e surpresa para criar suspense e evocar resposta (BAILEY R., 1990, p. 113, tradução nossa);
- e) Jesus às vezes usava o choque como ferramenta (BAILEY R., 1990, p. 113, tradução nossa);
- f) A pregação de Jesus quase sempre foi de natureza indutiva [...] Raramente Jesus empregou uma metodologia dedutiva. A exposição diz ou dirige; programas narrativos ou pistas. Jesus começava com experiências familiares da vida cotidiana e as organizava de forma a levar o público a analisá-las (BAILEY R., 1990, p. 115, tradução nossa);
- g) Jesus usou histórias com enredos e personagens com os quais o público se identificaria facilmente (BAILEY R., 1990, p. 115, tradução nossa);
- h) Jesus enfatizava a necessidade de viver o que se pregava, focava no ensino que transformava, a integridade do ensinador como recurso retórico (BAILEY R., 1990, p. 113);
- i) Jesus geralmente se referia a passagens curtas ou fazia alusões a textos. Ele explicou os textos em termos de sua aplicação a contextos contemporâneos. Ele não os usou como provas factuais para ganhar argumentos. Jesus tratou as Escrituras como verdades dinâmicas interagindo com pessoas que viviam em uma determinada época e cultura (BAILEY R., 1990, p. 113-114, tradução nossa);
- j) Jesus usou as Escrituras como uma lente por meio da qual o mundo podia ser visto como realmente era (BAILEY, 1990, p. 114, tradução nossa);
- k) Jesus utilizou as Escrituras não como poções mágicas ou conhecimento secreto, mas como uma chave para a realidade (BAILEY, 1990, p. 114, tradução nossa);

- l) Jesus recorreu às Escrituras como um testemunho do poder libertador do Senhor vivo. Elas apontam para além de si mesmas, para o Cristo que revela Deus (BAILEY, 1990, p. 114, tradução nossa);
- m) Jesus usava como recursos retóricos:
 - Provérbios ;
 - Parábolas;
 - Ações simbólicas e imagens do cotidiano;
 - recursos linguísticos (QUEIROZ, 2009, p. 41);
 - Epigrama (TENNEY, 2008, p. 232);
 - Argumentação partindo da Sagrada Escritura (TENNEY, 2008, p. 232).

Atenção especial se dá ao uso que Jesus fez das Sagradas Escrituras, como elas moldavam seu ensino e como refletiam a educação judaica, conforme apresentado por Daniel-Rops (2008):

Quando falava, seu estilo mostrava-se de tal forma impregnado com a forma judia de expressão que os ritmos, as repetições harmoniosas e as aliterações da poesia judaica se fazem sentir mesmo no grego dos evangelhos. Percebemos também em suas parábolas o mesmo tipo de pensamento que produziu o *midrash* de Israel. Dizer que ele possuía excelente conhecimento da bíblia é obviamente inadequado: o texto sagrado formava parte de sua própria mente; ele o citava toda hora, e mesmo quando não usava as palavras exatas da Bíblia, com que frequência (sic) se referia a ela e quantas vezes fez harmonizarem-se as suas passagens! Alguns de seus ditos mais originais não passam de citações bíblicas brilhando com uma nova luz. Fica claro que este era um hábito mental que devia à sua educação Israelita. Basta lembrar como sua mãe, Maria, ao improvisar o ‘Magnificat’ o recitou do começo ao fim baseada em suas memórias do Livro, a tal ponto que este hino esplêndido parece ser um resumo de todos os grandes temas da esperança dos judeus. (DANIEL-ROPS, 2008, p. 483).

No Evangelho segundo Lucas, há substantivos e verbos que apontam para a tarefa de ensinador exercida por Jesus. A seguir, demonstram-se tais vocábulos:

Os substantivos que Lucas utilizou para falar de ensino/ensinador foram três. Um deles pode se referir às duas coisas e os outros dois apontam para a tarefa de professor/mestre: 1) διδασχά – “ensino” (significa tanto a atividade de ensinar quanto o conteúdo do que é ensinado [ARNDT *et al*, 2000, p. 241, tradução nossa]) é visto apenas em Lc 4,32 e seu sentido é ambíguo, podendo aludir tanto ao ato de Jesus ensinar, quanto ao conteúdo ministrado por ele – “eles ficavam pasmados com seu ensinamento” (BJ). 2) διδάσκαλος – “professor” (ARNDT *et al*, 2000, p. 241); “mestre” (aquele que ensina; que sabe, oposto a μαθητής. [RUSCONI, 2005, p. 130]). Das 59 vezes que ocorre no NT, 49 são só nos Evangelhos (Mt 12x; Mc 12x; Lc 17x;

Jo 8x). Em Lucas, quase exclusivamente, é usado para referir-se a Jesus (Mateus 8,19; 9,11; 10,24-25 [se refere a qualquer mestre, mas o contexto deixa claro que Jesus falava de si mesmo neste ponto]; 12,38; 17,24; 19,16, 22,16.24.36; 23,8; 26,18; Marcos 4,38; 5,35; 9,17.38; 10,17.20.35; 12,14.19.32; 13,1; 14,14; Lucas 6,40 (o mesmo caso de Mt 10,24-25); 7,40; 8,49; 9,38; 10,25; 11,45; 12,13; 18,18; 19,39; 20,21.28.39; 21,7; 22,11; João 1,38; 3,2; 8,4; 11,28; 13,13-14; 20,16. Em Mateus e Marcos, só se refere a Jesus), mas também é usado três vezes para se referir a outras pessoas (Lc 2,46 – doutores da lei no templo; Lc 3,12 – João Batista; Jo 3,10 – Nicodemos). Um detalhe sobre este termo: só é usado duas vezes pelos discípulos de Jesus (Lc 21,7; 22,11); na maioria das vezes é usado pelos líderes judeus (7,40; 10,25; 11,45; 19,39; 20,21; 20,28.39) e outras vezes por outras pessoas (8,49; 9,38; 12,13; 18,18). 3) ἐπιστάτης – “mestre” (já analisado no capítulo anterior, ocorre 7 vezes em Lc). Dois detalhes relevantes em relação ao uso deste substantivo podem ser destacados: a) sua presença só acontece em Lucas no NT; b) o hagiógrafo coloca este vocábulo na boca dos discípulos (exceção em 17,13), em ocasiões em que o poder de Jesus vai se manifestar, se manifestou ou é exercido por terceiros no nome de Jesus.

Na análise das ocorrências de ἐπιστάτης, em Lucas, vê-se que, em Lc 5,5 e 17,13; a presença do substantivo é colocada em narrativas próprias do Terceiro Evangelho, ocasiões em que o poder de Jesus é exercido logo em seguida (pesca, em Lc 5, e cura dos dez leprosos, em Lc 17). Nas outras quatro ocasiões (em Lc 8,24, há uma ocorrência dupla – mestre, mestre) há um rearranjo por parte de Lucas nas contrapartes sinóticas:

- a) Na perícopie da tempestade acalmada (Mt 8,23-27; Mc 4, 35-41; Lc 8,22-25) Lucas usa ἐπιστάτης (8,24), Marcos usa διδάσκαλος (4,38), Mateus usa κύριος (8,25) e a ocorrência é anterior ao milagre;
- b) No episódio da transfiguração (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36), após a epifania, Pedro se dirige a Jesus. Em Lucas, ele o chama de ἐπιστάτης (9,33); em Marcos, de ῥαββί (9,5) e, em Mateus, de κύριος (17,4);
- c) No relato da proibição, da parte de João e Tiago, de um exorcista exercer seu ofício em nome de Jesus (Mc 9,38-40; Lc 9,49-50), Lucas usa ἐπιστάτης (9,49) e Marcos usa διδάσκαλος (9,38). O vocábulo ocorre com o objetivo de descrever um “poder” ministrado em nome e sob a autoridade de Jesus. Tal termo é posterior ao evento numinoso;
- d) Na narrativa da cura da mulher com um fluxo de sangue (Mt 9,20-22; Mc 5,24b-34; Lc 8,42c-48), Mateus não usa vocativo. Neste Evangelho, Jesus não chama a

atenção para o fato de ter saído poder dele e alguém ter sido curado. Marcos também não usa um vocativo, mas destaca a percepção de Jesus de que alguém o tocou e foi curado(a). Os discípulos (termo no plural e sem identificação específica) retrucam apontando para o fato de que a multidão o apertava e tocava. Lucas usa o vocativo (ἐπιστάτα) e o “coloca” na boca de Pedro, fazendo o papel que “os discípulos” exercem em Marcos. Neste caso, o termo ocorre após o milagre.

Os verbos usados por Lucas, para a tarefa de ensino de Jesus, foram quatro:

- 1) ὑποδείκνυμι (dar instrução ou direção moral [ARNDT *et al*, 2000, p. 1037]; indicar, mostrar, ensinar [RUSCONI, 2005, p. 473], Lc 3,7; 6,47; 12,5;
- 2) διερμηνεύω (traduzir ou esclarecer algo de forma a torná-lo compreensível, explicar, interpretar [este último é o sentido encontrado em Lucas, ARNDT *et al*, 2000, p. 244]) só ocorre uma vez, em Lc 24,27, no qual o Cristo ressurreto explica as Escrituras aos discípulos de Emaús;
- 3) διανοίγω (abrir, explicar/interpretar [ARNDT *et al*, 2000, p. 234]), em Lc 2,32, é visto na acepção literal de abrir – “primogênito, o que abre a madre”. Em Lc 24,31, é visto no sentido figurado de abrir “seus olhos se abriram” (BJ). Os dois, no caminho, compreenderam quem era o viajante que ia com eles. Em Lc 24,45, também apresenta o sentido figurado de abrir o entendimento, todavia, aqui, Jesus é o sujeito que traz entendimento das Escrituras. Por fim, em Lc 24,32; há a significação de explicar e Cristo é o que age, Ele traz compreensão das profecias messiânicas;
- 4) διδάσκω (contar o que fazer/instruir; fornecer instrução em um ambiente formal ou informal/ensinar [ARNDT *et al*, 2000, p. 241]) ocorre 17 vezes em Lucas, sempre com o sentido de ensinar. Este ensino começou na Galileia; “Lucas 23:5 vê o início disso [ensino] precisamente aqui na Galileia.” (FITZMYER, 2008, p. 523, tradução nossa). Jesus é o actante desse verbo em 16x (Lc 4,15.31; 5,3.17; 6,6; 11,1; 13,10.22.26; 19,47; 20,1.21; 21,37; 23,5) e o Espírito Santo uma vez (Lc 12,12).

Esses vocábulos mostram como é forte e explícita a figura de Jesus como um Professor/Mestre abalizado e que transmite um conteúdo autorizado e enviado por Deus (mais sobre isso é visto na seção 3.2, a seguir), no Evangelho segundo Lucas. Além deles, um detalhe final configura a imagética magisterial do Nazareno, duas ocasiões em que Jesus assume a postura de um professor/mestre judeu, ao assentar-se para ensinar (Lc 4,20; 5,3), fato atestado

por Reiling e Swellengrebel (1993, p. 202, tradução nossa): “Na sinagoga, o professor costumava sentar-se em uma cadeira enquanto falava”; e por Marshall (1978, p. 202, tradução nossa): “No barco, Jesus adota a postura sentada de um professor judeu”. Para finalizar este ponto do assentar-se, que evoca o texto de Lc 4,20 (BJ, grifo nosso): “Enrolou o livro, entregou-o ao servente e **sentou-se**. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos”, Gundry (2002) apresenta uma informação sobre o rito na sinagoga:

A sinagoga típica era um auditório retangular com uma plataforma elevada para o orador, por detrás da qual havia uma arca portátil ou um nicho, contendo rolos do Antigo Testamento. A congregação se assentava em bancos de pedra, que estavam alinhados ao longo de duas ou três paredes, ou em esteiras e, possivelmente, assentos de madeira no centro do salão. Defronte, de rostos voltados para a congregação, assentavam-se os dirigentes ou anciãos da sinagoga. Os cânticos não eram acompanhados por instrumentos musicais. A fim de ler algum rolo do Antigo Testamento, o orador se punha de pé. **Ao pregar, ele se sentava**. (GUNDRY, 2002, p. 44, grifo nosso).

Diante das análises feitas nesta seção, percebe-se que Jesus, embora não tivesse formação teológica formal provida pelas autoridades judaicas, foi um exímio professor; e que seus ensinamentos se espalharam por todo o Israel, fato reconhecido até por seus inimigos: “Eles, porém, insistiam: ‘Ele subleva o povo, ensinando por toda a Judeia, desde a Galileia, onde começou, até aqui’” (Lc 23,5, BJ).

A sua formação era a de qualquer judeu, começando no lar, tendo um ofício manual aprendido, interessando-se muito pela Bíblia Hebraica. Contudo, o seu ensino não era como o de qualquer líder judeu, “porque falava com autoridade” (Lc 4,32, BJ). Seu ensino tinha conteúdo ético, doutrinário, escatológico, com um foco no Reino. Jesus ensina por palavras e exemplos. No terceiro Evangelho, sua didática procura acolher a todos, pois para Cristo não há párias, não há excluídos, não há homem ou mulher, livre ou escravo; todos, realmente todos, são alvo de seu amor e mensagem. Nele não há exclusão. Um professor que, de fato, é um facilitador e que deseja que todos os pecadores recebam seu *κήρυγμα*, entendam e sejam salvos, como disposto no seguinte trecho: “Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10, BJ).

Em Lucas, Jesus é o mestre por excelência, o que ensina tanto para esta vida quanto para a futura. Seu ensino não tem rival, sua ética é ímpar, o resultado de suas ministrações é transformação na vida dos que acolhem e juízo para os que rejeitam. Ele e seu ensino são divisores de água na vida de quem o encontra, para bem ou para mal (embora Ele deseje o bem, que as pessoas acolham o bem e sejam salvas). O Mestre Jesus é também *κύριος*, seu ensino denuncia quem ele é. Este é um fator identificador de sua origem divino-humana.

A próxima seção está ligada a esta, uma vez que expressa a fala que atraía as multidões a Jesus, seu conteúdo. Ele transmitia a palavra e palavra de Deus.

5.2 A força da Palavra

Como visto no capítulo 4, especialmente na análise de Lc 5,1, os termos λόγος (mencionado 32 vezes) e ῥῆμα (mencionado 19 vezes em 18 vv.) estão espalhados no Evangelho segundo Lucas e têm diferentes acepções, tais como: “palavra”; “verbo”; “assunto”; “ensinamento”; “coisa” etc. Ainda que sejam duas palavras diferentes, são usadas, às vezes, como sinônimos (ver LOUW; NIDA, 2013) em alguns campos semânticos. Neste ponto, quando relacionadas aos ditos de Jesus, aparentemente, não têm distinção semântica, como explicam Debrunner *et al* (1964—, p. 105, tradução nossa): “Visto que a obra de Jesus consistia em grande parte na proclamação da mensagem, ou seja, da palavra falada, é natural que houvesse inúmeras referências a Seu λέγειν ou λόγοι ou ῥήματα. A este respeito, parece não haver distinção entre λόγος e ῥῆμα”. Importante para este estudo é a equivalência Palavra de Jesus = Palavra de Deus e o que implica tal correspondência para a vida do discípulo cristão.

Estreitamente ligados à palavra em Lucas, estão dois verbos: ἀκούω (ouvir)¹⁶⁷ e ποιέω (praticar/fazer).¹⁶⁸ A junção destes dois verbos com o termo λόγος, em relação à palavra de Deus/Jesus, é vista em Lc 6,47-49, em que aquele que ouve as palavras de Jesus e as pratica é semelhante ao homem que constrói sua casa sobre a rocha; bem alicerçada, e o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que constrói sua casa sobre a areia, sem alicerce. Nesse sentido, podem ocorrer intempéries naturais (enchente com torrente indo contra as casas) sobre as casas, mas a que está sobre a rocha permanece, enquanto a outra é destruída por completo. Essa mesma

¹⁶⁷ “O ouvir está relacionado com a Palavra de diversas formas em Lucas, em 5,1 fala-se de pessoas reunidas em torno de Jesus para ‘ouvir a palavra de Deus’; em 5,15 e 6,18, pessoas vêm até o Nazareno para ouvi-lo e serem curadas por ele; em Lc 9,35, Deus fala do céu ordenando que ouçam seu filho – Jesus; em 10,16, o filho de Maria declara que quem ouve um apóstolo, ouve a ele e por conseguinte a Deus; em 10,39, Maria ouvia a Palavra (foi elogiada no v.41, por isso); e, por fim, em Lc 16,29.31, Abraão fala que o que os irmãos do rico precisariam para escapar de onde ele estava era ouvir Moisés e os profetas. Aparece 65 vezes em Lucas.” ARRUDA JUNIOR, Vamberto M. A importância devida à palavra: um análise pragmático-linguística da parábola dos dois construtores em Lc 6,46-49. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 7., 2019, Rio de Janeiro. GONZAGA, Waldecir. (Org.). **Anais do VII Congresso da ANPTECRE Religião e Crise Socioambiental**. Rio de Janeiro-RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. p. 183, n. 49.

¹⁶⁸ “Um caso interessante logo no início do Evangelho é do ministério de João Batista que orienta produzir (fazer) frutos que confirmem o arrependimento (3,8), pois quem não produzir (fizer) fruto bom será cortado e lançado no fogo; e mais, quando as multidões, os coletores de impostos e os soldados perguntaram o que deviam fazer? João os explicou que os frutos seriam boas obras que estavam ao seu alcance, um estilo de vida justo de acordo com a palavra de Deus (3,10-14); em 5,6 fazer o que Jesus diz traz resultados fantásticos. Tudo isso realça a necessidade da prática da palavra de Jesus/Deus encontrada neste Evangelho e o resultado negativo da desobediência. Aparece 88 vezes em Lucas.” (ARRUDA JUNIOR, 2019, p. 184, n. 51).

tríplice ligação vocabular é encontrada em Lc 8 e Lc 11, como destaca Arruda Junior (2019):

Em Lucas 8 tem-se a parábola do semeador, e os três termos são vistos e retomam um ponto visto já no ministério de João Batista; o produzir/dar (fazer) bom fruto como resultado do ouvir a palavra e acolher (só no v.8 é que é usado o verbo *ποιέω* com sentido de produzir fruto); no v. 11 é dito que a semente é a Palavra de Deus; nessa parábola há quem ouve e não guarda a palavra, logo não produz bom fruto e há quem ouve e guarda, acolhe no coração e pratica/produz bom fruto; isso remete a Lc 6 e ao que ouve e pratica a palavra de Jesus. Em Lc 11,28 Jesus diz algo interessante, quem ouve a sua palavra e pratica é bem-aventurado; em Lucas 8,21 há a junção dos 3 termos (como em Lc 6,47) e a declaração de que quem ouve e pratica a palavra de Jesus faz parte de sua família; e em Lc 21,33 Jesus diz que suas palavras não passarão (citação de Is 40,8), logo suas palavras se equiparam às de Deus. Sendo assim o correto e bom é ouvir e obedecer. (ARRUDA JUNIOR, 2019, p. 184).

Destaca-se, ainda, mais um detalhe sobre a parábola do semeador: ela ocorre em todos os Evangelhos sinóticos e, em cada versão, a semente sempre é identificada como a palavra, tendo Mateus e Lucas trazendo uma descrição adicional, como descreve Reynolds (2013), a seguir:

Todos os três Evangelhos Sinóticos retratam a semente na parábola do semeador como *ho logos* (“a palavra” [Mc 4:14]). Mateus e Lucas oferecem uma descrição adicional da semente como “o *logos* do reino” (Mt 13,19) e “o *logos* de Deus” (Lc 8,11). Isso parece indicar que, neste caso, *logos* é usado para se referir à proclamação do reino por Jesus. Além disso, Lucas correlaciona o ensino de Jesus e a palavra de Deus em que aqueles que ouvem a Jesus ouvem a palavra de Deus (Lc 5:1; 8:21; 11:28). (REYNOLDS, 2013, p. 524, grifo do autor e tradução nossa).

Em Lc 8,21, Jesus declara quem é sua mãe e quem são seus irmãos: são os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam (οἱ τὸν λόγον τοῦ θεοῦ ἀκούοντες καὶ ποιοῦντες). A junção entre “ouvir”, “guardar/praticar/fazer” e “ouvir”; apontando ora para as palavras de Jesus (Lc 6,47-49) ora para as palavras de Deus (Lc 8,11.21; 11,28), evidencia a correspondência entre essas “falas”, colocando-as em um patamar de igualdade. No Evangelho, essa junção traz um senso de identidade profética para Jesus: “A fusão entre a ‘Palavra de Deus’ e os ensinamentos de Jesus coloca Jesus na companhia dos profetas. [...] as pessoas vieram buscar ‘a palavra de Deus’, que esperam ouvir de Jesus. Essa linguagem coloca Jesus no mundo dos profetas” (BAILEY K., 2008, p. 145, 139, grifo do autor e tradução nossa). Ele se reconhece (Lc 4,24¹⁶⁹;

¹⁶⁹ Comentando a fala de Jesus, em Lc 4,24, sobre a rejeição do profeta em sua própria terra, Nolland (1989, p. 200, tradução nossa) explica: “A rejeição em Nazaré é um ‘ensaio geral’ para a paixão e estabelece categorias teológicas que preparam o leitor para o destino profético de Jesus em Jerusalém (cf. J. A. Sanders, ‘Isaías 61,’ 104). Assim, a perícopa constitui um elemento importante na preocupação apologética de Lucas para mostrar que a rejeição judaica não desacredita Jesus.” Assim, a nomeação de Jesus como um profeta é uma antecipação de seu destino em Jerusalém (Lc 13,33) e um contributo à autoridade de suas palavras, embora tal definição seja um prisma entre outros (ou seja, não esgota o tema) que ajudam na percepção de quem é esse pregador poderoso em palavras e obras. Ademais, Perondi, Catenassi e Silva (2013, p. 697), ao enfatizarem o aspecto semântico e sintático, em Lc 5,1, da expressão “palavra de Deus”, explicam: “Segundo Fitzmyer (1987, p. 489), o uso do genitivo subjetivo ou genitivo de autor nesta expressão de Lucas, indica que a atividade de proclamar a Palavra de

13,33) e é reconhecido com um profeta (7,16; 9,19; 24,19). Devido a este fato, aqui, e no que foi exposto anteriormente, se patenteia o bom resultado esperado dos que ouvem a Palavra: praticar/cumprir/guardar! Os que fazem isto não permanecem em meio às tormentas, frutificam, são parte da família de Deus e bem-aventurados.

A cura da sogra de Pedro, embora não use os termos básicos já vistos, traz, porém, o resultado do uso de uma palavra forte (repreensão) por parte de Jesus e isso faz parte da construção e apresentação da identidade do Nazareno, apresentada no terceiro Evangelho, como explica Arruda Junior (2020):

Lucas apresenta a palavra de Jesus como tendo poder de cura (no episódio anterior – Lc 4,31-37 – há um exorcismo, que ocorre por um pronunciamento imperativo de Jesus). Este aspecto é um ponto da estratégia comunicativa do hagiógrafo, que já vem apresentando a eficácia da palavra desde o prólogo (em Lc 1,2 se fala dos que foram “testemunhas oculares e ministros da Palavra”). A partir de então, há um foco na palavra como agente de cura, libertação e salvação. Embora não se usem os termos λόγος ou ῥῆμα que são traduzidos por “palavra”, há o verbo ἐπιτιμάω (repreender) usado por Jesus ao se inclinar sobre a sogra de Simão e ao se dirigir à doença. Tal foi a força da reprovação que a febre a deixou e imediatamente (παραχρῆμα – advérbio só visto na narrativa lucana deste milagre) ela passou a servi-los. Esta palavra poderosa é vista em várias ocasiões no Evangelho, muitas vezes fazendo coisas relativas unicamente à divindade, realçando o caráter messiânico de quem a expressa. (ARRUDA JUNIOR, 2020, p. 86).

Diante do exposto, pode-se trazer à lume a questão de como surge a palavra de Jesus no Evangelho segundo Lucas. Ela surge em consonância com o conteúdo profético da Bíblia Hebraica (Lc 4,16-27) e surge da própria natureza ímpar do Nazareno (τὸ γεννώμενον ἅγιον κληθήσεται υἱὸς θεοῦ [Lc 1,35, grifo nosso]). Ele é O profeta que fala em nome de e representa a Deus Pai; ouvir suas palavras é o mesmo que ouvir as palavras do Pai (Jo 12,44-50). Quanto à condição distinta que Jesus desfruta de sua designação como profeta, diferente dos demais profetas, suas palavras são identificadas como Palavra de Deus e, como tal, traz a força e significação de tudo que estas exprimem na Bíblia Hebraica:

Embora não diga que a palavra vem a Jesus, o NT freqüentemente (sic) refere-se às pregações ou declarações de Jesus como a palavra ou as palavras de Deus. Jesus é pregador da palavra (Mc 2.2). Ele menciona aqueles que ouvem a palavra de Deus e a cumprem (Lc 8.21). Na parábola do semeador, a semente é a palavra (Mt 13.18-23). Com muito mais freqüência (sic) o NT escreve sobre o que Jesus disse, ou sobre uma declaração ou declarações dele (cp. Mc 10.22). *Rhema* e *logos* são ambas usadas com

Deus vem do próprio Deus; não é a ‘palavra que explica sobre Deus’ (no caso de ser utilizado o genitivo objetivo), é, de fato, Palavra de Deus, fazendo com que o mensageiro seja identificado com a natureza da mensagem. Jesus é o primeiro pescador de homens, de cujas palavras têm origem divina. [...] Jesus, em sua dimensão profética, não é um simples porta-voz da vontade de Deus para a humanidade. Entra em cena um elemento fundamental: sua relação pessoal com o Pai, que transforma sua comunicação”. Jesus, como profeta, é um porta-voz divino; ele fala em nome e na autoridade de Deus.

esse nexos e, quando se passa para Atos e as epístolas, ocorrem fórmulas como “a palavra (*rhema*) do Senhor” (At 11.16), “palavra (*logos*) do Senhor” (ITs 4.15), “as palavras do Senhor Jesus” (At 20.35). [...] Todos os seus ouvintes parecem ter reconhecido, com surpresa, que ele falava com autoridade e não como os escribas (Mt 7.28). Suas palavras confrontaram o homem com a mesma determinação de sua própria pessoa, de forma que ter vergonha delas era ter vergonha dele (e vice-versa) (Mc 8.38). O poder delas é dinâmico e autoritativo. Como a palavra do AT, elas são eficazes. Pela palavra de Jesus o enfermo é curado, o pecador é perdoado e o morto é ressuscitado. A palavra realiza o que declara (cp. Gn 1.1 ss.). Como a palavra do AT (Is 40.8), a palavra ou palavras de Jesus são eternas. Embora o céu e a terra passem, as suas palavras não passarão (Mc 13.31). (BROMILEY, 2008, p. 721, grifo do autor).

A palavra, em Lucas, gera efeitos de aprovação e reprovação. Isso depende da disposição de cada personagem quando entra em contato com ela, como reage e como está sua consciência sobre quem é Jesus. Assim, há recepção e rejeição, como explicita Debrunner (1964):

A tradição evangélica nos conta como as palavras de Jesus de Nazaré foram recebidas pelos ouvintes. Alguns ficam descontentes (Mc 10:22), se ofendem (Mt 15:12) e o chamam de possesso (Jo 10:20). Isso não é apenas porque Sua Palavra é paradoxal, um discurso duro (*σκληρός ἐστὶν ὁ λόγος οὗτος*, Jo 6:60). É porque a afirmação implícita é inédita, e é considerada uma blasfêmia (Mc 2:7). Os oponentes podem tentar pegá-lo (*ἐν λόγῳ* (Mt 22:15; Mc 12:13; Lc 20:20, cf. v. 26: *ῥήματος*). Pois Sua reivindicação, e com isso a ameaça que Ele representa, pode ser vista em Seu *λόγος*. No entanto, por outro lado, há espanto com a mesma Palavra. Isso não é tanto evocado por uma impressão externa nem pela operação psicológica de uma profundidade particular de discernimento ético ou religioso. É o efeito devastador do *ἐξουσία* exibido na Palavra (Mt 7:28; Lc 4:32). Por isso a Palavra de Jesus é diferente daquela do *γραμματεῖς*. Ele testifica da autoridade, não do rabino, mas do Filho. Como Seus atos e toda a Sua aparência, Sua Palavra exige fé naquele que Deus enviou. Este é o coração da Palavra segundo a tradição sinótica (Mt 8:9ss.; Lc 5:5). O destino do homem é decidido pela atitude para com esta Palavra como a Palavra de Cristo, pela atitude para com Ele. Porque é a Sua Palavra, ter vergonha de Suas palavras é ter vergonha Dele (Mc 8:38). Por serem Suas palavras, elas não passam mesmo que o céu e a terra passem (Mc 13:31). (DEBRUNNER *et al*, 1964–, p. 106-107, tradução nossa).

Desde o prólogo, se fala da palavra como Evangelho (Lc 1,2) e como conteúdo dos ensinamentos (Lc 1,4). A palavra vem de Deus (2,29; 3,2), é dada por um anjo (1,20.38), um livro canônico é chamado de “livro das palavras do profeta Isaías (Lc 3,4). Embora os termos para palavra apareçam antes do ministério de Cristo, quando ele começa a falar e agir, a maioria das ocorrências dos termos é vista. Observam-se algumas correlações entre elas. Desde que Jesus começa seu ministério, em Lc 4, até o final do Evangelho há destaque para o uso e poder da palavra, bem como dos efeitos que ela gera. Em geral, no ministério na Galileia (Lc 4,14-9,50), a resposta é positiva; gerando temor, assombro, engajamento, afiliação, glorificação de Jesus e de Deus Pai, como visto no quadro a seguir:

Quadro 14 – Palavra de Jesus e seus efeitos na Galileia

TEXTO LUCANO	EVENTO/ENSINO	RESULTADO
4,14-15	Ensinava nas sinagogas da Galileia	Era glorificado
4,31-37	Ensino e exorcismo na sinagoga de Cafarnaum	- O povo ficou pasmado com a autoridade de seu ensino - O povo se encheu de espanto ante a ordem de Jesus que expulsou o demônio - A fama dele se espalhava por toda redondeza
4,38-39	Cura da sogra de Pedro por sua palavra	A sogra passou a servi-los
4,40-44	- Curas e exorcismos por sua palavra na Galileia - Pregação na Judeia	As multidões o procuravam
5,1-11	- Pregação da Palavra - Pesca milagrosa pela palavra - Chamado à Pregação e discipulado	- Multidões o procuravam - Pedro, e os demais companheiros de pesca ficaram assombrados - Pedro, Tiago e João deixam tudo para seguir Jesus
5,12-16	Cura de um leproso pela declaração de Jesus: “Quero, sê limpo!”	As notícias a seu respeito se espalhavam e as multidões vinham para ouvi-lo e serem curadas
5,17-26	Um paralisado é curado e perdoado pela palavra de Jesus	- fariseus se opõem a Jesus - O povo ficou espantado com o que viu e glorificava a Deus
6,6-11	Num sábado, Jesus ensina na sinagoga e cura um homem de mão atrofiada por sua palavra	Fariseus se enfurecem e tramam contra Jesus
6,17-49	Sermão da planície com final sobre ouvir e praticar ou não a palavra de Jesus	As multidões de vários lugares o seguem para ouvi-lo e serem curadas
7,1-10	Cura do servo de um centurião, em Cafarnaum, pela palavra	Não relatado
7,11-17	Ressurreição do filho de uma viúva em Naim, pela ordem de Jesus	- O povo teve medo e glorificou a Deus - As notícias se espalhavam pela Judeia e redondeza
7,36-50	- Almoço na casa de Simão, o fariseu - Pecadora unge os pés de Jesus - Jesus perdoa os pecados dela	- Os comensais ficam cochichando sobre o fato de Jesus ter perdoado a mulher
8,4-15	Parábola do semeador, em que a semente é a palavra de Deus	Não relatado
8,19-21	Mãe e irmãos de Jesus o buscam, ele declara que sua mãe e irmãos são os que ouvem e guardam a palavra de Deus	Não relatado

(continua)

Quadro 14 – Palavra de Jesus e seus efeitos na Galileia

TEXTO LUCANO	EVENTO/ENSINO	RESULTADO
8,22-25	Jesus acalma a tempestade por suas palavras	- Os discípulos temeram e se perguntavam quem era este homem
8,26-39	Exorcismo do endemoninhado geraseno pela palavra de Jesus	- Porqueiros e moradores temem e pedem que Jesus se retire - O liberto pede para ir com Jesus, mas o Senhor o envia de volta aos seus para falar do que Deus fez a ele
8,40-56	- Cura da mulher hemorroíssa (ela tocou Jesus) - Ressurreição da filha de Jairo pela palavra de Jesus	Os pais da menina temem
9,1-6	Jesus dá poder aos 12 apóstolos para curar, exorcizar, e, pregar a Boa Nova do Reino	Não relatado
9,10-17	- Retorno dos apóstolos - Multiplicação de pães e peixes pela palavra de Jesus	Não relatado
9,37-43 ^a	Cura de um jovem endemoninhado pela palavra de Jesus	Todos se maravilhavam com a grandeza de Deus

Fonte: autoria própria.

(conclusão)

No quadro 14 estão relatos em que a palavra de Jesus cura, ensina e perdoa, os quais geram conforto ou desconforto nos ouvintes. Embora com menos ocorrências de curas e exorcismos, a palavra também norteia os relatos posteriores no Evangelho através da pregação e ensino, seja na seção da subida à Jerusalém (Lc 9,51-19,28) seja nos eventos finais em Jerusalém (Lc 19,29-24,53). Até porque não há razão de separar as palavras das obras de Jesus (ele é descrito como “profeta poderoso em obras e em palavras” – Lc 24,19). Suas palavras são operantes, são performativas, como explicam Debrunner *et al* (1964–, p. 107, tradução nossa): “Não é verdade que a palavra e a obra de Jesus sejam distintas como duas funções separadas de Sua manifestação. Este insight básico exigirá uma discussão mais completa, mas já neste ponto é evidente que Sua Palavra é uma Palavra ativa e operante.”

Alguns episódios, apresentados nos relatos posteriores do Evangelho segundo Lucas, merecem destaque por sua ênfase na palavra e, algumas vezes, pelo resultado positivo ou negativo por parte dos ouvintes.

- a) Em Lc 10,1-16, Jesus envia 72 discípulos para pregarem a mensagem do reino e curar enfermos, como uma comitiva de preparação para cidades onde Ele vai passar. O Nazareno fala de cidades que, mesmo tendo visto sinais e maravilhas, não creram. Até mesmo os milagres não são geradores de fé se a disposição do

coração é de incredulidade e desobediência. No fim, Ele arremata ao informar que quem rejeita a sua mensagem pregada por seus discípulos, o rejeita; e aqueles que o desconsideram, desconsideram o Pai. Tal é a força e autoridade de suas palavras, que revelam sua origem divina;

- b) Em Lc 11,24-28, Jesus ensina que, se alguém é liberto de espíritos impuros e não preenche o lugar com a obediência à palavra de Deus, seu estado será pior que o primeiro. Já os que ouvem e obedecem são bem-aventurados;
- c) Em Lc 13,10-17, num sábado, Jesus estava ensinando em uma sinagoga. Quando uma mulher aleijada chegou, ele a curou e os fariseus se indignaram. Contudo, Ele argumentou, os silenciou e os envergonhou, então o povo ficou feliz;
- d) Em Lc 13,22-30, Jesus atravessava cidades e povoados ensinando em seu caminho para Jerusalém. O tema da salvação é evocado: quem será salvo? Os que passarem pela porta estreita, deixarem a mensagem e Deus transformá-los a tal ponto que sejam obradores de justiça. Mesmo os que receberam a mensagem da salvação, se apenas se alegrarem por esse conhecimento e não progredirem em sua fé, ficarão fora do Reino;
- e) Em Lc 17,11-19, Jesus cura por sua palavra 10 leprosos. Apenas um, e este era samaritano, volta para agradecer. No fim, ele, além da cura física, recebe a cura espiritual;
- f) Em Lc 18,35-43, um cego, em Jericó, é curado por Jesus (pela palavra de Cristo). Ele segue Jesus e glorifica a Deus. A multidão, que os acompanha, louva a Deus;
- g) Em Lc 19,47-48, Jesus ensina no Templo diariamente e os líderes judeus querem matá-lo;
- h) Em Lc 24,13-35, Jesus aparece a dois discípulos no caminho de Emaús. Sem se deixar reconhecer, eles contam sobre o acontecido em Jerusalém e que Jesus, um profeta poderoso em obras e palavras, morreu e já era o terceiro dia, referiram a experiência das mulheres e a descrença deles no relato delas, Cristo os repreende e lhes explica as Escrituras a eles, consente em jantar com os viajantes e quando parte o pão desaparece de suas vistas, eles voltam correndo para Jerusalém para contar aos outros (Jesus interpretou as Escrituras para eles, v. 27, e o resultado foi que o coração deles ardia, v. 32). Quando chegaram lá, os outros foram logo lhes informando que Jesus ressuscitara e aparecera a Simão, daí eles contaram o ocorrido;
- i) Em Lc 24,44-49, Jesus instrui seus discípulos e explica as Escrituras, mostra que

tudo que estava predito se cumpriu e eles eram testemunhas, então eles deviam permanecer em Jerusalém até serem revestidos de poder.

Ao Jesus usar a palavra, especialmente em seus milagres, ele o faz no sentido que o AT/BH usa o termo דָּבָר (*dābār*, palavra), no hebraico; especialmente no contexto de Lc 5,1-11 (5,1-6,16), em que o poder de Jesus sobre a natureza, sobre a vida (curas) e sua autoridade sobre o sábado relembram o relato da criação (Gn 1-2). Nesse sentido, diz-se que Deus falou e as coisas passaram a existir. Esse ponto faz parte da estratégia pragmática do autor do terceiro Evangelho, a identificação do personagem Jesus. Esses detalhes sutis, mas firmes, realçam o caráter messiânico do Nazareno, sua identificação com o Deus Eterno e Poderoso.

Percebe-se, assim, pelos exemplos elencados, que a palavra permeia o Evangelho segundo Lucas. Jesus usa a palavra para curar, exorcizar, dominar os elementos naturais, pregar, evangelizar, ensinar, ressuscitar, repreender, animar etc. Embora tudo isso seja presenciado, nem sempre se obtinha uma resposta positiva por parte dos ouvintes. Um coração disposto a crer se apoiava nos milagres e palavras de Jesus para se elevar, já um coração disposto a não crer via os milagres como tentativas de enganar e os ensinamentos do Mestre como heresias sem sentido. Isso é muito sério, porque, considerando que as palavras de Cristo são de fato as palavras de Deus, quem as rejeita, rejeita o próprio Deus. Desse modo, vê-se que uma inferência certa leva a uma atitude correta, como explica Millanao (2009, p. 6, tradução nossa): “O que permite ao cristão passar do ouvir ao guardar, é o reconhecimento da autoridade de Deus. Dificilmente se reconhece e se obedece a Palavra de Deus se não se aceita sua autoridade legítima.”

Ao analisar as palavras proferidas por Cristo, seu conteúdo, é necessário que se considere que os vocábulos λόγος e ῥῆμα apontam para uma dupla significação, conforme Bromiley (2008) descreve:

Os termos *logos* e *rhema* não se aplicam apenas à palavra ou palavras que o próprio Jesus fala. Elas também podem denotar a mensagem toda do Evangelho, i.e., tudo que Jesus falou e fez. Neste sentido encontram-se especialmente as três frases “o *logos* de Deus”, “o *logos* do Senhor”, e “o *logos*”, Destes, o primeiro e o terceiro são os mais comuns. (BROMILEY, 2008, p. 722, grifo do autor).

Seja o que Jesus ensinou e falou, seja o conteúdo do Evangelho (tudo que Cristo falou e fez), a palavra sempre esperava e espera uma reação por parte do ouvinte. Seu teor performativo era e é visto na vida dos que a acolhem em seu íntimo e na vida dos que a rejeitam. Para os primeiros ela opera transformação e traz salvação, para os segundos ela decreta

condenação. Independentemente do resultado, a força da palavra é vista e ela nunca volta vazia.

Em Lucas, a palavra vinda de Jesus é um fator identificador de sua origem divino-humana, palavra que é equiparada à palavra de Deus na BH, palavra que cria, que restaura, que controla os elementos da natureza, que expulsa os elementos do mal. Esta palavra é a Boa Nova iniciada no Evangelho segundo Lucas e que traz um adendo pós pascal – palavras sobre Jesus, vistos no livro de Atos dos Apóstolos. São palavras de vida, e vida eterna.

Essa palavra, na vida dos que a aceitam, gera nova vida e engajamento com o Mestre que a proferiu. Os que aceitam as palavras de Jesus como sendo palavras de Deus contemplam nuances de sua identidade messiânica e, alegremente, unem sua vida à do Salvador. Embora suas expectativas iniciais sejam desfeitas pela morte do Salvador, sua compreensão posterior à ressurreição fortalece o compromisso de seguir o Cristo de Deus. Pela Palavra, Cristo chamou seus discípulos. Na verdade, segundo Correia (p. 2005, p. 283): “A Palavra de Deus ocupa um lugar de relevância em qualquer processo de chamamento, no momento de chamar e/ou na altura do discernimento vocacional, onde se afirma como instância norteadora e crítica por excelência.”

Dito isto, é válido destacar que a última seção deste capítulo trata da temática do discipulado missionário. O foco primário é o discípulo, já que, nas duas primeiras seções, apresentou-se o mestre, seu ensino e, com isto, aspectos de sua identidade Messiânica.

5.3 O discipulado missionário

No mundo do primeiro século d.C. havia professores que tinham seus alunos/discípulos. Isso é visto tanto no mundo greco-romano, com filósofos, quanto no ambiente judeu, com escribas e outros rabinos. Gundry (2002, p. 57) descreve os escribas como mestres: “Os escribas eram chamados de rabinos (meu grande, meu mestre ou professor) tinham discípulos que iam aonde quer que eles fossem e aprendiam deles, Jesus, mesmo sem educação teológica formal, foi chamado de ‘Rabi’ e tinha discípulos que o seguiam.”

Um fato importante a ser ressaltado na vivência do discipulado cristão é o seu aspecto cristológico: Jesus de Nazaré, e não outro, é o padrão a se copiar, o modelo a imitar, o Mestre a quem seguir, como expressa Bombonato (2018):

Ser cristão não é simplesmente aceitar uma doutrina e ser fiel a determinadas normas, sem dúvida, importantes, mas é seguir uma pessoa que nos atrai a si e conquista o nosso coração: Jesus de Nazaré. É responder ao chamado de Jesus e colocar-se a caminho, seguindo seus passos, movido pela força do seu Espírito. É entrar na dinâmica processual do discipulado e fazer a experiência de estar com Jesus e ser por

ele enviados em missão. Por conseguinte, o seguimento de Jesus é a melhor forma de explicitar a identidade cristã. O próprio Jesus ensinou que no seu seguimento consiste a identidade cristã de quem aderiu à pessoa dele na História e de quem crer nele depois da ressurreição. É no processo de seguimento que vai sendo construída a identidade cristã. Estabelece-se, assim, entre seguimento de Jesus e a identidade cristã uma relação íntima e profunda. O seguimento se transforma em caminho insubstituível para, simultaneamente, reconhecer Jesus e construir a identidade cristã. [...] O seguimento de Jesus passa a ser uma categoria cristológica e, como tal, introduz na estrutura da identidade cristã uma força dinamizadora capaz de subtraí-la de toda a rigidez e estagnação. A identidade cristã é alimentada e vivificada constantemente pela força da palavra de Jesus que chama: ‘Vem e segue-me’ (cf. Mt 4,18-22) e envia em missão: ‘Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura’ (Mt 28,19). Ser cristão é entrar no movimento da vida de Jesus que armou sua tenda entre os pobres e excluídos deste mundo, anunciando-lhes a boa-nova do Reino, que passa pela cruz, mas não termina nela e sim na ressurreição. (BOMBONATTO, 2018, p. 314-315, grifo nosso).

A perícopre de Lc 5,1-11 – que apresenta Jesus como o Mestre e o κύριος que chama e deve ser seguido –, tem os aspectos do chamado e de deixar tudo para seguir alguém – neste caso, Jesus –, isso sem usar o termo “discípulo”. Lucas usa o vocábulo padrão para discípulo (μαθητής) 37 vezes no Evangelho (Lc 5,30.33; 6,1.13.17.20.40; 7,11.18; 8,9.22; 9,1.14.16.18.40.43.54; 10,23; 11,1; 12,1.22; 14,26-27.33; 16,1; 17,1.22; 18,15; 19,29.37.39; 20,45; 22,11.39.45), e, se refere a qualquer pessoa que siga a Jesus (Lc 6,13 informa que Cristo reuniu os discípulos e escolheu doze dentre eles; 19,37 apresenta que Jesus tinha uma multidão de discípulos) ou a outro (discípulos de João Batista – 5,33). Diferente de apóstolo (ἀπόστολος), termo que ocorre 6 vezes em Lucas (6,13; 9,10; 11,49; 17,5; 22,14; 24,10) e é usado apenas para doze discípulos selecionados por Jesus (Lc 6,13, em que Cristo os nomeia de apóstolos, 9,10; 17,5; 22,14; 24,10; aparente exceção é 11,49, em que Jesus diz que enviaria profetas e apóstolos e os líderes judaicos os maltratariam; alguns eles matariam. Mesmo que não se refira nominalmente aos doze, em Lucas, só eles são chamados assim).

Das ocorrências do termo μαθητής no terceiro Evangelho, percebem-se características em comum desses que decidiram tomar Jesus como seu Mestre.

- a) São ensinados particularmente por Jesus – Lc 6,20ss.; 8,9-10; 10,23-24; 16,1; 17,1 etc. (Cristo ensina a quem quiser aprender, mas a seus discípulos dá orientações extras);
- b) Acompanham Jesus em suas viagens e missões – 6,17.20; 7,11; 8,22; 19,37; 22,39 etc.;
- c) Colocam Jesus acima de tudo e de todos em suas vidas, assume a prioridade máxima em sua devoção – 14,26-27;
- d) Renuncia a tudo quanto tem por amor a Jesus – 14,33. Com respeito ao texto de

Lc 14,25-33, Nascimento Júnior (2017, p. 131) informa que “[...] as exigências presentes no texto são relacionadas com renunciar a tudo que se tem e priorizar Cristo e o Reino (vv. 26.33), autoavaliar-se (vv. 28-32) e tomar a cruz e seguir a Jesus (v. 27).”;

e) Deve se tornar como seu Mestre – 6,40.

Quanto a seguir Jesus, o verbo (ἀκολουθέω) pode significar acompanhar, como alguém que vai para o mesmo lugar que outro ou, metaforicamente, “seguir”, indicando união de vida e propósitos (BYRLEY, 2014). Com relação à primeira acepção, observa-se que ocorre 6 vezes em Lucas (7,9; 9,11; 22.10.39.54; 23,27). Com relação à segunda, 12 vezes (5,11.27-28; 9,23.49.57.59.61; 18,22.28.43). O “seguir” é característica dos discípulos de Jesus e, no Evangelho segundo Lucas, essa particularidade é qualificada:

1. em Lc 5,11.28; 18,28 informa que os apóstolos deixaram tudo para ir atrás de Cristo;
2. em Lc 9,23, declara-se que, para seguir Jesus, tem que se negar dia a dia;
3. em Lc 9,57-62, os que querem seguir Jesus devem focar no Reino e não nas posses desta vida e nem em esperança de ser bem tratado por servir a Cristo, colocar as demandas do Reino acima dos assuntos particulares e familiares; colocar as demandas do Reino acima dos costumes sociais. Qualquer coisa menos que isso é olhar para trás e largar o arado. Ser discípulo de Jesus requer um alto preço, que precisa ser calculado antes de se assumir a vocação (Lc 14,25-33), porém todos que abraçam o risco e deixam tudo receberão recompensa (Lc 18,28-30). De forma resumida, Nef Ulloa e Lopes (2018, p. 105) expressam esta realidade: “Um tema central dos evangelhos é o discipulado de Cristo, que implica na dupla atitude de renúncia e seguimento”.

Dos que foram chamados para serem discípulos de Jesus, um ganhou destaque e liderança entre os demais no início do movimento cristão, Pedro, como realça Bock (2011, p. 381, tradução nossa): “Sem dúvida, o discípulo-chave nos escritos de Lucas é Pedro. Ele é o discípulo representativo, bem como o apóstolo líder”; e complementa Du Plessis (1995):

No Evangelho de Lucas, Pedro foi o primeiro a ser chamado como discípulo. A maneira como ele introduz Pedro em sua história, e o papel que Pedro desempenha, deixa claro que Jesus identifica os líderes quando escolhe seus discípulos. Lucas é o único evangelista que descreve a visita de Jesus à casa de Simão Pedro e a cura da sogra de Simão (4,58-59), antes mesmo de Simão ser chamado, já identificando Simão Pedro como candidato ao discipulado. Os outros discípulos, que nunca alcançaram um papel de liderança neste Evangelho, não foram ignorados, no entanto. Todos os discípulos são lembrados de que não devem ser superiores ao seu mestre (6:39-40).

Eles devem se tornar como seu mestre. Eles devem ser líderes com boa visão, não líderes cegos. (DU PLESSIS, 1995, p. 59, tradução nossa).

A construção do personagem Pedro se dá em vários momentos no Evangelho segundo Lucas e tem uma caracterização singular dos outros sinóticos, como explicita Landi (2019):

A maioria dos estudiosos acredita que Lucas utilizou o texto do Evangelho de Marcos, integrando-o com outros documentos (Q e L) para a redação de seu Evangelho. No que diz respeito à apresentação da figura Petrina, a comparação sinótica, estendida também ao texto mateano, atesta não poucas modificações e omissões do terceiro evangelista que contribuem para tornar peculiar sua caracterização do personagem Pedro. (LANDI, 2019, p. 209, tradução nossa).

Landi (2019, p. 211-221) defende que Lc 5,1-11 pode assumir um papel programático na apresentação da figura petrina, para a qual cada detalhe conta: seu duplo nome indicando a futura pregação cristológica para judeus e gentios;¹⁷⁰ a mudança de ἐπιστάτης para κύριος, apontando para a pregação petrina para judeus e gentios em Atos 2 e 10, com foco no senhorio de Jesus; sua obediência, como a de Maria em Lc 2, marca a vida de fé do discípulo; o reconhecimento de Pedro, como pecador, atende tanto a sua percepção do divino em Jesus quanto ao detalhe de que Jesus veio chamar os pecadores; o papel de Pedro é mudado daquela hora em diante (ἀπὸ τοῦ νῦν), de pescador de peixes (mortos) para capturador de pessoas (vivas); e, por fim, há o abandono de posses e famílias (prioridades alteradas) em prol do anúncio do Reino.

Esta proeminência é notória, quando se comparam relatos similares nos sinóticos (em João, raríssimas vezes), em que a figura de Pedro não é destacada em Mateus e Marcos, mas o é em Lucas; ou quando Pedro é repreendido em Mateus e Marcos, mas não o é em Lucas. No terceiro Evangelho, os “arranhões” petrinus são suavizados em prol de uma força perlocutória de identificação dos leitores/ouvintes deste Evangelho com o apóstolo mais famoso.

Os locais onde se dão a proeminência petrina, em Lucas, em comparação com os sinóticos e João (poucas ocasiões), são:

¹⁷⁰ “Os dois nomes atribuídos ao apóstolo permitem ao narrador caracterizar o protagonista da missão aos pagãos em sua dupla dimensão, judia (Σίμων) e grega (Πέτρος), esta última que lhe foi conferida diretamente por Jesus [...] A razão que levou Lucas a associar desde o início o apelido de *Pedro* ao nome de *Simão* é assim compreensível: caberá a ele inaugurar a pregação do Evangelho aos gentios, por uma comissão divina explícita. Portanto, a unidade da obra lucana permite explicar a escolha do narrador de combinar os dois nomes no episódio da vocação do apóstolo: Simão é aquele que receberá de Jesus o apelido de *Pedro* (Lc 6,14), e a quem será conferida a tarefa de testemunhar o *senhorio* de Cristo (cf. 5,8) a todos os homens (5,10).” LANDI, Antonio. La figura di Pietro nell’ opera lucana. In: VV. AA. **L’opera Lucana (Vangelo di Luca e Atti degli Apostoli)**: Seminario per Studiosi di Sacra Scritura, Roma, 21-25 gennaio. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2019, p. 214, grifo do autor e tradução nossa.

1. Lc 8,45 apresenta Pedro se dirigindo a Jesus, no caso do toque da mulher hemorroíssa; Mt 9,19-22 não tem a fala de nenhum discípulo; Mc 5,31 informa que “Os discípulos responderam”;
2. Após o relato da ressurreição dado pelas mulheres no domingo de manhã, Jo 20,1-10 diz que Pedro e o outro discípulo foram ao sepulcro para verificar o relato das discípulas, em Lc 22,31, há somente a figura de Simão;
3. Somente Lucas (24,34) relata a aparição de Jesus ressuscitado a Pedro antes dos demais apóstolos (aparecera pela manhã às mulheres e no entardecer aos dois discípulos no caminho para Emaús);
4. Somente Lucas conta a parábola do servo vigilante (Lc 12,35-48) e apresenta Pedro querendo saber algo em nome dos demais apóstolos (12,41).

Os locais onde há uma atenuação, em Lucas, comparado aos demais Evangelhos são:

1. Após o primeiro anúncio da paixão, em Mt 16,21-23 e Mc 8,31-34, Pedro repreende Jesus e diz que tal não aconteceria a Ele, mas Jesus, severamente, brada: “Afasta-te de mim Satanás” e declara que Pedro, além de ser pedra de tropeço, não entende dos planos de Deus. Em Lc 9,22 só há a predição da morte de Cristo, nada é dito sobre a dupla repreensão: de Pedro a Jesus e de Jesus a Pedro;
2. Em Mt 26,31-35 e Mc 14,27-31, há a predição da negação de Pedro, uma réplica dizendo que não fará isso e uma insistência da parte deste (e dos demais), em que não realizará tal coisa. Em Lc 22,31-34, Jesus já começa informando que Satanás pediu Pedro para cirandar, mas que intercedeu por este. Há a certeza de que Simão sairá firme da prova e que terá uma função após ela: “quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos” (22,32). Pedro não assevera, em Lucas, que não negará Jesus, apenas informa que estará pronto para segui-lo em qualquer situação. Além disso, não há a insistência petrina. Em Jo 13,36-38, só há o anúncio de que os discípulos não podem seguir Jesus para onde Ele vai, a declaração de Pedro de que dará a vida por Jesus e a predição da negação;
3. Os relatos da negação petrina, em Mt 26,31-35 e Mc 14,27-31, apresentam Pedro praguejando e jurando após negar Jesus pela terceira vez, numa tentativa de dissociar sua pessoa do grupo dos seguidores do Nazareno. Após o galo cantar e ele se lembrar das palavras de Jesus, sai dali e chora. Em Lc 22,54-62, Pedro não pragueja e nem jura, apenas nega. Lucas é o único que retrata o olhar de Simão se encontrando com o de Cristo, após a terceira negativa. Só aí ele se lembra da predição de seu Mestre e sai dali

para chorar “amargamente” – advérbio registrado em Lucas e Mateus. Em Jo 18,15-17.25-27, apenas se relata a trílice negação, nada se diz do choro do apóstolo.

Os locais nos quais há uma concordância de representação petrina nos Evangelhos, nos quais Simão fala em nome dos outros, são:

1. Transfiguração – em que Pedro explica que é bom todos estarem ali (ele, Tiago e João, Jesus e os dois visitantes) e pede para fazer tendas para Moisés, Elias e Jesus: Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36;
2. Após a negativa do jovem rico em seguir a Jesus, Pedro diz que “deixamos nossos bens e te seguimos!” (Lc 18,28), fala em nome dos discípulos: Mt 19,23-30; Mc 10,23-31; Lc 18,24-30.

Os locais em que há um destaque em Pedro, junto aos outros apóstolos, são:

1. Na ressurreição/reanimação da filha de Jairo somente Pedro Tiago e João acompanham Jesus – Mc 5, 35-43; Lc 8,49-56 (em Mt 9,23-25 não há menção de algum discípulo em particular indo com Jesus);
2. Pedro, João e Tiago vão com Jesus para um monte e presenciam a Transfiguração: Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36;
3. Somente Lucas relata os nomes dos discípulos que foram preparar a Páscoa – Pedro e João, e os mostra indo, após ordem direta de Jesus, e só depois perguntando onde queria que a preparassem: Lc 22,7-13; Em Mt 26,17-19, “os discípulos” perguntam onde querem que eles preparem a Páscoa e só depois há a ordem para irem, sem identificar o número ou o nome. Em Mc 14,12-16, “os discípulos” perguntam onde querem que eles preparem a Páscoa e Jesus ordena a dois deles (sem identificar quem são) que a preparem.

Após essa análise, percebe-se que Pedro é um discípulo que recebe destaque no Terceiro Evangelho (e em Atos, fato não pormenorizado nesta dissertação), fala em nome dos outros, tem suas falhas suavizadas, vê Jesus antes dos demais apóstolos, faz parte de um círculo íntimo de discípulos, evangeliza os judeus e tem em seu duplo nome o indicativo de sua missão gentílica. Sendo assim, Lc 5,1-11 é um texto programático não só da missão de Pedro entre os apóstolos, mas do ideal do discípulo em si. Características como fé, obediência, reconhecimento

de pecado, agir em favor do próximo, disponibilidade em servir, colocar Jesus e seu Reino como prioridade máxima na vida, ser pescador de homens e seguir Jesus diariamente sem olhar para trás são preanunciadas na vida de Simão e esperadas nas vidas dos que abraçam a vocação cristã, enquanto discípulos(as).

O chamado ao discipulado, além de encontrar ênfase na semelhança com o Mestre, apresenta uma peculiaridade – a missão! Os chamados não deveriam guardar o que sabiam só para eles, deveriam ser “pescadores de homens vivos”. Eles viram seu Senhor ensinar, pregar e curar, foram capacitados para isso e comissionados a fazerem o mesmo (9,1-6; 10,1-16). Aos discípulos, foi (e é) ordenado que pregassem as Boas novas do Reino: o conteúdo pregado por Jesus e as Boas Novas sobre Jesus:

Não devemos esquecer o anúncio. Cristo ordenou a seus discípulos, nos ordenou, anunciar em seu nome a chegada do reino de Deus. Mudam as condições e modos deste anúncio, nunca seu conteúdo, sob pena de pregarmos a nós mesmos e nossos anseios e não a mensagem do Cristo. Mais que nunca é urgente a mensagem de Jesus: o reinado de Deus chegou até vós. O reinado de justiça e paz nos é proposto, precisamos responder a ele para que, por graça, ele seja instaurado em nosso meio. (GOMES, 2018, p. 99)

O conteúdo programático da missão de Jesus é apresentado em Lc 4,16-31, em sua leitura de Is 61, na sinagoga de Nazaré. Ele cumpriu precisamente seu ministério, que contou com auxílio aos sofredores; amparo aos vulneráveis (Lucas dá muita atenção aos rejeitados pela sociedade: mulheres, pobres, doentes, publicanos, prostitutas, pecadores em geral) e socorro aos não nomeados (em Lucas, muitos não têm seu nome revelado, o que aponta para um cuidado e amparo às pessoas sem voz e vez, no dia a dia judaico no tempo de Cristo); ensino do Reino e da Missão do Messias.

O que o Senhor fez é esperado que seja reproduzido por seus discípulos. Nesse sentido, estes devem agir motivados por compaixão. Em Lucas, isso significa ação em favor de quem precisa, sem esperar pedido de socorro. Portanto, como Cristo fez, seus discípulos devem fazer. Inclusive, o verbo usado para compaixão, em Lucas, é *σπλαγχνίζομαι*, o qual aparece 3 vezes em Lucas (7,13; 10,33; 15,20). Quanto a essas ocorrências, Perondi (2015) explica:

Outra constatação interessante que deve ser observada é que quando Lucas emprega o verbo *σπλαγχνίζομαι* em nenhuma delas há um pedido para que um milagre ou uma ação de socorro seja solicitada: a) A mãe viúva não pediu nada a Jesus; b) O homem semimorto não pediu ajuda ao samaritano; c) O filho que retornava não pediu compaixão. Ele havia sim preparado um discurso para ser aceito como empregado, porém não foi esta a motivação do agir do pai. Aliás, o filho nem concluiu o discurso que não interessava ao pai. Analisando os três casos, podemos deduzir que a fórmula como Lucas emprega o verbo *σπλαγχνίζομαι* diante das situações de morte ou de risco

de vida, a compaixão sentida exige uma série de atitudes a serem exercidas. Jesus deu o exemplo dirigindo-se a Naim e solucionado o problema; o samaritano foi ao encontro do homem caído à beira do caminho de Jericó e fez por ele tudo o que era possível; e o Pai (que representa Deus) mostrou-se compassivo na sua espera constante dos filhos que se perderam e, por vontade e iniciativa própria, devolve a dignidade ao filho que estava perdido. (PERONDI, 2015, p. 251-252).

No final do Evangelho segundo Lucas, há uma declaração de missão para os discípulos, na qual eles são convocados a falar de Jesus, do que ele fez e faz:

⁴⁴Depois disse-lhes: ‘São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’. ⁴⁵Então abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras, ⁴⁶e disse-lhes: ‘Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, ⁴⁷e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. ⁴⁸Vós sois testemunhas disso. ⁴⁹Eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneçei na cidade até serdes revestidos da força do Alto’. (Lc 24,44-49 – BJ).

Dessa forma, o livro termina sob uma perspectiva missionária. Jesus teve uma missão e ele convidou pessoas a fazerem parte desta obra.¹⁷¹ Os que aceitam seguir o Mestre aceitam uma vida de discipulado e Missão, como defende Spurgeon (1873, p. 263): “todo cristão aqui é um missionário ou um impostor”. Uma lista resumida de mensagem de Lc 24,44-49 é a dada por Stein (1992):

1. A mensagem de arrependimento associada a João Batista (Lucas 3:3, 8; Atos 13:24; 19:4) e Jesus foi continuada pela igreja primitiva. A mensagem do evangelho de Lucas-Atos pode ser resumida tão facilmente pela ordem de se arrepender quanto pela ordem de crer (16:31). Observe como o ministério de Paulo é resumido em 20:21 como proclamando ‘arrependimento a Deus e... fé em nosso Senhor Jesus Cristo’ (RSV). 2. A salvação pode ser equiparada ao perdão dos pecados. 3. A centralidade de Jerusalém no plano redentor de Deus é mais uma vez enfatizada. 4. A natureza mundial e universal da mensagem do evangelho é enfatizada. 5. A salvação vem somente em nome de Jesus. 6. O papel dos discípulos como testemunhas oculares da mensagem do evangelho assegura sua veracidade. Todo o capítulo se concentrou em seu papel como testemunhas oculares do ministério, morte e ressurreição de Jesus. (STEIN, 1992, p. 622, grifo e tradução nossa).

Finalizando esta seção, o foco no chamado mediado pela palavra é lembrado. Os discípulos foram chamados e se fizeram dispostos a seguir Jesus com a assistência da palavra,

¹⁷¹ “Assim como as cenas de comissionamento em Mateus 28:19-20 e João 20:21-23 contêm importantes ênfases teológicas encontradas nesses Evangelhos (ensinar e fazer discípulos em Mateus e o envio do Espírito em João), também a cena de comissionamento em Lucas está repleta de ênfases lucanas. Uma dessas ênfases envolve o cumprimento das Escrituras e, associado a isso, a necessidade da morte de Jesus. O ministério, morte e ressurreição de Jesus são todos o cumprimento das Escrituras (Lucas 24:47). A missão mundial da igreja e a vinda do Espírito para capacitá-los para esse ministério também é o cumprimento das Escrituras”. (STEIN, 1992, p. 621, tradução nossa).

a qual fez milagres, os espantou e os chamou pessoalmente; palavra que apresentou as Boas Novas do Reino e solicitou engajamento. Palavras de Salvação para todos, em especial, os vulneráveis.

Em Lucas, o discipulado é uma nota tônica que formula a construção do leitor/ouvinte em um percurso pragmático. Nesse sentido, o discipulado é visto na vida de personagens como Simeão e Ana, Maria, Izabel e Zacarias, João, Tiago e os outros 9 e, por fim, um discípulo por excelência neste terceiro Evangelho – Simão Pedro, homem humilde e disposto a servir, obediente, pronto para se sacrificar pelo Mestre, falho como qualquer ser humano, mas um canal de bênçãos aos semelhantes. Assim devem ser os discípulos de Cristo. Aliás, só há discípulo porque há Mestre e a ênfase no discipulado acentua o caráter agregador e especial do Nazareno. É a ele, e não a Tibério César ou Caifás, que se deve seguir e colocar a vida junto à dele, esperando o mesmo destino que ele tiver. Ao se unir com ele, no sofrimento e renúncia, pode-se ter certeza de recompensas aqui, e, no porvir – a vida eterna, embora o próprio caminhar com Ele já é recompensa e privilégio inigualável. Felizes os que estão engajados nessa jornada com Jesus.

5.4 Resumo

Este quinto e último capítulo lidou com um foco temático-teológico evocado pela perícopes estudada, no qual três pontos principais são realçados: 1. O papel de Jesus como Mestre; 2. A força da Palavra; 3. O discipulado missionário.

Todos os tópicos analisados aqui ajudam a destacar, acima de tudo, a identidade de Jesus no Evangelho segundo Lucas: Ele é o Mestre, que tem discípulos e que usa sua palavra como instrumento de engajamento; seja ensinando, pregando ou curando. Desta forma, seu papel como mestre seguia o padrão judaico da época; com forte teor oral, cheio de recursos retóricos que visavam o engajamento e salvação de seus ouvintes. Ele é o *διδάσκαλος* e o *ἐπιστάτης*, que traz ensino abalizado da parte do Pai e que apresenta o numinoso como fator chamariz para sua instrução e presença visível do Reino. A Palavra é apresentada como Palavra de Deus, na mesma acepção vista na BH e, portanto, convoca a uma decisão. Bem-aventurado é o que ouve e pratica essas palavras, que surgem em paridade ao conteúdo profético e em vista da própria natureza ímpar do Nazareno.

Por fim, o tema do discipulado também traz à lume o papel de Pedro no Evangelho, sua apresentação como discípulo modelo que segue o Mestre com prontidão e que une sua vida à dele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícope de Lc 5,1-11, emerge no conjunto do terceiro Evangelho como um texto programático da missão de Jesus e dos Apóstolos. O estudo da mesma revela dois polos que movem as cenas apresentadas e a compõem: A pregação (Lc 5,1-3), A pesca: frustração da noite e a esperança do novo (Lc 5,4-7), e O chamado (vv. 8-11). Estes são polos do Chamador e do chamado, realçados pelas estratégias pragmáticas contidas no texto e no cotexto.

A exegese pragmatolinguística adotada neste trabalho destaca, acima de tudo, um viés comunicativo entre autor e leitor, em que o autor vai construindo um leitor modelo ao longo do texto. Para tanto, foca-se no cotexto e no que ele pode trazer de iluminação para o texto estudado, o que, nesse trabalho, significou um destaque da identidade de Jesus, apresentado em Lc 4,14-9,50 (O ministério de Jesus na Galileia), que tem os realces gerais no Poder de Jesus (ação e palavras) e na Sua identidade, entremeados por ênfases secundárias vistas nesta macrosseção: os ensinamentos, o discipulado, as controvérsias.

Na subseção em que se encontra o texto estudado – 5,1-6,16 – Jesus é o que chama, é o que cura, é o que entra em controvérsias em favor dos vulneráveis contra “distintos” opressores. Essa seção apresenta um Messias que se relaciona com o pecador, seja ele quem for, com um propósito salvífico-benfeitor, além de escolher alguns desses para partilharem desta missão com Ele.

Nas sete perícopes desta microsseção (Chamado dos primeiros discípulos [Lc 5,1-11]; Cura de um leproso [Lc 5,12-16]; Cura e Controvérsias [Lc 5,17-26]; Chamado de Levi, cura e controvérsias [Lc 5,27-39]; Controvérsia no e sobre o sábado [Lc 6, 1-5]; Cura e controvérsia no sábado [Lc 6,6-11]; Eleição dos doze discípulos [Lc 6,12-16]), por um lado, os conteúdos apontam para Gn 1-2, as narrativas da criação, manifestando o caráter e a natureza deste, que prega e cura na Galileia. Por outro, apontam para os discípulos, a atitude esperada deles, seu pronto engajamento e a escolha dos apóstolos.

O cotexto apresenta Jesus com uma palavra equivalente à de Deus, palavra que cura, controla a natureza, repreende os adversários e defende seus seguidores. Ele é destacado como Mestre e κύριος, alguém diante de quem a atitude correta é temor, prostrar-se reverente, humildade e obediência. O Messias de Israel. O mesmo cotexto revela os destaques do seguimento, através de dois personagens principais – Pedro e Levi, que abandonam tudo prontamente para seguir Jesus. Destes, Simão tem a primazia.

O outro polo pragmático é visto no desdobramento do texto. A análise do pano de fundo, primeiro plano e discurso direto – com base nos verbos gregos – destacou os personagens

Jesus e Simão Pedro, suas falas e ações. A outra plataforma da análise textual é a integração sintático-semântico-pragmática, visto que qualquer proposta comunicativa (oral ou escrita) abarca essas três áreas de uma maneira orgânica, visando um fim interacional/comunicativo.

A referida análise integral, além de apresentar uma tradução mais acurada, vista na análise sintático-semântica, apresenta os atos de fala correspondentes e o que representam para o texto e para a construção dos personagens. Assim, tem-se, na primeira cena (vv.1-3), mais atos representativos informativos que ambientam a história e ajudam na construção dos personagens/leitores.

Nesses 3 primeiros versos, de Lc 5, aparece o pano de fundo do que vem a seguir, num local específico: lago de Genesaré; com pessoas específicas: Jesus, Simão, a multidão (esta aparece somente neste preâmbulo, mas exemplifica a tarefa de pescar gente), os sócios (embora não surjam explicitamente, a apresentação de dois barcos deixa implícito tal fato, nesse momento da narrativa, o que se torna explícito depois); com atitudes específicas: ensinar a palavra de Deus, ouvir, desembarcar com redes vazias, lavar as redes como preparação para outra pesca. O foco principal está em Jesus. Embora Simão surja como coadjuvante, estará como um protagonista na próxima cena, juntamente com Cristo.

Na segunda cena (vv.4-7), há atos representativos informativos do ambiente, os quais estão saindo do raso e indo para o fundo, no barco de Simão. Como resposta a atos diretivos de ordem da parte de Jesus, ancorados no ato comissivo de Pedro - “lançarei as redes”; outros atos representativos mostram o resultado da obediência de Pedro à Palavra de Jesus e o poder desta fala, que atrai os peixes e demonstra a onisciência de Jesus nesta pesca. Os 4 versos que constituem esta subseção evidenciam a proeminência de dois personagens, Jesus e Simão. Ambos usam sua palavra de maneira assertiva (ato diretivo e ato comissivo) e realizam ações – Jesus, contra toda a lógica da pesca naquele local, ordena que Pedro vá para o fundo e lance as redes. Pedro obedece, não sem antes realçar a dificuldade da questão e sob a autoridade e tutela da palavra de Jesus.

A terceira e última cena (vv. 8-11) apresenta um assunto que aparentemente está desconexo do restante da história – chamado vocacional –, mas que, ao ser conectado aos temas da palavra (pregação-ensino, pesca e mestre), que vieram antes, percebe-se um todo artisticamente tecido para trazer influxos perlocutórios na vida dos leitores/ouvintes.

Há vários atos representativos informativos que visam construir o leitor modelo. Este deve ser visto como pessoa que teme, mas não foge diante da presença divina. Um ato diretivo de Jesus que ordena a Pedro a não mais temer, uma mescla de declarativo e comissivo. Jesus promete que Pedro será pescador de homens e o nomeia/declara, assim como seu discípulo.

Assim, observam-se atos finais que são representativos e informam a decisão acertada dos que se encontram com Cristo e Sua palavra: “deixar tudo” e “seguir a Jesus”.

Após estas análises, percebe-se que o cotexto aponta para o texto e o texto para o cotexto, em um vai e volta paralelo, como em um eco: o cotexto envia mensagens sobre a identidade de Jesus, por suas palavras e ações, bem como sobre seus discípulos e o que se espera deles. O texto responde de volta, reforçando a identidade de Jesus por suas palavra e ações, a identidade dos discípulos (Pedro, Tiago e João), especialmente Simão, e o que se espera de um discípulo mediante as ações e palavras deste apóstolo.

Por fim, o trabalho se completa com um enfoque temático que, partindo de Lc 5,1-11, tanto aponta para frente (texto após Lc 5,1-11) como para trás (tudo que vem antes de Lc 5,1) no Evangelho, ou seja, através de Lc 1,1-4,13 e Lc 5,12-24,53, percebe-se como tais assuntos são usados para trazer estratégias pragmáticas em Lucas. Os temas são:

1. Jesus, o mestre, que aponta o papel do ensino como revelador da identidade de Jesus (διδάσκαλος, ἐπιστάτης);
2. A força da palavra, que aponta para a importância da palavra (λόγος, ῥῆμα), no terceiro Evangelho. Palavra que é proferida, acima de tudo, por Jesus, mas que, no fim, também é sobre Jesus. Já que a palavra é falada, há dois verbos que estão conectados com este tema e que ajudam no entendimento lucano da força da palavra: ἀκούω (ouvir) e ποιέω (praticar/fazer). Isso significa que os que ouvem são convocados a praticar (Lc 6,46-49), quem pratica permanece e quem não pratica é varrido pelas intempéries. Essa palavra é importante, porque corresponde à Palavra de Deus na BH. Assim, implica numa decisão de vida ou morte em sua aceitação ou rejeição, e isso mediado pela figura de Jesus;
3. Discipulado missionário, que aponta o aspecto cristológico do chamamento – afinal é a Cristo e não outro a quem se deve seguir –, bem como as características do discípulo de Cristo, tanto em Lc 5,1-11 quanto no Evangelho inteiro. Nesse ponto, a figura de Pedro é realçada e suas falas e ações constituem um modelo a ser imitado por todo sincero seguidor de Cristo.

REFERÊNCIAS

Versões Bíblicas

A BÍBLIA: Novo Testamento. Paulinas: São Paulo, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Paulus: São Paulo, 2016.

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e novo testamento. 2. ed. Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA SAGRADA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. São Paulo: Editora Vida, 2000.

LA SANTA BIBLIA REINA-VALERA 1960. Sociedades Bíblicas Unidas, 1960.

NESTLE, E.; ALAND, K.(eds) **Novum Testamentum Graece.** 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. (NA²⁸)

The Holy Bible: English Standard Version. Wheaton: Crossway Bibles, 2016.

The New King James Version. Nashville: Thomas Nelson, 1982.

Demais materiais

ACHTEMEIER, P. J. And He Followed Him’: Miracles and Discipleship in Mark 10:46–52. Robert W. Funk (ed.). **Semeia 11 - Early Christian Miracle Stories**, Missoula, p. 114-145, 1978. Disponível em: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=f624b088-eb77-43be-b0d1-4002ec4d1d35%40sdc-v-sessmgr01>. Acesso em: 09 abr. 2020.

AGUIRRE MONASTERIO, R. Introdução aos evangelhos sinóticos. *In*: CARMONA, A. R. **Evangelhos sinóticos e atos dos apóstolos.** Tradução de Alceu Luiz Orso. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 13-94 (Introdução ao estudo da Bíblia, v. 6).

ALFORD, Henry. **Alford’s Greek Testament:** an exegetical and critical commentary vol. 1. Grand Rapids: Guardian Press, 1976.

ALMEIDA, Benedito Antônio B. **Emaús, o caminho da fé pascal:** Estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35. 2020. 134f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

ALTER, R. **A Arte da Narrativa Bíblica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANGLADA, P. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos lingüísticos.** Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

ARNDT, W. F. *et al.* **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature (BDAG).** 3rd.ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

ARRUDA JUNIOR, V. M. A importância devida à palavra: um análise pragmático-linguística da parábola dos dois construtores em Lc 6,46-49. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 7., 2019, Rio de Janeiro. GONZAGA, Waldecir. (Org.). **Anais do VII Congresso da ANPTECRE-Religião e Crise Socioambiental**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. p. 179-185. Disponível em: <https://eventospucRio.teo.br/files/publicacao%20anais%20-%20completo.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2020.

ARRUDA JUNIOR, V. M. Palavra que traz cura: uma análise pragmática-linguística de Lucas 4,38-39. *In*: JORNADA EM ESTUDOS DA LITERATURA JOANINA, 2, 2020, São Paulo. NEF ULLOA, Boris, A.; LEITE, Gilvan A.; GRENZER, Matthias. (Org.). **Anais da II Jornada em estudos da literatura joanina, curas e milagres na literatura joanina**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020, p. 86-92. Disponível em: <http://pergamum.pucsp.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/0000006f.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

AUNE, D. E. **The New Testament in its literary environment**. Philadelphia: The Westminster Press, 1989.

AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

BAR-EFRAT, S. **Narrative art in the Bible**. T&T Clark International: London, New York, 2004.

BARNWELL, K. **Tradução bíblica: um curso introdutório aos princípios básicos de tradução**. 3. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2011.

BATISTA, R. de O. **Introdução à pragmática: a linguagem e seu uso**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012. (Coleção conexão inicial, v. 1).

BAILEY, Kenneth E. **Jesus through Middle Eastern Eyes: Cultural Studies in the Gospels**. Downers Grove: IVP Academic, 2008.

BAILEY, Raymond. **Jesus the Preacher**. Nashville: Broadman Press, 1990.

BAZZANELLA, C. **Linguistica e pragmatica del linguaggio: Un'introduzione**. Roma: Editori Laterza, 2005.

BENTO XVI. **Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini**. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

BERGER, K. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. (Coleção Bíblica Loyola, v. 23).

BLACK, D. A. **New Testament textual criticism: a concise guide**. Grand Rapids: Baker Books, 1994.

BLAKLEY, J. Ted. Luke. *In*: LUKASZEWSKI, A. L.; DUBIS, Mark; BLAKLEY, J. Ted. (eds.). **The Lexham Syntactic Greek New Testament, SBL Edition: Expansions and Annotations**. Bellingham: Lexham Press, 2011.

BLIGHT, R. C. **An Exegetical Summary of Luke 1–11**. 2nd. ed. Dallas: SIL International, 2008.

BLOMBERG, C. L. **Jesus and the Gospels: An Introduction and Survey**. 2nd.Ed. Nashville: B&H Academic, 2009.

BLOMBERG, C. L. **A confiabilidade histórica dos Evangelhos**. São Paulo: Vida nova, 2019.

BOCK, D. L. **Luke**. Edição Digital Logos. Downers Grove: InterVarsity Press, 1994. (The IVP New Testament Commentary Series). Não paginado.

BOCK, D. L. **A theology of Luke's Gospel and Acts: biblical theology of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

BOCK, D. L. **Luke 1:1-9:50**. Grand Rapids: Baker Academics, 2004. Epub. (Baker exegetical commentary on New Testament).

BOMBONATTO, V. I. Seguimento de Jesus e identidade cristã. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 311-331, mai./ago.2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34473/34473.PDF>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BOVON, F. **Das Evangelium nach Lukas (Lk 1,1-9,50)**. Zürich: Benziger; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1989. (Evangelisch-Katholischer Kommentar Zum Neuen Testament, III/1).

BROMILEY, Geoffrey W. Palavra, palavra do Senhor. *In*: TENNEY, Merrill C. (org.). **Enciclopédia da Bíblia Vol. 4: M-P**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p.716-723.

BULLINGER, E. W. **A Critical Lexicon and Concordance to the English and Greek New Testament**. London: Longmans, Green, & Co., 1908.

BURRIDGE, R. A. **Gospel: Genre**. *In*: GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, N. (eds.). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. Ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 335-342.

CARVALHO, A. S. **A crítica e o texto do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Reflexão, 2017.

CARVALHO, T. J. de F. Orientações para a interpretação de narrativas bíblicas. **Fides Reformata**, São Paulo, XVI, n. 1, p. 107-128, 2011. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides_Reformata/06_ORIENTACOE_S_ARAAINTERPRETACAODENARRATIVASBIBLICAS.pdf. Acesso em: 01 mar. 2018.

CARVALHO, T. J. de F. A Abordagem lingüística (sic) textual e os estudos do Antigo Testamento. **Fides Reformata**, São Paulo, XIII, nº1, p. 87-107, 2008. Disponível em:

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XIII_2008_1/A_Abordagem_Linguistica_Textual_e_os_Estudos_do_Antigo_Testamento_-_Tarcizio_Jose_de_Freitas_Carvalho.pdf. Acesso em: 01 mar. 2018.

CORREIA, J. A. S. Figuras bíblicas da vocação. **Theologica**, Braga, 2ª série, v. 40, n. 2, p. 265-292, 2005.

CHAMBERLAIN, W. D. **Gramática Exegética do Grego Neo-Testamentário**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

CRADDOCK, F. B. Luke. In: MAYS, J. L. (org.). **Harper's Bible commentary**. San Francisco: Harper & Row, 1988, p. 1010-1043.

CRIMELLA, M. **Luca**: Introduzione, traduzione e commento. Milano: Edizioni San Paolo, 2015. (Nuova versioni della Bibbia dai testi antichi, vol. 39).

CROWTHER, D. Luke. In: MANGUM, D. (org.). **Lexham Context Commentary**: New Testament. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020. (Lexham Context Commentary, não paginado).

CRUSE, A. **A glossary of semantics and pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

CULY, M. M.; PARSONS, M. C.; STIGALL, J. J. **Luke**: a handbook on the greek text. Waco: Baylor University Press, 2010. (Baylor handbook on the Greek New Testament).

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DEBRUNNER, A. J. *et al.* λέγω, λόγος, ῥῆμα, λαλέω, λόγιος, λόγιον, ἄλογος, λογικός, λογομαχέω, λογομαχία, ἐκλέγομαι, ἐκλογή, ἐκλεκτός. In: KITTEL, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W.; FRIEDRICH, Gerhard. (org.). **Theological dictionary of the New Testament, Vol IV**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964–, p. 69-192.

DILLMANN, R.; MORA PAZ, C. A. **Comentario al evangelio de Lucas**: um comentário para la actividad pastoral. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2006. (Evangelio y Cultura, vol. 2).

DINKLER, M. B. **Silent Statements**: Narrative Representations of Speech and Silence in the Gospel of Luke. Berlin: Walter de Gruyter, 2013. (Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft, v. 191).

DRURY, J. Lucas. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. (orgs.). **Guia literário da bíblia**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997, p. 449-471.

DU PLESSIS, I. J. Discipleship according to Luke's Gospel. **Religion & Theology**, Leiden, v. 2, n. 1, p. 58-71, 1995. Disponível em: [Discipleship according to Luke's Gospel: EBSCOhost](#). Acesso em: 13 jan. 2022.

EGGER, W. **Metodologia do novo testamento**: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. Tradução Johan Konings e Inês Borges. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. Miracle. *In*: ELWELL, Walter A. (ed.). **Baker encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, p. 1468-1473, 1988.

ESCALANTE, L. A. Implicaciones pragmáticas del discurso teológico. **Theologica Xaveriana**, [S. l.], v. 68, n. 186, 2018, p. 1-22. DOI: 10.11144/javeriana.tx68-186.ipdt. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/22820>. Acesso em: 2 jun. 2021.

FABRIS, R. Lucas. *In*: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos II**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 9-247.

FANNING, B. M. **Verbal aspect in New Testament Greek**. Oxford: Clarendon, 1990.

FITZMYER, J. A. **The Gospel according to Luke I–IX**: introduction, translation, and notes. New Haven; London: Yale University Press, 2008. (Anchor Yale Bible, vol. 28).

FRANKLIN, E. Luke. *In*: MUDDIMAN, J.; BARTON, J. (eds.). **The Gospels**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 134-185. (The Oxford Bible Commentary).

GELDENHUYS, N. **Commentary on the Gospel of Luke**: The English Text with Introduction, Exposition and Notes. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1952. (The New International Commentary on the Old and New Testament).

GODET, F. L. **A commentary on the gospel of St. Luke Vol. 1**. New York: I. K. Funk & co., 1881.

GOMES, Rita M. A ação missionária em Lc 10,1-24 e o proselitismo nas igrejas cristãs. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 91, ano XXVI, p. 81-100, (Jan–Jun) 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i91.37733/pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

GORE, C. The Gospel according to St. Luke. *In*: GORE, C.; GOUDGE H. L.; GUILLAUME, A. (eds.). **A New Commentary on Holy Scripture**: Including the Apocrypha vol. 3. New York: The Macmillan Company, 1942, p. 207-240.

GRASSO, S. **Luca**: traduzione e commento. Roma: Edizioni Borla, 1999.

GRAY, J. C. **Biblical Encyclopedia and Museum**: vol. 12. Hartford: The S. S. Scranton Co., 1900.

GREEN, J. B. **The Gospel of Luke**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997. (The New International Commentary on the New Testament).

GRICE, P. H. **Studies in the way of words**. Cambridge; London: Harvard University Press, 1995.

GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018. (Evangelio y Cultura, vol. 6).

GRILLI, M. Interpretación y acción: la instancia pragmática del texto bíblico. *In*: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018a, p. 17-46. (Evangelio y Cultura, vol. 6).

GRILLI, M. Las palabras últimas y las penúltimas: la pragmática de la comunicación en Mt 5,1-12. *In*: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018b, p. 145-177. (Evangelio y Cultura, vol. 6).

GRIMM, W. ἐπιστάτης, ου, ό. *In*: BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. (eds.). **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990–, v. 2, p. 37.

GUIDI, M. La cuestión textual: el influjo del texto sobre el contexto. *In*: GRILLI, M. GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018, p. 47-75. (Evangelio y Cultura, vol. 6).

GUIJARRO, S. Los cuatro evangelios. *In*: A. del Agua Pérez (ed.). **Revelación, Tradición y Escritura a los cincuenta años de la Dei Verbum**. Madrid, 2017, p. 1-15 (611-631). Disponível em: https://www.academia.edu/35448709/Los_cuatro_evangelios._Dimensi%C3%B3n_hist%C3%B3rica_y_teol%C3%B3gica. Acesso em: 24 de maio 2018.

GUIJARRO, S. A investigação recente sobre os Evangelhos: consensos e novas interrogações. **Theologica**, Braga, v. 53, n. 1-2, p. 137-149, 2018.

GUTHRIE, G. H.; DUVALL, J. S. **Biblical Greek Exegesis**: a graded approach to learning intermediate and advanced greek. Grand Rapids: Zondervan, 1998.

GUTHRIE, G. H. Boats in the Bay: Reflections on the Use of Linguistics and Literary Analysis in Biblical Studies. *In*: CARSON, D. A.; PORTER, S. E. (ed.). **Linguistics and the New Testament**: critical junctures. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 23-35. (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, v. 168).

HANNA, R. **Sintaxis exegética del Nuevo Testamento griego**. 2. ed. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 2010.

HASKELL, R. **Hermenéutica**: Interpretación eficaz hoy. Barcelona: Editorial CLIE, 2009.

HAUBECK, W.; SIEBENTHAL, H. v. **Nova chave linguística do Novo Testamento grego: Mateus-Apocalipse**. São Paulo: Editora Hagnos; Edições Targumin, 2009.

HENDRIKSEN, W. **Lucas Volume 1**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

HUANG, Y. Introduction: What is Pragmatic? *In*: HUANG, Y. (Ed.). **The Oxford Handbook of Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 1-18.

JOHNSON, L. T. **The Gospel of Luke**. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1991. (Sacra Pagina Series, vol. 3).

JORDAAN, G. J. C. **Ancient greek inside out**: the semanticals of grammatical constructions. Zürich: Lit Verlag; Berlin: Lit Verlag, 2013.

KAISER, W. C., Jr. **Toward an exegetical theology**: Biblical exegesis for preaching and teaching. Grand Rapids: Baker Academic, 1981.

KARRIS, R. J. O evangelho Segundo Lucas. *In*: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (eds.). **Novo comentário bíblico são Jerônimo**: novo testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011, p. 217-308.

KEENER, C. S. **The IVP Bible background commentary**: New Testament. 2nd. ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014.

KERMODE, F. Introdução ao Novo Testamento. *In*: ALTER, Robert; KERMODE, F. (org.). **Guia literário da bíblia**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997, p. 403-415.

KLEIN, W. W.; BLOMBERG, C. L; HUBBARD, Jr., R. L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KÖSTENBERGER, A. J., MERKLE, B. L., PLUMMER, R. **Going deeper with New Testament greek**: an intermediate study of the grammar and syntax of the New Testament. Nashville: B&H Academic, 2016.

KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. **Convite à interpretação bíblica**: a tríade hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KVALBEIN, H. Go Therefore and Make Disciples ... The Concept of Discipleship in the New Testament. **Themelios**, Leicester, v. 13, n. 2, p. 48-53, 1988.

LANDI, Antonio. La figura di Pietro nell' opera lucana. *In*: VV. AA. **L'opera Lucana (Vangelo di Luca e Atti degli Apostoli)**: Seminário per Studiosi di Sacra Scrittura, Roma, 21-25 gennaio. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2019, p. 205-248.

LENSKI, R. C. H. **The Interpretation of St. Luke's Gospel**. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1961.

LEONEL, J. Estudos literários aplicados à bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação. *In*: LEONEL, J.; ZABATIERO, J. P. T. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 19-40. (Coleção Palimpsesto).

LEVINSOHN, S. H. **Discourse features of the greek New Testament**. 2nd. ed. Dallas: SIL, 2000.

LIMA, M. L. C. **Exegese Bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2017.

LIRA, B. C. **O texto e sua interpretação**: noções de semântica, pragmática e prosódia. São Paulo: Paulinas, 2019.

LOPES, A. C. M. **Pragmática**: uma introdução. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

LOPES, G. **Dei Verbum**: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção revisitar o Concílio).

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Léxico grego-português do novo testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUKASZEWSKI, A. L. **The Lexham Syntactic Greek New Testament**: Glossary of terminology. Bellingham: Lexham Press, 2007.

OBARA, E. Las acciones lingüísticas: el influjo del texto sobre el contexto. *In*: GRILLI, M.; GUIDI, M.; OBARA, E. **Comunicación y pragmática en la exégesis bíblica**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018, p. 77-105. (Evangelio y Cultura, vol. 6).

MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L. **Social-Science Commentary on the Synoptic Gospels**. 2 ed. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2003.

MANGUM, D.; WESTBURY, J. (ed.). **Linguistics & Biblical Exegesis**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2017. (Lexham Methods Series, vol. 2.).

MANGUM, D.; ESTES, D. (eds.). **Literary Approaches to the Bible**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016. (Lexham Methods Series, vol. 4).

MARCONCINI, B. **Os evangelhos sinóticos**: formação, redação, teologia. Tradução Clemente Raphael Mahl. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Bíblia e História).

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. **Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa**. São Paulo: Loyola, 2009.

MARGUERAT, D. O evangelho segundo Lucas. *In*: MARGUERAT, D. (org.). **Novo testamento: história, escritura e teologia**. Tradução de Margarida Oliva. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015, p. 107-135.

MARSHALL, I. Howard. **The Gospel of Luke**: a commentary on the Greek text. Exeter: Paternoster Press, 1978. (New International Greek Testament Commentary).

MENDONÇA, José T. O outro que me torna justo: uma leitura pragmático-linguística da parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14). **Didaskalia**, Lisboa, v. 24, n.1, p. 49-86, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16969/1/V02401-049-086.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MENDONÇA, J. T. Método pragmático de interpretação da Bíblia. **Didaskalia**, Lisboa, v. 27, n. 2, 1997, p. 137-145. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/17923>. Acesso em: 12 set. 2019.

METZGER, B. M. **Un comentario textual al Nuevo Testamento griego**. Stuttgart: German Bible Society/ Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

MEYNET, R. **IL Vangelo secondo Luca**: analisi retorica. Roma: Edizioni Dehoniane, 1994.

MILLANAO, Pablo T. Una comprensión de la expresión ‘la Palabra de Dios’ en los Evangelios y en los Hechos de los Apóstoles. **Davar Logos**, Libertador San Martín, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2009.

MORA PAZ, C.; GRILLI, M.; DILLMANN, R. **Lectura Pragmalingüística de la Biblia**: Teoría y aplicación. Estela: Verbo Divino, 1999.

MORA PAZ, C. Introducción. In: GRILLI, M.; MORA PAZ, C.; DILLMANN, R. **Lectura Pragmalingüística de La Biblia**: Teoría y aplicación. Estela: Verbo Divino, 1999, p. 9-29.

MORRIS, L. L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MURACHCO, H. **Língua grega**: visão semântica, lógica, orgânica e funcional. v. 1, Teoria. São Paulo: Discurso Editorial/ Editora Vozes, 2001.

MURPHY, R. T. A.; COLLINS, Raymond F. Luke, Gospel according to. In: MARTHALER, Berard L. (ed.). **The New Catholic Encyclopedia v. 8**: Jud - Lyo. 2nd. ed. Farmington Hills: Gale Research Inc., 2003, p. 856-861.

NASCIMENTO JUNIOR, M. M. **Exigências indispensáveis para ser discípulo de Jesus**: um estudo exegético-teológico de Lc 14,25-33. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

NEF ULLOA, B. A. **A apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22-39)**: o testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Exegese).

NEF ULLOA, B. A. A Análise da Estrutura de Lc 2,22-39 e a utilização das escrituras Veterotestamentárias em sua moldura literária (vv. 22-24.39). **Atualidade Teológica** Rio de Janeiro, v. 45, p. 463-477, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22913/22913.PDFXXvmi=>. Acesso em: 01 mar. 2018.

NEF ULLOA, B. A; LOPES, J. R. Análise da estratégia literário-pragmática em 1Cor 8,1-13. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 97, ano XXVIII, p. 232-251, (Set-Dez) 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/50138/pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

NICCACCI, A. Dall’aoristo all’imperfetto o dal primo piano allo sfondo: Un paragone tra sintassi greca e sintassi hebraica. **Liber Annuus**, Jerusalém, Studium Biblicum Franciscanum, v. 42, p. 85-108, 1992. Disponível em: https://www.academia.edu/6846686/1992_DALLAORISTO_ALLIMPERFETTO_O_DAL_PRIMO_PIANO_ALLO_SFONDO_Un_paragone_tra_sintassi_greca_e_sintassi_ebraica. Acesso em: 15 fev. 2021.

NOLLAND, J. **Luke 1:1–9:20**. Dallas: Word, Incorporated, 1989. (Word Biblical Commentary, vol. 35A).

NUNES JUNIOR, E. M. **Poesia hebraica bíblica**: uma introdução geral. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres; Engenheiro Coelho, SP: Terceira Margem do Rio, 2016. (Estudos em literatura bíblica, 2).

OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego.” Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PALATINO, D. E. F. **Lc 5,1-11 Come racconto di vocazione**: Il profilo lucano del discepolato di Gesù. 2018. 88f. Tesi di Licenza (Mestrado em Teologia) – Facoltà di Teologia, Dipartimento di Teologia Biblica, Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2018.

PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PATUZZO, I. **As parábolas do Reino**: um estudo exegetico de Lc 13,18-21. 2020. 128f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

PERONDI, I. **A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17)**. O emprego do verbo *splanxizomai* na perícopes e no Evangelho de Lucas. 2015. 300f. Tese (Doutorado) – Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humana, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PERONDI, I.; CATENASSI, F. Z.; SILVA, G. S. A centralidade da Palavra de Deus em Lucas 5,1-11. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 682-708, abr/jun 2013.

PERONDI, I.; CATENASSI, F. Z. Bíblia e ciências da linguagem: recursos literários e cenotipo no Evangelho de Lucas. **Teoliterária**, São Paulo, v. 9, n.17, p. 337-358, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/39397/28507>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PINTO, C. O. C.; DIAS, M. **Fundamentos para exegese do Novo Testamento**: manual de sintaxe grega. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da bíblia na igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Inspiração e verdade da Sagrada Escritura**: a palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo. São Paulo: Paulinas, 2014.

PORTER, L. E. Lucas. In: BRUCE, F. F. (Ed.). **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroger. São Paulo: Editora Vida, 2009, p. 1637-1701.

POWELL, M. A. Miracles. In: POWELL, Mark A. (org.). **The HarperCollins Bible Dictionary**. Revised and Updated. New York: HarperCollins, 2011, 638-642.

POYTHRESS, V. S. **Milagres de Jesus**: como os atos poderosos do Salvador servem de sinais da redenção. São Paulo: Vida Nova, 2018.

QUEIROZ, D. M. **A dimensão pedagógica da religião**: da pedagogia de Jesus à pedagogia cristã em tempos de sociedade secularizada. 2009. 90f. Dissertação (Mestrado) – Pró-reitoria Acadêmica, Programa de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

RAMÍREZ, A. R. El lenguaje en la revelación: performatividad y pragmática. **Theologica Xaveriana**, [S.l.], v. 65, n. 180, 2015, p. 301-325. DOI: 10.11144/javeriana.tx65-180.lrpp. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/14443>. Acesso em: 2 jun. 2021.

RAMÍREZ, R. R. **El método pragmalingüístico em la exégesis postmoderna**: reflexiones em torno a la ciência de la interpretación. [s.l.]: Lulu Press, 2008.

REED, J.T. Discourse Analysis as New Testament Hermeneutic: A Retrospective and Prospective Appraisal. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v.39, 1996, pp. 223–240 apud GUTHRIE, George H. *Boats in the Bay: Reflections on the Use of Linguistics and Literary Analysis in Biblical Studies*. In: CARSON, D. A.; PORTER, Stanley E. (ed.). **Linguistics and the New Testament**: critical junctures. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series vol. 168).

REILING, J.; SWELLENGREBEL, J. L. **A handbook on the Gospel of Luke**. New York: United Bible Societies, 1993. (UBS Handbook Series).

REILING, J. The use and translation of *kai egeneto*, ‘and it happened’, in the New Testament. **The Bible Translator**, United Kingdom, v. 16, n.4. Oct. 1965, p. 153-163. Disponível em: http://www.ubs-translations.org/bt/archives_1950_2012/list_all/. Acesso em: 16 nov. 2020.

REYNOLDS, B. E. Logos. In: GREEN, Joel B.; BROWN, Jeannine K.; PERRIN, Nicholas. (eds.). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. Ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 523-526.

RIENECKER, F. **Evangelho de Lucas**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005. (Comentário Esperança).

ROBERTSON, A. T. **A grammar of the greek New Testament in the light of historical research**. 3rd. ed. Bellingham: Logos Bible Software, 2006.

RODRÍGUEZ CARMONA, A. A obra de Lucas (Lucas-Atos): dimensão literária. In: AGUIRRE MONASTERIO, R. (eds.). **A Obra de Lucas (Lucas-Atos)**. Traduzido por Alceu Luiz Orso. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2012, p. 265-366. (Introdução ao estudo da Bíblia, v. 6).

RODRÍGUEZ CARMONA, A. Historia de la exégesis Lucana. In: AGUIRRE MONASTERIO, R. (eds.). **La investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX**. 3. ed. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2008, p. 277-283. (Introducción al estudio de la Biblia, v. 11).

ROWE, C. K. **Early narrative Christology**: the Lord in the gospel of Luke. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. (Beihefte zur Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche, v. 139).

RUNGE, S. E. **Discourse grammar of the greek New Testament**: a practical introduction for teaching and exegesis. Bellingham: Lexham Press, 2010.

RUSCONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

RYKEN, L. Literary Criticism. *In*: VANHOZER, K. J. (ed). **Dictionary for theological interpretation of the Bible**. Grand Rapids: Baker Academic, 2005, p. 457-460.

RYKEN, L. The literature of the New Testament. *In*: RYKEN, L.; LONGMAN III, Tremper (eds.). **A complete literary guide to the Bible**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1993, p. 361-375.

SCHMID, J. **El evangelio según san Lucas**. Barcelona: Editorial Herder, 1968. (Biblioteca Herder, vol. 94).

SEARLE, J. R. **Os Actos de fala**: um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

SEIM, T. K. **The Double Message**: Patterns of Gender in Luke-Acts. London, New York: T&T Clark International, 2004.

SILVA, C. M. D. (com a colaboração de especialistas). **Metodologia de Exegese Bíblica**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, M. **Biblical words and their meaning**: an introduction to lexical semantics. Revised and Expanded Edition. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

SIMIAN-YOFRE, H. Diacronia: os métodos histórico-críticos. *In*: SIMIAN-YOFRE, H. *et al* (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 77-114.

SKA, J. L. Sincronia: a análise narrativa. *In*: SIMIAN-YOFRE, H. *et al* (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 131-157.

SOUZA E SILVA, C. de. Abordagem pragmatolinguística de textos bíblicos. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 297-310, mai./ago. 2019.

SPENCER, P. E. The Unity of Luke-Acts: A Four Bolted Hermeneutical Hinge. **Currents in Biblical Research**, Londres, v. 5.3, p. 341-366, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/25725142/_The_Unity_of_Luke_Acts_A_Four_Bolted_Hermeneutical_Hinge_Currents_in_Biblical_Research_5_3_2007_341_66. Acesso em: 15 fev. 2021.

SPICQ, C.; ERNEST, J. D. **Theological lexicon of the New Testament**. v. 2. Peabody: Hendrickson Publishers, 1994.

STEIN, R. H. **Luke**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992, The New American Commentary, v. 24.

STENGER, W. **Los métodos de la exégesis bíblica**. Barcelona: Editorial Herder, 1990.

STUHLMUELLER, C. Evangelho según san Lucas. *In*: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Comentario Bíblico San Jeronimo Tomo 3**: Nuevo Testamento I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972, p. 295-420.

TALBERT, C. H. **Reading Luke: a literary and theological commentary on the third Gospel**. Rev. ed. Macon, GA: Smyth & Helwys Publishing, 2002. (Reading the New Testament Series).

TANNEHILL, R. C. **The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation**. Volume 1: The Gospel according to Luke. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

TANNEHILL, R. C. **The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation**. Volume 2: The Acts of the Apostles. Philadelphia: Fortress Press, 1990.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento sua origem e análise**. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

THAYER, J. H. **A Greek-English lexicon of the New Testament**: being Grimm's Wilke's Clavis Novi Testamenti. New York: Harper & Brothers, 1889.

THE CONSTRUCTION WITH A VERB OF SAYING AS AN INDICATION OF SOURCE IN LUKE. **New Testament Studies**, Cambridge, 21(3), 421-423, 1975.

THE NAVARRE BIBLE. **Saint Luke's Gospel**: with a commentary by members of the Faculty of Theology of the University of Navarre. Dublin; New York: Four Courts Press; Scepter Publishers, 2005.

THOMPSON, A. J. **Luke**. Nashville: B&H Publishing Group, Epub Edição do Kindle, 2016. (Exegetical Guide to the Greek New Testament).

TIEDE, D. L. **Luke**. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1988. Augsburg Commentary on the New Testament.

TREBOLLE BARRERA, J. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**: introdução à história da Bíblia. Tradução Ramiro Mincato. Petrópolis: Vozes, 1995.

TWELFTREE, G. H. Miracles and Miracle Stories. *In*: GREEN, J. B.; BROWN, J. K.; PERRIN, N. (eds). **Dictionary of Jesus and the Gospels**. 2nd. Ed. Downers Grove: Intervarsity Press, 2013, p. 594-604.

VIDE, V. **Los Languages de Dios**: pragmática, linguística y teología. Bilbao: Universidad de Deusto, 1999.

WALLACE, D. B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegetica do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WALTON, S. What Are the Gospels? Richard Burridge's Impact on Scholarly Understanding of the Genre of the Gospels. **Currents in Biblical Research**, Londres, v. 14, n. 1, p. 81–93, 2015.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 8. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

WITHERINGTON, B. III. Education in the Greco-Roman World. *In*: GREEN, J. B.; McDONALD, L. M. (eds.). **The World of the New Testament**: cultural, social and historical contexts. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2013, p. 188-194.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. **A grammatical analysis of the greek New Testament**. Rome: Biblical Institute Press, 1974.

ZERWICK, M. **Biblical greek illustrated by examples**. English ed., adapted from the fourth Latin ed. Rome: Pontificio Istituto Biblico, 1963. (Scripta Pontificii Instituti Biblici, vol. 114).

ZMIJEWSKI, J. πλῆθος, οὐς, τό. *In*: BALZ H. R.; SCHNEIDER, G. (eds.). **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990–, v. 3, p. 103-105.

APÊNDICE A – Análise Morfológica de Lc 5,1-11

v.1	Ἐγένετο	V. aoristo do ind. médio, 3p s. de γίνομαι, acontecer, ter lugar
	δέ	Conj., mas, e, então
	ἐν	Prep., em, com, para
	τῷ	Art, dat. neutro s. de ὁ, o
	τόν	Art. acus. m. s. de ὁ, o (na tradução fica “a”)
	ὄχλον	Subs. acus. m.s. de ὄχλος, multidão, grupo
	ἐπικεῖσθαι	V. presente do Inf. médio/passivo de ἐπίκειμαι, apertar, pressionar ao redor
	αὐτῷ	Pron. pessoal dat. 3p. m. s. de αὐτός, ele
	καί	Conj., e, mas, também
	ἀκούειν	V. presente do Inf. ativo de ἀκούω, ouvir, escutar
	τόν	Art. acus. m. s. de ὁ, o (na tradução fica “a”)
	λόγον	Subs. Acus. m. s. de λόγος, palavra, verbo
	τοῦ	Art. gen. m. s. de ὁ, do, de
	θεοῦ	Subs. gen. m.s. de θεός, Deus
	καί	Conj., e, mas, também
	αὐτός	Pron. pessoal, nom., 3p. m. s. de αὐτός, ele
	ἦν	V. Imperf. ind. ativo 3 p. s. de εἰμί, ser, estar
	ἐστώς	V. Pt. Perf. ativo nom. m. s. de ἵστημι, levantar, pôr de pé
	παρά	Prep., junto a, perto de
	τήν	Art. acus. f. s. de ὁ, a (na tradução fica “o”)
v.2	λίμνην	Subs. acus. f. s. de λίμνη, lago
	Γεννησαρέτ	Subs, próprio, indeclinável, acus./gen. f. s., Genesaré
	καί	Conj., e, mas, também
	εἶδεν	V. Aor. do ind. ativo 3p. s. de εἶδον, ver, perceber
	δύο	Numeral cardinal acus. neutro, dois
	πλοῖα	Subs. acus. neutro, p. de πλοῖον, barcos
	ἐστῶτα	V. pt. perf. ativo acus. neutro p. de ἵστημι, estar em um lugar, ficar (lá), estar (lá)
	παρά	Prep., junto a, perto de
	τήν	Art. acus. f. s. de ὁ, a (na tradução fica “o”)
	λίμνην	Subs. acus. f. s. de λίμνη, lago
	οἱ	Art. nom. m. p. de ὁ, os
	δέ	Conj., mas, e, então
	ἄλιεις	Subs. nom. m. p. de ἄλιεύς, pescadores
	ἀπ’	Prep., de (apóstrofo com ἀπό)
	αὐτῶν	Pron. pessoal gen. neutro, 3p. p. de αὐτός, deles
	ἀποβάντες	V. pt. aor. ativo nom. m. p. de ἀποβαίνω, descer, partir, sair
	ἐπλυνον	V. Imperf. do ind. ativo 3p. p. de πλύνω, lavar
	τά	Art. acus. neutro p. de ὁ, as
	δίκτυα	Subs. acus. neutro, p. de δίκτυον, redes

v.3	ἐμβάς	V. pt. aor. ativo nom. m. s. de ἐμβαίνω, embarcar
	δέ	Conj., mas, e, então
	εἰς	Prep., em, para dentro
	ἐν	Adj. Numeral cardinal acus. neutro s., um
	τῶν	Art. gen. neutro p. de ὁ, os
	πλοίων	Subs. gen. neutro, p. de πλοῖον, de barcos
	ὃς	Pron. relativo nom. neutro s. de ὅς, o qual
	ἦν	V. Imperf. ind. ativo 3 p. s. de εἰμί, ser, estar
	Σίμωνος	Subs. próprio gen. m. s. de Σίμων, Simão
	ἠρώτησεν	V. aor. do ind. Ativo 3p. s. de ἐρωτάω, pedir
	αὐτόν	Pron. pessoal acus. 3p. m. s. de αὐτός, a ele
	ἀπό	Prep., de
	τῆς	Art. gen. f. s. de ὁ, a
	γῆς	Subs. gen. f. s. de γῆ, de terra
	ἐπαναγαγεῖν	V. aor. do inf. ativo de ἐπανάγω, afastar-se da margem, deixar a costa
	ὀλίγον	Adv., pouco
	καθίσας	V. pt. aor. ativo nom. m. s. de καθίζω, sentar, assentar
	δέ	Conj., mas, e, então
	ἐκ	Prep., de
	τοῦ	Art. gen. neutro s. de ὁ, o
	πλοίου	Subs. gen. neutro s. de πλοῖον, barco
	ἐδίδασκεν	V. imperf. do ind. Ativo 3p. s. de διδάσκω, ensinar
	τούς	Art. acus. m. p. de ὁ, os (na tradução fica “as”)
	ὄχλους	Subs. acus. m. p. de ὄχλος, multidões

v.4	ὥς	Conj., quando
	δέ	Conj., mas, e, então
	ἐπαύσατο	V. aor. do ind. médio 3p. s. de παύω, cessar, parar
	λαλῶν	V. pt. pres. Ativo nom, m. s. de λαλέω, falar, dizer
	εἶπεν	V. aor. do ind. ativo 3p. s. de εἶπον, dizer
	πρός	Prep., para
	τόν	Art. acus. m. s. de ὁ, o
	Σίμονα	Subs. próprio acus. m. s. de Σίμων, Simão
	Ἐπανάγαγε	V. aor. do imper. Ativo 2p s. de ἐπανάγω, conduzir, afastar da margem
	εἰς	Prep., para
	τό	Art. acus. neutro s. de ὁ, o
	βάθος	Subs. acus. neutro s. de βάθος, profundo
	καί	Conj., e, mas, também
	χαλάσατε	V. aor. do imper. Ativo 2p p. de χαλάω, soltar, abaixar, arriar
	τά	Art. acus. neutro p. de ὁ, as
	δίκτυα	Subs. acus. neutro, p. de δίκτυον, redes
	ὕμῶν	Pron. pessoal gen. 2p. p. de σύ, de vós
	εἰς	Prep., para
	ἄγραν	Subs. acus. f. s. de ἄγρα, pesca

v.5	καί	Conj., e, mas, também
	ἀποκριθεῖς	V. pt. aor. passivo nom. m. s. de ἀποκρίνομαι, responder, replicar
	Σίμων	Subs. próprio nom. m. s. de Σίμων, Simão
	εἶπεν	V. aor. do ind. ativo 3p. s. de εἶπον, dizer
	Ἐπιστάτα	Subs. voc. m. s. de ἐπιστάτης, mestre
	δι'	Prep., por, através (apóstrofo com διά)
	ὅλης	Adj. gen. f. s. de ὅλος, toda
	νυκτός	Subs. gen. f. s. de νύξ, noite
	κοπιάσαντες	V. pt. aor. ativo nom. m. p. de κοπιάω, trabalhar duro
	οὐδέν	Adj, acus. neutro s. de οὐδείς, nada
	ἐλάβομεν	V. aor. do ind. ativo 1p. p. de λαμβάνω, pegar, capturar
	ἐπί	Prep., sobre
	δέ	Conj., mas, e, então
	τῷ	Art, dat. neutro s. de ὁ, a
	ῥήματι	Subs. dat. Neutron s. de ῥήμα, palavra
	σοῦ	Pron. pessoal gen. 2p. s. de σύ, tua, de ti
	χαλάσω	V. Fut, do ind. ativo 1p. s. de χαλάω, soltar
	τά	Art. acus. neutro p. de ὁ, as
	δίκτυα	Subs. acus. neutro, p. de δίκτυον, redes

v.6	καί	Conj., e, mas, também
	τοῦτο	Pron. demonstrativo acus. neutro s. de οὗτος, isto
	ποιήσαντες	V. pt. aor. ativo nom. m. p. de ποιέω, fazer
	συνέκλεισαν	V. aor. do ind. ativo 3p. p. de συγκλείω, pegar, capturar
	πλῆθος	Subs. acus. neutro s. de πλῆθος, grande número
	ἰχθύων	Subs. gen. m. p. de ἰχθύς, de peixes
	πολύ	Adj. Acus. neutro s. de πολύς, muito
	διερρήσσετο	V. imperf. do ind. passivo 3p. s. de διαρῆσσω/διαρρήγνυμι, romper, rasgar
	δέ	Conj., mas, e, então
	τά	Art. acus. neutro p. de ὁ, as
	δίκτυα	Subs. acus. neutro, p. de δίκτυον, redes
	αὐτῶν	Pron. pessoal gen. m. 3p. p. de αὐτός, deles

v.7	καί	Conj., e
	κατένευσαν	V. aor. do ind. ativo 3p. p. de κατανεύω, acenar, sinalizar
	τοῖς	Art. dat. m. p. de ὁ, (a) os
	μετόχοις	Adj. dat. m. p. de μέτοχος, companheiros, sócios
	ἐν	Prep., em com, para
	τῷ	Art, dat. neutro s. de ὁ, o
	ἐτέρῳ	Adj. dat. neutro s. de ἕτερος, outro
	πλοίῳ	Subs. dat. neutro s. de πλοῖον, barco
	τοῦ	Art. gen. neutro s. de ὁ, o
	ἐλθόντας	V. pt. aor. ativo acus. m. p. de ἔρχομαι, vir
	συλλαβέσθαι	V. aor. do inf. médio de συλλαμβάνω, ajudar
	αὐτοῖς	Pron. pessoal dat. m. 3p. p. de αὐτός, a eles
	καί	Conj., e
	ἦλθον	V. aor. do ind. Ativo 3p. p. de ἔρχομαι, vir
	καί	Conj., e
	ἐπλησαν	V. aor. do ind. Ativo 3p. p. de πίμπλημι, encher
	ἀμφότερα	Adj. acus. neutro p. de ἀμφότεροι, ambos
	τά	Art. acus. neutro p. de ὁ, os
	πλοῖα	Subs. acus. neutro p. de πλοῖον, barcos
	ὥστε	Conj., a ponto de, de modo que
	βυθίζεσθαι	V. pres. do inf. passivo de βυθίζω, afundar
	αὐτά	Pron. pessoal acus. neutro 3p. p. de αὐτός, eles

v.8	ιδών	V. pt. aor. ativo nom. m. s. de εἶδον, 2º aoristo de ὁράω, ver
	δέ	Conj., mas, e, então
	Σίμων	Subs. próprio nom. m. s. Simão
	Πέτρος	Subs. próprio nom. m. s., Pedro
	προσέπεσεν	V. aor. do ind. ativo 3p. s. de προσπίπτω, prostrar, cair aos pés
	τοῖς	Art. dat. neutro p. de ὁ, a (os)
	γόνασιν	Subs. dat. neutro p. de γόνυ, joelhos
	Ἰησοῦ	Subs. próprio gen. m. s. de Ἰησοῦς, Jesus
	λέγων	V. pt. pres. Ativo nom. m. s. de λέγω, dizer
	Ἐξέλθε	V. aor. do imper. Ativo 2p. s. de ἐξέρχομαι, afastar, sair
	ἀπ'	Prep., de (apóstrofo com ἀπό)
	ἐμοῦ	Pron. Pessoal gen. 1p. s. de ἐγώ, mim
	ὅτι	Conj., pois
	ἀνὴρ	Subs. nom. m. s., homem
	ἁμαρτωλός	Adj. nom. m. s., pecador
	εἰμι	V. pres. do ind. ativo 1p. s. de εἰμι, ser
	κύριε	Subs. voc. m. s. de κύριος, Senhor

v.9	θάμβος	Subs. nom. neutro s., assombro
	γάρ	Conj., pois
	περιέσχεν	V. aor. do ind. ativo 3p. s. de περιέχω, envolver, cercar
	αὐτόν	Pron. pessoal, acus. 3p. m. s. de αὐτός, ele
	καί	Conj., e
	πάντας	Adj. acus. m. p. de πᾶς, todos
	τούς	Art. acus. m. p. de ό, os
	σύν	Prep., com
	αὐτῷ	Pron. pessoal dat. 3p. m. s. de αὐτός, ele
	ἐπί	Prep., por causa de
	τῇ	Art. dat. f. s. de ό, a
	ἄγρᾱ	Subs. dat. f. s. de ἄγρα, pesca
	τῶν	Art. gen. m. p. de ό, (d)os
	ἰχθύων	Subs, gen. m. p. de ἰχθύς, peixes
	ὧν	Pron. relativo gen. m. p. de ὅς, que
	συνέλαβον	V. aor. do ind. at. 3p. p. de συλλαμβάνω, pegar, capturar

v.10	ὁμοίως	Adv., semelhantemente
	δέ	Conj., mas, e, então
	καί	Partícula de ênfase
	Ἰάκωβον	Subs. próprio acus. m. s. de Ἰάκωβος, Tiago
	καί	Conj., e
	Ἰωάννην	Subs. próprio acus. m. s. de Ἰωάννης, João
	υἱούς	Subs, acus. m. p. de υἱός, filhos
	Ζεβεδαίου	Subs. próprio gen. m. s. de Ζεβεδαῖος, Zebedeu
	οἱ	Pron. relativo nom. m. p. de ὅς, que
	ἦσαν	V. imperf. ind. Ativo 3p.p. de εἰμί, ser
	κοινωνοί	Adj. nom. m. p. de κοινωνός, sócios
	τῷ	Art. dat. m. s. de ό, a (o)
	Σίμωνι	Subs. próprio dat. m. s. de Σίμων, Simão
	καί	Conj., e
	εἶπεν	V. aor. do ind. ativo 3p. s. de εἶπον, dizer
	πρός	Prep., para
	τόν	Art. acus. m. s. de ό, o
	Σίμονα	Subs. próprio acus. m. s. de Σίμων, Simão
	ό	Art. nom. m. s., o
	Ἰησοῦς	Subs. próprio nom m. s., Jesus
	Μή	Adv., não
	φοβοῦ	V. pres. do imper. médio-passivo 2p s. de φοβέω, temer
	ἀπό	Prep., desde
	τοῦ	Art. gen. m. s. de ό, o
	νῦν	Adv., agora
	ἀνθρώπους	Subs. acus. m. p. de ἄνθρωπος, homens
	ἔσῃ	V. fut. do ind. Médio 2p. s. de εἰμί, ser
	ζωγρῶν	V. pt. pres. Ativo nom. m. 2p p. de ζωγρέω, pescar

v.11	καί	Conj., e
	καταγαγόντες	V. pt. aor. ativo nom. m. p. de κατάγω, arrastar
	τά	Art. acus. neutro p. de ό, os
	πλοῖα	Subs. acus. neutro, p. de πλοῖον, barcos
	ἐπί	Prep., para
	τήν	Art. acus. f. s. de ό, a
	γῆν	Subs. acus. f. s. de γῆ, terra
	ἀφέντες	V. pt. aor. ativo nom. m. p. de ἀφίημι, deixar, abandonar
	πάντα	Adj. acus. neutro p. de πᾶς, todas as coisas, tudo
	ἠκολούθησαν	V. aor. ind. ativo 3p. p. de ἀκολουθέω, seguir
	αὐτῷ	Pron. pessoal dat. m. 3p. s. de αὐτός, a ele